

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
COMUNICAÇÃO E CULTURA

ROBERTA ANTUNES CHRYSÓSTOMO DE AVILLEZ

A IMIGRAÇÃO E A JORNADA DO SER DIVERGENTE

Tese de Doutorado

Orientador: Marcos Dantas Loureiro

Coorientadora: Isabel M. R. Ferin Cunha

RIO DE JANEIRO

2020

ROBERTA ANTUNES CHRYSÓSTOMO DE AVILLEZ

A IMIGRAÇÃO E A JORNADA DO SER DIVERGENTE

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para a obtenção do título de Doutora em Comunicação.

Orientador: Marcos Dantas Loureiro.
Coorientadora: Isabel M. R. Ferin Cunha, CIMJ, Universidade Nova de Lisboa, Professora Adjunta com Agregação Universidade de Coimbra.

RIO DE JANEIRO
2020

BANCA EXAMINADORA

Marcos Dantas Loureiro – (PPGCOM/UFRJ) Doutor em Engenharia de Produção pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Isabel Maria Ribeiro Ferin Cunha – (Coordenadora de Investigação CIMJ, Universidade Nova de Lisboa, Universidade de Coimbra) Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo.

Maxine L. Margolies – (Pesquisadora Columbia University, Universidade da Flórida) Doutora em Antropologia pela Columbia University.

Helion Póvoa Neto – (IPPUR/UFRJ) Doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo.

Marcio Tavares d’Amaral – (PPGCOM/UFRJ) Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

CIP - Catalogação na Publicação

DA958i De Avillez, Roberta Antunes Chrysóstomo
A Imigração e a Jornada do Ser Divergente /
Roberta Antunes Chrysóstomo De Avillez. -- Rio de
Janeiro, 2020.
266 f.

Orientador: Marcos Dantas Loureiro.
Coorientador: Isabel Maria Ribeiro Ferin Cunha.
Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio
de Janeiro, Escola da Comunicação, Programa de Pós
Graduação em Comunicação, 2020.

1. Identidade. 2. Imigração Brasileira. 3. New
York. 4. Estados Unidos. 5. Comunicação. I.
Loureiro, Marcos Dantas, orient. II. Ferin Cunha,
Isabel Maria Ribeiro, coorient. III. Título.

AGRADECIMENTO

Escrever uma tese de doutoramento é desbravar-se por artigos, livros, dados e um imenso conhecimento em um período de quatro anos que, na realidade, acaba por parecer tão curto e tão longo por sua intensidade. Questionar a identidade e, em particular, questionar a identidade jovem brasileira faz-se parecer uma tarefa hercúlea para apenas quatro anos e tamanho descobrimento. Portanto, agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pela bolsa CAPES PDSE 2018/2019 que me permitiu ficar como Pesquisadora Visitante no Institute of Latin American Studies, Columbia University. Uma oportunidade em que pude entrar em contato com diversos pesquisadores do Brasil, da própria Columbia University e de New York. Agradeço a Professora Doutora Maxine L. Margolis por ter me recebido no ILAS, Columbia University. Pelas orientações, trocas de conhecimento e intercâmbio de ideias. A parceria foi de muita importância para que esta tese fosse realizada. Agradeço ao Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios, NIEM IPPUR - UFRJ, e, particularmente ao querido Professor Doutor Helion de Póvoa Neto por ter me aberto as portas do grupo assim que retornei ao Brasil. Dando-me oportunidades que me fizeram crescer como pesquisadora e pessoa. Nesses quatro anos pude aprender sobre imensas pesquisas nas diversas áreas de migração, dentro e fora do Brasil, por meio das palestras do NIEM e dos e-mails com uma complexidade e abrangência de informação enorme. Assim como as disciplinas do Professor Helion Póvoa Neto foram fundamentais para a elaboração do projecto de doutoramento. Agradeço aos diversos colaboradores e pesquisadores do NIEM pelas contínuas trocas de conhecimento e pela rede do NIEM que me referenciou à Professora Maxine L. Margolis.

Com imenso carinho agradeço a querida amiga Ana Laura de Luna Nogueira e sua mãe, Maria Elisa Teófilo de Luna, embaixadora do Brasil em Gana. Lala, você conquistou um lugar especial, minha amiga. Distâncias e tempo não desfazem. Agradeço imensamente a colaboração de ambas, foi de muita importância para a pesquisa. Desde conversas lá atrás, em tempos remotos, até o momento prévio a viagem. Agradeço ao Ministro Marco Antônio Nakata do Consulado Geral do Brasil em New York pela disponibilidade em me receber e a colaboração com a pesquisa. No momento e que cheguei na cidade de New York, tive a sensação de estar numa “selva de pedras” rodeada de prédios, barulho, muitas pessoas a andar rápido e eu precisando fazer sentido de todas aquelas informações que se infiltravam de forma

intensa em mim. Eu já possuía uma rotina de adaptação, entretanto cada cidade apresenta seus desafios e distinções. Portanto, tenho algumas pessoas que me acolheram como família em NYC e, sou imensamente grata a eles, pois senti-me em casa, mesmo não estando em casa. Além da minha própria rede familiar e de amigos (espalhados pelo mundo), estas pessoas extremamente especiais se tornaram em seis meses a minha referência de aconchego dentro da cidade de New York. Assim, agradeço aos queridos amigos Pedro Bastos e a sua querida esposa Ana Barbosa, assim como a toda sua família por terem me acolhido em New York. Os nossos encontros e conversas estão gravados em meu coração. Agradeço ao Pedro Bastos pelo extremo carinho em ter me mostrado New York, apresentado a cidade com toda sua história. Eu ganhei a gana de desbravar a cidade graças as nossas caminhadas! Agradeço a querida amiga Marlene Rocha por ter aberto as portas de sua casa para mim e "aturado" as minhas altas gargalhadas por seis meses de forma tão amorosa. Também agradeço ao seu irmão Carlinhos e a toda a família Rocha pelas imensas conversas, trocas e aprendizados ao longo desses meses. Vocês me acolheram de braços abertos e sou-lhes imensamente grata. Marlene, você me ensinou a ler a cidade e a me preparar para andar nela na praticidade do seu cotidiano. Eu sou imensamente grata por ter sido acolhida por duas famílias maravilhosas!

Também agradeço as amigadas de NYC, as que já tinha na cidade e as que fiz durante a estadia. Portanto, agradeço a Lari uma amizade que rompeu as fronteiras do Brasil e a Lili uma amizade que se fez em NYC. Agradeço as demais amigadas feitas em NYC, se aqui esqueci do nome de alguém, peço desculpas pela memória. Mas o carinho e o agradecimento se estendem a todas as amigadas indistintamente. Agradeço a todos os imigrantes brasileiros que entrevistei durante o período que permaneci em New York. Sei que foram longas e intensas entrevistas. Me emocionei com todas as histórias de vida de vocês e a força de cada pessoa em suas particularidades. Mantereí os nomes resguardados por respeito e ética.

Agradeço a Escola de Comunicação da UFRJ que permitiu a elaboração da minha tese de doutoramento e as escolhas exatas das disciplinas que pudessem complementar o projecto tanto no IPPUR-UFRJ quanto no Instituto de Economia da UFRJ. Agradeço a equipe da secretaria do PPGCOM UFRJ que me auxiliou ao longo de quatro anos. Em particular, agradeço ao querido Professor Marcio Tavares D'Amaral que me recebeu de braços abertos e me fez olhar para a ECO-UFRJ com amorosidade, porque a sala de aula é para ele a extensão de sua casa. Agradeço

também com carinho pela disponibilidade de traduzir o meu diploma de mestrado — traduzir Latim é "onde os fracos não tem vez". Agradeço ao meu orientador e querido Professor Marcos Dantas Loureiro com quem aprendi mais do que Comunicação e Informação e que me recebeu sempre aberto a trocar conhecimento. Aprendi o quanto as minhas ideias e os meus conhecimentos de matemática tinham relevância para os Estudos de Comunicação. Aprendi, também, que há muito chão para pô-las em prática. Assim como campo para desenvolvê-las. Agradeço a Professora Suzy dos Santos pela acolhida e orientações de última hora e de extrema importância para a permanência da pesquisa. Agradeço a oportunidade de participar do grupo de pesquisa do Professor Paulo Vaz, pertencente ao IDEA - Programa de Estudos Avançados ECO/UFRJ, focalizado em Narrativas de Sofrimento e Processos de Identificação: risco, compaixão e testemunho. Com muito amor, agradeço a minha querida coorientadora e amiga Professora Doutora Isabel M. Ribeiro Ferin Cunha, investigadora e coordenadora do Centro de Investigação Media e Jornalismo, CIMJ, Universidade Nova de Lisboa e Professora Associada com Agregações na Universidade de Coimbra. Professora Isabel Ferin foi a minha orientadora durante o meu mestrado na Universidade de Coimbra em Comunicação e Jornalismo, de quem tenho enorme admiração e com quem troco inúmeras ideias. Obrigada por sempre estar aberta ao diálogo, por continuamente me ensinar tanto, independente da distância. Agradeço a minha amiga Professora Doutora Maria Inês Senra Anachoreta pela participação em debates que me encaminharam a elaboração de *A Jornada do Estrangeiro*.

Agradecer é um acto tão profundo e infinito. Agradeço aos meus pais, grandes apoiadores desta empreitada que se chama carreira académica, onde o professor precisa de uma "jornada dionisíaca" para ser percebido pelo seu valor. Portanto, mãe, Denise Antunes Chrysóstomo de Avillez e, pai, Roberto Ribeiro de Avillez, sou-lhes imensamente grata. Sem o amor de vocês, sem o ensino de vocês, sem as nossas imensas conversas, esta tese não seria possível de ser realizada. Ao meu parceiro, José Bernardo Godomiczer, nossa vida está apenas começando. Sem você, meu amor, esta tese também não seria possível. Eu agradeço por todas as vezes que você me acolheu, debateu comigo, e assim crescemos juntos. Aos meus irmãos, Bruno A.C. de Avillez e Ricardo A.C. de Avillez; e, respectivamente, às minhas cunhadas, Thamires Bernardes de Sousa Pinheiro e Bonnie Leigh McCutchen; aos meus primos, aos meus tios, à minha avó Célia A. C. De Sousa, tias-avós, em especial Yvone A. De Freitas e Jehovanira Chrysóstomo Fuchner, tios-

avós, à toda a minha família, Antunes Chrysóstomo de Avillez, espalhada pelo mundo à fora, lhes sou imensamente grata. Em específico agradeço aos meus tios e tias: Liane Rosenbaum de Avillez e Carlos Eduardo Ribeiro de Avillez, Zoé Vornicov B. de Avillez e Sérgio Ribeiro de Avillez, Nívia Soares e Píndaro G. C. de Sousa Junior. Agradeço a família Godomiczer pelas risadas, pelas conversas à mesa, pela troca e aprendizado neste momento tão particular da minha vida. Cada um de vocês foi importante para que eu pudesse manter o meu Norte dentro dessa bússola interna que nos guia pela jornada da vida.

Às minhas amigas do doutoramento, Janine Figueiredo de Souza Justen e Deborah Rebello Lima, um imenso agradecimento. Esse doutorado não teria sido o mesmo sem as nossas conversas, parcerias, risadas, choros e contínuas trocas. Que venha mais da vida académica! Agradeço imensamente aos meus amigos que hoje se espalharam pelo mundo à fora como sementes a plantar e a colher: Portugal, Noruega, Estados Unidos, Brasil e diversos outros países. Em particular, agradeço Ana Patrícia Esteves e Eduardo Farias, Dona Alzira R., Vivian V.D. Lisboa, Maria Carolina Oliveira, Luma Dantas, Jamille C. Barbosa, Ana Beatriz Diniz, Aurora Aastad, Ana Paula Guedes e Gregório Ventura.

Saudade é a palavra da língua portuguesa com a qual consigo melhor descrever o sentimento de não poder ter todos vocês neste momento um pouco mais perto. A vida segue rumos diversos e, por vezes, distintos daqueles que imaginamos quando pequenitos. Mas definitivamente rodeados de histórias para cada um contar a sua própria saga subdividida em volumes. Me orgulho muito das histórias de vida dos meus amigos e da minha família. Por isso, sou-lhes imensamente grata, aprendo diariamente com todos.

Aos que aqui, por ventura, não mencionei peço desculpas e agradeço aos bons momentos e às boas memórias. Para que esta tese chegasse ao seu final foi necessário uma grande dose de troca, de conhecimento e amor.

RESUMO

Esta tese de doutoramento consiste de uma busca por compreender a forja da identidade do jovem imigrante brasileiro em New York. Inicialmente buscou-se refletir sobre o que é o conceito de *ser estrangeiro* a partir do diálogo de Platão, *O Sofista*, e propor uma teoria que relaciona a jornada do estrangeiro com o que foi chamado de Jornada Dionisíaca. A hipótese associa à representação do estrangeiro neste diálogo como um ser em busca pela pertença dentro de uma comunidade, no caso a busca do imigrante. A partir desta percepção da interpretação da teoria da Jornada Dionisíaca, faz-se uma costura das as influências platônicas na construção de diversas teorias de migração.

Em seguida, busca-se perceber o questionamento identitário na própria forja da identidade brasileira. Para, a partir de então, voltar-se aos imigrantes brasileiros nos Estados Unidos e especificamente em New York. Também busca-se compreender as particularidades que conferem os *Millennials* e *Centennials* no Brasil. E como eles se diferenciam das mesmas gerações nascidas e criadas nos Estados Unidos. Assim como as particularidades de serem filhos de imigrantes brasileiros criados ou nascidos, no caso, residentes em território estadunidenses. Esta análise constitui-se de três hipóteses diluídas nas seguintes possibilidades: da 2ª geração de imigrantes brasileiros ter se tornado assimilada à identidade e cultura estadunidense, com menor identificação à identidade e cultura brasileira; de jovens adultos possuírem um “sonho de Alice” ao invés de desejarem “fazer a América”; de jovens não-documentados terem a possibilidade de serem transnacionais e transculturais. Por fim, a percepção de Estudos da Comunicação como originalmente sistêmica e interdisciplinar em sua própria formação, permite que investigações como esta sejam feitas.

Esta investigação foi elaborada por meio do método bola-de-neve, com base em diversos núcleos distintos para a realização de entrevistas em profundidade. Sua metodologia é apresentada em mais detalhes no capítulo 04.

Palavras-chave: identidade; imigração brasileira, New York; Estados Unidos; Comunicação.

ABSTRACT

This thesis consists of comprehending how young Brazilian immigrants living in New York identify themselves. Initially, the concept of being a stranger is discussed from Plato's dialogue *The Sophist*, and it is proposed a theory that relates the stranger's quest to the Dionisic Journey. The fundamental hypothesis associates the stranger in this dialog with a being's quest to belong to a community, the immigrant's quest. This perception and the interpretation of the Dionisic Journey are used to point out Plato's influence on migration theories.

Afterward, it is also attempted to understand the identity questioning during the forging of Brazilian identity and the young Brazilian immigrants in the United States living in New York. This research seeks to compare the Millenials and Centennial generations living in Brazil with those that live in New York City, and how they differ from the children of Brazilian immigrants born or raised in the United States. Three hypotheses were evaluated concerning Brazilian immigrants. The possibility that they assimilate the American identity and retain the Brazilian identity as a minor influence. The motivation that the young adults went to the United States searching for Alice's Dream, a reference to Lewis Carol's *Alice's Adventures in Wonderland*, instead of pursuing the American Dream, also called "making America" in Brazil. The likelihood that the non-documented Brazilian immigrant perceives him/her-self as transnational and transcultural.

Finally, the perception that Communication Studies has been systemic and interdisciplinary from its foundation allows this kind of research. The snow-ball method was used to create multiple networks of subjects to enhance the interviews.

Key-words: identity; Brazilian immigrant; New York; United States of America; Communication.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

CAPÍTULO 01 - Os Estudos de Comunicação

LISTA DE TABELAS:

Tabela 01 - Investigação de Carl Hovland: MLA para uma mudança de atitude, fonte: Rogers (1997: 373)

Tabela 02 - Lançamento e Obsolescência de Produto de acordo com a evolução de mercado

LISTA DE FIGURAS:

Figura 01 - Formação dos Estudos de Comunicação

Figura 02 - Organograma do desenvolvimento acadêmico inicial de Comunicação

Figura 03 - Organograma do Campo de Estudos em Comunicação

Figura 04 - Modelo Matemático de *Feedback*, fonte: Rogers (1997: 396)

CAPÍTULO 2.0 - A Jornada do Estrangeiro

LISTA DE TABELAS:

TABELA 01: Divisão da Função Social por Países Indo-Europeus

TABELA 02: Divisão das Funções Sociais nos Países Indo-Europeus

TABELA 03: Vocábulos/ Círculos de Pertença Sociais

TABELA 04: Referência Comparativa do "Homem Livre"

TABELA 05: Variações do Léxico "Estrangeiro" em Grego antigo e Latim

TABELA 06: Duplas de parteiro/grávido nos Diálogos de Platão

LISTA DE IMAGEM:

IMAGEM 01: Organograma do Método da Divisão apresentado no diálogo *O Sofista*.

CAPÍTULO 3.0 - A Imigração Brasileira em New York

LISTA DE TABELA:

Tabela 01 - Rendimento nominal médio mensal das pessoas de 10 anos ou mais de idade, com rendimento, por sexo, e percentual do rendimento nominal médio mensal das mulheres de 10 anos ou mais de idade, com rendimento, em relação ao dos homens, segundo as Grandes Regiões – Fonte IBGE, Censo Demográfico 2010.

Tabela 01 - Quadro de Características sobre Jovens Imigrantes nos EUA.

LISTA DE GRÁFICO:

Gráfico 01 - Os valores dos jovens. Fonte: Dossiê Universo Jovem MTV, 2010.

Gráfico 02 - Itens de posse para uso próprio. Fonte Dossiê Universo Jovem MTV 2010.

Gráfico 03 - Jovens mais conectados com... Fonte Sonho Brasileiro, Box 1824, 2010. Pesquisa Qualitativa Datafolha.

LISTA DE IMAGEM:

Imagem 01 - Emigrantes brasileiros até 2019.2. Fonte: IOM UN DESA.

CAPÍTULO 4.0 - Metodologia de Investigação e Análise de Dados

LISTA DE TABELA:

Tabela 01 - Religiões no Brasil, fonte: IBGE, 2010

Tabela 02 - Distinções entre Imigrantes do Brasil e dos EUA, aos olhos dos imigrantes brasileiros

LISTA DE GRÁFICO:

Gráfico 01 - Ano de Nascimento

Gráfico 02 - Vistos de Entrada nos EUA em Percentagem (%)

Gráfico 03 - Gráfico Exportado do Censo Demográfico Religioso 2010, IBGE, fonte: IBGE, Censo Demográfico

Gráfico 04 - Taxa de Analfabetismo entre pessoas de 15 ou mais de idade (2018),
fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios Contínua
- PNAD Contínua - 2018/ IBGE Educa

Gráfico 05 - Nível de Instrução das Pessoas com 25 anos de Idade ou mais (Brasil -
2018) (Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio
Contínua - PNAD Contínua - 2018/ IBGE Educa)

LISTA DE FIGURA:

Figura 01 - Organograma de Bola-de-Neve A

Figura 02 - Organograma de Bola-de-Neve B

Figura 03 - Organograma de Bola-de-Neve C

Figura 04 - Organograma de Bola-de-Neve D

Figura 05 - Organograma de Bola-de-Neve E

Figura 06 - Cartografia dos Fluxos Migratórios Nacionais e Internacionais da
Amostragem de Migrantes

Figura 07 - Cartografia dos Fluxos Migratórios Nacionais e Internacionais da
Amostragem de Migrantes: pontos orbitais flutuantes

Figura 08 - Direcçionamento Vetorial de Intençãõ e Destino de Motivaçãõ para
Mobilidade

SUMÁRIO

Introdução	12
1.0 Os Estudos de Comunicação	16
1.0 Introdução	
1.1 Sobre Comunicação e seus Paradigmas	16
1.1.1 As Raízes Sistêmicas em Comunicação	21
1.1.2 A Constituição dos Estudos de Comunicação	27
2.0 A Jornada do Estrangeiro	40
2.0 Introdução	40
2.1 Sobre a Questão Lexical Referente ao Estrangeiro e suas Influências	42
2.2 A Personagem de Estrangeiro em Platão	56
2.3 A Questão da Diferença e da Distinção	63
2.4 A Influência do Estrangeiro de Eléia nos Estudos de Migração	72
2.5 A Questão da Mobilidade, Fronteira e Limite no Tempo	78
3.0 A Imigração Brasileira em New York	94
3.0 Introdução	94
3.1 A Complexidade da Forja da Identidade Brasileira	95
3.2 A importância do Espaço Lusófono	126
3.3 Os Imigrantes Brasileiros nos Estados Unidos	134
3.4 Os <i>Millennials</i> e os <i>Centennials</i>	144
3.4.1 Os Jovens Imigrantes Brasileiros nos EUA	153
4.0 Metodologia de Investigação e Análise de Dados	163
4.0 Introdução	163
4.1 Método de Análise	164
4.3 Apresentação dos Dados	179
Conclusão	241
Referência Bibliográfica	255

INTRODUÇÃO

Foi preciso uma longa jornada de conhecimento pessoal para que chegasse até aqui. Os motivos que me impulsionaram a estudar a temática da migração dizem respeito, em parte, a minha própria trajetória. Mas também a constante e incessante sede por conhecimento. Fosse antes possível achar um assunto que se bastasse, a temática escolhida perpassa diversas e diversas áreas de interesse pessoal interconectando-as em um coser passível aos olhos daqueles que sempre sonham e perseveram. Dentre as inúmeras histórias em minha família, àquelas referentes a migração, tanto interna quanto externa, captaram os meus ouvidos e o meu imaginário. Aprendia-se com tais histórias de vida e assim, para além de família formávamos a nossa própria rede de contactos unidos por laços familiares. Ali compartilhávamos detalhes, traços, momentos e peculiaridades de bisavós, avós e tios, mas também cultivávamos a nossa própria memória. Com o tempo, cada núcleo familiar seguiu a sua jornada. Todavia, aqui e ali, mantinha-se o contacto. Costumo dizer que a família é grande, somos muitos, distribuídos em inúmeros estados pelo Brasil afora e em diferentes países também.

A partir desta vivência, via-me em meio a uma contínua e constante pergunta “de onde eu sou, de onde meus familiares são, de onde você, outro, é?” Uma questão um tanto ampla quando se percebe que, ao mesmo tempo, está associada à quem “eu sou, quem meus familiares são? E, também, você quem é?”. São anos questionando e tecendo as inúmeras narrativas, memórias e histórias que pudessem dar sentido à parte desse quebra-cabeça ou como uma possibilidade de resposta. Um oceano, em profunda introspecção, que uma vida, talvez, apresentasse apenas em um quadro, em uma pequena armação, da potência em ação desta identidade que vos fala. Uma identidade diaspórica, porém cada vez mais conhecedora de suas raízes.

Identidade é questionar o próprio ser em diversos aspectos, entre eles a busca por pertença e a distinção entre o sentimento de *ser* estrangeiro *versus* o sentimento de *estar* estrangeiro. É conscientizar-se da força interna que faz mover esta potência de coesão capaz de transformá-la em ação, o *ser*. Para que vá em busca de si e da convivência com o outro em comunidade. Uma jornada em busca da pertença do estrangeiro e em busca de si consigo mesmo. De onde você é? Da diáspora ao longo de extensas jornadas e centenas de anos que fez com que

chegasse até aqui. Carregando consigo histórias, memórias, o tempo e a transmutação de si mesmo.

Entretanto, temos em todos nós essa percepção e reconhecimento comum de que somos brasileiros. Mesmo estando distante e sendo diferentes, essa percepção coletiva de uma identidade social, de um grupo que se reconhece como brasileiro quando distribuído em diferentes países ou até mesmo em diferentes estados foi um dos impulsionadores para essa pesquisa. O que nos leva a nos reconhecer como tal independente de onde estivermos vai para além de um bilhete de identidade que carregamos connosco ou de uma comida que a avó fazia no interior de uma pequenita cidade. O que faz uma identidade ascender mediante a tantas outras, resultando em subidentidades como consequência.

Entretanto, atendo-me ao seguinte objectivo principal para esta tese de doutoramento: a forja da identidade da imigração jovem brasileira em New York. A crise da economia mundial iniciou-se em 2008, alcançando o Brasil em 2014 e desestabilizando-o em diversas instâncias, como a económica, política, educacional, de saúde e identitária. Diversos sub-grupos identitários que antes se percebiam reprimidos, emergiram de suas "cavernas" com as correntes rompidas, rumo ao sol, com suas vozes em pleno uso, apresentando o que percebiam como suas verdades. Muito vem sido dito, debatido, protestado, argumentado e contra-argumentado desde então. Desde o início, esta tese de doutoramento teve como proposta fazer a colecta de campo em solo estadunidense para entrevistar os imigrantes brasileiros, especificamente os jovens residentes de New York. Focalizando nas gerações chamadas de *Millennials* e *Centennials*.

Já de antemão deve-se esclarecer que não há interesse em investigar as vertentes de patriotismo ou nacionalismo. Guardadas as devidas proporções, ambas as vertentes apresentam um forte apego a nação e suas leis, levando à ações de hostilidade para com o estrangeiro. Esses não são os perfis que a investigação se propõe.

Mas sim, os padrões que constituem uma percepção identitária em maior escala e apresentam-se na forma do Brasil como o de país de origem. Portanto, faz-se um estudo sobre a questão da fronteira e suas implicações sobre a investigação identitária. Ao mesmo tempo em que se estabelece um estudo sobre o *Ser* e o indivíduo. Associando-se às instâncias e às percepções que podem ser apresentadas do mesmo contexto da *polis*. Há aqui um constante diálogo entre o uno e o múltiplo, o macro e o micro. E para tal, é preciso, constantemente, que seja

estabelecido esse diálogo entre as fronteiras, perpassadas e re-estabelecidas. Ou seja, estudar identidade é também estudar fronteiras. É compreender a intersecção que essas fronteiras geográficas e políticas estabelecem no âmbito cultural e individual, ou seja, como interagem as fronteiras identitárias, resultando num ser transnacional. Diz respeito ao que é passível de ser identificado no âmbito macro para que se possa dar um sentido de união do todo, dentro de uma suposta forma “homogênea”. Entretanto, neste caso, sem aniquilar a liberdade do outro. Portanto, aqui presente num contexto de democracia. Essa percepção de união, de pertencimento e identidade traz sentido e é passível de gerar acordos ou quebrar acordos políticos.

O objectivo secundário diz respeito a percepção sistémica nos Estudos de Comunicação — Informação, Comunicação, Cultura e Identidade. Dentro desta percepção sistémica, entende-se que a própria constituição dos Estudos de Comunicação fez-se a partir de debates, reflexões e investigações interdisciplinares. Aos poucos houve a sistematização e a especialização dos Estudos de Comunicação. A levar cada vez menos a interdisciplinaridade. Pode-se haver a multidisciplinaridade que é a possibilidade de cruzamento de campos, sem que haja uma real intersecção das disciplinas. Ou seja, o movimento sócio-económico e político que movimentou à constituição dos Estudos de Comunicação não permaneceu para a manutenção do próprio campo. A possibilidade de uma transdisciplinaridade não será um tema abordado nesta tese de doutoramento. Mesmo porque o próprio capítulo 01 que assume a proposta de compreender uma percepção sistémica dos Estudos de Comunicação, por si mesmo, já abrange um tema passível de uma segunda tese. Ao capítulo 01, limitar-se-ão os tópicos relativos às raízes que levaram à constituição dos Estudos de Comunicação até a sua própria efetivação. A percepção dos Estudos de Comunicação como sistémico é, em si, o que permite identificar o valor da investigação sobre identidade dentro do próprio campo. Assim como diversas outras vertentes de investigação.

O capítulo 02 apresenta uma teoria nova chamada de Jornada Dionisíaca, em que Dionísio passa por sucessivas transmutações em busca de seu lugar de pertença e de sua identidade como um deus do Olimpo. É no capítulo 02 que será colocada em questão uma das hipóteses apresentadas dentro desta tese de doutoramento. Portanto, se é possível representar a jornada do estrangeiro pela busca de pertença no diálogo *O Sofista*. Ao mesmo tempo, faz-se uma associação do diálogo *O Sofista* de Platão como base para a percepção e constituição de muitas

das teorias de migração conhecidas. Este capítulo passa pela temática das questões relativas ao *estrangeiro* e sua influência lexical, o debate sobre a própria personagem Estrangeiro no diálogo de Platão, as questões referentes à diferença e à distinção e, finalmente, a influência do Estrangeiro de Eléia nos Estudos sobre migração.

O capítulo 03 e o capítulo 04 são complementares entre si. Enquanto o capítulo 03 estabelece um estado da arte sobre a forja da identidade brasileira e a imigração brasileira nos Estados Unidos, especificamente em New York. Também estabelece um perfil da geração *Millennial* estadunidense e brasileira, abrindo espaço para a geração *Centennial*. Entretanto, o capítulo 03 apresenta-se acrescido da interpretação e análise de dados correspondentes à construção da identidade brasileira e dos perfis geracionais apresentados. O capítulo 04, por sua vez, apresenta a metodologia de bola-de-neve utilizada para colecta de entrevistas e sua sistematização e, também, apresenta as histórias coletadas e a análise das mesmas. É na junção destes dois capítulos que três hipóteses são respondidas: (1) se a 2ª geração de imigrantes brasileiros em New York possui uma forte assimilação ao país anfitrião na constituição de sua identidade. Deitando de lado a identidade brasileira ou dando à ela menor grau importância; (2) se os jovens e jovens adultos imigrantes brasileiros possuem um “sonho de Alice” de viver em New York e; (3) se os jovens imigrantes brasileiros não documentados são passíveis de se tornarem transacionais e transculturais em New York.

Portanto, esta tese de doutoramento irá abordar a identidade do estrangeiro, do imigrante [jovem] brasileiro em New York, dentro percepção sistémica que emana os Estudos de Comunicação.

OS ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO

1.0 INTRODUÇÃO

"Pensar comunicação" é ser capaz de ajustar-se às questões relativas das relações humanas, aos seus comportamentos, e a formação do conjunto como um sistema de relações e processos que conectados permeiam-se em si e entre si. "Pensar comunicação" foi uma ação construída ao longo do tempo devido às necessidades e aos questionamentos sociais, tecnológicos, económicos e políticos que emergiam. "Pensar comunicação" é um acto constante e do tempo presente. Ao passo que, também, é reflexivo, pois o tempo histórico não pode ser negado quando se "pensa comunicação". É preciso refletir sobre o passado para conscientizar-se sobre o presente e agir sobre o futuro.

É sobre esta perspectiva de "pensar comunicação" que este capítulo 01 foi constituído. Ele tem como objectivo prover uma reflexão sobre os paradigmas que levaram a constituição do campo de Estudos em Comunicação ao longo do tempo histórico, e o questionamento do "pensar comunicação" como objectificado na obsolescência do tempo de um produto. Portanto, abordando as raízes sistémicas que levaram à formação dos Estudos de Comunicação e a sua própria concretização como campo de investigação. Dispersando, assim, a abrangência dos Estudos de Comunicação em termos de epistemologia, da *práxis* e da *techné*. Assim, tornando um campo com base em investigações interdisciplinares, em um campo mais restrito em termos de investigação e troca de saberes. Ou seja, tornando em um campo de investigação mais direccionado às suas associações técnicas. Com isso, pondo em questão tanto o que o "pensar comunicação" quanto o que é o "objecto de comunicação" em si.

1.1 SOBRE COMUNICAÇÃO E SEUS PARADIGMAS

Houve o tempo em que o falar sobre área de Comunicação referenciava-se ao desenvolvimento dos estudos de transportes terrestres e marítimos, onde ferrovias e rodovias abriam espaço para o escoamento de materiais de construção e transportes de pessoas rumo aos seus respectivos trabalhos (Mattelart¹, 2009). Navios cruzavam os oceanos carregados de cérebros e mãos dispostas a pôr em obra as mais inovadoras

¹ Ressalta-se que Mattelart (2009) faz referência bibliográfica à Rogers (1997) em seu livro "História das Teorias da Comunicação", Edições Loyola.

técnicas de conectividade entre pontos e espaços até então não pensados. Buscavam-se histórias a serem contadas, novos mundos a serem explorados. O período da I Grande Guerra revolucionou os meios de transporte e industrialização na Europa (Mattelart, 2009). A área de comunicação inicialmente desenvolveu-se assim, por meio de engenheiros que desejavam conectar os pontos A à B por meio de vias de transporte terrestre e marítimo. Em seguida, deu-se por meio da conexão de casas ao levar os telefones e rádios de notícias para os lares, bares e demais localidades em diversidade de acesso.

A II Grande Guerra facilitou o desenvolvimento dos estudos de comunicação por meio da decodificação de mensagens trocadas por espiões, e resultou na criação da máquina desenvolvida por Turing² na Inglaterra, com trocas de mensagens e conhecimentos com investigadores dos EUA que se juntaram em grupos de pesquisa acadêmicos e subsidiados pelo governo dos Estados Unidos e empresas privadas³. Portanto, no início a área de

“[c]omunicação era considerada crucial para informar o público americano sobre o propósito da nação durante o período da guerra e os detalhes de racionamento de comida, entre outras questões relativas ao sacrifício dos consumidores. Além de motivar a compra de títulos de guerra, para evitar comprar meias de seda e outros produtos no mercado negro, crescimento dos vitoriosos jardins e dar algum tipo de suporte a causa da guerra. Dentro desta perspectiva, a pesquisa em comunicação, inicialmente focalizava no estudo dos efeitos da comunicação⁴” (Rogers, 1997: 10-11, tradução literal).

Ou seja, questionar-se sobre o que é comunicação em si e seus efeitos em comportamento foi o que levou a criação dos Estudos de Comunicação. Gradativamente, ao longo das décadas, formalizava-se o campo que seria relativo aos Estudos de

² “In early 1943, Alan Turing made a secret trip from Bletchley Park to the Bell Labs headquarters in New York City, where Claude Shannon was working on cryptography problems. Turing spent two months there in collaborative research on the problem of safely encoding vocal messages. Almost every day Turing and Shannon would meet to discuss their ideas about the human brain and computer. They could not, however, directly discuss the specific cryptographic projects on which they were working because such work was compartmentalized into separated partitions in order to ensure a high degree of security. Shannon told Turing about the binary digit, as a measure of information, and Turing told Shannon about his concept of the “deciban”, defined as the weight of evidence that made some topic ten times as definite (Hodges 1983, p. 249 - 250). Their exchange of theoretical viewpoints was important to Shannon in building information theory in a general way, but he did not directly base it on Turing’s concepts or theories. Working on cryptographic problems at Bell Labs during World War II brought Shannon in contact with some of the best minds on both sides of the Atlantic” (Rogers, 1997: 430).

³ Algumas dessas empresas estadunidenses tinham como principal fonte de renda a estação de petróleo (Rogers, 1997).

⁴ “[c]ommunication was considerate crucial in informing the American public about the nation’s wartime goals, and the details of food and gas rationing and other consumer sacrifices and in motivation the public to purchase war bonds, to avoid buying silk stockings and other scarce products on the black market, to grow victory gardens, and to support the war effort in other ways. Accordingly, communication research initially focused on studying the effects of communication” (Rogers, 1997: 10-11).

Comunicação. Rogers (1997) e Mattelart (2009) apresentara o surgimento do campo de comunicação, inicialmente, como sendo lento e gradativamente elaborado com qualidade sistêmica, orgânica e em rede, a partir dos estudos de Adam Smith (1723 - 1790), François Quesnay (1694 - 1774), Claude Henri de Saint-Simon (1760 - 1825), Marx (1818 - 1883), Herbert Spencer (1820 - 1903), Adolf Quételet (1796 - 1874), Scipio Sghele (1868 - 1913), Gustave Le Bon (1841 - 1931), Gabriele Tarde (1845 - 1904), Sigmund Freud (1856 - 1939), Émile Durkheim (1858 - 1917), Georg Simmel (1858 - 1918). A partir de intensos debates, reflexões e estudos filosóficos, matemáticos, sociológicos, económicos, psicológicos, médicos, de estudos criminais e urbanos é que se manifestaram as bases que levaram à constituição do campo de Estudos de Comunicação em no século XX.

Posteriormente, surgiria a área que passou a ser conhecida como o mercado dos *media* em 1940 nos EUA. Que, também, viria a ser consolidada como uma área de investigação académica a partir das décadas de 1970 no Brasil, por meio do surgimento de cursos de pós-graduação nas universidades focalizadas em Comunicação. Entende-se aqui que os Estudos de Comunicação são considerados historicamente recentes quando em comparação às áreas de estudos mais antigas como Filosofia, Matemática, Medicina, Direito, entre outras.

No entanto, para se perceber melhor a constituição dos Estudos de Comunicação, deve-se levar em conta o período pré-Estudos de Comunicação. Ou seja, o período em que intelectuais europeus, com inúmeros interesses e formações, faziam pesquisas com o propósito comum de compreender as relações humanas e seus comportamentos. Ao longo dos anos, muitos desses intelectuais imigraram para os Estados Unidos, fugindo da II Grande Guerra, e levando consigo seus conhecimentos, seus grupos de pesquisa e seus desejos pulsantes de fazer propagar e perpetuar as pesquisas que haviam iniciado.

Novamente, ressalta-se que muitos dos intelectuais que inspiraram a formação dos Estudos em Comunicação foram antropólogos, sociólogos, filósofos, médicos psicanalistas, advogados com conhecimentos em economia, e outros intelectuais com conhecimentos em botânica e biologia. Uma diversidade e interdisciplinaridade que se dispunha presente em grupos de investigação, congressos e contínuos debates (Rogers, 1997). O que todos tinham em comum era a constante curiosidade em compreender os relacionamentos humanos e seus comportamentos, eram constantemente curiosos, ávidos por conhecimento independente da área. Incessantes em seus questionamentos, o que os fazia exímios investigadores. Um grande número destacou-se, também, pela profissão de jornalista, por escrever em colunas de proeminentes jornais. Enfim, como

Everett M. Rogers (1997) apresenta, havia um “ar renascentista em muitos desses intelectuais”.

Para a finalidade desta tese, serão apresentadas as raízes do campo de Estudos de Comunicação. Esse longo período serviu de base para a formação da primeira pós-graduação em Comunicação que ocorreu na Universidade de Iowa sob a direção do Professor Wilbur Schramm (Rogers, 1997). A primeira pós-graduação em Comunicação surgiu associada ao departamento de jornalismo por um acaso. Schramm tinha em mente o desejo de pôr em prática a sua própria estrutura acadêmica desenhada com base em sua experiência vivida como investigador ao longo da academia, rodeado de debates em centros de pesquisas com psicólogos, antropólogos, sociólogos, filósofos etc. (Fig. 01); acrescida à esta experiência estava o seu tempo de actuação durante a II Grande Guerra junto ao governo dos EUA, novamente reunido com os mais diversos acadêmicos para pensar sobre como comunicar sobre a guerra (Rogers, 1997). O objetivo central permanecia em investigar as relações humanas, os seus comportamentos e a formação

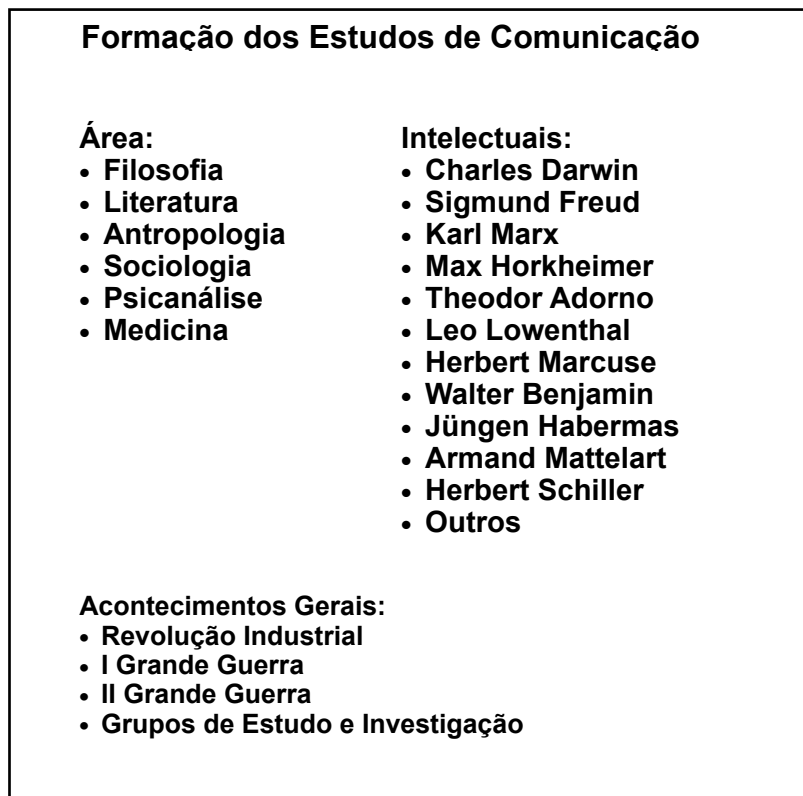


Figura 01 - Formação dos Estudos de Comunicação adaptado e organizado por Roberta de Avillez com base no livro de Rogers (1997)

de comunicação como um sistema que conecta e permeia tanto essas relações quanto os seus comportamentos.

Portanto, percebe-se que a comunicação fez-se continuamente presente nas relações sociais, económicas e políticas por diversas instâncias, desde os primórdios da civilização por meio da oralidade, até passar pelo desenvolvimento dos meios de transporte e de transmissão sem fio na área da engenharia e chegar aos dias de hoje com comunicação dos *media*.

É importante relembrar que a primeira revolução industrial na Inglaterra, período do século XVIII, iniciou o desenvolvimento do comportamento e consumo por meio das vendas em maior escala (Douglas & Isherwood, 2009; McCracken, 2003; Fontenelle, 2017), este período por si só já encadeou uma sucessão de reflexões por diversos intelectuais com base nas implicações das fábricas industriais, nos comportamentos de consumo em maior escala que se propagavam, nas perdas de emprego e trabalho qualificado e tantas mais reflexões que se permeiam até os dias de hoje sobre o desenvolvimento do capitalismo e seus diversos aspectos. O período pós II Grande Guerra trás em cena um comportamento de consumo em deslumbramento, misturado com as supostas bonanças da vida em paz (visto que economicamente e politicamente os países estavam se re-estabelecendo), vivido por aqueles que passaram anos em privação em conflito. Em contrapartida, os filhos da guerra, também chamados de *Baby Boomers*, surgem como o oposto de seus pais, apresentando uma voracidade por consumo e sem o conhecimento de poupar para tempos difíceis. Com completo desconhecimento sobre o que é a privação em meio a uma economia em ascensão do consumo capitalista estadunidense (Fontenelle, 2017). Como apresenta Fontenelle (2002), os *Baby Boomers*, também conhecidos como a geração Coca-Cola.

Acrescido à esta cena, tem-se o facto de que a percepção histórica que antes direcionava o tempo para aprender com o passado e, assim, elaborar novas questões e projecções no futuro, alterou-se significativamente no período da modernidade. Hoje questionada em sua própria existência ou suposta elasticidade dela. “A História acabou” (Tavares, notas de sala de aula Marcio Tavares, UFRJ, 2016) como uma menção ao imediato, ao instantâneo e a ausência de memória e da história que antes configurava uma base constituinte do Ser (*uno e múltiplo*). A permanência na constante e presente Era Digital faz com que o “aqui e agora” questione a percepção de tempo e de espaço dentro da História. Portanto, os Estudos de Comunicação agora apresentam uma nova vaga de paradigmas a ser questionados. Entretanto, antes é preciso compreender as raízes que levaram os Estudos de Comunicação a terem uma percepção sistémica e, em concomitância, interdisciplinar.

1.1.1 AS RAÍZES SISTÉMICAS EM COMUNICAÇÃO

Mattelart (2009) apresenta que a percepção sistémica advinda da biologia e da medicina, portanto como um organismo e uma rede de circulação sanguínea, já apresentava-se nos estudos de François Quesnay⁵ como “sistema e como unidade”. Neste momento, pensava-se no *laissez faire, laissez passer* associado à uma percepção económica de “fluxos” para o século XVII e XVIII. Impulsionado pela Revolução Francesa em 1789 que o sistema métrico e de unificação territorial nacional ganha ênfase (Mattelart, 2009). Com isso, “[o] primeiro sistema de comunicação à distância, o telégrafo óptico de Claude Chappe, é inaugurado em 1793 para fins militares (Mattelart, 2009: 15)”. A partir deste modelo de fluxo e unidades materiais é que se elaborará as escolas de economia clássica inglesa, com intelectuais como Stuart Mill (1806 - 1873). Matellart (2009) aponta Stuart Mill como a base para os futuros estudos cibernéticos dos fluxos materiais associados aos fluxos de *feedback* do dinheiro como informação (Beningerm 1992 *apud* Mattelard, 2009). A partir de Claude Henri de Saint-Simon, em meados do século XVIII para o século XIX, é que se inicia uma reflexão intelectual sobre o conceito de rede em França. Entretanto, o conceito de rede faz-se a partir da metáfora do ser vivo (Mattelart, 2009), como um “organismo-rede”. Portanto,

“[a] sociedade é concebida como sistema orgânico, justaposição ou tecer redes, mas também como “sistema industrial”, gerado por e como indústria. Em estreita filiação ao pensamento dos engenheiro e obras públicas de então, ele concede um lugar estratégico à administração do sistema das vias de comunicação e ao estabelecimento de um sistema de crédito. Do mesmo modo que a imagem do sangue em relação ao coração humano, a circulação do dinheiro dá à sociedade-industria uma vida unitária”(Mattelart, 2009: 16).

A comunicação é percebida como um “organismo-rede” ao mesmo tempo que é, também, uma função organizadora de redes de transporte . A partir do século XIX, com o engenheiro ferroviário Herbert Spencer, a percepção de comunicação como uma organização sistémica de redes de transporte tornou-se cada vez mais consolidada. Dentro deste contexto, a comunicação passou a ser percebida como um aparelho regulador e de distribuição para uma “sociedade-organismo”, fundamentada cada vez mais na industrialização. Logo,

⁵ *Tableau économique* (1758).

“[u]ma sociedade-organismo cada vez mais coerente e integrada, onde as funções são cada vez mais definidas, e as partes cada vez mais interdependentes. Nesse sistema total, a comunicação é componente básico dos dois “aparelhos orgânicos”, o distribuidor e o regulador. A imagem do sistema vascular, o primeiro (estradas, canais e ferrovias) assegura o encaminhamento da substância nutritiva. O segundo assegura o equivalente da função do sistema nervoso. Torna possível a gestão das relações complexas entre um centro dominante e sua periferia. É o papel das informações (imprensa, petições, pesquisas) e do conjunto dos meios de comunicação pelos quais o centro pode “propagar sua influência” (correio, telégrafo, agências noticiosas). Os informes são comparados a descargas nervosas que comunicam um movimento de um habitante de uma cidade ao de outra” (Mattelart, 2009: 17).

Essa percepção de fazer algum tipo de gestão da sociedade, conectando pontos estratégicos também pode ser percebida em Braudel (1987, 2014) por meio de sua economia-mundo e percepção das conexões axiais das cidades medievais de maior importância comercial (Mattelart, 2009). Ou seja, a apresentação da evolução sistêmica aqui apresentada, nesta tese, tem o caráter de ser apenas um recorte de um quadro extremamente vasto e profundo para investigação. No caso de Herbert Spencer, a percepção de sociedade-organismo será futuramente retomada e reformulada, entretanto não com a percepção de sociedade industrial, pela Escola de Chicago. Robert Park apresenta a sociedade como "ecologia humana":

“[t]rês elementos definem uma comunidade: uma população organizada em um território, em maior ou menor medida nele enraizado, cujos membros vivem numa relação de interdependência mútua de caráter simbiótico. Nessa “economia biológica” — termo que Park utiliza por vezes como sinónimo de ecologia humana —, é a “luta pelo espaço” que rege as relações inter-individuais. Essa competição é um princípio de organização. Nas sociedades humanas, competição e divisão do trabalho resultam em formas não-planificadas de cooperação competitiva, que constituem as relações simbióticas, ou o nível “biótico” da organização humana. Esse nível “subsociedade” é a expressão dessa web of Life” (Mattelart, 2009: 31 - 32).”

Até este momento, a percepção sistêmica foi constituindo-se com base em fundamentos da biologia, engenharia, física, matemática e sociologia para levar como pano de fundo a questão da comunicação. Quando Claude Shannon⁶ publica o artigo *The Mathematical Theory of Communication*, na altura afiliado à Bell Systems uma filial da empresa de telecomunicações AT&T, American Telegraph & Telephone, encontrava-se em meio à uma teoria que associava informação, sistema e comunicação ao mesmo tempo. Para Shannon, o problema da comunicação consistia reproduzir um ponto exacto ou aproximado à uma mensagem selecionada. Permitindo, assim, quantificar uma mensagem de comunicação entre dois pólos de sistema (Mattelart, 2009). Portanto,

⁶ Para mais informações, buscar os artigos *Communication in the Presence of Noise* e *A Mathematical Theory of Communication* ambos escritos por Claude Shannon.

“[n]esse esquema linear, cujos pólos definem uma origem e assinala um fim, a comunicação repousa sobre as cadeias dos seguintes componentes: a fonte (de informação), que produz uma mensagem (a palavra no telefone), o codificador ou emissor, que transforma a mensagem em sinais a fim de torná-la transmissível (o telefone transforma a voz em oscilações elétricas), o canal, que é o meio utilizado para transportar os sinais (cabo telefónico), o decodificados ou receptor, que reconstrói a mensagem a partir dos sinais, e a destinação, pessoa ou coisa à qual a mensagem é transmitida” (Mattelart, 2009:58).

A teoria de Shannon abriu caminho para as teorias de informação em comunicação, levando-se em consideração que Shannon faz analogia ao sistema nervoso⁷ como referência para a criação de sua própria teoria (Mattelart, 2009). Para Mattelart (2009), o pensamento sistémico tem por conceito o âmbito do macro, a globalidade por essência, as interações entre os seus elementos e as suas complexidades. Dentro da área da teoria da informação, aos poucos vão surgindo intelectuais que abrangem diversas perspectivas, como a teoria do *feedback* dentro do sistema social abordado por Melvin De Fleur associado a *mass media communication*. A teoria da cibernética toma abrangência com Norbert Wiener a partir da publicação do livro *Cybernetics or Control and Communication in the Animal and Machine*. Dentro deste contexto de teoria da informação e teoria da cibernética é que foi inserido o conceito de entropia, como medida de ordem e desordem que possibilitasse uma percepção mais "física" da comunicação. Tanto a teoria da informação quanto a teoria cibernética foram amplamente desenvolvidas e ganharam espaço na academia e no mercado de trabalho. Entretanto, não serão aprofundadas para além nesta tese.

Ao debruçar-se sobre o conceito de comunicação, Anthony Wilden (1977) ampliou o debate relativo àquilo que é próprio à comunicação para incluir a percepção do sistema de comunicação. Portanto, para Wilden (1997: 108), “a comunicação começar em qualquer lugar, mediatiza todas as relações humanas e, mesmo que implique necessariamente em um objectivo qualquer, não tem fim”. Ou seja, ao comunicar-se, ao emitir um acto de comunicação, essa acção terá projecção hipotética para todas as direcções, metaforicamente seria como a luz emitida por uma estrela, como emissão de energia e potência, e a partir delas surgirão sucessivas projecções, ao mesmo tempo que cada ponto de contacto e/ou intersecção poderá reverberar, cessar ou alterar sua conexão entre outras variáveis.

Para fazer uso de um recurso mais ilustrativo, ao comunicar tem-se um sistema sem início nem fim, em contínuo funcionamento, muito semelhante ao funcionamento do sistema nervoso cerebral (quando em vida). Assim como o sistema nervoso cerebral, o

⁷ A utilização de sistema nervoso como referência surge em diversas outras teorias como em *Mil Platôs* de Deleuze & Guattari, ao elaborar o conceito de rizoma.

sistema de comunicação também possui a sua natureza orgânica, porém associado à sociedade e estruturado por conjuntos e subsistemas que serão chamados de comunicação (Wilden, 1977). Novamente, faz-se referência a um conceito orgânico, sem início e nem fim, com capacidade de desenvolvimento e propagação infinita e de maneira orgânica.

Em cada ponto de conexão e/ou intersecção no sistema de comunicação encontra-se a informação. Em sua abrangência qualitativa, ela é designada como “organização da própria variedade” (Wilden, 1977: 11). Visto que toda a qualidade contém em si a quantidade, busca-se perceber melhor os conceitos apresentados. Wilden (1977) aponta que informação e ruído são permutáveis por dependerem da estrutura e conseqüentemente da codificação que apresentam. Portanto, chamar-se-á informação à variedade codificada e estruturada, enquanto ruído será a variedade não codificada e, conseqüentemente, não-estruturada. Logo, informação é *estar* em ação.

É interessante perceber que a estruturação da variedade permitirá a distinção entre a ordem e a des-ordem. Ou a ordem e o caos — aqui deixa em aberto a possibilidade do leitor estabelecer um ponto de conexão com o deus *Caos*, referente à mitologia grega. Se *Caos*, é a desestruturação da variedade e/ou de inúmeras variedades, então, parte-se da hipótese que a partir dele *há* o princípio, porém ele não é o princípio. A distinção aqui se dá no facto de antes de *Caos* haver ou não algum outro tipo de variável. Facto é que ordem e desordem são permutáveis assim como informação e ruído, a implicação do contexto fará com que haja distinção entre eles.

Portanto, ao retomar-se a imagem de sistema de comunicação com os seus pontos de intersecção/conectores, tem-se na verdade, uma imagem multi-dimensional passível de ser dividida de acordo com seus géneros. A forma multi-dimensional apresentará uma estrutura em níveis, por sua vez o agrupamento das variedades permitirá a sua ordenação. Por fim, a regra estabelecerá os subgrupos e seus códigos de vínculos (Wilden, 1977).

O funcionamento desse sistema de comunicação pode ser apresentado e desenvolvido em diversas esferas da ciência como a matemática e a física, por meio dos estudos de sistemas, grupos e matrizes. Mas, também, por meio de funções, estatística, astronomia, física quântica e termodinâmica (entre outros). Ao mesmo tempo, esses conceitos podem ser aplicados à medicina na especialidade de neurologia, reumatologia, nefrologia, angiologia (etc.). Ao contrário, da medicina ocidental, a medicina chinesa já percebia o corpo humano como um sistema em que as partes e o todo se comunicavam continuamente. Agora em outras esferas da ciência este conceito também pode ser

percebido. A psicologia, em suas inúmeras vertentes, percebe as relações do indivíduo como conectados ao contexto de forma intrínseca. As ciências sociais, em geral, vão por um caminho semelhante.

Inicialmente ao se pensar em comunicação, pensa-se nas interações relacionais entre um indivíduo e outro que, por muitas vezes, ocorreram por meio da linguagem — acto de comunicar alguma coisa à alguém. Deste ponto de partida, foram estabelecidos contacto, trocas de informação e energia entre as pessoas envolvidas que, ao longo dos anos, foiram estruturando-se a partir do atributo da linguagem como conector relacional para criação de uma ordem. Para Lucien Sfez,

“[e]m Comunicação, lidamos com um núcleo epistemológico que reúne em torno de pontos comuns grande diversidade de saberes; as vidas académicas e públicas, nestes dias, o testemunham com abundância: biologia, psicanálise, mass media studies, instituições, direito, ciência das organizações, inteligência artificial, filosofia analítica etc. Esses conceitos comuns às ciências da comunicação parecem dever constituir pouco a pouco os elementos de uma forma simbólica em gestação. Em outras palavras, certos conceitos, trabalhados pelas elites da ciência comunicacional, tornam-se realidades do mundo social e político, passam para a vida cotidiana e constituem a tela através da qual construímos o mundo, tela esta que não podemos mais perceber, a tal ponto a utilizamos, a tal ponto nos envolve” (Sfez, 1994, p.11).

Ou seja, em Estudos de Comunicação agrupam-se epistemologias⁸ que a partir dela dão forma a inúmeras *práxis* (sujeito/sujeito) e *techné* (sujeito/objecto). Desta maneira, a percepção de Estudos de Comunicação passam ser distintos quando em comparação às percepções apresentadas por Maria Imacolata Vassalo de Lopes (2001) e Marialva Barbosa (2012), onde tanto a área quanto os Estudos de Comunicação são percebidos como processos técnicos. Dentro da perspectiva técnica, as teorias epistemológicas que a Comunicação faz uso virão de outras áreas, como das Ciências Humanas e Sociais, acrescidas das teorias de desenvolvimento técnico elaboradas por *mass media studies*. Essa distinção epistemológica faz-se presente ao se questionar se há o objeto de investigação em Comunicação Social e o que dentro dos Estudos de Comunicação. É neste momento que se forma uma cisão entre Comunicação Social como *práxis* e *techné*⁹, dos Estudos de Comunicação como episteme, em que advém de um núcleo sistémico (figura 02).

⁸ Será a partir da episteme, ou seja do conhecimento, que se formulará a teoria. Uma está filosoficamente associada à outra.

⁹ No grego antigo, uma das traduções possíveis para *techné* é arte, o fazer da arte. Foi apenas posteriormente que o termo *techné* veio a ser commumente traduzido por técnica.

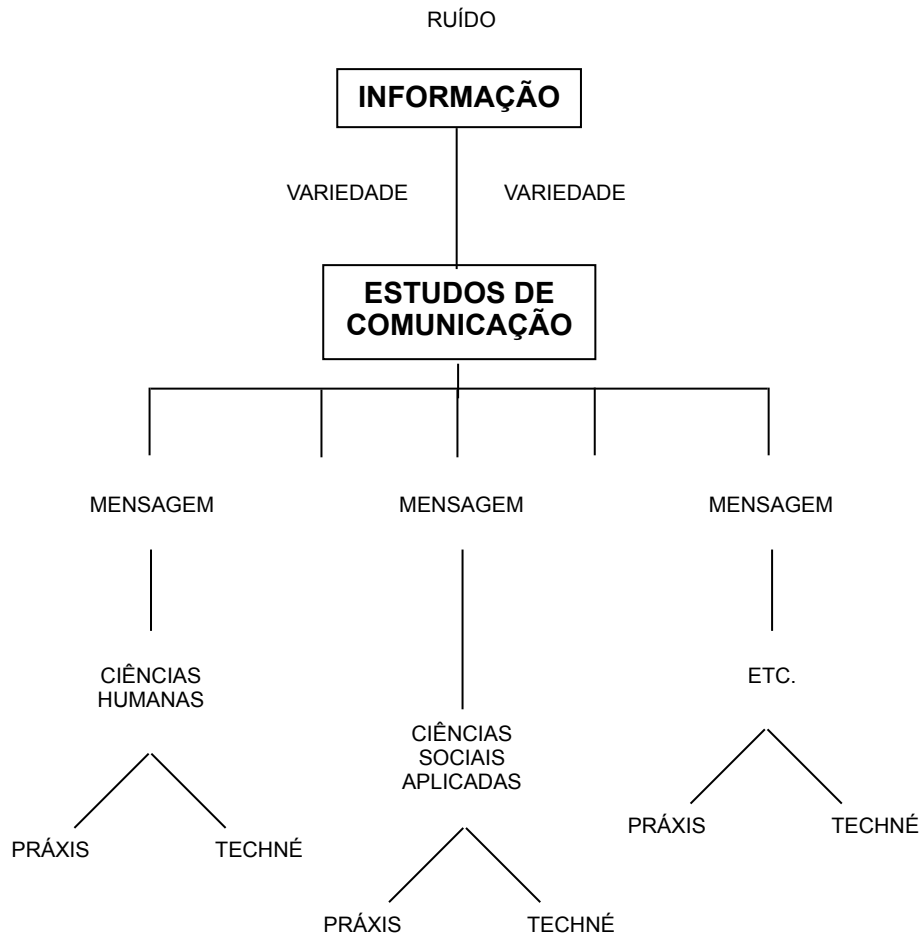


Figura 02 - Organograma de Informação e Comunicação
(produzido e organizado por Roberta de Avillez)

Ou seja, permitindo, assim, partir dos Estudos de Comunicação uma multiplicidade de áreas científicas, pois ela, em si mesma, carrega as epistemologias em potência e acção que serão apresentadas adiante em diferentes grupos e ramificações, cada qual com a sua própria diversidade, resultando em diferentes *práxis* e *technés* (figura 02).

Portanto,

“[a] Comunicação envolve o significado ou a interpretação das mensagens, que dependerá da dimensão semântica do código ao qual está referido. As mensagens só adquirem sentido quando rebatidas a códigos, e a atualização deste dá-se através das mensagens. A informação depende apenas da variedade ou do número de mensagens possíveis abrangidas pelo código” (Epstein, 1986, p. 16).

Ou seja, ao se pensar a figura 02 como uma representação cartográfica inicial de um sistema em que o grupo de núcleo epistemológico é nomeado Estudos de Comunicação, tem-se a conscientização de que dentro deste mesmo grupo ocorre a interpretação das informações coletadas de códigos para mensagens. Portanto, ocorre a de-codificação de um padrão, transmutando de potência para acção. A partir deste momento, o núcleo

epidémico de Comunicação ramifica-se para outras áreas de conhecimento e ciência, expandindo-se para demais teorias de saber, *práxis* e *techné*. Esta organização em sistema possui grupos fluidos subdivididos em subgrupos sucessivamente, em que as pequenas unidades (como células) contém a potência de interpretação dos códigos em mensagens por semiótica¹⁰. Leva-se em consideração, também, a organização matemática.

1.1.2 A CONSTITUIÇÃO DOS ESTUDOS EM COMUNICAÇÃO

Ao mesmo tempo, também foi importante para a base da constituição epistemológica nos Estudos de Comunicação, e a criação de *mass media communication*, a criação e o aprofundamento da Escola de Chicago. Principalmente por meio de um de seus professores mais influentes, Robert Park (Rogers, 1997). Sob influência de George Simmel e de sua experiência como jornalista, Robert Park desenvolveu seu método de investigação em sociologia, descrevendo-o como se fosse um “jornalista em campo” para adquirir os dados necessários, sem manter envolvimento com o objecto de investigação (Rogers, 1997). Também fazia parte de seu método o não uso de estatística, novamente aqui se percebe uma preferência pelo método qualitativo nas investigações realizadas e que levará mais adiante, também, pela preferência apresentada nos Estudos de Comunicação. A Escola de Chicago tinha como preferência o estudo de problemas sociais. Esta escolha também pode ser hoje percebida nos Estudos de Comunicação que apresentam profundas investigações e reflexões sobre questões sociais. De acordo com Rogers (1997), Robert Park teria sido o primeiro teórico de *mass media communication*. Park apresenta a sua definição de comunicação como:

“como um processo psico-social em que um indivíduo assumi-se capacitado, até certo ponto e em certo sentido, a ter atitudes e pontos de vista sobre outrém; é um processo em que uma ordem racional e moral é assumida sobre o homem em substituição ao que é meramente psicológico e institucional. Comunicação envolve o sentimento empático de um sujeito no acto de se comunicar com o parceiro e, portanto, possibilita a natureza social da própria sociedade. Park e os colegas de Chicago usam a comunicação como sinónimo para a conectividade humana (Rogers, 1997 *apud* Winkin Julho 27, 1992), percebendo como um potencial solucionado de problemas sociais urbanos. Comunicação, entretanto, não era a

¹⁰ Em termos matemáticos, os sistemas podem ser apresentados em grupos e matrizes vetoriais.

sua principal variável tampouco no grupo de estudos¹¹” (Rogers, 1997: 189-190, tradução literal).

Novamente, a definição de comunicação surge como um processo entre sujeitos de A—B, e, neste caso, de cujo psicológico-social. Como Robert Park lidava com questões voltadas para a sociedade, a percepção de comunicação, ganhou proporções macro e de localizações. Entretanto, tradicionalmente é ensinado que os Estudos em Comunicação iniciaram-se por meio dos *media*, e consolidaram-se ao longo do século XX e XXI pelo desenvolvimento da publicidade e propaganda no rádio e televisão. Portanto, “aceito primeiro pelas crianças e os adolescentes [e]sses padrões ocorreram para o petróleo nos anos de 1920, para a televisão nos anos de 1950 e para os micro-computadores e vídeo games nos anos de 1980¹²” (Rogers, 1997: 190).

Um percurso histórico em que a maturidade dos Estudos de Comunicação dava-se por pensar a técnica apresentada por sua prática no mercado de trabalho e, assim, chegou a ser apresentando quando muitos de seus teóricos também eram ou foram jornalistas em um dado momento de suas carreiras. Ou como forma de expressar as suas percepções sobre os acontecimentos na sociedade, ou porque tinham o talento para investigar, criar reportagens e apresentar aos leitores os factos e as histórias por trás deles. Assim, os Estudos de Comunicação nasciam entrelaçados em intelectuais extremamente interdisciplinares, mas correndo em práticas jornalísticas em paralelo.

De acordo com Rogers (1997), o primeiro paradigma dos Estudos de Comunicação seria o individualismo e o efeito de curto tempo que se apresenta directamente em *Mass Media Communication*. O segundo paradigma seria referente ao método interpretativo por meio da experiência subjectiva. Harold Lasswell traz para os *Mass Media Communication* seus aprendizados relativos à análise de conteúdo que foram desenvolvidos ao longo do período em que trabalhava para os grupos de pesquisa associados em desenvolver a comunicação durante a II Grande Guerra, com base nos métodos de criptografia (Rogers, 1997). Esta cena faz com que o início dos estudos em propaganda ocorresse a partir dos anos de 1920 com os lançamentos e filmes, caminhando para os estudos da propaganda televisiva. O terceiro paradigma seria o comportamental no sentido de

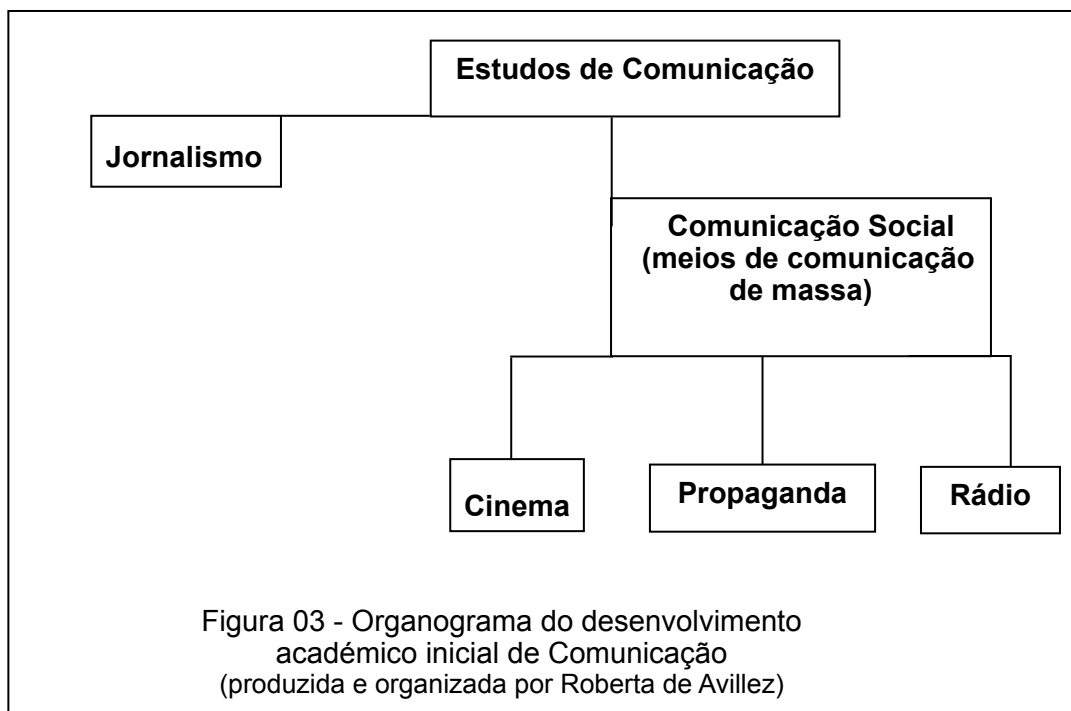
¹¹ “as social-psychological process by which one individual is enabled to assume, in some sense and to some degree, the attitudes and the point of view of another; it is a process by which a rational and moral order among men is substituted for one that is merely physiological and instinctual. Communication involves an empathic feeling into one’s communication partner and thus makes possible the social nature of society. Park and his Chicago colleagues used communication as a synonym for human connectedness (*apud* Winkin July 27, 1992), viewing it as a potential solution to urban social problems. Communication, however, was not their main variable or focus of study”. (Rogers, 1997: 189-190)

¹² “accepted first by children and teenagers, [t]his patterns occurred for oil in the 1920s, for television in the 1950s, and for microcomputers and video games in the 1980s” (Rogers, 1997: 190)

persuasão. Lasswell ficou conhecido pela sua frase “*Who says what to whom in what channel with what effect?*”, que posteriormente referiu-se em jornalismo como: Quem? Como? Onde? Por que? Quando? (Rogers, 1997). De acordo com Lasswell, durante o seu período na Rockefeller Communication Seminar (Lasswell, 1948 *apud* Rogers, 1997) *Mass Media Communication* definiu três funções para com a sociedade:

- 1) Vigiar o papel dos *media* no ambiente.
- 2) Correlacionar a sociedade e suas respostas aos eventos do ambiente.
- 3) Transmitir a herança cultural

Neste momento, faz-se uma distinção entre os Estudos de Comunicação, que possuem uma qualidade profundamente interdisciplinar (Fig. 02 e Fig. 03) em comparação à *Mass Media Communication*, que cada vez mais vai se definindo e associando-se à propaganda e aos estudos de filme em cinema (figura 03).



Rogers (1997) apresenta a associação da primeira pós-graduação em Comunicação nos EUA, ao curso de Jornalismo, como uma junção fortuita de interesses. O departamento de jornalismo necessitava de um director com as qualidades de Wilbur Schramm, em contrapartida, Schramm necessitava um espaço que pudesse apresentar e pôr em prática as suas ideias sobre um novo curso, ao qual chamou de Comunicação e que foi cunhado ao longo de inúmeros encontros com grupos de pesquisa associados ao

governo durante o período da II Grande Guerra. Portanto, o curso de Comunicação teve a sua formação diretamente associada a alguns pilares importantes:

- Grupos interdisciplinares de investigação fundados por empresas familiares tradicionais há tempos estabelecidas e em busca de respostas para questionamentos pessoais e sociais. Algumas dessas empresas vieram da extração de petróleo como Rockefeller Communication Seminar. Estes mesmos grupos estavam associados às universidades e ao governo com a intenção de seus respectivos professores contribuir com seus conhecimentos para benefício de todos. Muitos destes grupos de investigação foram criados, também, pelo governo dos EUA com a função de investigar especificamente a temática “comunicação” durante o período da II Grande Guerra e como combater o Nazismo.
- Ser um constante estado de debate teórico interdisciplinar sobre comunicação e comportamento humano.
- Ser uma ferramenta prática (*techné*), burocrática e administrativa de uso governamental. A partir desse viés que se pôde transformar o conhecimento adquirido e adaptá-lo para as áreas de jornalismo e para as áreas que se encontram dentro de Comunicação dos Meios de Massa.

Portanto, a existência do grupo de pesquisa para debate teórico e prático interdisciplinar, acadêmico, governamental (Paul Lazarsfeld — Rogers, 1997— referia-se à comunicação como administrativa, por ser uma ciência associada ao trabalho burocrático do governo, e com isso desenvolveu seu método quantitativo para comunicação) e empresarial, constituía em si a base que levou Wilbur Schramm a criar a primeira pós-graduação em Comunicação. Independente desta estar associada ao curso de jornalismo naquele momento. Apesar das coincidências presentes entre vários teóricos por escreverem para vários jornais, aqueles que elaboraram o curso não fizeram parte de uma redação de jornal. Entretanto, muitos professores investigadores tinham como principal metodologia o uso do método qualitativo, etnográfico e de observação participativa. Com o tempo, este traço tornou-se bastante presente no curso de Comunicação, ao passo que somente com a entrada de análise de conteúdo e da Teoria da Informação é que se deu mais espaço para a aceitação do método quantitativo e mais

uso de matemática na área (Rogers, 1997). O quarto paradigma deu-se com o *agenda-setting* com uma investigação iniciada por Walter Lippmann ao lançar o livro *Public Opinion* e, posteriormente, conceitualizado pelo cientista político Bernard Cohen que escreveu,

“quem observou que a imprensa pode não ser bem sucedida na maior parte do tempo em dizer às pessoas o que pensam, mas é impressionantemente bem sucedida em dizer sobre o que eles devem pensar... O mundo vai olhar diferente para diferentes pessoas, tudo depende do mapa e como será desenhado para eles, por escritores, editores e editores de artigos que são lidos. Construindo em cima da ideia original de Lippmann, Cohen expressou uma metáfora que leva à pesquisa do *agenda-setting*. Ele sugeriu que o *mass media* acrescido de qualquer efeito directo que pudesse haver (“dizer às pessoas o que pensar”), ter importantes efeitos indirectos (“dizer às pessoas sobre o que pensar”)¹³ (Rogers, 1997: p. 238, tradução literal).

Table 01 - Fonte: Rogers, 1997: p. 373.

Investigação de Carl Hovland: MLA para uma mudança de atitude	
Componentes do processo de Comunicação	Variáveis independentes de persuasão relacionáveis
Variáveis da fonte	<ul style="list-style-type: none"> • Intenção de persuasão • Atratividade da fonte • Similaridade da fonte e do receptor • Poder da fonte • Credibilidade da fonte
Variáveis da Mensagem	<ul style="list-style-type: none"> • Compreensão • Número de argumentos usados • Recompensas dentro das mensagens • Aumento e diminuição de medo • Mensagens de uma via e duas vias • Ordem da apresentação das mensagens • Repetição das mensagens • Estilo da apresentação
Variáveis do Canal	<ul style="list-style-type: none"> • Face-a-face versus <i>Média</i> de Massa • Atributos do canal
Variáveis do Receptor	<ul style="list-style-type: none"> • Inteligência • Auto-estima • Diferenças de género

¹³ "who observed that the press 'may not be successful much of the time in telling people what they think, but it is stunningly successful in telling them what to think about... The world will look different to different people, depending... on the map that is drawn for them by writers, editors, and publishers of the papers they read". Building on Lippmann's original idea, Cohen expressed the metaphor that led to agenda-setting research. He suggested that the mass media, in addition to whatever direct effects they may have ("telling people what to think"), have important indirect effects ("telling people what to think about") (Rogers, 1997: p. 238).

Também, gradativamente, a área de *Mass Media Communication* assumiu-se como *gatekeepers*¹⁴ dos Estudos de Comunicação. Definindo, assim, sobre o que o público consumidor de conteúdo deveria “pensar”, e conseqüentemente sobre o que os investigadores de Estudos de Comunicação deveriam pesquisar. Portanto, cada vez mais a área de Estudos de Comunicação caminharia para um percurso prático, direcionando os grupos de investigação associados às academias para a *techné* (Tabela 01). Conseqüentemente, afastando-se da qualidade interdisciplinar que serviu como fundação para os Estudos de Comunicação e resultou no alto potencial de criatividade em pesquisa. De acordo com Rogers (1997), Paul Lazarsfeld que direcionou *Mass Media Communication* para um estudo de efeitos em comunicação, firmando o distanciamento entre prática e teoria.

Principalmente, entre a interdisciplinaridade¹⁵ presente desde o início e a nova qualidade de especialização presente no campo de Estudos de Comunicação. O quinto paradigma consiste no conceito de persuasão desenvolvido por Carl Hovland, mais precisamente sua pesquisa sobre MLA, *Message-Learning Approach* (Rogers, 1997). MLA foi desenvolvido durante o período da II Grande Guerra e a investigação de Hovland foi continuada posteriormente em Yale (Rogers, 1997), MLA tem como objectivo analisar como as pessoas aprendem por meio de mensagens de comunicação (tabela 01). Portanto, há uma intenção, que está relacionada a capacidade de persuasão da mensagem de comunicação, as variáveis da fonte, as variáveis da mensagem, as variáveis do canal e as variáveis do próprio receptor. A investigação de Hovland levou ao aprofundamento de *Mass Media Communication* por parte da propaganda. Assim, como também inspirou, acrescido de outros investigadores académicos, Claude E. Shannon¹⁶ à criação da Teoria de Informação tomando como base a 2ª lei da termodinâmica, que diz respeito a quantidade de entropia em um sistema hermeticamente fechado, volume, número de partículas e energia constante. Portanto, dentro deste sistema da entropia entre dois espaços (toma-se como exemplo o demónio de Maxwell) resultará no equilíbrio

¹⁴ "*Gatekeepers* são indivíduos que controlam o fluxo de mensagem em um canal eles podem reter informação, formatá-la, expandi-la, ou repeti-la" (Rogers, 1997: 355 *apud* Shoemaker, 1991: 01, tradução livre). *Gatekeepers* podem, também, ser interpretados como um grupo para além de indivíduos.

¹⁵ Com relação à qualidade interdisciplinar dos grupos de investigação, apresenta-se aqui uma referência à criação do *Institute of Human Relations* que clarifica a importância da diversidade na criação de novas soluções para problemas sociais: “[t]he underlying assumption was that the better a social problem was understood, the more easily it could be solved. The interdisciplinary sweep of the Institute should produce organized knowledge from multiple perspectives, it was hoped, which would just isolated facts (May, 1971). Interdisciplinary study groups were set up to focus on each social problem. A study group was essentially a voluntary association of faculty members, organized under the Institute’s executive committee”. (Rogers, 1997: 359).

¹⁶ Os primeiros trabalhos de Shannon estavam direcionados para a compreensão do código morse.

de *trabalho* energético, ou seja, térmico (Marx, 2011;2014). Mas em comunicação, essa percepção de alcance de equilíbrio da energia foi repensada e posta em prática de outras formas.

O sexto paradigma consiste na própria Teoria da Informação criada por Claude E. Shannon¹⁷. Entretanto, para chegar a tal, Shannon tomou conhecimento de todos os processos anteriores e, também, da teoria da cibernética desenvolvida por Norbert Wiener. A teoria cibernética de Wiener consiste do conceito de *feedback* — “definido como o controle da futura condução do sistema de informação sobre a performance que passou¹⁸” (Rogers, 1997: 386, tradução literal). Norbert Wiener, apresentou um modelo matemático de como *feedback* faz o auto-controle de sistemas (Fig. 04). Mais uma vez havia a entrada de teorias matemáticas dentro do campo de Estudos de Comunicação, que seguia predominante em método qualitativo.

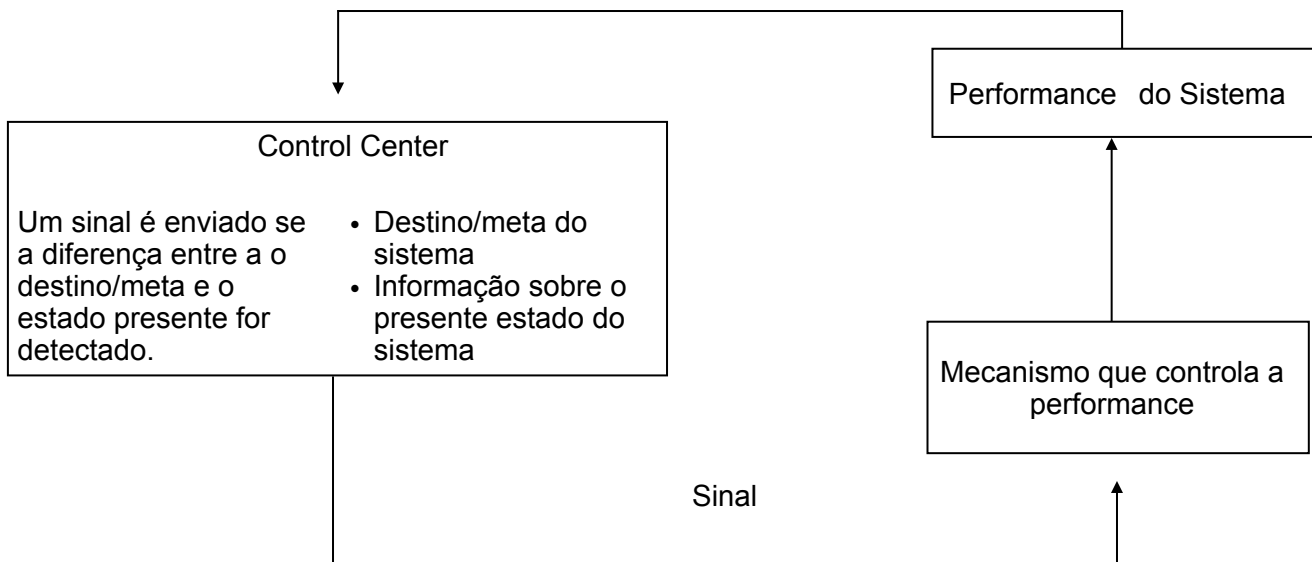


Figura 04 - Modelo Matemático de Feedback
(Fonte: Rogers, 1997: 396)

A teoria cibernética de Norbert Wiener lida com a percepção do que chama de causalidade A então B, B então C, C então A. O sistema do qual Wiener se refere mede controles unitários de mensagem em que um está sob influência, respectivamente, do outro. Entretanto, esta teoria não leva em consideração a existência de ruído e,

¹⁷ Shannon também toma como base para a formação de sua teoria da informação teóricos e pesquisadores como Gregory Bateson, Gottfried Wilhelm Leibnitz, Clark Maxwell entre outros, que lhe auxiliaram a conceber sua teoria relacionada com a 2ª lei da termodinâmica, entropia e, também, neguentropia.

¹⁸ “defined as the control of the future conduct of a system by information about its past performance” (Rogers, 1997: 386).

tampouco, de variáveis para além de algumas unidades pertencentes ao sistema fechado. Portanto, a teoria cibernética consiste de:

“[f]eedback é o controle da condução do futuro por meio do sistema de informação com relação a sua performance passada. Portanto, é um meio de controle do sistema em que reinsere no resultado dentro da performance passada. Na comunicação sistêmica, o *feedback* é a resposta do receptor pela fonte que gradualmente vai auto-corrigindo os efeitos de uma série de mensagens, todas intencionalmente. Pelo processo de *feedback* um sistema pode ser auto-corrigido. O sistema de *feedback* requer que a informação seja transportada do receptor direto para a fonte¹⁹” (Rogers, 1997: 397, tradução literal).

Neste caso, a teoria cibernética entra como parte dos Estudos de Comunicação ao investigar as trocas de mensagens entre as unidades pertencentes dentro do sistema e as influências associadas tanto às unidades quando às mensagens em si. Rogers (1997) chama a atenção para apesar da teoria da cibernética ser considerada parte do campo de Estudos de Comunicação, haver uma resistência no próprio meio de aceitação tanto da teoria quanto da área como possibilidade de investigação. Para Rogers (1997: 405, tradução literal), “[u]ma razão é que um certo grau de matemática e agilidade é necessário para entender cibernética, ou até mesmo conduzir uma pesquisa direcionada para o módulo de cibernética²⁰”. Para o qual apresentam-se os estudos de semiótica, inicialmente, sob a influência de investigadores europeus tais quais Ferdinand Saussure (suíço, 1857 - 1913), Roland Barthes (francês, 1915 - 1980) e Umberto Eco (italiano, 1932 - 2016). A abertura da semiótica para os Estudos de Comunicação permitiu que a matemática abordada em certas teorias, como a cibernética e a teoria da informação, se tornassem mais absorvíveis aos investigadores acostumados a lidar com métodos qualitativos.

Enquanto isso, no Brasil, de acordo com Marialva Barbosa (2012), o objecto de Comunicação é percebido como os *processos comunicacionais* desenvolvidos a partir das práticas em Rádio, Televisão, Jornalismo e, Publicidade e Propaganda. Este suposto desenvolvimento do campo de Estudos em Comunicação ocorreu devido a sua recente constituição tanto no país quanto na América Latina, quando em comparação aos demais campos de saberes dentro das ciências nos mesmos espaços. Diz-se suposto desenvolvimento, pois este é o recorte de apenas uma parte do que seriam os Estudos de

¹⁹ “[f]eedback is the control of the future conduct of a system by information about its past performance. Thus it is a means of controlling a system by reinserting into it results of its past performance. In a communication system, feedback is the response by a receiver to the source gradually to self-correct the effectiveness of a series of messages, intent. Through its use of feedback, a system can be self-correcting. The feedback process requires that information be conveyed from a receiver back to the source”. (Rogers, 1997: 397)

²⁰ “[o]ne reason is that a certain degree of mathematical ability is necessary to understand cybernetics, or at least to conduct research cast in a cybernetic mold” (Rogers, 1997: 405).

Comunicação, ou seja, a partir do desenvolvimento do *Mass Media Communication*. Entretanto, por focalizar-se em *processos técnicos*, o desenvolvimento das teorias fez-se lento:

“as práticas e processos comunicacionais são definidos como o lócus privilegiado dos estudos do campo comunicacional. Não necessariamente nessa ordem. Há aqueles que querem privilegiar os saberes ligados ao mundo profissional, definindo, por exemplo, teorias específicas para o mundo do jornalismo, enquanto outros postulam um saber mais genérico englobado sob o nome de comunicação”. (Barbosa, 2012: 147)

É dentro deste mesmo contexto que Maria Immacolata Vassallo Lopes (2001) aponta sua percepção de que o campo de Estudos de Comunicação não desenvolve teorias, mas sim faz uso de teorias emprestadas das áreas de Sociologia, Antropologia dentre outras. O que faz com que, para alguns, os Estudos de Comunicação sejam percebidos aos olhos das demais ciências como uma não-ciência. Isso ocorre porque pressupõe-se que uma ciência contenha epistême e, ao passo que, também, continha a prática em si. Entretanto, esse fenómeno dá-se pelo seu carácter de recente temporalidade, uma ciência nova em sua percepção histórica. Para Marialva Barbosa (2012: p.150), a

“[c]omunicação é a relação da práxis (sujeito/sujeito) com a techné (sujeito/objecto), o caminho teórico da comunicação é a relação pragmática e techné, refletindo-se também em análises sobre relações subjectivas e pragmáticas em torno do processo enunciativo e de produção de sentido”.

Portanto, pode-se dizer que a primeira vaga do Estudos de Comunicação como ciência, no Brasil, apresentou-se como *estudos de processos técnicos*. Entretanto, essa percepção pode ser repensada, quando se percebe que a própria Comunicação em si advém da junção de grupos interdisciplinares com o propósito de debater, teorizar e pôr em prática o que eles compreendem como comunicação. Neste momento, as questões relativas aos Estudos de Comunicação relacionavam-se às questões sociais e governamentais. Somente com o desenvolvimento dos meios de comunicação (rádio, filme, televisão) é que, também, criou-se e aprofundou-se os meios de comunicação de massa com base nas investigações feitas durante o período da II Grande Guerra e os serviços que os grupos de pesquisa fizeram para os governos com o desenvolvimento de suas teorias (persuasão, criptografia, cibernética, informática, comportamento do consumidor etc.).

Independente da inicial interdisciplinaridade, os Estudos de Comunicação tinham como princípio a investigação da Comunicação em si e do comportamento humano. O

desenvolvimento dos meios de comunicação de massa e, ainda mais, do campo de jornalismo trouxe a segunda vaga dos Estudos de Comunicação.

A mudança para o que, aqui é chamado de, terceira vaga dos Estudos de Comunicação se dá a partir do desenvolvimento da teoria cibernética e da teoria da informação, acrescida do desenvolvimento tecnológico de computadores. Essa foi uma fase de transição entre a Era Analógica e a Era Digital, o que permitiu uma aceleração cada vez maior dos processos, mas ao mesmo tempo remediado por um cotidiano ainda bastante analógico. As gerações que puderam vivenciar esses períodos tiveram experiências de vida bastante diferentes das gerações consideradas nascidas na Era Digital, portanto, os *Centennials*. A entrada na Era Digital trouxe um questionamento sobre o que são os Estudos de Comunicação, tem-se aqui o início da quarta vaga dos Estudos de comunicação, que ainda permanece nos dias de hoje.

Gradativamente a qualidade de interdisciplinaridade que antes fora considerada base para a constituição do campo de Estudos em Comunicação, passou a ser considerada apenas presente dentre os teóricos estudados no curso à medida em que o campo se especializava, fosse em *Mass Media Communication* ou em jornalismo. Hoje esta mesma qualidade de interdisciplinaridade é questionada em espaços acadêmicos na América Latina como uma possível ausência de “direcionamento”. Ao passo que em outros países esta mesma qualidade é percebida como a capacidade de engajamento criativo, potência para desenvolvimento do próprio campo de Estudos de Comunicação.

A definição de um campo de saber dá-se pela compreensão das práticas realizadas no mercado de trabalho, pela re-interpretação histórico-simbólica e pelo poder simbólico adquirido no espaço-tempo do passado até o presente. Esta primeira vaga dos Estudos de Comunicação deu-se pela compreensão da *práxis, techné* e teorias que aconteciam à medida que eram aplicadas ao mercado de trabalho. Para além, hoje, os Estudos de Comunicação passaram a refletir os seus processos em associação a amplas questões relacionadas às ciências sociais, conquistando a posição de Ciência Social Aplicada, e não mais Ciência Humana:

“[a] introdução da questão tecnológica, como lugar privilegiado da análise, em função mesmo da emergência da discussão em torno de novos processos comunicacionais, por outro lado, colocou nos últimos anos o primado da discussão metafísica no centro da questão. Pensar a dimensão tecnológica é pensar em séculos de transformação do lugar do indivíduo e de seu corpo que passam a ser constituídos num outro, sempre produto da sua ação (a escrita, os meios eletroeletrônicos, a informática, e assim por diante), valorizando-se os apêndices tecnológicos como essenciais para o processo comunicacional” (Barbosa, 2012: p. 151).

De uma certa maneira, percebe-se que há um retorno à primeira aplicação dos Estudos de Comunicação quando era associado às áreas de engenharia, telecomunicação e redes de transporte. Ou seja, quando era aplicado às necessidades sociais e administrativas do governo, principalmente durante o período de guerra, quando houve maior impulso para criação de novos recursos que pudessem servir aos efeitos de comunicação e seus respectivos comportamentos. Entretanto, questiona-se se há um retorno ao conceito primeiro dos Estudos de Comunicação, justamente por haver uma diversidade de abordagens quando em comparação a América do Norte, Europa, países da África, América Latina, entre outros. Seria a comunicação necessariamente um processo ou seria a comunicação o estudo do comportamento humano e das suas relações.

Este processo de investigação no campo de Estudos de Comunicação iniciou-se no tempo “presente”, pois estava associado ao efeito e à qualidade de inovação tecnológica. Então, à medida que esta inovação torna-se “obsoleta”, ela abre espaço para que a percepção temporal do processo seja também percebida e compreendida na sua forma de passado. Ao passo que será buscada uma nova inovação tecnológica que ocupe o lugar daquela que, então, se tornou obsoleta. É o momento em que o tempo presente se torna passado para dar espaço ao tempo futuro (Tabela 02). A obsolescência do que aqui é percebido por produto de comunicação é algo que gradativamente vem se formando durante os anos pós guerra, acrescidos do contínuo questionamento de identidade e desejo de consumo apresentados pelos *Baby Boomers* (Erikson, 2017; Fontenelle, 2002). As inovações tecnológicas apenas tornam o tempo de obsolescência do produto cada vez mais curto. Há aqui

“o lugar de uma curiosa perturbação das relações entre o espírito e os sentidos, a forma e o conteúdo, o universal e o particular (...), é uma falsa concretização mas também uma falsa abstração das relações sociais. Numa lógica mistificante — ‘agora você vê e agora você não vê’ —, a mercadoria está ao mesmo tempo presente e ausente; ela é uma entidade tangível cujo significado é inteiramente imaterial e está sempre alhures, nas suas relações formais de troca com outros objetos. Seu valor é excêntrico a si mesmo, sua alma ou essência deslocada para outra mercadoria, cuja essência está igualmente noutro lugar, num diferir incessante da identidade” (Fontenelle, 2002: 283).

Tabela 02 - Tabela de lançamento e obsolescência de produto de acordo com a evolução de mercado

PASSADO	PRESENTE	FUTURO
—	LANÇAMENTO DO PRODUTO DE COMUNICAÇÃO	—
—	TEMPO DE EVOLUÇÃO E VACA LEITEIRA DO PRODUTO DE COMUNICAÇÃO	—
—	OBSOLESCÊNCIA DO PRODUTO DE COMUNICAÇÃO	—
PRODUTO OBSOLETO		—
		LANÇAMENTO DE UM NOVO PRODUTO DE COMUNICAÇÃO (retomada do ciclo)

À medida que comunicação foi se tornando uma área cada vez mais técnica e prática, também foi permitindo-se objectificar ao mercado capitalista. É neste momento que os processos comunicacionais passam a refletir e questionar o passado para, repensar o futuro. E assim sair do presentismo, tempo imposto pela qualidade de inovação que acaba por levar a dificuldade de amadurecimento do campo, pois para a contemporaneidade a *história não existe*, mas sim a crescente percepção de imediatismo e individualismo. É para além do momento da obsolescência do produto comunicacional que surge a segunda vaga, pois a obsolescência está sempre presente para que haja a inovação imediata de um produto. Mas sim, na obsolescência da comunicação, não mais como um campo de estudo, mas também, como um produto comunicacional que se faz cada vez mais enfático, rapidamente “obsoleto”, e em necessidade de constante debate teórico a partir da consolidação da Era Digital em si. Com isso, o surgimento e, gradativamente, a consolidação da 4ª vaga do campo comunicacional que diz respeito aos dias actuais. Assim como, também, traz novamente para o campo de Estudos de Comunicação, novamente, a inserção do passado na reflexão histórica dos processos de comunicação. Como Mattelart (2009) apresenta, o modelo de empresarial de comunicação foi associando-se cada vez mais à área de administração das relações sociais e às tecnologias “impondo-se como único modo ‘eficaz’ para estabelecer o vínculo com os diversos componentes da sociedade” (Mattelart, 2009: 169).

As influências intelectuais nos Estudos de Comunicação continuaram a emergir de várias partes do mundo, com Michel Foucault (1926 - 1984) em França, Marshall McLuhan (1911 - 1980) no Canadá, Isabel Ferin (Universidade de Coimbra e CIMJ - Universidade Nova de Lisboa), Rosa Cabecinhas (Universidade do Minho), Carlos Campones (Universidade de Coimbra e CEIS20) em Portugal, Armand e Michèle

Mattelart²¹, Sarah Sepulchre (UKL e GIRCAM) na Bélgica e o início dos programas de pós-graduação na América Latina com Paulo Freire (1921 - 1987), Maria Imaculada Vasalo Lopes (USP), Marcio Tavares, Marcos Dantas, Rachel Paiva, Suzy dos Santos e Muniz Sodré (UFRJ), Everardo Rocha, Cláudia Pereira, Tatiana Siciliano, Arthur Ituassu Filho (PUC - Rio) no Brasil Jesús Martin Barbero em Colómbia (originalmente da Espanha) entre inúmeros outros investigadores aqui não mencionados que se empenharam em desenvolver os Estudos de Comunicação em sua intensa diversidade, fazendo a manutenção da interdisciplinaridade que a área possui desde sua formação.

²¹ Armand Mattelart é natural da Bélgica, entretanto faz a vida em França.

A JORNADA DO ESTRANGEIRO

2.0 INTRODUÇÃO

Fizera assim, como em poemas, estórias e cantigas a contar sobre o estrangeiro que viera de terras outrora supostamente não habitadas, dos animais que aos olhos estupefatos encantava, das matas desbravadas. Contasse poemas de coragem por mares turbulentos, dos ventos bravos que uivavam ao pé dos ouvidos. Das mãos levantadas ao peito e aos ares, histórias tantas de dor, de suor e também de amor. Na figura do outro projeta-se a hostilidade, por vezes, supõe-se a ausência de mesmidade. Entretanto, o questionamento permanece aos olhos daqueles que vêem. Que seja permitido clarificar para além das aparências. Para aquele que migra, questionar-se a si mesmo é um acto de introspecção em busca de sua identidade e lugar de pertença. Mas é, também, um acto de constantes transmutações no tempo e no espaço a tecer como uma colcha de retalhos a história de sua jornada. Nesta permanente morte e geração descobrem-se facetas dantes ocultas a clarificarem-se em verdades nunca antes pensadas. Assim, aos poucos aquele que antes era percebido como estrangeiro vai gradativamente adquirindo uma forma outra, de hóspede torna-se família. Para isso, percebe-se que é na renúncia do nome que se faz um convite a evitar — sequer — *pensar* o espaço de pertencimento do ser na sociedade, na hierarquia e na economia. Evita-se *pensar* a sua própria complexidade levando-o ao não-espaço do estrangeiro, o Estrangeiro de Eléia.

Aquele outro, proveniente de terras estranhas com culturas e práticas sociais que podem ser diferentes, aqui apresentado como o ser Estrangeiro. Este capítulo tem por objectivo refletir sobre os conceitos referentes à divisão e distinção do ser estrangeiro na perspectiva introspectiva do indivíduo e em seguida na perspectiva maior, ao avaliá-lo em relação à sociedade em que se encontra inserido. Dessa forma estabelecendo uma evolução do conceito de estrangeiro, e os demais conceitos subsequentes aqui trabalhados, e da jornada de migração até a adaptação dos conceitos na contemporaneidade.

O item 2.1 consiste na análise lexical dos nomes relativos ao estrangeiro com base no autor Émile Benveniste (1995) e a sua relação com os espaços, como casa e campo. Para além, faz uma análise dos léxicos indo-europeus dentro do contexto

social/hierárquico da Índia, Grécia e Itália (latim), que servirão de base para a constituição de signos e significados dos diversos tipos de estrangeiros e seus contextos ao longo dos diálogos de Platão.

No item 2.3, apresenta-se a hipótese da jornada dionisiaca estar presente no diálogo *O Sofista* (Platon, 1993; Platão, 2003) como uma representação da jornada da personagem Estrangeiro de Eléia em busca de sua identidade e lugar de pertença entre os seus semelhantes. Esta hipótese apresentar-se-á como uma representação geral das demais jornadas de migrantes e estrangeiros, com fundamentos e qualidades que levaram aos futuros estudos de migração.

O estrangeiro trabalhado neste diálogo e os seus reflexos no decorrer do tempo, deixaram marcas e pegadas nas jornadas daqueles que migram e investigam os que peregrinam. Para tal, iniciar-se-á uma análise da personagem Estrangeiro presente no diálogo *O Sofista* de Platão (1993; 2003) e a sua relação com as diversas formas de apresentar aquele que vem de fora no período da Filosofia Antiga.

Em seguida, serão abordados no item 2.4, o problema da diferença e da distinção para a construção identitária da personagem Estrangeiro no diálogo *O Sofista* (Platon, 1993; Platão, 2003). Assim, servirá de base para a análise o livro “Platão, pensador da diferença” de Marcelo Pimenta Marques (2006) para que se possa fazer esta reflexão.

A questão do tempo surge como um ponto que poder-se-á ser trabalhado em diferentes vertentes. Entretanto, aqui o conceito de tempo será apresentado de acordo com a perspectiva de um estudo maior, focalizado na relação do estrangeiro ao longo do tempo, abre-se espaço para se trabalhar autores como Robert Park (1928), George Simmel (2005) e a questão da forma do estrangeiro dentro de uma perspectiva sociológica, especificamente a Escola de Chicago, entre outros.

Com isso, busca-se compreender as transmutações internas do indivíduo para depois compreender as transmutações externas relacionais ao meio em que se encontra. Separar os géneros para depois uni-los é, também, uma outra maneira de conhecer-se como ser e reconhecer sua própria identidade. De toda a forma, este capítulo apresenta uma reflexão de paradigmas sobre o ser estrangeiro e seu processo de migração.

2.1 SOBRE A QUESTÃO LEXICAL REFERENTE AO ESTRANGEIRO E SUAS INFLUÊNCIAS

Com o intuito de perceber melhor quem é esta personagem, é que se debruça momentaneamente sobre os verbetes constituintes de estrangeiro, forasteiro, hóspede entre outros. Para tal, faz-se uso do autor italiano Émile Benveniste (1995) e a sua pesquisa lexical indo-européia focalizada em verbetes nas regiões da Ásia Central até o Atlântico. De acordo com Benveniste (1995), a etimologia dos idiomas indo-europeus advém de uma língua comum que gradualmente obteve níveis de separação ao longo do tempo:

"É, portanto, um imenso acontecimento global que tomamos em seu conjunto, porque ele se decompõe no decorrer dos séculos numa série de histórias distintas, cada qual referente a uma língua particular" (Benveniste, 1995, p. 7).

Benveniste (1995) percebe a sociedade indo-iraniana como aquela cujo seu idioma manteve-se mais preservado e sem alterações. Por isso, trabalha nele para perceber as associações presentes entre os idiomas na Índia, no Irã, o grego antigo e o latim. Uma das primeiras relações encontradas foi a divisão tripartida das funções dentro da sociedade por classes de atividades: o sacerdote, o guerreiro e o lavrador (ou o agricultor) — sendo que a categoria de lavrador virá a ser subdividida em duas categorias (Benveniste, 1995). É interessante perceber a distinção entre a Índia e o Irã versus a Grécia antiga e os territórios de língua latina. Enquanto que na Índia védica as classes de atividades eram divididas pelas cores das vestes, chamadas de *varna*, na Pérsia as mesmas classes de atividades eram divididas por ofícios, entretanto, esses ofícios também possuíam um sentido etimológico de cor apresentadas em suas vestes, chamada por *pištra* (Benveniste, 1995, p. 277). Quando essa concepção cor/classe de atividades/ofício é transportada para a Grécia antiga e para os territórios de língua latina, acaba por perder-se a designação de cor. Porém, mantém-se a designação de classe de atividades/ ofício presente na divisão das funções sociais.

Tabela 01 — Divisão da Função Social por Países Indo-Europeus

Função Social	Países	
Classe de Atividades	Índia antigo	Pérsia
Sacerdote	brahmán	āθravan
Guerreiro	ksattriya	raθaēštā
Lavrador	vaiśya	vāstryō fšyant
“Artesão”	sūdrá	hūiti

Ressalto que nesta tese não serão abordadas todos os detalhes lexicais referentes à construção filológica da palavra estrangeiro e suas derivações. Para tal, sugiro a leitura do autor Émile Benveniste, especificamente o livro *O Vocabulário das Instituições Indo-Européias — I. Economia, Parentesco, Sociedade* (1995). É na forma *brahmán* que se tem o ser voltado para a realização do culto sacerdotal, do rito como forma cerimonial realizada dentro de um ambiente resguardado e protegido. Aqui tem-se o culto da introspecção. Essa classe sacerdotal volta a aparecer no Irã avéstico sob o nome de *āθravan*. Já a classe representada pelos guerreiros na Índia védica, apresenta-se por *ksattriya*, portanto deriva de *ksattra*, ou seja, “poder¹”. A evocação pelo poder não está associada às armas, mas sim a condição de realeza que será mais explorada pelo Irã avéstico (Benveniste, 1995, p. 283). Assim, a classe dos guerreiros apresenta uma característica de se impulsionar para fora, a serviço da sociedade e para o poder. Quando se chega na associação védica de *vaiśya* à classe de lavrador, tem-se a significação do termo indiano como “homem de *viś*”, em que *viś* significa povo, portanto “homem do povo” (Benveniste, 1995, p. 284). Neste caso, o povo encontra-se associado ao trabalho exterior, em oposição ao ambiente recluso do sacerdote, portanto, encontra-se associado à condição de

¹ “Na sociedade iraniana, o termo equivalente a *ksattriya* é, em sua forma avéstico, *raθaēštā*. Encontra-se com mais freqüência *raθaēštār*-, forma secundária analógica dos nomes de agente em *-tar* (...), pois **-star-* como nome de agente de *sta-* é impossível: raízes de agente. A formação do composto justifica a forma *raθaē-štā*- que significa “aquele que fica de pé no carro”, como o correspondente védico *rathesthā*, epíteto do grande deus guerreiro, Indra. Essa representação nos remete à idade heróica, que exalta o ideal guerreiro e celebra o jovem combatente que, de pé em seu carro, se lança à refrega. Tal é a figuração indo-européia do guerreiro nobre. Não é a pé, nem a cavalo, que o guerreiro indo-europeu vai a combate. O cavalo ainda é um animal de tração, atrelado ao carro de guerra” (Benveniste, 1995, p. 283-284).

trabalhador lavrador, aquele que está no campo, que se encontra em contacto direto com a natureza.

Já a transposição desta classe para a Pérsia apresenta-se em duas palavras *vāstryō fšuyant*², em que a primeira deriva de *vāstra*, ou seja, "pasto", e sua variação *vāstar* derivaria "pastor". Já a segunda palavra, *fšuyant*, deriva de *fsu-*, que significa, por sua vez, "criador de gado" (Benveniste, 1995, p. 284). Ambos os termos designam aquele cujo trabalho, também, encontra-se dirigido ao campo, aos animais e à natureza. Tanto na Índia quanto no Irã apresenta-se uma quarta classe de atividades. Enquanto na Índia essa classe é designada por *śūdrá* como sem ofício definido, pessoas com mestiçagem étnica e de classe social mais baixa; no Irã esta categoria se apresenta pelos *hūiti*, designado à classe dos artesãos. Enquanto que na Índia desconhece-se a origem do termo etimológico *śūdrá*, no Irã credita a origem do termo *hūiti* a ofício e ocupação (Benveniste, 1995, p. 285).

A transposição das quatro divisões pelas classes de atividades pôde ser novamente percebida na Grécia antiga pelo historiador e geógrafo Estrabão³, associada a uma das versões do mito de Íon (Brandão, 2014, p. 358) que aponta as quatro classes de atividades como as quatro tribos referentes aos respectivos filhos de Íon⁴. De acordo com Benveniste (1995, p.289), "[c]ada um desses três grupos ocupa respectivamente uma zona da vida social: em primeiro lugar, os sacerdotes e chefes, depois o homem e os animais, e por fim a terra e seus produtos". Desta maneira, conseguimos agrupar a classe do sacerdote e do guerreiro na primeira zona, o lavrador e o artesão na segunda zona, deixando a terceira zona de terras e produtos para a natureza e aquilo que deriva da manipulação do homem.

² "Uma tal expressão dupla pertence a uma categoria de compostos conhecida pelo nome de *dvandva*. (...) Os dois termos estreitamente associados, formam uma unidade conceitual. Esse tipo é ilustrado em védico por *Mitra Varunā*, que unifica os dois deuses justapostos; *dyāvā prthivī* (*dyaus/prthivī*) 'céu-terra' ou, ainda, *matā-pitarā(u)* 'os dois, pai e mãe'. Os *dvandva* subsume a unicidade do conceito em suas duas espécies distintas. (...) É uma expressão do mesmo tipo que aqui temos no iraniano; o *vāstryō* e o *fšuyont* são duas espécies diversas: um se ocupa dos pastos, o outro se incumbem do gado. Depois, por fazerem parte de uma mesma classe, virão a ser designados por um termo unitário: *vāstryō fšuyont*" (Benveniste, 1995, p. 284-285).

³ Para mais informações sobre esta associação ver: Benevides, 1995, p. 286-287.

⁴ "... Íon, após a vitória sobre os trácios, que lutavam ao lado de Eumolpo, recebeu como prêmio o cetro de Atenas. Dividiu a Ática em quatro tribos e organizou politicamente o estado" (Brandão, 2014, p.358).

Tabela 02 — Divisão das Funções Sociais nos Países Indo-Europeus

Função Social	País — Grécia Antiga	
	Referência por Estrabão	Referência em <i>Críticas</i> (Platão)
Sacerdotes	hieropoioí	hiereís
Guerreiros	phylakes(guardião)	mákhimoi
Lavradores	geōrgoí	geōrgoí
Artesãos	dēmiourgoí	dēmiourgoí

Chamadas de classes de atividades ou classes de ofício, essas personagens puderam ser adaptadas ao longo do tempo e das sociedades em que se apresentaram, evoluindo em hierarquia, em valor simbólico e social. Benveniste (1995) busca traçar um percurso até a unidade primeira dos vocábulos indo-europeus, entretanto percebe a multiplicidade de valores simbólicos e sociais. Percebe-se que o valor simbólico atribuído às classes de atividades darão subdivisões, alterando também a forma lexical dos vocábulos. Será a partir das classes de atividades associadas aos valores simbólicos a que se desenvolverá uma divisão entre valores sociais e materiais, constituindo, assim, a estrutura social e material da sociedade. Com essa perspectiva em mente, Benveniste (1995) opta por uma comparação lexical entre o idioma iraniano antigo, os idiomas falados na Índia antiga, o grego antigo e o latim.

As hierarquias apresentadas pelas classes de atividades encontram-se associadas as divisões de limite e fronteira apresentadas pelo domínio da casa e o domínio do campo. Portanto, o sacerdote encontra-se no domínio da casa, do espaço constituído por paredes, janelas e portas que separam fisicamente o que está do lado de fora daquilo que está do lado de dentro. Aqui percebe-se uma distinção entre os espaços públicos e privados. Em seguida, tem-se o guerreiro (ou a depender do termo, guardião). Esta classe refere-se ao poder e a potência de adquirir o poder⁵, refere-se ao poder de um rei em obter controlo de seu reinado. Logo, a classe dos guerreiros, apesar de ir à guerra, ela pode ser associada, também, ao

⁵ Benveniste (1995) ressalta que o estado de guerra era mais freqüente do que o estado de paz. Para além, associa o guerreiro ao desejo e à potência de poder representada na figura de um rei.

domínio da casa. É no desejo e na potência por poder que se subdivide em atividades administrativas ligadas à gestão da cidade, conseqüentemente do país, como um todo. À classe do lavrador e à do artesão designa-se as atividades do campo e (de profissionais) livres.

Essas associações, casa/ campo, espaço público/privado e classes de atividades, serão novamente revisitadas por Benveniste (1995, p. 291) ao apontar a evolução dos círculos de pertença social dentro dos léxicos indo-europeus.

Tabela 03 — Vocábulos/ Círculos de Pertença Sociais

Persia	Pertença Social	Índia Antiga	Pertença Social
-dam	família/casa	-dam	família/casa
-viś	clã	-vīs	comunidade/povo
-zantu	tribo	-jantu	"criatura"
-dahyu	país	-dasyu	população bárbara inimiga

Portanto, enquanto na Índia antiga, o sacerdote (*brahmán*) é um homem encarregado do sagrado e da religião, o guerreiro (*ksattriya*) é encarregado do poder e do homem do clã (*viś*), ou seja, é encarregado do "homem do povo" (*vaiśya*). Já na Persia, as mesmas categorias seriam aplicadas com algumas alterações para o sacerdote e o guerreiro, por exemplo, o guerreiro seria aquele que está combatendo em cima do carro sendo puxado pelos cavalos, e o equivalente ao "homem do povo" seria aquele dos pastos ou aquele que se ocupa do gado. Essas variações em védico e avéstico de valores simbólicos e sociais encontram-se associadas às classes sociais representadas tanto na Índia quanto na Pérsia.

A associação entre *-dahyu*, em persa antigo e avéstico, e *-dasyu*, do védico, possui um porquê por trás. Benveniste (1995) clarifica que o persa manteve uma constância na evolução de seus léxicos, o que permite um estudo mais aprofundado do tema. Em um dos idiomas falados região, especificamente no que hoje é considerado leste do Irã, a palavra *daha* significa "homem". De acordo com o autor, provavelmente em referência ao povo Dahae existente na antiga Persia. Esses reconheciam-se apenas como "os homens", ou seja, uma coletividade maior que a tribal com referência territorial. Por conta desta percepção é que *-dahyu* se apresen-

ta a conotação de “país” em avéstico. Ao contrário de sua variação lexical *-dasyu* em védico, na Índia antiga, que significa “escravo estrangeiro”, “população bárbara e hostil”. Entretanto, para a Índia antiga, o termo *-dasyu* refere-se à sociedade irani-ana, provavelmente do período em que Dario de Ahura⁶, 550-486 a.E.C. se proclamou “rei de *dahyu*”, ao constituir um império (Benveniste, 1995).

Aqui é importante dar contexto a dois pontos, primeiro quem foi Dario e segundo qual é o conceito de ariano aqui usado. Dario foi da realza persa e proclamou seu direito ao trono exprimindo sua genealogia por “ariano de trono ariano” (Benveniste, 1995), e assim, constituindo um império. Já o conceito de ariano usado neste capítulo, refere-se à *ārya*. Um nome indo-iraniano que tem associação aos escravos e aos homens livres ao mesmo tempo. Um em oposição ao outro, em sociedades distintas e opostas também — Índia e, hoje, Irã. Enquanto a Persia era conhecido pelo seu próprio nome, cultura e distinções (povo persa); a Índia já não se encontrava como tal. Seu nome, Índia não fora reconhecido pelos habitantes locais, mas sim por aqueles que ali chegavam, como os gregos que chegavam pela Pérsia e falavam das terras da Índia e do povo que lá habitava (Benveniste, 1995). O nome *ārya* inicialmente significa “meu povo” ou somente “povo” em indiano e dá origem, posteriormente, ao nome Irã — *aryānām* no plural e *erān* em persa, para depois virar Irã.

A questão do nome *aryā* encontra-se, pois, ao se perceber que este nome é uma designação de homem livre em relação àqueles que estão em posição de escravidão. Pois,

[o]s indianos, em época antiga, se designam *ārya*. Essa mesma forma *ārya* é empregada no domínio iraniano como designação étnica. (...) Com efeito, foi *ārya*- que, a partir do lenitivo plural *aryānāmi*, resultou numa fase mais recente do persa na forma *erān*, e depois *irān*. “Iraniano”, portanto, é a continuação do antigo *ārya*, na área propriamente persa.” (Benveniste, 1995, p. 363)

Entretanto, isso ocorre apenas com aqueles que se encontram na posição de indo-iranianos. Neste caso, aquele que entra em território ariano indiano apresenta-se como hostil, como vindo da “porta a fora”, bárbaro em relação aos costumes e

⁶ Também conhecido como Dario O Grande e Dario I, liderou seu império conquistando a Ásia Ocidental e central, Cáucaso, Balcãs, regiões do norte e nordeste da África, Egito, leste da Líbia, litoral do Suldão, Eritreia, Paquistão, ilhas do Mar Egeu, Grécia, Trácia e Macedônia.

culturas daqueles que vivem “porta a dentro” na Índia antiga. Ou seja, refere-se às divergências culturais previamente estabelecidas entre a Persia e a Índia antiga.

O termo “porta” advém de uma percepção de quem está de dentro de casa a olhar para fora, *foris* em latim, a olhar para aquilo que considera bárbaro. Portanto, este termo vem como um divisor a partir da perspectiva daquele que habita a casa e possui seu habitus. A simbologia em relação ao termo “porta”, *fores* em latim, é tanto física/material quanto religiosa/ mítica. Em outros idiomas indo-europeus encontra-se a raiz **dhwer* (na sua forma mais reduzida **dhur*), no grego antigo o termo apresenta-se como **thúra*, ambos os termos possuem a mesma percepção da apresentada no latim. Assim, aquele que se apresenta porta a fora é percebido com um estranho aos costumes e ritos da casa, porta a dentro. Seja essa “casa” representada pela casa, pela família, pela tribo, clã ou país. No caso do termo em latim para “porta”, *fores* (e suas variações como *foris* e *foras*), gerou o termo forasteiro, em latim tardio *foresticus* e em grego antigo *thuraîos*, ou seja, aquele que está fora, nos demais idiomas contemporâneos de origem latina e anglo-saxão⁷ (Benveniste, 1995).

Neste primeiro momento, tem-se uma oposição domi/foris. Entretanto, em um segundo momento, o termo *foris* será substituído pelo “campo”, uma vez que já estando fora, em território bárbaro e “estrangeiro”, encontra-se no campo, no território destinado à classe de atividades do lavrador e artesão. Aqui a nova oposição que se forma é *domi/ager*. Ou como Benveniste (1995) apresenta **agros* (do grego antigo *agroî*, que significa no campo, agreste), uma percepção de escala maior em comparação à “casa”. Na verdade, Benveniste (1995) aponta como se a comparação fosse cidade/campo. Em que a menor unidade que antes era apontada como “casa” versus campo, agora passa a ser “cidade” versus campo, a possuir uma qualidade de caráter comunitário de maior complexidade. Essa alteração da percepção da comunidade é expressada também lexicalmente. Retornando, neste segundo momento, o termo apresentado para “estrangeiro” passa a ser peregrino, em latim *peregrinus*. Em ambos os casos, grego antigo e latim, os termos relativos àquele que está fora no campo encontram-se em oposição àquele que está no ambiente domesticado e familiar da casa:

“(...) o campo inculto, o espaço deserto posto ao local habitado. Fora dessa comunidade material constituída pelo *habitat* familiar ou tribal, estende-se o

⁷ Idiomas Anglo-Saxões como Inglês e o Alemão têm influência do Latim em sua constituição.

matagal: lá começa o estrangeiro, e esse estrangeiro é forçosamente hostil. (...) Portanto, seja por uma oposição como domi/foris ou pela mais ampla, com a noção de "campo", domi/peregre, chega-se sempre à definição da "casa" por seu caráter social e moral, e não pelo nome da construção" (Benveniste, 1995, p. 310).

Ao transpor essas variações para o grego antigo e para o latim, Benveniste (1995) apresenta algumas variações, entretanto focalizar-se-á para o propósito deste capítulo as versões apresentadas na Tabela 02⁸. Uma das variações presentes no grego antigo é relativa à figura do guerreiro que pode ser apresentada tanto como guerreiro quanto como guardião. O grego antigo e o latim também apresentarão uma divisão entre social e material em seus vocábulos e, conseqüentemente, na aplicação deles, a partir da raiz lexical **dam*⁹ preservada no idioma da Índia antiga e, principalmente no idioma persa.

Ao se pensar "casa" tem-se uma multiplicidade de significados e variações relacionais. Émile Benveniste (1995, p. 291) aponta para uma evolução nos círculos de pertença social a partir da evolução da raiz **dem*. Para o autor, o idioma persa conseguiu manter a sua estrutura com menor interferência de alterações ao logo do tempo. Foi por meio da raiz **dam*, persa, que se manteve o nome da pequena unidade, aqui apontada como "casa". A partir desta unidade, pôde-se estabelecer a correlação com os quatro círculos de pertença social: família (*-dam*), clã (*-vis*), tribo (*-zantu*) e país (*-dahyu*).

Portanto, será, também, a partir desta mesma raiz **dam* que se perceberá a evolução e a variação dos termos presentes no grego antigo como *dómos* e no latim como *dómus*. Ambos os termos carregam o valor simbólico da pequena unidade familiar e o valor material da pequena unidade física na figura da "casa". Entretanto, o primeiro termo, em grego antigo, *dómos*, refere-se a construção da casa em si, como espaço físico, enquanto que o segundo termo em latim refere-se ao lar habitado pela família, à uma entidade social, ao *dominus*. Portanto, a aplicação dos vocábulos, no grego antigo e no latim, apontam para contextos distintos em que se imputa a percepção sensorial relativa ao físico/ material, mas também encontra-se a presença do social envolvido. Por isso o termo "casa" em grego antigo, por vezes, é

⁸ Para mais informações sobre as variações lexicais presentes no grego antigo e no latim, buscar Benveniste (1995, p. 286-287).

⁹ Benveniste (1995, p.295-296) apresenta três possibilidades para a raiz **dem* (ou **dm* em seu grau zero): **dom* como referente ao uso da violência, acto de domar, **dem* como construção e **dem* como unidade familiar.

interpretado como "família", pois está no contexto de lar, unidade familiar. Desta forma, a unidade familiar para existir precisa estar inserida em um invólucro de proteção física das relações valorativas estabelecidas internamente. Relações tidas por aqueles que compartilham laços de "família". Aqui o termo pode representar família de sangue na Pérsia e na Índia antiga, como mais adiante pode evoluir para a percepção de "família" como aqueles que compartilham o mesmo *habitus*, referindo-se no grego antigo como *phrater*. Ou seja, aquele que partilha do mesmo sistema de disposição socialmente constituído (Bourdieu, 2002).

Foi a partir dessa percepção de "uno" presente em "casa/família" como representação de valor social e valor material, que a relação com o espaço externo se iniciou. Ao se fazer uma "porta", em grego antigo *-dhwer*, na estrutura física, inicia-se uma conexão entre o espaço interno, privado a partir daqueles que se encontram dentro de um suposto núcleo homogêneo de sistemas de disposição socialmente aceitos, chamado de "casa". Neste momento, estabelece-se uma contraposição entre o familiar e seguro, e o externo, desconhecido e hostil presente no lado de fora da casa. Podendo aqui também ser interpretado como o espaço do campo, do público. Benveniste (1995) aponta a própria palavra "porta" como uma composição de elementos com o objectivo de significar "aquele do lado de fora", "aquele fora da delimitação imposta" (Benveniste 1995, p. 308). Essa contraposição inicia a dualidade entre uno e múltiplo e suas diversas formas de representação por meio do estabelecimento de fronteira entre a "casa" e tudo (e todos) que nela habita versus o que está para lá da porta a partir dela.

Com base nas percepções de evolução lexical traçadas a partir de Benveniste (1995) é que se pôde debruçar em cima das múltiplas significações de "estrangeiro" presentes no grego antigo e no latim, permanecendo como influências até a contemporaneidade. Assim, as variações de "estrangeiro" vão para além da dualidade "casa/fora da casa" apresentadas aqui anteriormente. As relações institucionais existentes na Grécia e em Roma, apontam para o surgimento de valores sociais que transmutam gradativamente o quadro indo-europeu anteriormente apresentado. Benveniste (1995) clarifica que a percepção de "homem livre" apresentada em Roma tem origem na Grécia antiga e, por sua vez, tem fortes relações com o deus Dionísio, posteriormente chamado de deus *Bakkhus* pela mitologia romana, ambos em referência original à deidade *Liber*. A importância que a jornada dionisíaca tem para o fu-

turo encontra-se justamente na construção das diversas modalidades de estrangeiro e, conseqüentemente, seus círculos de pertença na sociedade. As transformações apresentadas pela personagem de Estrangeiro de Eléia em *O Sofista* vão repercutir ao longo do tempo em horizontalidade — modalidades de estrangeiro — e verticalidade — círculos de pertença social. O intercruzamento das modalidades e círculos de pertença levarão a novas percepções e relações entre a sociedade e o estrangeiro.

Tabela 04 - Referência Comparativa do "Homem Livre"

GRÉCIA	ROMA	ÍNDIA
(e)leudhenos	libenis	ārya (referência aos indo-iranianos)
doûlos	serui	dāsa (referência aos escravos e estrangeiros)

Os termos presentes na tabela 04 apresentam uma comparação de *status* social presente nas sociedades em questão, em que o homem livre destinava-se à nobreza enquanto a sua contra-parte referenciava-se aos escravos ou estrangeiros que eram *hostis* à nobreza¹⁰. Para o propósito deste capítulo, focalizar-se-á na influência presente, principalmente no grego antigo e no latim. No caso o termo *libenis* do latim, tem influência do deus Bacco, transferido à mitologia romana, mas que na mitologia grega atendia pelo nome de Dionísio.

Faz-se, então, um adendo que possa clarificar tal associação entre Dionísio e os léxicos apresentados. Dionísio é um deus que faz a apresentação na mitologia grega de forma gradativa em termos de apresentação, intensidade e importância. É considerado um deus “novo” por disputar *status* de importância com deuses do Olímpo em escritos Homéricos entre os séculos IX-VIII a.E.C. Porém, pode ser encontrado desde o século XIV a.E.C. (Brandão, 1996, 2014). A jornada de Dionísio até o Olímpo pode ser dividida entre três partes. A primeira consiste no encontro de Zeus e Perséfone, resultando no nascimento de Dionísio. Por sua vez, Perséfone, que significa “a virgem” é uma deusa particular. Filha de Zeus e Deméter, deusa da vegetação, foi sequestrada por Plutão e levada ao Hades. Deméter abdicou sua deidade para reivindicar o retorno de sua filha que, por sua vez, lhe foi imposta a

¹⁰ Para mais informações sobre as influências lexicais presentes em cada verbete, buscar Benveniste (1995), *O Vocabulário das Instituições Indo-Européias I — Economia, Parentesco, Sociedade*.

condição de dividir seu tempo entre o Hades, o Olímpo e a terra (Brandão, 2014). Repara-se que Perséfone torna-se uma deusa capaz de percorrer as três dimensões — Hades, Terra e Olímpo — dividindo o seu tempo entre elas, ao passo que ainda permanece deusa. Dioníseo será tal e qual ao longo de sua jornada rumo a deidade em plena potência. De acordo com Brandão (2014), Dioníseo é “[u]m deus importado, não penetra na Hélade sem um batismo de ordem mítica. Consonante o sincretismo órfico-dionisiaco, dos amores de Zeus e Perséfone nasceu o primeiro Dioniso, chamado mais commumente Zagreu”. Sendo assim, Dioníseo morrerá e renascerá até a sua chegada ao Olímpo em diversas transmutações de ordem mítica.

Portanto, é do encontro de Perséfone com Zeus que se gera Dioníseo, neste momento também chamado de Zagreu. Entretanto, pelo ciúmes de Hera, Zeus entrega Zagreu (Dioníseo) aos cuidados de Apolo e dos Curetes para ser escondido no Monte Parnasso. Hera, por sua vez, encaminha os Titãs que o raptam e matam-no por um processo místico¹¹ em que o comeram: primeiro é esquartejado e depois é cozido. Há aqui um processo de transição e iniciação de Zagreu para Dioníseo. Este processo ocorre primeiro com os Titãs que seduzem Zagreu para perto deles por meio de brinquedos que evocam sonoramente a deidade. Em seguida, o pequeno deus é morto brutalmente, por esquartejamento, para ser cozido sobre o fogo e em água, ambos símbolos de *pathos*. De acordo com Brandão (2014) o processo de morte de Zagreu levou-o a ser reconstituído com o Dioníseo, novamente em um processo místico por meio dos elementos fogo e água.

A deidade, então, renascerá sob a forma de Dioníseo (Brandão, 1999, 2014). Deméter, sua avó, salvou-lhe o coração, órgão de pulsação, desejo e força vital, e entregou-o à princesa tebana, Sêmele representação de uma deidade decaída também associada à “mãe-terra”. A princesa virginal engoliu o coração de Dioníseo e tornou-se grávida. Em outras versões, a princesa de Tebas representa a deidade da Grande Mãe decaída e destituída de suas qualidades divinas. Incitada por Hera, Sêmele

¹¹ “Com o rosto polvilhado de gesso, para não se darem a conhecer, os Titãs atraíram o pequenino Zagreu com brinquedos místicos: ossinhos, pião, carrapeta, crepúndia (chocalhos, argolas, amuletos) e espelho. De posse do filho de Zeus, os enviados de Hera fizeram-no em pedaços; cozinham-lhe as carnes num caldeirão e as devoraram. Zeus fulminou os Titãs e de suas cinzas nasceram os homens, o que explica no ser humano os dois lados: o bem e o mal. A nossa parte titânica é a matriz do mal, mas como os Titãs haviam devorado a Dioníseo, a este se deve o que existe de bom em cada um de nós. Na “atração, morte e cozimento” de Zagreu há vários indícios de ritos iniciáticos. Diga-se logo que, sendo um deus, Dioníseo propriamente não morre, pois que o mesmo renasce do próprio coração” (Brandão, 2014, p. 173).

pede a Zeus¹² que se apresente em todo seu esplendor. Portanto, um acto que surge para finalizar a fecundação de Sêmele e que lhe resulta em sua morte. Porém, atribui ao fruto desse encontro a característica de deidade, apresentada pela ação do “fogo”, *pathos*, aqui representada como os raios e trovões de Zeus. Dionísio nasce precocemente e sua gestação é finalizada na coxa de Zeus (Brandão, 1999, 2014). A gestação na coxa é um acto que confere à Dionísio novamente a característica de deidade. Uma gestação na coxa faz referência aos órgãos sexuais que possuem a semente, tanto óvulo quanto esperma, a espera da fecundação, dessa vez feita pela maior deidade, Zeus. Esta segunda gestação lhe conferiu, mais uma vez, o misticismo necessário para ser digno de subir ao Olímpo como um deus em equivalência aos demais.

Neste momento de sua jornada, Dionísio passou por sua segunda gestação, pela morte, pela água do cozimento e pelo fogo dos raios de Zeus em seu pleno esplendor, conferindo-lhe uma potência particular de um deus nascido duas vezes de uma relação virginal, associada a uma transmutação mítica pelo fogo e uma representação com a natureza e com a terra, primeiro por meio de Perséfone, filha de Deméter e, segundo, por meio de Sêmele.

Nesta versão do mito de Dionísio, ao transmutar-se em um deus, foi-lhe permitido resgatar sua mãe no Hades e levá-la ao Olímpo conferindo-lhe a qualidade de deidade¹³ (Brandão, 1999, 2014). Já no Olímpo, Dionísio, despertou o ciúme tão presente em Hera que o fez entrar em estado de delírio. Dionísio, então, viu-se a vagar pelas terras do Egito, Síria, até alcançar a Índia:

“Da Trácia o filho de Zeus penetrou na Índia e conquistou o país com a força das armas e sobretudo com seus encantamentos e poderes místicos. O retorno à Hélade foi um triunfo: seu carro tirado por panteras e ornamentado com heras e pâmpanos, era acompanhado pelos Sátiros, Bacantes e por outras divindades menores, como Priapo, o deus de Lâmpsaco (Brandão, 2014, p. 175).

O terceiro momento de Dionísio é, então, representado por uma deidade que peregrina, nos campos e entre aqueles que são mais simples. Durante este período,

¹² Ressalta-se que os encontros amoroso de Zeus, o deus da fertilidade, deram-se com deidades celestes ou decaídas, representação de deidades terrenas. Neste último caso, o encontro amoroso tinha por um dos intuitos, associar o céu ao sincretismo religioso terreno (Brandão, 2014, p. 634).

¹³ Ao subir ao Olímpo, Dionísio atribuiu à sua mãe, Sêmele, a qualidade de deusa também digna do Olímpo. Assim, seu nome foi alterado para Thyoné, ou, Tione, cujo nome, também, pode ser interpretado como “furiosa bacante” por ser mãe de Bacco (Brandão, 2014, p. 604).

Dionísio peregrina pelas terras sob a representação de um guerreiro, portanto sob as qualidades de poder, potência, força. O carro do guerreiro Dionísio é, então, puxado por panteras quando alcança seu triunfo de conquista terrena. Em concomitância, este deus também faz uso de sua potência e seu poder para disseminar os cultos de adoração. Dionísio conquistou para si terras e adorações divinas, por meio de regiões específicas que o adoravam. Ao mesmo tempo, ambas as características encontram-se presentes nos deuses do Olímpo, portanto a eles lhes são designados regiões para si, terras para cultivo e templos que lhe conferiam adoração. Neste terceiro momento, Dionísio novamente se transmuta para o deus Bacco, em que atua plenamente em poder e potência como um deus do Olímpo.

As três etapas de transmutação de Dionísio mostram uma busca e conquista por pertencimento como um deus do Olímpo. Em que Dionísio, uma deidade estrangeira, foi gradativamente conquistando o seu espaço, aprendendo entre os demais deuses do Olímpo, como um "hóspede" que aprende entre os outros; segue um percurso de auto-conquista como um guerreiro peregrino (ou forasteiro), até adquirir o seu lugar de pertença. Também na posição de guerreiro, Dionísio adquire o senso de pertença a um grupo como *phrater* e possuidores de *aidos*, ou seja, adquire o senso de irmandade e virtude como se convivesse dentro do "círculo familiar", da "casa".

O "estrangeiro" que se encontra "fora da casa" e aos poucos guerreia e conquista o seu estado de pertença dentro da "casa/família". Portanto, Dionísio é também o deus que traz o culto sacerdotal de um deus do campo para dentro da *polis*, por meio do culto orgiástico. Ao mesmo tempo, é um deus político por aproximar o campo da *polis* e, também, por introduzir um culto "libertador" como o culto dionisíaco¹⁴. Assim, a terceira versão de Dionísio é a transmutação de todas as suas qualidades acumuladas ao longo de sua jornada para a conquista de sua posição como um deus de igual ou maior potência no Olímpo e nos templos na *polis*. Ao retomar-se a associação com a deidade Liber, percebe-se que a trajetória de Dionísio manteve-se contida nos léxicos derivados da mesma, derivados de *-liber* (Benveniste, 1995, p. 319 - 320).

Entretanto, Benveniste (1995) ressalta que a posição de "homem livre" distingue-se do servil e escravo como um estado de pertença maior, "é o de pertença a

¹⁴ O culto dionisíaco é considerado libertador por fazerem as pessoas acederem de sua condição corpórea para além de si, ou seja, sair de si mesmos pelo processo de *ékstasis* e *enthusiasmos*.

um tronco étnico designado por uma metáfora de crescimento vegetativo” (Benveniste, 1995, p. 320). Este estado de pertença confere ao homem livre um estado de privilégio como aponta Benveniste (1995). Portanto, esta jornada dionisíaca qualificou o deus como pertencente ao Olimpo e à *Polis* tanto quanto os demais deuses que lá habitavam. Em termos práticos, ao homem livre lhe são conferidas as leis, os casamentos são contratuais como manutenção do *status* de homem livre indo para além dos acordos entre as partes, os filhos dos casamentos são a perpetuação da condição do homem livre evitando que se descenda à condição de servil e/ou escravo (Benveniste, 1995) — na altura, a condição de escravo encontra-se abaixo da condição de servil, aquele que se encontra na condição de servil possui, assim, mais condições que um escravo e menos condições que um homem livre.

Visto por uma perspectiva mais ampla, o homem livre é pertencente à *polis* como um avatar da grande "casa" onde todos são amigos quase que irmãos, onde todos são *philia*. Aqui, a percepção de amigo novamente aparece como aqueles que convivem em uma mesma delimitação física e simbólica, desde uma proporção mais pequena como a própria "casa/família" até uma proporção mais grande como a "*pólis*/homem livre" — por sua vez, a proporção "*pólis*/homem livre" pode ser adaptada ao que hoje é percebido como "nação/cidadão" ou, mais especificamente, "cidade/sujeito" da cidade.

Tabela 05 — Variações do Léxico “Estrangeiro” em Grego antigo e Latim

Tipos de "Estrangeiro"	
Grego antigo	Latim
Xénos	Hostes
Thuraîos	Peregrinus
	Foresticus
	Aduenae

O “estrangeiro” (em grego antigo *xénos* e em latim *hóstes*, referente à hóspede) aparece como quando em oposição ao amigo (*phílos*), e apresentará uma jornada de certa maneira semelhante à jornada de Dioníso, em busca de seu reconhecimento de direito no que seria o equivalente ao Olimpo. Por isso, a relação

xénos, *phílos* e *aidos* encontra-se tão presente. A virtude existente entre os amigos será questionada no estrangeiro, antes um hóspede, depois alguém que deseja fazer parte da *pólis*. Essa busca do ser estrangeiro pela pertença em uma outra *polis*, uma outra cultura e sociedade encontra-se bastante presente na personagem do Estrangeiro de Eléia que deseja fazer parte da sociedade ateniense.

2.2 A PERSONAGEM DE ESTRANGEIRO EM PLATÃO

Nem todos os estrangeiros que chegam a *polis* desejam permanecer e fazer ali seu lugar de pertença, alguns encontram-se apenas como peregrinos de passagem, outros fazem-se hóspedes e iniciam-se nos costumes e na cultura da *pólis*. Há diversas vertentes para se abordar o diálogo *O Sofista* de Platão. Entretanto, para esta tese, será abordada a hipótese de que o Estrangeiro de Eléia¹⁵ faz uma jornada em busca de seu pertencimento, semelhante à jornada do deus Dionísio na mitologia grega. Enquanto Dionísio faz a sua jornada em direção ao sentido de pertença no Olimpo e culto pelos homens da *pólis*, o Estrangeiro de Eléia faz a sua jornada em direção à pertença na *pólis* grega de Atenas.

O contexto em que a personagem Estrangeiro de Eléia se encontra está vinculado diretamente com o Diálogo *Teeteto*, anterior ao Diálogo *O Sofista* de Platão (Cordero, 1993). E por sua vez, o diálogo *Teeteto* encontra-se relacionado ao diálogo *Mênnon*. A ordem dos diálogos mostra o amadurecimento das teorias propostas pelo filósofo. A existência de uma personagem que vem de fora e sofre um processo de exortação como parte do processo de aceitação e perecimento na sociedade ateniense. Essa mesma personagem encontra-se grávido de saberes e necessita de auxílio para fazer nascer de dentro de si o seu conhecimento. Com isso, há uma outra personagem no papel de parteiro de palavras. A formação desta dupla parteiro/grávido, sendo um deles um estrangeiro, pode ser inicialmente percebido no diálogo *Mênnon*, em que a personagem *Mênnon* apresenta-se como originário da cidade de

¹⁵ Eléia, apesar de ser considerado como território da Magna Grécia, apresenta-se, aqui, com a percepção de ainda assim estrangeiro ao disputar o seu lugar de pertença em Atenas, como igual. A Grécia e a Magna Grécia apresentam distinções identitárias e de práticas culturais significativas, apesar do contínuo e enorme esforço grego em sobrepor uma forçada assimilação. Identificar “Estrangeiro de Eléia” pode, também, ser uma forma de percepção identitária deste Estrangeiro por meio de seu lugar de nascimento como lugar de pertença. Entretanto, ao logo do desenvolvimento do diálogo, esta não parece ser o objectivo do Estrangeiro de Eléia.

Farsalo, em Tessália, sendo de família nobre e possuindo ligações tanto com a Pérsia quanto com Atenas. Neste diálogo, Mênon encontra-se na posição de hóspede.

Portanto, em processo de assimilação da cultura ateniense. Enquanto que seu escravo encontra-se na posição de ausente de nome, seu reconhecimento se faz apenas como ocupação no diálogo, dando lugar de não-pertença tanto no diálogo quanto na sociedade. Já no diálogo Teeteto, clarifica-se que Sócrates possui a mesma qualidade que sua mãe e, portanto, também é um parteiro, sendo como sua mãe associado à mesma divindade. Assim como Mênon, Teodoro não tem origem ateniense, mas já passou pelo processo de aceitação e, neste momento, encontra-se como em lugar de pertença na sociedade ateniense. A outra personagem com a qual Sócrates fará a o parto, será Teeteto, um ateniense referido por ele próprio como exemplo. Ao chegar no diálogo *O Sofista*, a posição ocupada de parteiro por Sócrates passa a ser destinada à um estrangeiro que se encontra-se em processo de exortação e, ao mesmo tempo, em processo de conquista de seu lugar de pertença na sociedade ateniense. Para tal, é introduzido por um não-ateniense já estabelecido e aceito, Teodoro e será testado pelo jovem Teeteto no lugar de Sócrates. Aqui nesta posição parteiro/grávido, a peculiaridade estabelecida é que pela primeira vez o estrangeiro encontrar-se-á na posição de parteiro, qualidade atribuída àqueles associados à divindade Ártemis.

Tabela 06 - Duplas de parteiro/grávido nos Diálogos de Platão

Diálogo	Parteiro	Grávido/ Personagens
Mênon	Sócrates	Mênon
		Escravo
Teeteto	Sócrates	Teeteto
		Teodoro
O Sofista	Estrangeiro de Eléia	Teeteto
		Teodoro

Portanto, se no diálogo Teeteto, Sócrates viu-se parteiro de palavras ao conversar com Teeteto, este grávido, agora no Sofista, o mesmo poderá descobrir a potência das palavras como formadoras, ou potencialmente formadoras, quando as-

sociadas ao sujeito. Palavras são conhecimento, entretanto, podem ser usadas para a opinião, pelo sofista, ou para a verdade, pelo filósofo. Quem é aquele que busca o seu lugar de pertença na busca pela verdade?

No Diálogo *Teeteto*, Theodoro é tido como o sujeito que introduz Teeteto ao círculo de filósofos e a Sócrates por ter o costume introduzir cidadãos e forasteiros de louvor. O que lhe confere indiretamente o título de bom hospedeiro, bom acolhedor e, possivelmente bom educador, capaz de estabelecer uma ponte entre pessoas de fora da *pólis* com os de dentro, e até mesmo de diferentes pessoas de dentro da *pólis* com os seus semelhantes. Em *Teeteto*, Sócrates diz:

“Então, meu caro Teeteto, agora é a altura ideal de fazeres uma demonstração para eu a observar. Pois fica a saber que Teodoro já me louvou muitos forasteiros e cidadãos, mas nenhum como ainda agora te louvou a ti.” (Platão, 2010, 145b - 145c, p. 192)

Neste trecho, Sócrates clarifica a função de Theodoro, um estrangeiro já aceito em Atenas e pelo seu meio inserido, de introduzir Teeteto, também ateniense, a si para iniciar o seu processo educativo de exortação, ao qual chamará por parto. Para além, no Diálogo *O Sofista*, Sócrates aponta Theodoro, também, como aquele que introduz o forasteiro, a quem não chama pelo nome, a personagem Estrangeiro de Eléia, ao grupo, mas sim pela cidade de origem. Iniciando, assim, o seu processo de pertença. Entretanto, agora Theodoro introduz a Sócrates um estrangeiro ao contrário de um ateniense. A tal estrangeiro não lhe é concedido um nome, mas uma cidade, Eléia, como referência, no caso a mesma cidade de origem do filósofo Parmênides, autor do poema “Da Natureza”. A ausência de nome confere uma negação ao estado de pertença no grupo, como se o Estrangeiro de Eléia ainda precisasse provar o seu valor para aqueles que se encontravam presentes com ele. Diferente do caso de Theodoro, um estrangeiro aceito entre os atenienses como de igual valor e pertença, aceito como um integrante do grupo, cujo nome lhe foi atribuído para reconhecimento. Aqui há uma dupla negação do estado de pertença, primeiro quanto ao grupo em que Estrangeiro de Eléia se encontra, segundo quando a origem de estrangeiro, Eléia em si.

É neste contexto que se inicia o diálogo. Sócrates propõe ao Estrangeiro de Eléia que escolha um parceiro para iniciar sua exortação e tal escolha recai novamente sobre Teeteto. Teeteto foi escolhido para passar pelo método exortativo por

Sócrates no diálogo *Teeteto*, e novamente é escolhido para se submeter ao mesmo método, entretanto, neste momento, pelo Estrangeiro de Eléia no diálogo *O Sofista*.

No caso do diálogo *Teeteto*, Sócrates aponta que seu papel é de parteiro, técnica que aprendeu com sua mãe, e que tem por objetivo fazer o parto daqueles que estão grávidos de palavras, no caso, a personagem Teeteto. As parteiras eram associadas à deusa Ártemis, tinham capacidade de fazer nascer, mas jamais produzir e, por estarem associadas a uma deidade tinham capacidades míticas que lhe auxiliavam no trabalho de parto. Assim também funcionava o trabalho de Sócrates como parteiro, ele também encontrava-se associado à uma deidade por intermédio de sua mãe, uma das mais influentes parteiras de sua época, e, portanto, não poderia jamais fazer produzir nenhum conhecimento. Apenas fazer nascer saberes naqueles que se encontravam prenhe e com dores de parto. Para Sócrates o trabalho da parteira conferido às mulheres estava apenas relacionado à concepção de dar vida ao corpo como receptáculo, enquanto seu trabalho como parteiro estaria relacionado ao preenchimento deste receptáculo com saberes. Por isso, o trabalho de parteiro lhe era conferido em maior importância — era parteiro de almas. Entretanto, ressalta-se aqui, que para a autora deste capítulo o trabalho das parteiras era de igual ou maior importância, pois o corpo é intrínseco à alma. Ergo, dar vida ao corpo como receptáculo é conseqüentemente dar vida à alma que será futuramente e ao longo de sua jornada gradativamente preenchida e moldada em saberes.

Segue abaixo o trecho referente a percepção de Sócrates como parteiro:

“S - Estás com as dores do trabalho de parto, meu caro Teeteto, pois não estás vazio, mas prenhe. T - Não sei, Sócrates. No entanto, digo-te o que sofro. S - Então, engraçadinho, nunca ouviste que eu sou filho de Fenárete, a mais famosa e hábil parteira? T - Já ouvi isso, de facto. S - E não ouviste que eu próprio pratico essa arte? T - Nunca. (...) S - Tem em mente tudo aquilo que é ser parteira e compreenderás facilmente o que quero. Supondo que sabes que nenhuma delas ajuda no parto, enquanto ela própria puder engravidar ou dar à luz, mas apenas o fazem as que já não podem ter filhos. T - Absolutamente. S - Dizem que a culpa é de Ártemis, que não tendo tido filhos, lhe calhou em sorte ser a protectora dos nascimentos. (...) E assim atribuiu àquelas que com a idade se tornaram incapazes de ter filhos, honrando a semelhança consigo. (...) Também são as parteiras que dão medicamentos e podem usar encantamentos para provocar as dores de parto e, se quiserem, podem fazê-las acalmar, levando a darem à luz as que estão com dores de parto e ainda, se lhes parece que se deve abortar um nascimento, provocam o aborto? T - Assim é. S - (...) Pensas que a arte que cultiva e colhe os frutos da terra é a mesma que a que tem o conhecimento de qual é a terra boa para um determinado vegetal e qual a semente que se deve rejeitar, ou é outra arte? T - Não; penso que é a mesma. S - E, no caso das mulheres, meu caro, pensas ser esta arte diferente da da colheita? T - Não me parece que assim seja. S - Portanto, por grande que seja a função das parteiras, é menor do que a minha. Pois não é atributo das mulheres

dar à luz, umas vezes, fantasia, outras, o que é real, não sendo isso fácil de diagnosticar. Pois, se fosse atributo das mulheres, não seria, para as parteiras, o maior e mais belo trabalho distinguir o real do irreal? Não pensas assim? T - Penso. S - Pois, nesta minha arte de dar à luz, coexistem as outras todas que há na outra arte, diferindo não só no facto de serem homens a dar à luz e nua mulheres, mas também no de tomar conta das almas e não dos corpos dos que estão a parir. E o mais importante desta nossa arte está em poder verificar completamente se o pensamento do jovem pariu uma fantasia ou mentira, ou se foi capaz de gerar também uma autêntica verdade. Pois isto é o que justamente a minha arte partilha com a das parteiras: sou incapaz de produzir saberes. (...) A causa disso é a seguinte: o deus que me obriga a fazer nascer, impediu-me de produzir. Não sou, portanto, absolutamente nada sábio, nem tenho nenhuma descoberta que venha de mim, nascida da minha alma; mas aqueles que convivem comigo, a princípio alguns parecem de todo incapazes de aprender, mas, com o avanço do convívio, todos aqueles a quem o deus permite, é espantoso o quanto produzem, como eles próprios e os outros acham; sendo claro que nunca aprenderam nada disto por mim, mas descobriram por si próprios e deram à luz muitas e belas coisas. No entanto, o deus e eu é que fomos a causa do parto” (Teeteto, 2010, p. 199 - 203, 148e - 150d).

Tal técnica era elaborada por atenienses aos atenienses, no caso Sócrates e Teeteto. Quando se tem o contexto do diálogo *O Sofista*, a personagem cujo papel lhe é atribuída de parteira é o Estrangeiro de Eléia, uma personagem de fora de Atenas que se encontra na posição de provar a sua virtude aos demais presentes pela capacidade de conduzir o “parto” do ateniense Teeteto, que novamente se percebe grávido de palavras.

Para a condução dessa “prova de pertença” é-lhe sugerido, então, Teeteto como um jovem agradável e dócil interlocutor para submeter-se a tal método:

“O Estrangeiro — Quando o interlocutor é agradável e dócil, Sócrates, o método do diálogo é bem mais fácil. Caso contrário, somos deixados sozinhos.

Sócrates — Ao que concerne o interlocutor, tu tens a possibilidade de escolher quem tu desejas estar dentre aqueles que estão diante de ti, porque eles serão todos parceiros complacentes. Mas, se tu quiseres todavia a minha opinião, selecione-o entre os jovens; Teeteto, por exemplo, ou qualquer outro conforme seja a tua vontade”¹⁶.” (Platon, 1993, 217d - 218b; p.75)

Um segundo ponto de importância é a função de Sócrates como parteiro. Novamente é preciso retornar ao Diálogo Teeteto para compreender esta percepção que surgirá em “O Sofista”. Sócrates clarifica a Teeteto, ser filho de Fenárete, “a mais famosa e hábil parteira” (Platão, 2010, 149a, p. 199), e assume ter aprendido com a

¹⁶ “L'Etranger — Quand l'interlocuteur est agréable et docile, Socrate, la méthode du dialogue est la plus facile. Sinon, on se trouve seul à parler. Socrate — En ce qui concerne l'interlocuteur, tu as la possibilité de choisir qui tu voudras parmi ceux qui sont devant toi, car ils seront tous des partenaires complaisants. Mais, si tu veux suivre mon avis, choisis-le parmi les jeunes; Théétète par exemple, ou quelque autre selon ton bon vouloir.” (Platon, 1993, 217d - 218b; p.75)

mãe a arte de fazer partos. Neste caso, diferente das mulheres parteiras, não pratica partos em mulheres, mas em homens que se encontram grávidos de saber. Entre 149a e 152a no Diálogo Teeteto (Platão, 2010), Sócrates desenvolve a quem confere a função de parteira e seu equivalente masculino, parteiro.

Em Teeteto (Platão, 2010), Sócrates esclarece que às parteiras são conferidas uma parcela da divindade ou talvez uma benção, inspiração, que as fizesse capaz de dar à luz vida. Já no caso de homens parteiros, esta parcela divina lhe conferiria a capacidade de dar à luz saberes, gestacionados no nível da semente, dentro dos homens. Essas clarificações podem ser percebidas quando Sócrates diz:

“Pois, nesta minha arte de dar à luz, coexistem as outras todas que há na outra arte, diferindo não só no facto de serem homens a dar à luz e não mulheres, mas também no de tomar conta das almas e não dos corpos dos que estão a parir. E o mais importante desta nossa arte está em poder verificar completamente se o pensamento do jovem pariu uma fantasia ou mentira, ou se foi capaz de gerar também uma autêntica verdade. Pois isto é o que justamente a minha arte partilha com a das parteiras: sou incapaz de produzir saberes. (...) A causa disto é a seguinte: o deus que me obriga a fazer nascer, impediu-me de produzir” (Platão, 2010, p. 202, 150b - 150c).

“Não sou, portanto, absolutamente nada sábio, nem tenho nenhuma descoberta que venha de mim, nascida da minha alma; mas aqueles que convivem comigo, a princípio alguns parecem de todo incapazes de aprender, mas, com o avanço do convívio, todos aqueles a quem o deus permite, é espantoso o quanto produzem, como eles próprios e os outros acham; sendo claro que nunca aprenderam nada disto por mim, mas descobriram por si próprios e deram à luz muitas e belas coisas. No entanto, o deus e eu é que fomos a causa do parto”(Platão, 2010, p. 202 - 203, 150d).

Nestes dois recortes, referentes à fala de Sócrates no Diálogo *Teeteto*, apresentados acima pode-se perceber alguns pontos interessantes. Primeiro, Sócrates refere-se à arte de dar à luz como uma *tékhne* diretamente associada à um deus, neste caso à deusa Artemis. Esta referência à deusa Artemis¹⁷ pode ser encontrada explicitamente na fala de Sócrates no Diálogo *Teeteto* (Platão, 2010, p. 200, 149b), o que lhe confere uma associação direta à deusa permitindo-lhe aplicar seus atributos e qualidades em terra como parteiro dos saberes dos homens. Portanto, Sócrates se percebe a si mesmo como causa do parto e não do saber em si, pois cada um possui em si a potência do saber. A referência à deusa Artemis tem importância, pois

¹⁷ Aqui abre-se um parêntesis para refletir a associação de Sócrates com a deusa Artemis da mesma forma que o sofista Górgias defendeu Helena, por meio do *Elogio à Helena*. Em referência ao *Elogio de Helena*, ou Sócrates foi inspirado pela deusa Artemis e portanto possui uma certa autorização para conferir seus atributos divinos em terra; ou Sócrates, de alguma forma, é uma representação de Artemis em terra, um deus decaído, isso tem também relação com a sua qualidade de virtuoso filósofo em Atenas.

atribui ao filósofo a qualidade divina. Entretanto, Ihe é atribuído uma qualidade divina particular de Artemis.

Artemis é uma deusa que ao ver seu irmão, Apólo nascer, ficou traumatizada pelo processo do parto e pediu à Zeus que Ihe conferisse a virgindade eterna (Brandão, 2014). Então, a virgem Artemis era representada com vestes de uma jovem espartana, a usar arco e flecha como suas armas e encontrava-se presente em guerras, “Ártemis sempre foi a virgem indomável” (Brandão, 2014, p. 80). Ao mesmo tempo, de acordo com Brandão (2014) a deusa era representada como aversa a vida na cidade, como uma "deusa do exterior" (Brandão, 2014, p. 80), do campo e da natureza. Brandão (2014) esclarece que Ártemis

“[e]ra tida como protetora das Amazonas, também guerreiras e caçadoras, e independentes do jugo do homem. Era a única dentre os deuses, exceto Dioniso, que sempre foi acompanhada por um cortejo alvoroçado e buliçoso. Com esse séquito de ninfas, às quais ela ultrapassa de muito em altura e beleza, percorre bosques e florestas, excitando os cães em busca da presa” (Brandão, 2014, p. 80).

Aqui há novamente o elemento virginal, associado à guerreira, à natureza e ao campo, e à deusa cultuada com o seu cortejo. Atenta-se aqui que o cortejo que acompanha a deusa é a representação de que esta já é cultuada como uma divindade do Olímpo em sua plena potência, ou seja, conquistou o seu lugar de destaque no templo dentro da cidade. Ártemis é comparada à Dionísio e, conseqüentemente, possui uma trajetória com elementos semelhantes na conquista pela pertença. Ao associar Sócrates à Artemis, associa-se diretamente às qualidades divinas da deusa, para além de parteira ela também é, como Dionísio, uma deusa “estrangeira” que busca o seu lugar de pertença. Portanto, o acto do parto pode ser interpretado como o acto de afirmação de pertença da deusa dentro da cidade, como uma divindade terrena.

Para Sócrates, a função de parteiro, conferida aos homens, difere da parteira no aspecto de ir para além do trabalho com o corpo, atribuindo também um trabalho para com a alma¹⁸ daquele que se encontra em processo de parto, pois, Ihe é conferido o poder de verificar aquele que já nascera, ou seja, pela arte da educação

¹⁸ Apesar do Diálogo *Teeteto* conferir maior importância ao parto feito por um homem para um homem, pois refere-se ao parto do saber diretamente vindo da alma. Atenta-se aqui que o parto feito pela mulher para a mulher refere-se ao corpo como recipiente, mas também, em concomitância a alma como potência de todo e qualquer saber que será posteriormente gestacionado.

Sócrates pode conferir o re-nascimento do novo homem. Portanto, Sócrates aponta que é preciso haver a semente da idéia, do saber para que haja a gestação pela exortação e o renascimento do novo homem pelo conhecimento, esclarecimento pelo saber. O papel do parteiro é apenas de condutor das idéias, no caso será de educador pela exortação. Aquele que re-nasce pode fazê-lo pela via da mentira, da fantasia, ou pela via da Verdade, como buscam os filósofos e os deuses.

O “estrangeiro” é, portanto, aquele que passa por uma jornada essencialmente em três grandes etapas. A primeira consiste do seu nascimento por uma mãe virgem, como um acto divino de pureza da geração de um novo ser. O segundo momento é representado pelo guerreiro peregrino. Ao mesmo tempo que esse “estrangeiro” se associa ao campo e à natureza como seu lugar de acolhimento, ele inicia um segundo momento de sua jornada “guerreando” até alcançar a cidade, até “conquistar” o seu lugar de pertença e aceitação na cidade. O terceiro grande momento da jornada consiste da entrada desse “estrangeiro” na cidade e de sua conquista do lugar de pertença a partir do culto, do cortejo junto ao deus ou deusa (no caso de Artemis e Dionísio) e, conseqüentemente, um templo para a sua devoção. O “estrangeiro” aqui possui a sua versão divina e a sua representação terrena ao mesmo tempo, ambos trabalham em concomitância. Assim, a influência divina em Sócrates que é percebida no Diálogo *Teeteto*, pode ser percebida, também, no Diálogo *O Sofista* por meio da personagem Estrangeiro de Eléia.

2.3 A QUESTÃO DA DIFERENÇA E DA DISTINÇÃO

A busca pela identidade é algo que advém da modernidade e não da antiguidade, muito menos dos gregos antigos. Entretanto, analisar sociedades como a Grécia antiga, entre muitas outras, é o que dará a base para a partir da modernidade poder-se fundamentar e analisar a questão da identidade e sua constante busca. Sendo assim, como era percebido o que hoje é entendido por identidade? Será por meio da distinção e da diferença, por meio da unidade e do múltiplo que se fará conhecer o outro e a si mesmo. Portanto,

“[a] diferença é o que une, o que une separando. Duas coisas absolutamente indiferentes, uma com relação à outra, não exigem separação; se for preciso separar duas coisas, é porque elas foram confundidas ou tendem a se confundir, de um modo ou de outro. Poder separá-las implica conhecê-

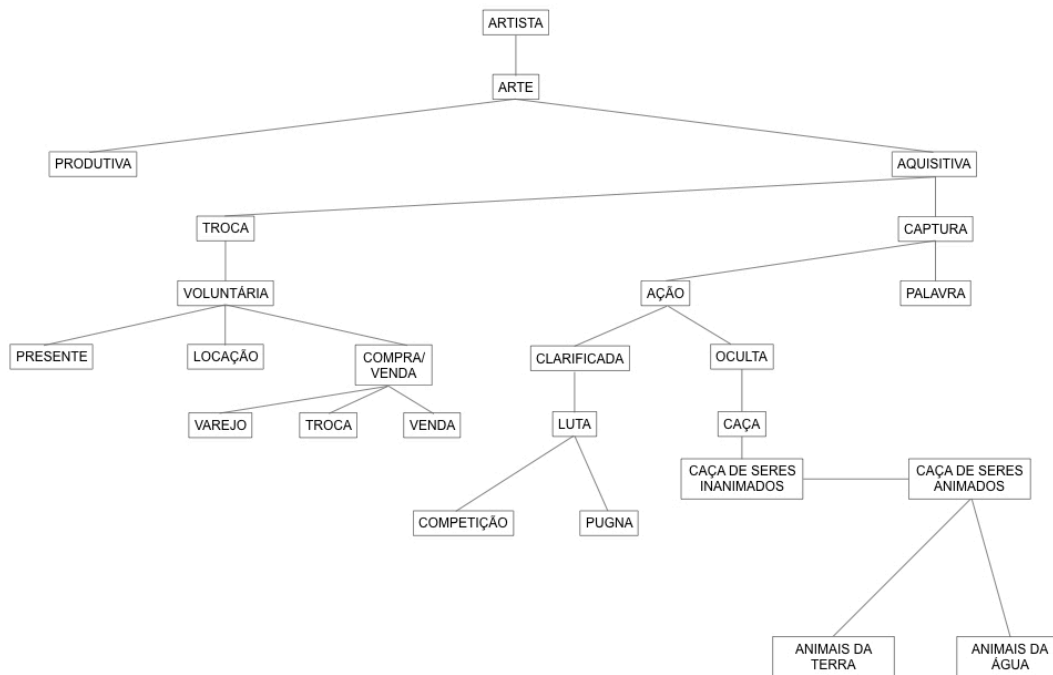
las e conhecer é conhecer pela diferença. Uma vez que a diferença é estabelecida, podemos dizer com relação a que pontos essas duas coisas foram confundidas: é desse modo preciso que a diferença separa e une. Apenas essa diferença que une permite tomar decisões justas e boas.” (Marques, 2006, p. 178-179)

A jornada da busca de pertença do Estrangeiro de Eléia corre em paralelo com a jornada de pertença do que pode ser chamado do *estrangeiro do Olímpo*, uma deidade em busca de sua identidade e pertencimento sendo apresentada pela mitologia grega para fins representativos da jornada de busca identitária e de pertença de um estrangeiro em situação real. Para tal, apresenta-se o Diálogo *O Sofista* como essa jornada dividida em quatro partes, a primeira pode ser chamada de introdução ou contextualização do diálogo, a segunda de purificação, a terceira de antologia e a quarta de mímese, na tentativa de diferenciar o sofista do filósofo.

A primeira parte do Diálogo *O Sofista* consiste na apresentação do Estrangeiro de Eléia como passível de ser um filósofo tal qual um ateniense, mesmo que advindo da cidade de Eléia. Cidade conhecida por Parmênides e Zenão, ambos filósofos pré-Socráticos e da Escola Eleata constituída por Parmênides. A introdução do Estrangeiro de Eléia por Theodoro faz-se considerar que a personagem é virtuosa e justa, primeiro por Theodoro ser reconhecido pelo ser caráter em julgar as pessoas e em apresentar pessoas (atenienses e forasteiros), também, de bom caráter aos seus companheiros, segundo por ser considerado um filósofo tal qual um filósofo ateniense. Neste último caso, leva-se em consideração ser passível de ser influenciado por qualidades divinas. Entretanto, deve-se provar tal virtude ao invés de apenas levá-la como dada. O Estrangeiro de Eléia encontra-se em posição ambígua, não é uma deidade, tampouco é simplesmente um homem. Então, é apresentada a hipótese de ser um homem divino, posto que é capaz de assumir as aparências de uma deidade. Diferente de Parmênides, em seu poema *Da Natureza* (Parmênides, 2009), em que foi acompanhado da própria Justiça, a personagem Estrangeiro de Eléia encontra-se acompanhado de um homem justo com a reputação de apresentar homens de virtuoso caráter, portanto, Theodoro (Marques, 2006). Neste caso, surge a questão, seria o Estrangeiro de Eléia um homem virtuoso como um filósofo ou um sofista?

Para o exercício da prova, convida-se Teeteto, homem de igual virtude e beleza assim como Sócrates (Platão, 2010) para que o Estrangeiro de Eléia possa submetê-lo ao processo de exortação. Assim como Sócrates o fez no Diálogo *Teete-*

Imagem 01: Organograma do Método da Divisão apresentado no Diálogo *O Sofista*. Fonte: Platão, 2003; Platon, 1993.



to (Platão, 2010). A primeira etapa consiste em definir o método no qual irão elaborar o processo de "gestação" das idéias de Teeteto até ser feito o "parto" por Estrangeiro de Eléia. O Estrangeiro de Eléia precisa ser capaz de guiar Teeteto ao parto como Sócrates mesmo o fez. Ao passo, que este mesmo método levará ao processo de auto-gestação do Estrangeiro de Eléia em três etapas: a purificação, a antologia e a mímeses. É neste momento que o Estrangeiro de Eléia inicia o primeiro processo de exortação, com o intuito de clarificar o padrão comparativo em que os dois irão utilizar mais adiante. Leva-se em consideração que no processo de divisão, escolher-se-á a coluna da direita apresentada na Imagem 01, assumindo a posição de maior relevância na reflexão proposta.

De acordo com Nestor L. Cordero (1993), esse método da divisão irá gerar um movimento espiral introspectivo. Portanto, essa jornada consiste na busca pela relação do "eu" com relação ao "outro", sendo o "outro", ao mesmo tempo, o próprio Estrangeiro de Eléia e a alteridade (Cordero, 1993; Marques, 2006).

Entretanto, o método da divisão consiste em estabelecer a distinção por meio da divisão e da definição de ações desde a escala do mais grande até a escala do mais pequeno, ou seja, aqui apresentado pelo discurso e a palavra contida nele. Esse processo inicia uma separação por diversos tipos pelas diferenças no âmbito do sujeito que os realiza, em sua escala interpessoal, levando em consideração que

o *lógos* será o ponto que distinguirá o sofista do filósofo. O primeiro passo consiste na definição de arte, ou no grego antigo *tékhne*. A técnica é uma arte, portanto, coube distinguir as artes e suas funções. Ao se chegar no gênero da “captura”, tem-se a pergunta: captura do quê? O que pode ser respondido, inicialmente pelos gêneros de ação e palavra. A captura de ação pode ser desvelada/clarificada ou velada/ocultada. No caso de uma ação velada tem-se o gênero da caça de seres animados que passa a ser de interesse à questão proposta entre o Estrangeiro de Eléia e Teeteto.

O segundo momento da introdução do Diálogo *O Sofista*, consiste em retornar ao questionamento sobre o próprio sofista em si, como defini-lo? Para o qual o Estrangeiro de Eléia diz:

“Até esta etapa, então, o sofista e o pescador de linha caminham conjuntamente por parte da técnica de aquisição. (...) Mas é precisamente a partir da caça de animais selvagens que os caminhos divergem, enquanto um se dirige ao mar, os rios e os pântanos, para caçar os seres vivos que lá estão. (...) E outro vai em direção a terra e aos rios de outra espécie, isto é, prados repletos de riqueza e juventude, para capturar as frutas. (...) Que a captura dos animais que andantes também apresenta duas partes principais. (...) Uma concerne aos animais domésticos e outra às feras selvagens”¹⁹ (Platon, 1993, p. 86 - 87, 222a - 222b, tradução livre).

Portanto, o sofista pode ser considerado um caçador como o próprio pescador o é, pois ambos fazem uso da arte da caça ao fisgar suas vítimas pela cabeça. Entretanto, no caso do sofista, esse fisga as suas vítimas pelo intelecto, pelo saber, ou suposto saber, ao dissuadi-los da verdade. Como caçador, a vítima do sofista sucumbi pela ignorância do intelecto. Como caçador, o sofista escolhe as suas vítimas, seduzindo-as pela venda de uma suposta sabedoria como se as estivesse lhes atribuindo conhecimento. É um habilidoso do uso das palavras, entretanto o faz gerando opiniões, podendo estas serem verdadeiras ou falsas, ao contrário de virtude. Portanto, vai em direção oposta à purificação da alma ao não ensinar o gênero da refutação.

19 "Jusqu'à cette étape, donc, le sophiste et le pêcheur à la ligne allaient conjointement en partant de la technique de l'acquisition. (...) Mais c'est précisément à partir de la chasse aux gibiers que leurs voies divergent, car l'un se dirige vers la mer, les rivières et les marais, pour chasser les êtres vivants qui s'y trouvent. (...) Et l'autre son va vers la terre et des rivières d'une autre espèce, c'est-à-dire, des prés regorgeant de richesse et de jeunesse, afin d'y saisir les fruits. (...) Que la capture des animaux qui marchent présente elle aussi deux parties majeures. (...) L'une concerne les animaux apprivoisés; et l'autre, les bêtes sauvages" (Platon, 1993, p. 86 - 87, 222a - 222b).

Ao mesmo tempo, considera-se que o sofista, em comparação com o filósofo é um ignorante por si mesmo, como aquele que leva ao pé da letra, ou como um profano, aquele que engana outrém²⁰. Essa suposição abre para a possibilidade de ser, de não-ser e do não-ser como um ser outro. Portanto, abre para o que aqui será chamado de a primeira gestação da personagem Estrangeiro de Eléia, e que no Diálogo *O Sofista* é referido como “a purificação”. Ou seja, é o momento em que Platão fará a refutação de Parmênides por meio do Estrangeiro de Eleia, também chamada de a parrisía. As principais teses do poema *Da Natureza*, de Parmênides, apresentadas a seguir, são fundamentais para o primeiro processo de transmutação pela gestação da personagem Estrangeiro de Eléia:

“Vamos, vou dizer-te — e tu escuta e fixa o relato que ouviste — quais os únicos caminhos de investigação que há para pensar: um que é, que não é para não ser, é caminho de confiança (pois acompanha a realidade); o outro que não é, que tem de não ser, esse te indico ser caminho em tudo ignoto, pois não poderás conhecer o não-ser, não é possível, nem indicá-lo [...] pois o mesmo é pensar e ser. (...) É necessário que o ser, o dizer e o pensar sejam; pois podem ser, enquanto o nada não é: nisto te indico que reflitas. (...) Só falta agora falar do caminho que é. Sobre esse são muitos os sinais de que o ser é ingênito e indestrutível, pois é compacto, inabalável e sem fim; não foi e nem será, pois é agora um todo homogêneo, uno, contínuo. (...) Portanto não é justo que o ser seja incompleto: pois não é carente; ao [não-] ser, tudo lhe falta. O mesmo é o que há para pensar e aquilo por causa de que há pensamento” (Parmênides, 2009, p. 14 - 17).

No poema *Da Natureza* (2009), Parmênides aponta que o caminho de confiança, da verdade é o do ser por ser aquele que acompanha a realidade, o cognoscível, o caminho que foi clarificado e desvelado. Ao mesmo passo que clarifica-se que o ser é já a partir do momento em que se pensa e se diz, o instante de seu pensamento já lhe confere o *status* de ser. O ser é a cada instante e ao longo do tempo, desde sua geração em pensamento até a sua concepção ao ser dito, o ser é, em tempo e espaço, uno, contínuo, homogêneo (Parmênides, 2009). Entretanto, sobre o não-ser nada pode ser dito e, portanto, sequer pensado. Porque o próprio acto de pensar já é em si a geração do ser, pensar é. E ser segue um caminho oposto ao não-ser, pois este segue um caminho um tanto ignoto.

²⁰ “L’Etranger - La première chose que nous avons cherché était de savoir s’il fallait considérer le pêcheur à la ligne comme un profane ou comme quelqu’un possédant une certaine technique” (Platon, 1993, p. 85, 221c).

Ao retornar para o diálogo *O Sofista*, a secção referente à purificação irá tratar especificamente da distinção entre a purificação do corpo e da alma, sendo a ginástica e a medicina métodos de purificação do corpo, enquanto que a beleza e a virtude são purificações da alma. Portanto, a purificação do corpo e da alma almeja a simetria das proporções do corpo e da alma — “Estrangeiro - Ora, errar nada mais é do que desviar a alma do seu caminho, quando intenta alcançar a verdades em passar ao lado dela o entendimento” (Platão, 2003, p.14). No caso da alma, essa simetria e proporção poderá ser adquirida por meio da dialética, da educação, ao deitar fora aquilo que é ruim à alma e ao corpo. Portanto, consiste à purificação expurgar toda a alma de maldade (Platão, 2003). Entretanto, uma alma repleta de erros e maldade é uma alma em conflito, inclinada às opiniões²¹...

“Estrangeiro — E então? Já não observamos que na alma dos indivíduos ruins estão sempre em conflito as opiniões e os desejos, a coragem e os prazeres, a razão e as tristezas, e tudo o mais da mesma natureza, em constante oposição?

Teeteto — Sem dúvida.

Estrangeiro — Logo, tudo isso apresenta afinidade recíproca?

Teeteto — Como não?

Estrangeiro — Nesse caso, se designarmos a maldade como doença e discórdia da alma, teremos encontrado o termo exato” (Platão, 2003, p. 14)

Este trecho de *O Sofista* apresenta o início da retomada das teses de Parmênides, pois o lado oculto da alma em maldade, assimetria em beleza, ausência de virtude é um lado envolto em diversos conflitos, opiniões, tristezas, desejos de diversos tipos e ignorância. É um lado de múltiplos que diverge do lado do ser apresentado por Parmênides em seu poema — homogêneo, uno, ingênito, indestrutível, inabalável, compacto e sem fim. Em *O Sofista* é apresentado um múltiplo diferente do ser e, ao mesmo tempo, diferente do não-ser parmenídico, cujo caminho é aquele de todo ignoto, pois é impossível de ser pensado e dito. Neste momento, a ignorância é um dos males que concerne ao Estrangeiro de Eléia investigar, pois leva às opiniões, aos conflitos e tristezas, conseqüentemente instaura assimetrias na alma. Para a correção da ignorância, indica-se a arte do ensino profissional e a arte da educação, posto que a ignorância é um defeito gerado no intelecto. No caso da arte da educação, ela pode ser dividida em dois géneros de discurso, a exortação e a refu-

²¹ Ressalta-se que as opiniões correspondem a incertezas uma vez que podem corresponder à falsidade ou à verdade.

tação. No caso o género da refutação é o que alcançará a maior purificação da alma (Platon, 1993; Platão, 2009).

Quando o Estrangeiro de Eléia estabelece a distinção entre os géneros da arte da educação e aponta a refutação como o género mais efectivo em purificação da alma, está associando a primeira "gestação" da jornada da deidade estrangeira, Dionísio, rumo à sua conquista de pertença de seu lugar no Olímpo. Entretanto, neste caso ao invés de haver uma mãe virginal para um nascimento puro, há uma alma em processo educação pelo género da refutação que concede maior eficiência de purificação da alma, em ação introspectiva — quando Estrangeiro de Eléia, reflete sobre sua educação, condição de estrangeiro e condutor do diálogo com Teeteto — ao mesmo tempo que estabelece uma ação de relação com outrém, no caso seu interlocutor Teeteto. Constantemente no diálogo há uma reflexão introspectiva referente à personagem Estrangeiro de Eléia e outra referente à relação estabelecida entre Estrangeiro de Eléia e Teeteto. Este processo de educação diferenciará um simples estrangeiro ensinado na arte da disputa por sofistas do Estrangeiro de Eléia, ensinado na arte da refutação por filósofos. E aqui apresenta-se a segunda "gestação" da deidade Dionísio, ao distinguir-se entre as duas formas de educação, a sofista e a filosófica. Posto que há uma rivalidade entre as duas pelo seu lugar de destaque e virtude na sociedade, representando a "gestação pela guerra de Dionísio". Por fim, o Estrangeiro de Eléia conquista o seu lugar de pertença na sociedade — e supostamente no "Olímpo", assim como na terceira "gestação" de Dionísio

A representação da terceira "gestação" de Dionísio em seu esplendor no Olímpo ocorre na terceira parte do diálogo *O Sofista*, destinada a mímeis e a produção mimética de imagens. O simbolismo implicado nesta secção consiste na distinção do conteúdo apreendido pela arte da educação, cuja trama é apresentada pela personagem Estrangeiro de Eléia. É interessante perceber que ambos sofistas e filósofos oriundos de terras estrangeiras aprenderão a arte da educação. Sendo filósofos de terras outras que não Gregas, haver-se-á um processo de adaptação à arte da refutação, à filosofia grega. O mesmo pode se dizer àquele que aprende a arte do sofismo que finge conhecer pelo discurso o saber que não é, apenas opina. No dois casos, vai-se ao encontro da arte da mimesis. Entretanto, o sofista trabalha por meio da arte mimética sem jamais alcançar a verdade, enquanto que o filósofo

pode iniciar o seu processo de adaptação, de educação como estrangeiro, por meio da mimesis. Porém, alcança a verdade, pois torna-se um filósofo.

Este terceiro momento retoma a questão referente à aporia parmenídica pincelada no início do diálogo, entretanto com maior profundidade e apresenta uma perspectiva entre o sofista e o filósofo ao final de sua jornada — o imitador versus aquele que se adaptou e alcançou o estado de pertencimento e aceitação plena — “Logo o sofista se nos revelou como um possuidor de conhecimento aparente sobre todos os assuntos, não do verdadeiro conhecimento” (Platão, 2003, p. 19). Alegar que possui todo o conhecimento vai de encontro às teses de Parmênides quando diz que sobre o não-ser não se deve pensar ou dizer, posto que se é ignoto. Portanto, se pensa-se no não-ser é porque houve a possibilidade de acrescentá-lo. Ou melhor, de acrescentar um outro não-ser, mantendo aquele que é de todo ignoto:

“Estrangeiro — A qualquer ser pode-se acrescentar outro ser.
Teeteto — Como não?
Estrangeiro — E podemos também conceder que é possível acrescentar algum ser ao não-ser?” (Platão, 2003, p. 23)

No caso de Parmênides, a unidade foi representada pela forma de uma esfera una e rotunda. No diálogo *O Sofista* de Platão, a representação de uno e múltiplo é apresentada por números. Em ambos os casos apresenta-se uma representação matemática. Entretanto, para a finalidade desta tese, aqui serão abordadas as questões referentes a pertença e aceitação. O não-ser apresentado no *Sofista* consiste de tudo que for oposto ao ser. Portanto, tudo que for oposto ao ser é múltiplo, pois o ser é uno. Neste caso, o não-ser é múltiplo, é plural. Porém, é distinto do não-ser ignoto parmenídico. Ao mesmo tempo, ao enunciar o não-ser constitui-se uma unidade de não-ser, portanto o não-ser também é uno. Ou seja, o não-ser outro é uno e múltiplo ao mesmo tempo:

“Teeteto — Que queres dizer com isso? Sê mais claro.
Estrangeiro — Não é de mim que se deve exigir maior clareza. Ao afirmar que o não-ser não poderá participar nem do uno nem do múltiplo, então e agora referi-me a ele como unidade. Disse: o não-ser. Apanhas a questão?
Teeteto — Perfeitamente.
Estrangeiro — No entanto, neste momento declarei que ele era impronunciável, indivisível e indefinível. Acompanhas-me?
Teeteto — Acompanho, como não?
Estrangeiro — E chamando-o de indefinível, indizível e impronunciável, não falava como se fosse um?
Teeteto — Como não?”

Estrangeiro — No entanto, também afirmamos que quem quiser expressar-se com acerto, não deverá enunciá-lo nem como uno nem como múltiplo, nem referir-se a ele de maneira nenhuma, pois qualquer indicação a seu respeito implica a idéia de unidade.
Teeteto — É absolutamente certo” (Platão, 2003, p. 24)

Ao procurar não exprimir o não-ser, acaba por enunciá-lo levando ao parricídio. Para prosseguir na jornada em busca da aceitação e pertença, aquele que é estrangeiro precisará educar-se na arte da refutação caso deseje prosseguir o caminho pela busca da verdade. Entretanto, só poderá fazê-lo como hóspede (também conhecido como *xénos* em grego antigo) de uma casa ou de uma unidade familiar²² que já possua esta educação. Interpreta-se o processo de adaptação deste hóspede pela arte da mimesis. A arte mimética apresenta a capacidade de iludir e imitar a realidade por duas vertentes, uma diz-se pela cópia de proporções, comprimentos, larguras e alturas. Portanto, cópia da forma. E a outra diz-se pela via do simulacro. Neste caso o simulacro apresentar-se-ia como uma perspectiva mais embelezada de algo que na realidade não é, como no caso das pinturas. Pela via do simulacro temos as imagens, por sua vez representadas pelas imagens presentes nas águas²³ e nos espelhos, ou seja, imagens de verossimilhança; e pelas imagens presentes em pinturas e esculturas, ou seja, imagens de semelhança (Platão, 2003). Reconhecer a existência da semelhança é um impasse para Teeteto, pois é reconhecer que o semelhante é diferente do não verdadeiro, visto que até então o não verdadeiro não lhe era concebido. Logo, o semelhante existe na forma de imagem. Porém, enquanto semelhante a vertente sofista pode gerar opiniões e a vertente que intenta conquistar seu lugar de pertença vai ao encontro de ser verossimilhante e busca a verdade tal como o filósofo.

O parto referente à terceira “gestação” consiste no aprendizado do hóspede na arte da refutação e a sua plena aceitação pela representação da unidade familiar e pela casa que ele agora faz parte, representando. Em alusão ao mito da jornada dionisíaca, o estrangeiro recebe o seu “templo” e os seus “adoradores” na forma da pequena unidade, podendo esta ser a casa como espaço físico ou a cidade que

²² Na Grécia antiga os integrantes de uma escola filosófica muitas vezes referiam-se como irmãos, assim como os guerreiros que compartilhavam diversos momentos juntos em terras estrangeiras. Os laços afetivos e de confiança eram gradativamente estreitados como os laços familiares de sangue.

²³ É interessante perceber a alusão de imagem de beleza nas águas presente neste trecho do diálogo com o mito de Narciso.

habita, e também recebe uma unidade familiar na forma dos seus irmãos filósofos. Passando do *status* de estrangeiro para filósofo e distanciando-se de um sofista, imitador, caçador de jovens e mercador de conhecimento. O estrangeiro ascendeu ao seu “Olímpo”. Desta maneira, o diálogo *O Sofista* elabora uma introspecção em busca da jornada de pertença e identidade da personagem Estrangeiro de Eléia ao passo que busca seu oposto o sofista. A jornada introspectiva de pertença em busca da identidade de um estrangeiro é apenas um dos aspectos. Externamente, este estrangeiro será forçado a perceber-se no espaço físico e no decorrer do tempo, não só como indivíduo, mas também como sujeito pertencente à uma sociedade, em constante diálogo e convívio.

2.4 A INFLUÊNCIA DO ESTRANGEIRO DE ELÉIA NOS ESTUDOS SOBRE MIGRAÇÃO

A chegada ao país anfitrião põe o imigrante, por vezes, como desprovido de seu espaço familiar. O que inicialmente lhe coloca numa posição económica-social abaixo quando em comparação à posição económica social que possuía no seu país de origem. Neste caso, a jornada do imigrante será assim como a jornada dionisíaca, em busca de reconhecimento e pertença como deidade, mas também em busca de um “poder”, ou de um *status* económico-social que possuíam anteriormente para estabelecimento do *status quo* (AVILLEZ, 2015). Em muitos momentos, acaba-se por adoptar a cultura e identidade da nação anfitrião como próprias de si, para que o imigrante consiga uma melhor possibilidade de inserção e ascensão social (Vermeulen, 2001). Sociedades que impingem a assimilação aos imigrantes tendem a criar uma resistência maior a alteridade e diversidade étnica por serem vistos como, supostamente, “exóticos” e ameaçadores à força de trabalho local. Portanto, uma suposta ameaça a homogeneidade, nutrindo uma ignorância com relação a potência cultural, económica, identitária relacionada à diversidade étnica.

Com um cenário em que agrupava o término da II Grande Guerra, o fim do colonialismo e a adaptação da chegada da nova migração judaicas EUA —principalmente chegada de judeus intelectuais que participaram ativamente em grupos de pesquisa nas universidades e em atividades do governo dos EUA. Grupos de minoria étnica nos Estados Unidos passaram a ser repensados com relação ao processo

de assimilação e à sua relação com a cultura estadunidense. O conceito integracionista surge como uma vertente da teoria assimilacionista, revendo em consideração a preservação de algumas especificidades da cultura do país de origem, mas preservando uma base-estrutural referente ao país anfitrião (VERMEULEN, 2001; ROGERS, 1997; AVILLEZ, 2015). Assim,

“[d]entro do processo e adaptação, pressupõe-se que a finalidade seja a preservação de uma certa especificidade referente à alteridade. Com isso, faz-se uso de uma dimensão estrutural-familiar e uma dimensão (sócio) cultural em que aborda o âmbito do micro e do macro. Enquanto a primeira dimensão se apresenta como uma adaptação às interações e relações sociais directas no seu comportamento quotidiano, a segunda representa a integração sócio-cultural do indivíduo ao todo, ou seja, às instituições, político-sociais” (AVILLEZ, 2015: p. 18).

Mesmo sob o processo de aculturação, ainda assim haveria a sobreposição da cultura da maioria impingendo-se sobre a cultura da minoria, em uma disputa que vai para além da pertença, identidade e representatividade. Mas abrange questões pertencentes às disputas de poder numa sociedade (AVILLEZ, 2015). Neste momento, a jornada dionisíaca toma uma dimensão para além do indivíduo. Dionísio só poderá ascender à sua condição de deidade quando tiver ao seu lado aqueles que lhe apoiam, ou seja, o seu coro e, também, os seus adoradores como uma devida deidade. Ao transpor essa percepção para a jornada do imigrante, percebe-se que ele nunca pertencerá sozinho à uma sociedade. Ele apenas será aceito, ou seja, terá o seu devido lugar de pertença (*belonging*) quando tiver consigo outros iguais à ele — uma comunidade que o reconheça, que lhe dê suporte e que siga sustentando e crescendo com ele.

Para Giddens (2001) o conceito de etnicidade apresenta uma solidariedade com relação ao conjunto que pode ser percebida de forma quantitativa, por género, ou até mesmo qualitativamente por subordinação. Vermeulen (2001) acaba por apontar abordagens para as relações étnicas com base em papéis sociais representados por indivíduos. Entretanto, após um tempo, esses papéis sociais levam ao desaparecimento das identidades étnicas e à assimilação da minoria pela identidade do país anfitrião (AVILLEZ, 2015).

Sociólogos como George Simmel, Robert Park e outros da Escola de Chicago, vão se debruçar rapidamente sobre a forma da palavra “estrangeiro” no período da Grécia antiga e da Idade Média, e descobrirão semelhanças que permaneceram

constantes na forma do estrangeiro moderno. Simmel (1950), em seu artigo *The Stranger* aponta o estrangeiro como um eterno andarilho, aquele que tem em si a potência da liberdade de ir e vir quando quiser, assim como permanecer quando assim desejar. Um sujeito que vive no espaço “entre”, capaz de conectar pontos divididos e distintos, capaz de fazer-se ponte entre limites. Os relacionamentos estabelecidos por estrangeiros são fundados justamente no fenômeno do não-ser, do “entre”, daquele que já não mais está distante, entretanto também ainda não pertence ao grupo interno:

“Como um membro do grupo, ele está perto e longe ao mesmo tempo, uma característica de relacionamentos fundos apenas em generalidades humanas do comum. Mas entre estar perto e estar longe, surge uma tensão específica que ocorre quando a consciência, que apenas o mais genérico é comum, acentua aquilo que não é comum. No caso da pessoa que é o estranho para o país, para a cidade, a raça, etc., entretanto, esse elemento fora do comum e mais uma vez nada individual, mas a estranheza da sua origem, que é ou poderia ser comum para muitos estranhos. Por esta razão, estranhos não são realmente concebidos como indivíduos, mas como estranhos de um tipo particular: o elemento da distância não é menos geral em relação a eles do que o elemento da proximidade”²⁴ (Simmel, 1950, p. 408, tradução literal).

Essa característica de encontrar-se no limiar dos relacionamentos, perto e ao mesmo tempo distante apresenta uma tensão constante e presente na fundação da própria personagem estrangeiro. Posto que ele será o intermediário entre os “mundos” casa/campo ou cidade/campo. À medida que se aproximam ou se distanciam podem inserir-se ou isolar-se do grupo no qual desejam pertencer. Essa percepção de limite é neste momento apresentada por qualidades marcadas em distinções e diferenças relacionais, e menos percebida em termos de geografia e espaço físico. Entretanto, o estrangeiro também possui uma imagem bem marcada em termos de transição de espaços físicos, associada à evolução econômica. Robert Park (1928) em seu artigo *Human Migration and the Marginal Man* aponta a catástrofe e o que ele chamou como a teoria do progresso via catástrofe como uma forma de evolução. Dentro dessa percepção de Park (1928), o caos é percebido como uma potência

²⁴ "As a group member, rather, he is near and far at the same time, as is characteristic of relations founded only on general human commonness. But between nearness and distance, there arises a specific tension when the consciousness that only the quite general is common, stresses that which is not common. In the case of the person who is a stranger to the country, the city, the race, etc., however, this non-common element is once more nothing individual, but merely the strangeness of origin, which is or could be common to many strangers. For this reason, strangers are not really conceived as individuals, but as strangers of a particular type: the element of distance is no less general in regard to them than the element of nearness" (Simmel, 1950, p. 408)

geradora de criação para novas interações sociais, novos relacionamentos entre estrangeiros e pessoas locais, a gerar uma evolução cultural e identitária.

Novamente há aqui uma influência dos gregos antigos quando se faz uso do caos em oposição à ordem, ambos como potências de geração. Ao retomar-se a jornada evolutiva da deidade Dionísio rumo ao Olímpo, pode-se ver que a cada momento de sua “morte” ele enfrenta uma situação de caos. Porém, a seqüência dos acontecimentos lhe confere uma nova criação, conseqüentemente, a geração de uma nova ordem. Dionísio constantemente transmuta-se em um novo ser, aqui apresentado por um não-ser outro até alcançar o seu destino final, o Olímpo. De certa maneira, o mesmo padrão pode ser percebido quando se lê o diálogo *O Sofista* de Platão. A personagem Estrangeiro de Eléia passa todo o diálogo provando o seu lugar de pertença dentre os demais atenienses e filósofos, a distinguir-se de um sofista e eleata comum, ele é um não-ser outro. Para um migrante, essa tarefa requer uma transmutação dentro do espaço físico, mas também requer uma transmutação interna representada pela identidade e apresentada por práticas culturais. Por causa dessa diversidade e abundância presente nos fenômenos de migração é que Robert Park clarifica que o fenômeno de migração deve ser estudado por sua qualidade subjectiva:

“Migração como um fenômeno social deve ser estudado não meramente no seu efeito mais grosseiro, como manifestado nas mudanças de costumes e maneiras, mas pode ser previsto nos seus aspectos mais subjetivos como manifestado nas mudanças de tipo de personalidade em que são produzidas”²⁵ (Park, 1928, p.887, tradução literal).

De acordo com Park (1928), o estrangeiro é um potencial peregrino, pois ele encontra-se como um homem marginal que rompeu o espaço do sagrado e do profano ao aproximar-se e, ao mesmo tempo, distanciar-se de certos grupos. Nesse sentido, pode-se retomar às influências lexicais presentes entre casa/sacerdote e campo/profano aqui apresentadas. A jornada de Dionísio rumo ao seu lugar de pertença no Olímpo apresenta uma transição do campo/profano para o tempo (casa/sagrado), a conquistar o seu lugar como uma deidade plena. A significação da transmutação do estrangeiro encontra-se presente no espaço físico, entretanto tam-

²⁵ "Migration as a social phenomenon must be studied not merely in its grosser effects, as manifested in changes in custom and in the mores, but it may be envisaged in its subjective aspects as manifested in the changes type of personality which it produces" (Park, 1928, p.887).

bém no espaço simbólico da identidade como deidade do Olímpo. Ao contrário dos outros integrantes do grupo, o estrangeiro será aquele com a flexibilidade de ir e vir entre os distintos espaços. Por isso, esta tal liberdade lhe confere o título de homem marginal, de estar entre ou à margem dos grupos.

De acordo com Nedim Karakayali (2006) em seu artigo *The Uses of the Stranger: Circulation, Arbitration, Secrecy, and Dirt*, há um *gap* na literatura contemporânea que trata sobre o uso do termo estrangeiro e implicando uma “redescoberta” do estrangeiro associado ao seu papel no processo, na sua jornada. Karakayali (2006) identifica quatro grande domínios com base em Simmel (1971, apud Karakayali, 2006):

“(1) circulação (de produtos, dinheiro, e informação); arbitrariedade e resolução de conflito; (3) gerenciamento e policiamento do domínio secreto/sagrado; e (4) limpeza das impurezas do grupo ou, mais genericamente, ‘trabalho sujo’”²⁶ (Karakayali, 2006, p. 313, tradução literal).

Há um convite para se pensar as relações de aproximação e distanciamento do estrangeiro com o grupo com quem ele se relaciona dentro desses quatro grandes domínios. Ao mesmo tempo, esses domínios revelam novamente uma influência da jornada do estrangeiro pela via dionisíaca e pela via da personagem do Estrangeiro de Eléia. Entretanto, estruturado em formas que levarão ao tratamento do estrangeiro e a economia, ou o estrangeiro e a comunicação de informação, por meio do domínio de circulação. Já a arbitrariedade e resoluções de conflitos presente no momento de transição do estrangeiro para a sua nova etapa em sua jornada — como a representação da morte de Dionísio e o seu renascimento em um novo deus — será representada em questões de política e relações internacionais. Assim como até certo ponto a manutenção e o policiamento do domínio do secreto/sagrado, pode ser relacionado à esfera do político, do religioso e do privado. Já ao quarto grande domínio que diz respeito à limpeza de impurezas e do trabalho sujo, será apresentado um ligeiro desdobramento. Este domínio é delicado ao ser tratado, pois ele faz referência aos lavradores e artesãos (*tekhné*) que habitavam fora da casa/sagrado, diz respeito àqueles que habitavam no espaço do campo/profano, o povo.

Seguindo a hipótese da jornada dionisíaca e com base no Estrangeiro de

²⁶“(1) circulation (of goods, money, and information); (2) arbitration and conflict resolution; (3) management or policing of secret/sacred domains; and (4) clearing the group from its impurities or, more generally, ‘dirty jobs’”(Karakayali, 2006, p. 313).

Eléia, o sujeito estrangeiro seria aquele que sairia do campo (ou pode-se chamar aqui a não-cidade) para a cidade em si. Até conquistar o seu lugar na cidade, lhe serão atribuídos sub-trabalhos. O aceite do estrangeiro pelo grupo que assim deseja, depende de quão benéfico a sua presença é para o mesmo grupo e será feito pela autoridade do mesmo. De acordo com Karakayali (2006) somente assim o seu lugar de pertença será conquistado. Da mesma forma pode-se dizer que ocorreu com o Estrangeiro de Eléia, ele foi apresentado por Teodoro — também estrangeiro, entretanto já aceito —, mas o seu aceite no grupo dos filósofos foi efetivado por Sócrates que o permitiu iniciar um debate com Teeteto. Entretanto, o passo a seguir permitirá uma interação por assimilação, aculturação ou transnacionalismo. Cada qual de acordo com o seu perfil de estrangeiro e presente ao logo do desenvolvimento da história da migração.

Neste caso, a separação pode ocorrer pela diferenciação e distinção como apresentada no diálogo *O Sofista* de Platão (1993, 2003) por meio do diálogo proposto pela personagem Estrangeiro de Eléia. Também pode aparecer na percepção de evolução e avanço presente na jornada dionisíaca, que envolve, ao mesmo tempo, os conceitos de diferença e distinção da parte pelo todo em constante evolução em Dionísio como "indivíduo" dentre as deidades, como também envolve a sua transição espacial rumo ao Olímpo. A percepção de obstáculo e incômodo, também apresentados como caos, encontrados nas cenas e sistemas são indicadores de limites que seccionam e distinguem — como na jornada dionisíaca, no diálogo *O Sofista* de Platão (1993) e agora presente na figura do migrante. Concomitantemente, esses mesmos obstáculos e incômodos representam o caos presente no período anterior à transmutação de um estrangeiro em seu novo *habitat*. O mesmo ocorreu na jornada dionisíaca por meio da morte e geração de um novo ser.

São nos limites que podem ser encontrados os eventos, ou momentos de crises e caos capazes de pôr em questionamento o passado para que se possa criar a partir de então um futuro. Portanto, aqui não se tratará de práticas e relações sociais no âmbito do indivíduo em si. Mas sim da sociedade, focalizadas nas práticas e relações sociais e económicas para que se possam estabelecer os ciclos e os sistemas em questão que se encontram em constante relação e transformação. Portanto,

“[a] percepção de que o imigrante é em potência a capacidade de ressignificar-se, diz respeito, também, à necessidade de inserção na comunidade em que se encontra. O imigrante é um ser resiliente por necessidade” (Avillez, 2015).

Tendo tal facto em mente, o fenómeno do transnacionalismo apresentado por Alejandro Portes (2004) toma como base a perspectiva da adaptação de imigrantes hispânicos nos Estados Unidos, entretanto, sua teoria será de uso abrangente. Para Portes (2004), o imigrante transnacional possui a particularidade de se adaptar ao país anfitrião, mantendo os laços de identidade e cultura com o seu país de origem. Portanto, o engajamento nas questões sociais, o estabelecimento de redes de contacto, estabelecimento de institucionalizações que consolidem a identidade e cultura do país de origem, participações políticas, organizações não-governamentais, estas são algumas das formas em que a transnacionalidade apresentar-se-á na vida do imigrante durante o seu quotidiano no país anfitrião. Portanto, estas são representações que servirão de suporte assim como o coro e os adoradores de Dionísio que lhe serviram de sustento ao longo da sua jornada.

2.5 A QUESTÃO DA MOBILIDADE, FRONTEIRA E LIMITE NO TEMPO

Foi-se o tempo em que as cidades fervilhavam ao receber seus mercadores viajantes trazendo notícias de terras distantes com peculiaridades jamais vistas. Aquela percepção de que naquele micro-cosmos de cidade continha um pequeno mundo passível de ser conectada em diversas outras cidades a formar um axioma, uma economia-mundo, conceito cunhado por Braudel (1987). Entretanto, desenvolvido também por Arrighi (2010) sob sua influência acrescida de Marx (1994), Weber (2009), Gramsci (2001) e Wallerstein (1974; 2001; 2005). Essa percepção de sistema embasada na alteração económica pré-capitalista para a capitalista ratificou uma posição ainda hoje trabalhada de que as relações de poder-economia-configuração social permanecem em constante evolução.

Em “Escritos sobre a História”, Braudel (2014) descreve um comportamento característico da delimitação tempo-espacial de periodização — a história como período. Quando apresenta que, “[o] desejo de cada um se afirmar contra os outros está forçosamente na origem de novas curiosidades: negar outrem, já é conhecê-lo” (BRAUDEL, 2014, p.42), estabelece-se delimitações relativas ao *espaço diferen-*

cial a longo prazo. Em concomitância, essa percepção sobre o desejo aponta a necessidade de separar para poder novamente re-agrupar. Neste caso, a separação pode ocorrer pela diferenciação e distinção como apresentada no diálogo *O Sofista* de Platão (1993, 2003) por meio do diálogo proposto pela personagem Estrangeiro de Eléia. Também pode aparecer na percepção de evolução e avanço presente na jornada dionisíaca, que envolve, ao mesmo tempo, os conceitos de diferença e distinção da parte pelo todo em constante evolução em Dionísio como "indivíduo" dentre as deidades, como também envolve a sua transição espacial rumo ao Olímpo.

Portanto, o marco de cisão entre grupos estipula uma separação que pode ser percebida e sua evolução ao longo da história pode ser acompanhado fisicamente pelo marco da fronteira. Nesse caso, as fronteiras e as relações de grupo referentes ao território geográfico são estabelecidas quanto ao espaço, mas também com relação às práticas sociais implicadas nele. A percepção do tempo surge por meio da história como narradora e, portanto, aquela que conecta um período histórico ao anterior, novamente estabelecendo uma relação de A para B por meio da separação de períodos e os acontecimentos neles contidos. Nesse sentido, a História enquanto ciência apresenta as qualidades que trarão corporeidade às periodizações: “essa duração social, esses tempos múltiplos e contraditórios da vida dos homens, que não são apenas a substância do passado, mas também o estofado da vida social atual” (BRAUDEL, 2014, p.43). Ou seja, a Ciência da História trata da pluralidade do tempo social. Nessa percepção de tempo, encontra-se o estudo de migração, o estrangeiro em relação ao espaço e àqueles que o adotaram e que ele os adotou.

A referência desse tempo decorrido, implica na apresentação da realidade pela sequência de factos cronológicos. Em si, a percepção cronológica do tempo deriva de Cronos como o Tempo. Mas para além, deriva de *Khronos*, cuja presença aparece a partir do mito de fundação do universo “*Metamorfoses*, Livro I” (CARVALHO, 2010). Entretanto, Braudel (2014) aponta que a história tradicional focaliza-se no indivíduo (onde a dimensão dos acontecimentos encontra-se o menos abstrato possível) e nos eventos em que ele encontra-se envolvido. Portanto, as narrativas possuem durações mais curtas, envolvidas nas relações sociais, quando comparadas aos períodos seculares que tratam de dimensões mais abrangentes. Consequentemente, mais abstratas.

Essa explanação vê-se necessária para se pensar o conceito de *longue durée* cunhado por Braudel (2014) e fundamentado na histórica económica e social. Diferente da história tradicional, prevalece como eixo aqui as oscilações cíclicas monetárias e as suas durações. A noção de migrar por motivos económicos foi apontada por Ravenstein (2010) em 1885 quando escreveu as Leis da Migração. Será dentro desse conceito de temporalidade que Braudel (2014) fará as relações de práticas sociais estabelecendo as conjunturas e os sistemas. Ao partir-se desta percepção Braudel (2014) ressignifica a palavra evento para aplicá-la ao seu contexto:

“o evento é explosivo, “novidade sonante”, como se dizia no século XVI. Com sua fumaça excessiva enche a consciência dos contemporâneos, mas não dura, vê-se apenas sua chama” (BRAUDEL, 2014, p. 45).

Com isso, Braudel (1958, 2014) aponta que, para si, o evento possui algumas características como ser novidade, porém como novidade será assunto por uma duração nem tão curta nem tão longa. Assim, apresentar-se-ia como um gráfico de parábola cujo ápice é o nível de excitação, inicia-se e termina-se em zero. Ao refletir sobre as dimensões do tempo, Braudel (1958, 2014) traz para si reflexões de Jean Paul Sartre²⁷ (1957) ao referir-se sobre a dimensão do tempo:

“o tempo curto, à medida dos indivíduos, da vida cotidiana, de nossas ilusões, de nossas rápidas tomadas de consciência — o tempo, por excelência, do cronista do jornalista. Ora, notemo-lo, crônica ou jornal fornecem, ao lado dos grandes acontecimentos, ditos históricos, os medíocres acidentes da vida ordinária: um incêndio, uma catástrofe ferroviária, o preço do trigo, um crime, uma representação teatral, uma inundação” (BRAUDEL, 2014, p.45).

Faz-se aqui uma relação entre a percepção de tempo curto e tempo longo apresentadas com a percepção de aproximação e distanciamento trabalhadas por Simmel (1950; 2005), entretanto em dimensões distintas. Essa apresentação e distinção temporal mostra a percepção da separação e re-agrupamento das relações sociais de migração na menor escala que é apresentada na antropologia, psicologia e comunicação. Entretanto, também apresenta a mesma relação social de migração, suas separações e re-agrupamentos na *longue durée* estudados em economia, relações internacionais, sociologia e comunicação.

²⁷ SARTRE, Jean (1957) apud BRAUDEL, Fernand (1958, 2014).

Essa definição das dimensões apresentada por Yves Lacoste (1988), em que a maior dimensão consiste de maior abstração, enquanto que a menor dimensão consiste de menor abstração e maior precisão, possibilitando a identificação de objectos e indivíduos pela uso da escala em metros propõe uma escala passível de ser trabalhada na área da migração; apesar de tempo e espaço possuírem sistemas qualitativos distintos, a relação estabelecida — se A, então B — põe o indivíduo como medida e marco central. Portanto, a partir dele, tempo e espaço apresentar-se-ão em dimensão de abstração menor e com maior precisão²⁸. Consequentemente, a percepção de ciclos introduz uma estrutura que, independente do juízo feito, apresenta elementos de organização e coerência nas relações e práticas sociais:

“[c]ertas estruturas, por viverem muito tempo, tornam-se elementos estáveis de uma infinidade de gerações: atravancam a história, incomodam-na, portanto, comandam-lhe o escoamento. Outras estão mais prontas à se esfalar. Mas todas são ao mesmo tempo, sustentáculos e obstáculos” (BRAUDEL, 2014, p.49-50).

A percepção de obstáculo e incômodo, também apresentados como caos, encontrados nas cenas e sistemas são indicadores de limites que seccionam e distinguem — como na jornada dionisíaca, no diálogo *O Sofista* de Platão (1993) e agora presente na figura do migrante. Concomitantemente, esses mesmos obstáculos e incômodos representam o caos presente no período anterior à transmutação de um estrangeiro em seu novo *habitat*. O mesmo ocorreu na jornada dionisíaca por meio da morte e geração de um novo ser.

São nos limites que podem ser encontrados os eventos, ou momentos de crises e caos capazes de pôr em questionamento o passado para que se possa criar a partir de então um futuro. Portanto, busca-se na subjetividade do tempo qualificá-lo em forma, — assim como Simmel (1950; 2005) questionou a forma no processo da migração — trazendo-o para uma objetividade aqui apresentada na dimensão tempo curto. A *longue durée* apresentar-se-á como a dimensão de maior abstração de menor precisão em relação ao tempo curto. Portanto, aqui não se tratará de práticas e relações sociais no âmbito do indivíduo por si. Mas sim da sociedade em si, focal-

²⁸ A captura do tempo curto pela narrativa crônica e jornalística envolve a transposição dessa duração para o *espaço diferencial* dentro da categoria do *mass media* (LACOSTE, 1988).

izadas nas práticas e relações sociais e económicas para que se possam estabelecer os ciclos e os sistemas em questão.

Ora, como, então, as *espacialidades diferenciais* poderão se relacionar com o tempo, levando-se em conta o capitalismo, a economia de mercado e a percepção de jornada presente na figura do migrante? Braudel (1987) subdivide a percepção histórica de mercado inicialmente em dois tipos. O primeiro, diz respeito às relações de trocas mercadológicas quotidianas locais ou em um raio de pouca distância. As ações de maior raio de distância, estão destinadas aos maiores comerciantes. Nesses mercados reúnem-se comerciantes, produtores, artesãos, clientes vindos de burgos e aldeias próximas e alguns agentes intermediários no mercado público. Esses actores das relações sociais e económicas forjaram laços de relacionamento entre espaços diferenciais, entre culturas diferenciais. As suas atividades que os levaram para fora da cidade, fez com que eles descobrissem o “entre” e desenvolvessem a capacidade de separar e re-agrupar. A esses mercados foi designado o nome e função de *public market* pelos ingleses:

“(...) colocarei de bom grado as trocas cotidianas do mercado, os tráficos locais ou a pouca distância: assim, o trigo, a madeira que é encaminhada para a cidade próxima; e mesmo os comércios de maior raio de ação, quando são regulares, previsíveis, rotineiros, abertos tanto aos pequenos quanto aos grandes comerciantes (...). Reúne, sobretudo, produtores — camponeses, camponesas, artesãos — e clientes, uns do próprio burgo, os outros das aldeias vizinhas. No máximo, haverá uma vez por outra dois ou três comerciantes, isto é, entre o cliente e o produtor o terceiro homem: o intermediário” (BRAUDEL, 1987, p.34-35).

Entretanto, a segunda forma de mercado seria, então, o contramercado de acordo com Braudel (1978), ou o *private market* — uma distinção entre o varejista e o atacadista que constituía o mercado interno da cidade, onde as relações possuem géneros e qualidades de acordo com o seus respectivos grupos. Neste momento da história, o mercado faz a transição gradativamente da troca e compra voltado para o consumo coletivo, para a troca e compra com o intuito voltado para o consumo individual:

“Ao camponês eles compram diretamente a lã, o cânhamo, os animais em pé, os couros, a cevada ou o trigo, as aves domésticas, etc. Ou compram-lhes até esses produtos antecipadamente, a lã antes da tosquia dos carneiros, o trigo quando ainda está verde. (...). Em seguida, eles encaminham suas compras, por carroça, animais de carga ou barcaças para as grandes cidades ou os portos exportadores” (BRAUDEL, 1987, p.36)

O que se percebe aqui é a organização dos territórios a partir das relações económicas, indo para além das relações de práticas sociais. Portanto, o início do capitalismo dar-se-ia com a identificação do Estado, em sua primeira fase representada por Veneza, Gênova e Florença (BRAUDEL, 1987, p.43). Ou seja, é a saída da sociedade pré-capitalista — M-D-M'²⁹ (Marx, 1994) — para uma sociedade capitalista — D-M-D'³⁰ (Marx, 1994) — constituída pelo poder da moeda e das trocas monetárias (Marx, 1994). A expansão territorial e mercantilista vai assegurar a potência de acumulação de riqueza para além dos meios de subsistência. Esses factores podem ser apelativos economicamente para aquele que deseja migrar.

Será a partir das relações de capitalismo, economia e estado que Braudel (1987, p.53) estabelecerá o conceito de economia-mundo dentro da *longue durée*. Enquanto a economia mundial refere-se à economia do mundo, o conceito de economia-mundo foi estabelecido a partir do vocábulo alemão *Weltwirtschaft*³¹, no sentido do mundo comportar uma secção da economia tal que seu comportamento funcione como um todo das relações económicas. A importância desse conceito encontra-se na hipótese de economias-mundo apresentarem qualidades de agrupamento em maior escala de migrantes. Possibilitando, assim, uma nova compreensão dos diversos perfis de migrantes na contemporaneidade apresentados inicialmente pelo vector País de origem — País anfitrião. Questiona-se se haveria uma relação da migração com possíveis capitais presentes em diferentes economias-mundo. Com isso, Braudel estabeleceu uma tríplice realidade indicadora da existência do conceito de economia-mundo:

“[e]la ocupa um espaço geográfico dado; portanto, tem limites que a explicam e que variam, embora com uma certa lentidão. Ocorrem mesmo, forçosamente, de tempos em tempos, mas a longos intervalos, rupturas. (...) [H]averia então uma ruptura dos limites do espaço ocidental, como o que atualmente existe. Uma economia-mundo aceita sempre um pólo, um centro, representado por uma cidade dominante, outrora uma cidade-Estado, hoje uma capital, entenda-se uma capital económica (...). Aliás, podem existir, inclusive de modo prolongado, dois centros simultâneos numa mesma economia-mundo (...). Toda a economia-mundo se reparte em zonas sucessivas. O núcleo e a região que se estende em torno do centro (...). Depois vêm as zonas intermediárias, em torno desse núcleo central. Final-

²⁹ Relação de Mercadoria - Dinheiro - Mercadoria transformada desenvolvida por Marx (1994) em *O Capital*, volume I e II.

³⁰ Relação de Dinheiro - Mercadoria - Dinheiro transformado, desenvolvida por Marx (1994) em *O Capital*, volume I e II.

³¹ A tradução direta do de *well.wirt.scharft*, em Alemão, para o Inglês é *world host community*.

mente, muito amplas, as margens que, na divisão de trabalho que caracteriza a economia-mundo, são mais subordinadas e dependentes do que participantes” (BRAUDEL, 1987, p.53-54).

É possível que várias economias-mundo coexistam dentro da economia mundial formando núcleos independentes, complementares ou que estabeleçam interseção. Tem-se em mente que uma economia-mundo apresentar-se-á com um centro cosmopolita e capitalista, suas cidades serão de destinos internacionais, como cidades-mundo e poderão ascender de posição e hierarquia em relação às demais cidades no sistema. A existência de fronteiras conectoras distingue reinos e países ao longo da história, entretanto os conecta e os inter-conecta ao estabelecer semelhanças identitárias por suas relações de práticas sociais e económicas.

Toma-se como partida o debate sobre a percepção de território para mais a diante poder debater questões relativas à fronteira e ao limite quando implicados aos factores de constituição de uma primeira cena identitária nacional brasileira. A percepção de território dentro da Geografia como Ciência, e para a Escola Francesa de Geografia, abre um debate de representação e estratégia que serve à Ciência de Informação e Comunicação como ferramenta. A Geografia está associada às práticas sociais em relação ao espaço terrestre. Para tal, os factores de representação são inicialmente cartográficos e focalizados em estratégia militar e de disputa de poder. Este é o propósito da Geografia de acordo com Yves Lacoste (1998).

Lacoste (1998, p.23) apresenta uma percepção de *espacialidade diferencial* que se encontra diretamente associada à percepção de tempo. Portanto, espaço, enquanto forma, estaria diretamente associado ao tempo por relacionamento social e percepção, resultando em movimento (*diferencial*). Assim, apresentaram-se três cenas de *espacialidade diferencial*: a) deslocamentos territoriais, cartográficos; b) configurações espaciais das redes de relacionamento; c) as representações espaciais do *mass media*.

Para que se pudesse pensar de forma estratégica o espaço geográfico, foi preciso qualificá-lo (LACOSTE, 1998, p.32). Com isso, categorizaram-se em regiões, interseções e conjuntos espaciais — uma percepção com base na teoria matemática de grupos (LACOSTE, 1998, p.92). Portanto, “[n]o coração de uma mesma ‘região’, lugares vizinhos e aparentemente idênticos podem, na realidade, oferecer condições bem diversas” (LACOSTE, 1998, p.32). Essa percepção de região possuindo características semelhantes, porém configurações espaciais de distintos e diferentes

fenómenos, faz com que se possa distinguir, o que Yves Lacoste chamou de *intersecções* dos múltiplos *conjuntos espaciais* (LACOSTE, 1998, p.32), com base em representações cartográficas. Apesar da representação territorial ser, em si, cartográfica, a constituição dos conjuntos e das intersecções só é possível a partir dos *espaços diferenciais* associados aos relacionamentos sociais e ao *mass media* apresentados por Yves Lacoste (1998, p.32-33). São representações abstratas da compreensão do quotidiano pelas Ciências Sociais na Geografia.

Esta breve apresentação da Geografia como espaço territorial cartográfico, associada às Ciências Sociais; abre para uma compreensão como estratégia militar e disputa de poder dentro da mesma ciência — *espaço de conceituação*. Ambos os conceitos de estratégia militar e disputa de poder encontram-se bastante presentes quando se há uma disputa identitária em maior escala, como por exemplo relacionado à constituição de uma nação. Lacoste (1998, p.39) aponta o *espaço de conceituação* como contido no objecto real, enquanto que o objecto de conhecimento estaria relacionado ao espaço real, porém distingue-se do objecto real. Portanto, diz respeito às representações. Com isso, pode-se estabelecer a percepção de “personalidade” de uma região³² e “individualidade” de uma região ao objecto de conhecimento como representação do espaço real para melhor compreensão do mesmo.

A *New Geography* como uma nova escola de geografia iniciou-se nos Estados Unidos voltada ao estudo de mercado e da economia. Como uma geografia “aplicada” durante o século XX. Neste contexto, a geografia adquire uma conotação mais quantitativa relativa às ciências exatas (LACOSTE, 1998, p.75). Lacoste (1998, p.80-82) expõe a geografia aplicada aos contextos em que são apresentados distinções e análises esquemáticas dos territórios dentro da área de actuação, e por vezes em contrastes como países “desenvolvidos” e “subdesenvolvidos”. Portanto, a passagem da geografia tradicional da Escola Geográfica Francesa do século XIX para a *New Geography* do século XX há uma inserção dos conceitos económicos tornando-a mais analítica e quantitativa. Ou seja, as aplicações da geografia às práticas sociais tornaram-se mais próximas das ciências exatas, quando antes encontravam-se mais próximas das ciências sociais.

Conquanto a formação espaço-territorial for se estabelecendo em regiões, por intersecções e/ou conjuntos, o resultado será o agrupamento de um espaço geográfi-

³² “personalidade de uma região” foi um conceito cunhado por Vidal de La Blanche, fundador da Escola Geográfica Francesa do século XIX-XX.

co, em um determinado tempo, associado a questões de jurisdição e de política — um território (GOTTMANN, 2012, p.523). Gradativamente, forma-se uma nação — ou pode-se relacionar com o agrupamento de actores em maior escala, sua representação na maior escala — como estratégia de poder. O conceito de território consiste de componentes de debate espacial geográfico-temporal, estratégico-político e de poder. Com isso, o conceito de território apresentou seu primeiro uso por volta do século XIV, pelos povos de língua europeia, com o intuito de definir primeiramente um espaço de jurisdição (GOTTMANN, 2012, p.523). Posteriormente, o conceito evoluiu para a esfera económica e as unidades governamentais (GOTTMANN, 2012, p.523). Percebe-se que o uso do termo "território" implica uma organização no espaço ocupado e das relações e práticas sociais estabelecidas. Diferente do termo "região", o termo "território" apresentará maior delimitação cartográfica, das práticas sociais e das relações estabelecidas. Portanto, uma maior definição do objecto real.

Passados os séculos, a contemporaneidade enfrenta dificuldade na definição do conceito de território por uma possível aproximação do conceito de Estado. Entretanto, enquanto o conceito de Estado apresenta-se como um corpo político, o território defini-se como um elemento geográfico contido neste corpo. Uma definição elaborada por Georges Scelle aponta o povo, o território e a organização governamental como elementos do corpo político que compõem o Estado (SCELLE, 1951 apud GOTTMANN, 2012, p.524). Apesar da organização governamental fazer parte do conjunto político do corpo, estão contidos nele elementos como a jurisdição que estabelece uma intersecção política com o território, corroborando para a delimitação de si.

A mutabilidade do conceito de território implicou em refletir espaços antes não contemplados. Portanto, compete ao conjunto do território o espaço terrestre, além mar, aéreo e, actualmente, *on-line*. Em cada subconjunto deve-se permitir a acessibilidade pretendida e controlada pelo ser humano (GOTTMANN, 2012, p. 525). Os pré-requisitos para acessibilidade e controlo entram na jurisdição como elemento político de intersecção. Percebe-se que a variabilidade presente dentro do conceito de território está intrinsecamente associada aos espaços diferenciais apresentados por Yves Lacoste (1988), ao permitir a diversidade dos subconjuntos associados entre si, desde território como cartográfico até o território como *mass media*, por meio do *on-line* ou das frequências sonoras de rádio (por exemplo). É com esta per-

cepção que Gottmann (2012) afirma que "a acessibilidade como a jurisdição, mesmo que se mantenham baseadas nos mesmos princípios morais, são destinadas a evoluir com os avanços das tecnologias de transporte e comunicações" (GOTTMANN, 2012, p.525). Portanto, os avanços das tecnologias de transporte e de comunicações constituem o início do investimento no que hoje é percebido como parte da grande área de Comunicação, com o seu princípio durante a revolução industrial.

Ao transpor o conceito de território para o de Estado, acrescenta-se cada vez mais elementos relativos ao povo (práticas e relações sociais) e organização governamental (estruturas de poder) ao corpo político. Gottmann (2012) relembra Platão ao trabalhar a *polis*,

"[e]le a queria isolada, especialmente do mar, para evitar a influência estrangeira. A população estaria agrupada no centro do território e as relações exteriores e trocas seriam responsabilidades de um pequeno número de funcionários públicos especialmente treinados, que seriam um anteparo da vida política interna ao envolvimento ou à influência estrangeira. Se a população estivesse em crescimento, o excedente seria realizado numa outra ilha similarmente planejada" (GOTTMANN, 2012, p. 526).

A percepção de Gottmann (2012), sobre a *polis* grega, aponta para uma doutrina de auto-isolamento e auto-manutenção económica e política. O difícil acesso para investidas de inimigos acaba por implicar no difícil acesso de mercadores e comerciantes, ou seja, rotas de trocas e atividades marítimas não são enfatizadas nesta perspectiva. Esta será distinta da percepção de Aristóteles, tutor de Alexandre Magno. Durante o império alexandrino os territórios conquistados puderam vivenciar um cosmopolitismo e, com isso uma troca de diversos tipos de relações, desde sociais até económicas.

Dentro da perspectiva platônica a expansão de território só ocorreria caso a *polis* não comportasse mais a população existente. Nesse caso, a cidade-mãe investiria na empreitada de colonizar e criar novas cidades que apresentassem o mesmo tipo de funcionamento e gestão da *polis* (SMITH, 2003, p.57). Apesar de haver uma hierarquia entre cidade-mãe e a colônia, havia uma independência na gestão do governo de cada cidade-filha:

"A colônia criava sua própria forma de governo, estabelecia suas próprias leis, elegia seus próprios magistrados, e mantinha paz ou fazia guerra com

seus vizinhos, como um Estado independente, que não precisava esperar pela aprovação ou consentimento da cidade-mãe” (SMITH, 2003, p.57).

Aqui faz-se uma distinção importante no uso da palavra colónia. Enquanto no latim a palavra advém de colonização, no grego advém de *apoikía* — “uma separação de moradia, uma partida de casa, uma saída de casa” (SMITH, 2003, p.59). Portanto, diz respeito a um estrangeiro em outras terras, diz respeito a um tipo de alteridade, que adquire *habitus* fora de seu *ethos*³³. Adam Smith (2003) distingue o impulso pela colonização da civilização grega e romana como distintos, e diferentes em necessidades e utilidades. O sistema de colonização romano estaria associado à cidade-mãe por um sistema hierárquico em que a cidade-mãe faria usufruto de suas colónias. Adam Smith (2003) exemplifica o funcionamento de Roma como originalmente agrária. Seus habitantes, caso não possuíssem terra, mas sim um capital passível de cultivar as terras de outrém, poderiam exercer a atividade de cultivo em terras arrendadas. Ou exercer uma atividade comercial de varejista. Caso não tivessem nenhum capital poderiam encontrar trabalho como trabalhador rural, ou artífice. Na cena de Roma, as terras de pessoas com maior poder aquisitivo eram cultivadas por escravos que trabalhavam sob uma supervisão, no caso de outro escravo. Mesmo o comércio de manufaturas, dos ricos, era exercido por escravos. As oportunidades para uma pessoa livre e pobre empregar-se como trabalhador, ou lavrador, reduziam-se. Na ausência de oportunidades e meios de subsistência, os cidadãos de Roma passaram a incentivar a expansão territorial por colónias:

“[o] povo começou a pressionar para adquirir terras, e os ricos e os grande – assim é de crer — estavam firmemente decididos a não lhes dar a mínima parte das terras. Por isso, para satisfazê-los de alguma forma, com frequência propunham enviá-los a uma nova colónia” (SMITH, 2003, p.58).

Para essas novas colónias, iriam aqueles em busca de oportunidade de trabalho com conhecimento de plantio e de comércio. Aqui percebe-se uma actuação do todo para a produção social de riqueza entre mãe e filhas (colónias). Com a evolução desse princípio, deu-se o desenvolvimento da Europa durante o período da Idade Média em diante, ou seja, o impulso por conquistar novos territórios associando-os à cidade-mãe (e posteriormente ao Estado) proporcionou o surgimento de ro-

³³ Ressalta-se aqui a dupla definição da palavra *ethos* ao serem apresentadas, de forma mais simples, como ética e morada.

tas de comercio e mercados, iniciando-se um sistema de trocas (SMITH, 2003; GOTTMANN, 2012). Entretanto, a inserção de um novo território pode gerar conflitos no processo de adaptação. Maquiavel (1995), em suas cartas para o Príncipe de Florença, aponta que a conquista de colônias pode gerar dissonâncias e dificuldades. A diferença de costumes e língua local trará atritos em adaptação entre o conquistador e o conquistado. Assim, Maquiavel (1995) sugere que o príncipe (ou outro a adaptar-se a outro superior monarca) fixe residência na colônia conquistada. Pois, a aproximação poderá trazer pela vivência quotidiana nova ordenação de *habitus* e costumes. O distanciamento impede a manutenção da ordem de forma imediata. De acordo com Maquiavel (1995), transformar um território conquistado em colônia seria trazer para si, aproximar como o Estado em si mesmo. O que seria mais vantajoso que instaurar um exército de manutenção da ordem no local. Ao passo que territórios são incorporados, rotas de comércio e mercado são criadas e intensificadas, derrubam-se fronteiras e criam-se novas relações de circulação.

Aquele estrangeiro que migrava pela via da sua *tékhnē* como mercador de cidade em cidade, carregou consigo a capacidade de adaptar-se para além da sua morada, adaptando-se ao *habitus* local ao tornar-se um hóspede. De peregrino e forasteiro por vir de terras distantes, tornava-se, então, família, pertencente e participante dos costumes da casa, da parte mais sagrada. De imigrante gradativamente passava a conquistar o seu lugar de pertença, a sua identidade e a Ser.

Quando se retoma a percepção de mobilidade na contemporaneidade, porém, a partir de John Urry (2007 *apud* Ferin, 2014) tem-se uma evolução dos espaços físicos e mentais por meio de deslocamentos globais que se encontram em sintonia com os dispositivos tecnológicos contemporâneos. Dentro deste contexto, a primeira dimensão de mobilidade será apresentada a partir de viagens de trabalho e turismo, como pequenos deslocamentos para o interior das cidades, estendendo-se para maiores deslocamentos para regiões e países até chegar à continentes (Ferin, 2014). A segunda dimensão de mobilidade passa a ser percebida por meio dos circuitos físicos de produção, armazenamento e distribuição logística, assim como o consumo dos objectos. O *habitus* do estrangeiro está associado ao seu poder de consumo, potência económica no país anfitrião (ou no caso de viagens no local em que se encontra em trânsito, ou seja, viajando, ou em passagem). A terceira dimen-

são diz respeito às "viagens imaginadas" relativas aos *media* e à indústria cultural, principalmente ao impacto que a televisão ainda proporciona (Ferrin, 2014).

Ou seja, "[o] consumo dos *media* permite ao migrante actuar a sua imaginação para "sonhar no momento da partida e *acreditar* quando encontra dificuldades na chegada"(Ferin, 2014: p. 76 *apud* AVILLEZ, 2015: p. 23). A última dimensão refere-se ao uso da internet que ultrapassa as barreiras do tempo-espço, tanto em aspectos positivos quando em aspectos negativos como a apresentação da *dark web* e o aprendizado de algoritmos de IA para racismo, homofobia, preconceitos de inúmeras instâncias entre outras questões (AVILLEZ, 2015). Neste caso, "[a] dimensão relativa à internet permite que se navegue em co-presença nas redes relacionais, acrescida da dimensão de conexão ininterrupta, ou seja, contactar e ser contactado em qualquer momento (Ferin, 2014 *apud* AVILLEZ, 2015, p. 23 - 24). Assim, percebe-se que o consumo dos *media* irá fundamentar a migração transnacional quando associada ao uso da internet e as redes sociais.

Saskia Sassen irá retomar conceitos apresentados aqui, porém trabalhados para que possam ser aprofundados em sua percepção e teoria sobre o que apresenta como cidades globais ao fazer uso do contexto sócio-económico acrescido do enquadramento urbano e da evolução tecnológica. Portanto, na década de 1980, Sassen (1991, 1995, 2000, 2006, 2007) apresenta uma alteração e surgimento de uma nova ordem global com base na movimentação das migrações, desregulamentação do Estado e do Governo, avanços tecnológicos e económicos, como o neoliberalismo nos Estados Unidos e o surgimento de pólos financeiros.

A década de 1970 representou a crise do petróleo, influenciando a economia mundial e resultando em um impacto de desequilíbrio e recessão económica mundial. Conseqüentemente, a movimentação de migração novamente iniciou-se como processo de busca por uma "melhor qualidade de vida" influenciada por questões económicas e a tentativa de se obter um poder de consumo. Entretanto, para se caracterizar como cidade global é preciso ter em si características e qualidades de Estado, Economia e Espaço (os 3 E's) que Sassen (1991, 1995, 2000, 2006, 2007) desenvolve em suas obras, diferenciando-se das cidades secundárias que servirão de conectoras às cidades globais. Essa perspectiva encontra-se muito semelhante à de Braudel (1987; 2014), quando apresenta sua concepção de cidade-mundo interconectada com as cidades axiais que fariam a manutenção dos mercados me-

dievais. Esta influência de Braudel (1987; 2014) sobre a obra de Saskia Sassen (1995) é clarificada em seu artigo *“La ciudad global: Una introducción al concepto y su historia”* ao contrapor os conceitos abordados:

Poderia ter recorrido a um termo mais próximo, como a “cidade-mundo”, a “super cidade” de Braudel ou a “cidade informacional” de Castells. Mas com a escolha em 1984 do termo cidade global, pretendia-se remarcar uma diferença, e destacar uma especificidade que o global hoje em dia. A alternativa mais evidente, a da cidade-mundo, nos remete, contrariamente a uma idade conhecida há séculos e, provavelmente também em épocas muito anteriores na Ásia. E se a maioria das cidades chamadas globais podem ser apresentadas como cidade-mundo, nem todas elas encaixam na aceção completa do termo. Em parte se trata de uma questão de ordem empírica, a cidade global pode alternar em função da extensão da economia global e da integração de novas cidades em suas redes³⁴ (SASSEN, 1995: p. 1-2).

Diferente de Sassen (1995), as cidades-mundo, tendo por base uma economia-mundo, (BRAUDEL, 1987, 2014; ARRIGHI, 2010; WALLERSTEIN, 2010) carregam em si uma potência sócio-económica por séculos e transmitem axialmente entre si mas, também, para as demais cidades secundárias as suas potências num espaço-tempo alargado e, bastante, distinto do apresentado pelas cidades-globais. Sassen (1991, 1995, 2000, 2006, 2007) iniciou a sua investigação sobre a cidade-global³⁵ de New York a partir dos períodos de recepção de grandes quantidades de imigrantes, na década de 1920 com a chegada de imigrantes nos Estados Unidos e,

³⁴ “Habría podido recurrir a términos cercanos, como la “ciudad-mundo”, la “super-ciudad” de Braudel o la “ciudad informacional” de Castells. Pero con la elección en 1984 del término ciudad global pretendía remarcar una diferenciación, y señalar la especificidad de lo global hoy en día. La alternativa más evidente, la de ciudad-mundo, nos remite, contrariamente a una ciudad conocida hace siglos y, probablemente también en épocas muy anteriores en Asia. Y si la mayoría de las ciudades llamadas globales pueden ser presentadas como ciudades-mundo, no todas ellas encajan en la acepción completa del término. En parte se trata de una cuestión de orden empírico, la ciudad global puede cambiar en función de la extensión de la economía global y de la integración de nuevas ciudades en sus redes” (SASSEN, 1995: p. 1-2).

³⁵ Para fins de complementarização do conceito de cidades-globais, aqui serão apresentadas algumas das características: 1) dispersão geográfica das actividades económicas da globalização, assim como a sua própria integração pela via empresarial; 2) as funções centrais dentro de uma empresa adquirem uma complexidade tamanha que as empresas globais tendem a subcontratar empresas especializadas; 3) o mercado de empresas e serviços especializado encontra-se sujeito à economia de agregação e produção de informação e de valor; 4) é preciso exteriorizar as sedes centrais, suas complexidades em funções e torná-las padronizadas, principalmente as que se encontram em mercados flutuantes; 5) as sociedades de serviços especializados devem operar mundialmente, implicando uma rede de associados ou filiados que os sustente; 6) aumenta-se as equipas altamente qualificadas e, também, sociedades ofertando serviços, especializados que possa preencher a margem de desigualdade sócio-económica e, espacial na percepção das cidades; 7) a demanda efectiva consiste, então, de uma junção entre as actividades económicas de empresas mais rentáveis com actividades de carácter informal (SASSEN, 1991, 1995, 2000, 2006, 2007).

mas principalmente em 1930 - 40 com a chegada de imigrantes europeus fugindo da II Grande Guerra.

A partir da sua percepção sobre a jornada do migrante ao longo de suas análises em New York, como cidade-global, e entre outras cidades, Sassen (2007) apontará que haverá em alguma instância algum tipo de violência direccionado ao imigrante. Seja no momento de saída, no momento de chegada e acolhida ou, até mesmo, quando este imigrante se estabelece no país anfitrião. Leva-se em conta aqui quem é este que imigra, portanto, se é alguém com poder de decisão sobre seu projeto de migração ou se é alguém que alguém sem poder de decisão. A escala pode variar de positivo à negativo. Acrescido à esta escala de poder de decisão sobre o projecto de migração da jornada do migrante, haverá a motivação para tal. Em alguns casos, tanto a motivação quanto o projecto de migração podem se misturar sendo difíceis de serem distinguidos (SASSEN, 2007). Para além do projecto de migração e do motivo, há também a intenção por trás do desejo.

Dentro dessas cidades-globais percebidas por Sassen (1991, 1995, 2000, 2006, 2007), as redes de imigrantes constituem uma enorme potência e força de trabalho que movimentam economicamente as cidades. Por vezes, auxiliando as próprias cidades a gerar uma certa autonomia e qualificando-as como cidades-globais — já possuídas de pólos financeiros, pólos universitários e educacionais, pólos tecnológicos, pólos urbanos que permitem estruturas urbanas facilitadoras dos demais pólos, assim como permitem o surgimento e criatividade de inovação. Ao mesmo tempo, Sassen (1991, 1995, 2000, 2006, 2007) aponta para o aspecto oculto das redes de imigração dentro de cidades-globais, por exemplo New York. Há uma violência que permeia certas redes de imigrantes quando seus direitos como cidadãos lhes são negados. Nesse momento, Sassen (1991, 1995, 2000, 2006, 2007) faz uma distinção entre os direitos de cidadãos apresentados pelo Estado Nação, como direitos políticos estabelecidos em constituição e apresentados por um Estado Nação constituído de fronteiras, limites e legislação. Em contrapartida à um direito de cidadão atribuído pelas cidades-globais, constituído de poder económico (cidadania económica).

Dentro desse contexto, a cidade-global é considerada um espaço não constituído de território em si, por apresentar as suas delimitações de forma fluida e, também, no caso de New York, por apresentar uma legislação que assegura a per-

manência de imigrantes não documentados — *a safe haven*. As cidades-globais apresentam, então, centralidades, ou seja, uma diversidade de pólos que facilitam a inovação e a criatividade em uma rede que poderá mudar no espaço-tempo. Ao mesmo tempo, também serão nessas centralidades que irão se concentrar *lugares de memória* e *lugares de fala*, permitindo a constituição de inúmeras e múltiplas identidades nas cidades-globais.

Portanto, a jornada do migrante apresenta mais do que transmutações para o seu lugar de pertença. Apresenta violências, ocultações e descolamentos e conquistas de cidadania. Assim como *lugares de memória* e *de fala* que lhe reconheçam a sua identidade por direito no país anfitrião. É preciso destacar aqui que para Saskia Sassen (1991, 1995, 2000, 2006, 2007) o conceito de identidade não é debatido para além do facto de ela se perceber como “sempre estrangeira e sempre em casa” ao mesmo tempo.

A IMIGRAÇÃO BRASILEIRA EM NEW YORK

3.0 INTRODUÇÃO

Questionar sobre a natureza de onde alguém vem e para onde alguém vai, questionar o que constitui a essência e a complexidade de tal identidade vai muito além do próprio indivíduo. Vai ao encontro da multiplicidade que compõem os que vieram de múltiplas jornadas e terras, para coincidirem um espaço-tempo. Um momento na história de um indivíduo e, ao mesmo, de múltiplos seres diversos em qualidades e narrativas. Descendentes de exilados, diaspóricos forçados, colonizadores, judeus, católicos, protestantes e das diversas religiões africanas que em terras brasileira se reconstruíram.

Forjar é dar forma ao metal, material que vem da terra e só pode ser adquirido por garimpo do homem em si. Ergo, por força do *trabalho* do homem. Este que irá corromper a natureza em busca de um metal específico às suas necessidades, com qualidades e propriedades capazes de serem transformadas ao submeter-se ao fogo. Elemento simbólico de transmutação ao longo das mitologias. Por tanto, a forja da identidade é a contínua transmutação da própria identidade, no caso brasileira, em sua plena complexidade.

A forja da identidade brasileira apresenta-se a partir da consciência que se tem sobre a complexidade da constituição da identidade brasileira no passado e as suas implicações ao longo do tempo. Também, a partir do olhar interno é que se poderá perceber quem são os brasileiros imigrantes nos Estados Unidos, especificamente em New York, ao longo, das últimas décadas. Mas, precisamente, quem são os jovens *Millennials* e *Centennials* tanto no Brasil quanto potencialmente em New York. Portanto, tendo mais do que um estado da arte sobre a imigração brasileira nos Estados Unidos, tem-se um estado da arte sobre a imigração brasileira em New York.

Apresenta-se neste capítulo uma reflexão inicial sobre as questões estratégicas que levaram ao posicionamento de políticas de identidade e mitos identitários brasileiros, na tentativa de criar uma união de pertencimento entre os cidadãos brasileiros. Conseqüentemente, tais estratégias novamente são

repensadas em solo nacional, e suas implicações levarão a consequências e efeitos na população imigrante.

Portanto, o item 3.1 apresenta a complexidade da formação da identidade brasileira em meio ao período imperial em transição para a república em questões de disputas de limites territoriais e nacionais. Adiante, debate-se a construção de mitos de identidade brasileiros desenvolvidos por Gilberto Freyre e Roberto Da Matta e como foram importantes para a constituição identitária brasileira. Ao passo que, também, excluíram minorias étnicas importantes para o país. Como os pretos e pardos que possuíam continuamente uma busca por representatividade, assim como os indígenas, e enfrentavam preconceito racial em inúmeras esferas sócio-económicas brasileiras.

Em seguida apresenta-se a importância do espaço lusófono como um espaço comum de identidade que perpassa as fronteiras territoriais estabelecidas. O espaço lusófono pode ser percebido como uma esfera de união, poder e identificação em meio a um mundo globalizado em que forças políticas, económicas e dos meios de comunicação são disponibilizadas como meios de ferramenta para controle e propagação da identidade e da identidade cultural. Por fim, apresenta-se os imigrantes brasileiros nos Estados Unidos e, especificamente, em New York. Assim como a geração X e Z, também reconhecidos por *Millennials* e *Centennials* respectivamente. O Mercosul e a America Latina são espaços de representatividade identitária e sócio-económica que não serão aprofundados nesta tese¹.

3.1 A COMPLEXIDADE DA FORJA DA IDENTIDADE BRASILEIRA

Ao se pensar em identidade brasileira, leva-se em consideração toda uma abrangência étnica pertencente à um país, portanto às proporções continentais que o mesmo possui e que serão acrescidas à sua história de exploração colonial e às campanhas de imigração para atração de mão-de-obra. No caso do Brasil, dentre as diversas colónias portuguesas, ele o único que em que efetivamente a família Real adotou como residência para além de Portugal continental, e acabou por servir de posto oficial para a mesma. Posteriormente resultando, na sede do Império do Reino

¹ Entretanto incentiva-se a busca por questões que possam complementar o debate identitário brasileiro.

de Portugal, Brasil e Algarve. É compreensível que a história da constituição do Brasil como nação e, conseqüentemente, a sua forja de sua identidade seja distinta e diferente das suas irmãs colônias lusófonas. Mesmo havendo uma semelhança que as conecta entre si com Portugal, pelo espaço lusófono em si, assim como há também uma semelhança que conecta o Brasil entre os países da América Latina e os países da Europa do Sul. A Latinidade e a Lusofonia tecem uma trama particular, única, e por isso distinta. Faz com que o Brasil seja único frente à tanta diversidade, ao passo que é tão próximo à outras num espaço imaginário que permeia e unifica todos, permitindo um intercâmbio de identidade de acordo com as suas trocas relacionais.

Há aproximadamente mais de 200 tribos indígenas espalhadas pelo território brasileiro, possuindo uma diversidade de idiomas, maioritariamente em áreas litorâneas, apresentando um total de aproximadamente 818 mil indígenas (IBGE INDÍGENA, 2010). Deixa-se claro que muitas vezes não se contabiliza os indígenas assimilados ao longo do tempo e que, conseqüentemente, vivem nas cidades, conscientes de suas origens e raízes familiares, mas sem qualquer documento que os identifique de suas origens indígena. Para além, pode-se dizer que o Brasil recebeu três grandes vagas de imigração, sendo que algumas delas foram constituídas por campanhas, algumas de longo e outras de curto de tempo, no período imperial. Desta maneira, o Brasil apresenta suas vagas de imigração durante os períodos de 1822-1949 com o recebimento de 5 milhões de imigrantes, principalmente de italianos, portugueses, espanhóis, alemães, japoneses, poloneses e sírio-libaneses (Castro e Lima & Barbosa de Castro, 2017).

A relação entre Brasil e Estados Unidos começou muito antes de ambos os países tornarem-se tais como são, com a chegada da Família Real deu-se início a abertura dos portos. As missões protestantes advindas da América do Norte, adentraram o território do, já então Brasil na tentativa de espalhar o evangelho. Entre os anos de 1859-1889 chegaram um total de 61 missionários, pastores e educadores que fundaram a Igreja Presbiteriana do Brasil, permitindo a expansão religiosa de norte à sul (RIBEIRO, 1991). Em 1930, a proporção de igrejas protestantes aumentou para 1358 com maior incidência na região sudeste do país, com 135.390 membros (RIBEIRO, 1991). Estabeleceram igrejas e escolas com suas respectivas filosofias religiosas e estilos de vida. Assim começava a relação de

influência dos Estados Unidos no Brasil. Entretanto, muitos séculos antes já havia iniciado nas terras da América do Norte a relação de influência dos portugueses brasileiros que no Reino de Portugal e Algarves habitaram até a sua expulsão. Refugiados da inquisição ocorrida em Portugal Continental, seguiram para a Holanda e, posteriormente, para as “Américas”. Mas acabaram por aportar em Recife, onde fizeram casa e a primeira sinagoga do Brasil. Com a chegada da inquisição nas terras da colônias, novamente buscaram refúgio e acabaram por chegar no que hoje é New York, antes conhecida por New Amsterdam. Onde novamente puderam constituir suas casas, a primeira sinagoga da cidade de New Amsterdam, hoje New York, e fizeram de lá seu refúgio.

Pensar sobre a identidade do Brasil requer uma reflexão acerca das questões coloniais, e dos processos diaspóricos e migratórios. Durante o período colonial e imperial, foram escravizados, negociados e comercializados centenas de negros capturados contra as suas vontades em diversos territórios africanos colonizados pelos países europeus. A escravidão funcionava como moeda de troca comercial, assim como o açúcar, o tabaco e outras mercadorias também funcionaram por diversos séculos. Portanto, estabelecendo rotas comerciais ao redor do mundo. Com isso, as cidades-mundo que continham em si potências e ações de crescimento interconectadas axialmente por rotas terrestres e marítimas puderam alimentar-se em mercadorias. Nesta altura, o escravo era uma mercadoria de troca, por tanto, um indivíduo sub-julgado, sem direito à cidadania, retirado de seu *habitat* e de seu *habitus*, sendo obrigado a exercer funções contra a sua vontade, abusado de seu corpo e negado seu intelecto. É importante ressaltar que não há registros de quantos navios abarcaram nos litorais africanos e quantos escravos foram tomados. Entretanto, alguns registros foram conseguidos a respeito dos escravos que desembarcaram nos litorais brasileiros, por meio de cadastros feitos por espanhóis, portugueses e, posteriormente, apresentados em jornais. Mas com o passar do tempo, tais registros foram gradativamente deixando de serem efetuados (IBGE, 2010). Portanto,

“[a] melhor fonte de dados existente refere-se ao porto do Rio de Janeiro. No que diz respeito à maioria dos portos brasileiros, na realidade, a única série completa de dados, até agora encontrada, pertence à documentação das companhias de comércio e monopólio de Pombal, preservada pelo Arquivo Histórico do Ministério das Finanças em Lisboa (Carrera, 1969). Por outro lado, as informações disponíveis para uma avaliação na área dos

portos de embarque, na África, lamentavelmente não são coincidentes com os dados relativos ao movimento de desembarque nos portos brasileiros (Klein, 1987). Apesar disso, é evidente que a maioria dos escravos destinados ao Brasil procede de áreas comercialmente interligadas, sob o controle de portugueses, como a Costa da Mina, o Congo e Angola. Os escravos procedentes de Moçambique chegaram em larga escala ao Brasil somente na última década do século XVIII” (IBGE, 2010: p. 55).

Durante o período escravista, foram traficados², do século XVIII ao século XIX, africanos que saíam dos portos de Angola (especificamente de Benguela, Luanda e Ambriz), Porto do Congo, Moçambique e da região da África Ocidental — constituída hoje por 16 países de acordo com as Nações Unidas, como Cabo Verde, Benin, Costa do Marfim, Gâmbia, Guiné, Guiné-Bissau, Libéria, Niger, Nigéria, Senegal, Serra Leoa, Togo, Burkina Faso, Gana, Mali, Mauritânia; para além, consideram-se alguns países insulares como Camarões, Chade, República do Congo, Guiné Equatorial, Gabão e São Tomé e Príncipe por pertencerem ao Golfo da Guiné³. A recepção desses escravos constituiu uma diáspora africana no Brasil, composta de migrantes diversos. Porém, tais migrantes não se aplicam aos conceitos das teorias da migração, pois foram objectificados e forçados a exercer trabalhos forçados, assim como expor os seus corpos como objecto de trabalho contra as suas vontades.

Foi em 1815 que a Grã-Bretanha estabeleceu com Portugal um Tratado⁴ acordando em abolir o tráfico de escravos na costa africana ao norte da linha do Equador (Garcia, 2005). Em 28 de 1817, tem-se uma Convenção adicional ao Tratado de 1815 em que “Grã-Bretanha e Portugal concedem-se direitos de visita e busca a navios suspeitos de comércio ilícito de escravos e são criadas comissões mistas de julgamento no Rio de Janeiro e em Serra Leoa” (Garcia, 2005: p. 46). Em 1839, é aprovado o projecto de lei Lord Palmerston, autorizando os navios britânicos a interceptarem navios portugueses suspeitos de envolvimento com tráfico negreiro,

² Ressalta-se que os dados obtidos são relativos por falta de catalogação sistemática e registo do tráfico de escravos.

³ Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81frica_Ocidental

⁴ “No Congresso de Viena, Portugal, representado por Pedro de Sousa Holstein, conde de Palmela, concorda mediante Convenção com a Grã-Bretanha em abolir o tráfico de escravos nas costas africanas ao norte da linha do Equador (21 Janeiro). Lorde Castlereagh, representante britânico em Viena, obtém a aprovação da Declaração das Oito Potências, que condena o tráfico de escravos como “repugnante” e reconhece a necessidade de extingui-lo o mais rápido possível (8 Fevereiro)” (Garcia, 2005: p. 44)

mas somente em 1842 é que Portugal suprime o tráfico negreiro⁵ (Garcia, 2005). Em 1845, o Brasil comunica à Grã-Bretanha o término do Tratado de Convenções assinado em 1817 e no ano de 1826 pelo Parlamento Britânico projecto de lei Aberdeen, e inicia um acto de protesto unilateral, considerando atitudes abusivas pela parte da Grã-Bretanha sobre a "soberania e independência da nação brasileira" (Garcia, 2005: p. 69). Esta nota de protesto fora assinada pelo Ministro de Negócios Estrangeiros, visconde de Abaeté e durante o período de 1845 à 1850 mais de 400 navios engajados em atividades de tráfico de escravos formam capturados e levados à julgamento na Grã-Bretanha (Garcia, 2005: 69). Considera-se que durante este período houve um aumento significativo de tráfico de escravos. Apesar das inúmeras tentativas de suprimir o tráfico de escravos, em 1850 é

"[a]provada a Lei Euzébio de Queirós (Ministro da Justiça) de extinção do tráfico negreiro no Brasil (4 Setembro). Cede-se à violenta pressão externa, anteriores, a lei será efetivamente cumprida e traficantes portugueses serão expulsos do país (...)" (Garcia, 2005: p. 72)

Ao mesmo tempo, em 1852, os Estados Unidos iniciam movimentação coordenada pelo tenente da Marinha Matthew Fontaine Maury, com o objectivo de enviar negros estadunidenses para colonizar o Amazonas e formar uma "República do Amazonas" (Garcia, 2005). Com frequência, as fronteiras no país estavam sob as ameaçadas e testes em diversas questões e situações. Ao passo que as minorias subjulgadas pela escravatura como negros e indígenas buscavam o seu lugar de pertença e afirmação identitária no país.

Em 28 de setembro de 1871 é promulgada a Lei do Ventre Livre, que concede liberdade aos filhos de escravas. Em 28 de Setembro de 1885, é promulgada a Lei Saraiva-Cotegipe⁶, também conhecida como Lei dos Sexagenários, que liberta gradativamente escravos sexagenários numa tentativa de apaziguar os ânimos da campanha abolicionista (Garcia, 2005). Seguida à esta lei, ainda com a intenção de conter a campanha abolicionista, foi promulgada a Lei Áurea pela Princesa regente

⁵ "A Grã-Bretanha envia Henry Ellis em missão especial ao Rio de Janeiro, com a intenção de negociar novo tratado comercial e persuadir o governo brasileiro a abolir o tráfico negreiro (10 Novembro). O Brasil entende que o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação de 1827 com Grã-Bretanha expira em novembro de 1842, mas, por insistência britânica, aceita prorrogar sua validade até novembro de 1844" (Garcia, 2005: p. 66).

⁶ "João Maurício Wanderley, Barão de Cotegipe, assume a Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros [em 20 de Agosto de 1885], em substituição a João Lustrosa da Cunha Paranaguá" (Garcia, 2005: p. 100).

D. Isabel. Decreta-se, assim, a abolição da escravatura no Brasil, porém sem indenização e impossibilitando todos os filhos de escravas, sexagenários e recém livres a reorganizar suas vidas sócio-economicamente. Portanto, à margem da sociedade e das atividades sócio-económicas e culturais estabelecidas na época. Essa sucessão de actos políticos estabelecidos com o intuito de conter uma tomada de poder pela campanha abolicionista, resultou no surgimento de novas culturas marginais, que já eram cultivadas às escondidas pelos antigos escravos. Agora, estavam gradativamente se abrindo ao "mundo da rua", do comércio informal, por meio outras expressões culturais que emergiram em subgrupos identitários reprimidos, e que gradativamente foram tornando-se expressões de actos políticos e culturais ao mesmo tempo. Foram ganhando espaço e o gosto de todas as camadas das populações.

Durante o período, deu-se Lei Áurea, pondo o fim da escravidão no Brasil, iniciou-se uma campanha para obter mão-de-obra em regime servil que ocupasse o lugar dos que antes trabalhavam em regime de escravidão, visto que aqueles que já habitavam no Brasil não desejavam ocupar os respectivos cargos. A primeira vaga deu-se em 1880-1903 com a entrada de 1,9 milhão de europeus, dentre eles portugueses, alemães e espanhóis. Foi durante este período que se criam cidades como Nova Friburgo para que pudessem receber os suíços, resultado de campanhas "supostamente bem sucedidas" com o governo da Suíça que sofria com a fome de 1817. Assim, em 1819 chegaram os primeiros colonos suíços a cidade de Nova Friburgo (GARCIA, 2005), ao mesmo tempo, também chegava uma colónia de 300 chineses trazidos de Macau pelo governo português com o propósito de introduzir a cultura do chá na capital do Rio de Janeiro (GARCIA, 2005).

A segunda vaga ocorreu entre 1904-1930, com a entrada de 2,1 milhões de imigrantes, principalmente italianos, poloneses, russos e romenos. Nesse momento, as campanhas para a entrada de italianos deu-se com o objectivo de adquirir mão-de-obra que pudesse ocupar o lugar de trabalho da mão-de-obra escrava, entretanto sob o regime servil. Basta ressaltar que a organização da força de trabalho da imigração italiana levou a elaboração dos sindicatos, da legislação trabalhista no Brasil entre outras questões. A migração italiana deu-se sobretudo no sul do Brasil. Por fim, a terceira vaga ocorreu entre 1932-1935, também por meio de campanha dos governos e foi caracterizada pela imigração japonesa com foco dirigido à São

Paulo (Lima & Castro, 2017). Após este grande período de imigração, o Brasil passou a receber novamente um considerável fluxo entre 1953-1960 de espanhóis, gregos e sírio-libaneses (Lima & Castro, 2017). Atenta-se que muitos dos imigrantes que chegaram no país reuniram-se para abrir clubes destinados às suas necessidades, criaram jornais em que publicavam desde matérias, cartas em busca de familiares, poemas, crônicas, etc. Havia uma multiplicidade de organização cultural entre os imigrantes, visto que eles trouxeram seu capital cultural dos países anfitriões para retribuir ao país que lhes acolhera, o Brasil.

Mesmo antes da percepção do mestiço pelo lusotropicalismo de Gilberto Freyre (1996), a concepção do brasileiro como uma mistura de brasiliense (nascido em solo), portugueses e migrantes, faz-se necessário para uma percepção das bases éticas de identidade. Retomam-se as questões histórico-económicas do Brasil⁷, em seu período de regime colonial, para que se possa contextualizar a cena. As terras americanas do Império de Portugal além mar, durante o século XVII e século XVIII, apresentam-se como um pólo económico de exportação. Com uma concentração demográfica localizada no litoral costeiro (Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Pará e Maranhão), a dispersão da população ao adentrar as terras brasilienses⁸ trazia complicações de controle e poderio colonial (PRADO JÚNIOR, 2002). Inicialmente o território do Brasil apresentava-se como um exportador de produtos como açúcar, erva-mate, café, algodão, metais etc. Dentre as suas rotas de exportação o Reino de Portugal encontrava-se como o principal, para além havia as rotas africanas, porém também havia mais rotas europeias e norte-americanas que disputavam em importância e interesse (FURTADO, 2003; PRADO JÚNIOR, 2002). O açúcar de cana compunha o principal produto do portfólio de exportação, entretanto apesar de sua extração ser feita em território brasiliense, os colonos não possuíam a tecnologia para refinar o produto bruto. Portanto, a primeira entrada dos holandeses na colónia portuguesa deveu-se a um acordo entre as partes para refino e distribuição do açúcar em território europeu (FURTADO, 2003). Porém, sob a regência de Filipe II, os espanhóis da União Ibérica retiraram a colonização

⁷ É interessante perceber que o primeiro recenseamento no Império do Brasil ocorreu em 1872. Entre 1750 e 1872, chamado de período proto-estatístico, realizou-se levantamentos populacionais sistemáticos que auxiliam na avaliação deste período, anterior a isto faz-se uma especulação de dados e cenários.

⁸ Devido a Lei do Morgadio, extinguido em Portugal em 1863, muitos portugueses vão ao Brasil em busca de oportunidades, visto que não herdarão posses uma vez que não são os filhos homens primogénitos.

holandesa do território português. Detentora da tecnologia de refino, a Holanda estabeleceu um novo acordo com a colonização inglesa nas Antilhas (neste período território dominado pelas forças da Inglaterra e França). Esta decisão estratégico-económica acabou por diminuir a capacidade de penetração dos produtos brasileiros exportados para dentro da Europa. Visto que o corte das relações com a Holanda resultou em um rompimento logístico (FURTADO, 2003; PRADO JÚNIOR, 2002).

A perda de um importante importador e distribuidor de açúcar fez com que a produção da colónia Portuguesa se voltasse para o Reino de Portugal⁹, para os territórios em África e para dentro da própria colónia durante o período anterior a chegada da corte, apresentando sinais de crise na estabilidade do sistema (FRAGOSO & FLORENTINO, 2007). Entretanto, durante os anos de 1803-1805, a colónia portuguesa em território americano já apresentava um desequilíbrio económico. Portanto, com a chegada da corte do Reino de Portugal em 1808, faz-se necessário estabilizar a situação política e económica da colónia e, em 1815, eleva-se de Estado do Brasil à condição de Reino Unido de Portugal e Algarves. Com o fim do Império Napoleónico em 1815, em 16 de Dezembro do mesmo ano D. João concorda com a elevação do Brasil à categoria de Reino Unido a Portugal e Algarves. Neste momento, o Brasil deixa juridicamente de ser colónia e em 1816, D. João torna-se rei de Portugal, Brasil e Algarves em 20 de Março. Para apaziguar os ânimos, em Portugal, são enviados para o Rio de Janeiro,

"[c]omo sinal das boas relações entre Portugal e França restaurada, chega ao Brasil a missão artística francesa, chefiada por Joaquin Lebreton, composta por pintores (Jean-Baptiste Debret, Nicolas Taunay), escultores (Auguste Taunay) e arquitetos (Montigny), à qual irá se juntar o naturalista Auguste de Saint-Hilaire (26 MAR)" (GARCIA, 2005: p.45).

Em 7 de setembro de 1822 D. Pedro I proclama a independência do Brasil. Acrescenta-se à esta situação a questão da mão-de-obra escrava em território brasileiro. A economia do Rio de Janeiro, futura capital do Reino, encontrava-se em *deficit* e a produção de açúcar, algodão (etc.) no Norte não supria as necessidades económicas da colónia. Com isso, o declínio da colonização portuguesa já se estabelecera frente às demais potências económicas. Entre 1803 e 1805, a variação das importações da África, aproximadamente 90% serviram para a compra de escravos, o restante focalizava-se em cera, azeites de amendoim e de palma,

⁹ Variação das importações feitas a partir do Rio de Janeiro

esteiras e mel de abelha (FRAGOSO & FLORENTINO, 2007). Percebe-se que a produção de açúcar no Império do Brasil, diferente das Antilhas, requer uma extensão territorial grande e uma mão-de-obra proporcional, feita com o uso de escravos. Com a perda do mercado açucareiro para a concorrente nas Antilhas, o Reino de Portugal e Algarves apresentou-se com mão-de-obra ociosa. A exploração nas Minas Gerais desloca parte destas pessoas para tal trabalho. Apenas em 1888 foi abolida a escravidão no Brasil, sob a regência da Princesa Isabel. Um reino habituado a lidar com trabalho escravo, vê-se em necessidade de mão-de-obra e estabelece acordo com outras nações, dentre as quais a Itália para abrir os portos aos imigrantes em troca de trabalho. Neste período, os portos também encontravam-se abertos para a entrada de portugueses desejosos de habitarem em terras tropicais.

A cena que ocorre em paralelo e que tem importância aqui para o desenvolvimento sócio-económico do Brasil diz respeito às relações desenvolvidas com a Inglaterra e com a sua colónia na América do Norte. Durante aproximadamente metade do século XVI até o *Tolerante Act* em 1689, a intolerância religiosa na Inglaterra favoreceu o recrutamento para o trabalho em suas colónias. O estabelecimento em terras novas inglesas consistia de um contrato de trabalho por um período de 5 à 7 anos, a receber como compensação o pagamento da passagem, a manutenção e um pedaço de terra ao término do contrato – trabalhava-se em regime de servidão temporária (FURTADO, 2007). A chegada dos holandeses às Antilhas trouxe a tecnologia do refino do açúcar e a possibilidade do não-isolamento em si mesmo. Com isso, propiciou-se crédito para compra de equipamentos, escravos, terras... À medida que a população branca, de maior poder financeiro, transferia-se das Antilhas inglesa em direção à Nova Inglaterra, os que permaneceram ali estabeleceram um comércio de importação de alimentos e grande exportação de trigo e açúcar para as demais colónias.

Diferente do Brasil, neste momento a colónia Britânica da América do Norte se retro-alimentava, ou seja, a diferença entre importação e exportação mantinha-se mínima (FURTADO, 2007). Dentre os diversos acordos políticos e económicos, Portugal e Inglaterra estabeleceram em 1703 o Tratado de Methuen¹⁰, que posteriormente seria desfeito em 1842. A relação apresentava certos privilégios

¹⁰ Também conhecido como *Port Wine Treaty*.

comerciais, permitia uma transição das rotas portuárias entre o Império Britânico e o Império do Brasil. Com isso, há uma abertura para trocas comerciais e também para a recepção de missões protestantes advindas das colônias do Norte, como os Estados Unidos.

Vê-se necessária a implementação de uma política identitária com a transição do Brasil-colônia para a sua independência, até chegar-se à primeira República, ou República Velha, governada por Marechal Deodoro da Fonseca (1889-1891), seguida de Washington Luís (1926-1930). Esse longo percurso histórico nada mais é do que um lento processo de assimilação cultural dos indivíduos que, até então, habitavam o Império do Brasil e viram-se questionados à identificar-se em relação a si mesmos e aos outros.

Ao poucos, as interações sociais estabelecidas quotidianas foram moldadas, entre as percepções sociais entre as experiências no âmbito daquilo que é familiar e daquilo que é “exótico”. Por experiência “exótica”, entende-se aqui por todas aquelas interações sociais que vão contra, em demasia ou não, às expectativas quotidianas habitual de interação social com o meio ambiente (Giddens, 2001).

Aquele que opta ou é forçado a migrar internacionalmente passará por um processo de adaptação, adopção e inserção social. Esse sujeito carrega consigo seu *habitus*, seus costumes independente de onde vier. Assim, a identidade, com seus traços de *mesmidade*, que adquiriu por meio das relações sociais que desenvolveu ao longo da vida e o resultado das suas experiências de interação social, resultam em uma contínua transmutação de um ser resiliente em si. O imigrante é um ser em potência com capacidade de re-significar-se. Portanto, é, também, a necessidade de inserção como membro pertencente na comunidade em que se encontra. Um ser resiliente *por* necessidade.

Ao chegar à terra “anfitriã”, o imigrante encontrar-se-á desprovido do seu espaço familiar. Por vezes na sua trajetória de mobilidade acaba por descender nos padrões económico-sociais da sua comunidade (Portes *et al.* 1999). Dentre as inúmeras teorias de imigração e processos de adaptação à sociedade, tem-se a adopção por assimilação. Neste caso, o imigrante acaba por interagir socialmente com a cultura da maioria por meio da negação da sua própria cultura de origem e adota a cultura do país anfitrião. Ou seja, opta pela cultura que consiga a maior possibilidade de inserção, assimilação e ascensão social (Vermeulen, 2001). Neste

tipo de sociedade, percebe-se que a cultura da maioria assimilar-se-á em determinado grau a cultura da minoria, entretanto, há uma resistência da alteridade ao que vem de fora, por sê-lo “exótico” (Vermeulen, 2001), o que acaba por interferir na cultura já estabelecida e homogênea.

O conceito de Vermeulen, (2001) seria inteiramente aplicável ao contexto deste artigo, se não fosse o fato de ainda não haver uma cultura estabelecida e homogênea, capaz de identificar-se como uma *mesmidade* em relação à alteridade. Quem era esse cidadão nascido (ou não) em terras Brasileiras e quem era aquele com o *status* de imigrante?

Essa instabilidade identitária desvelou-se em sete de setembro de 1822, quando D. Pedro foi nomeado D. Pedro I e, por uma questão estratégica adiantou o desligamento do Reino do Brasil. A independência tornou as terras brasilienses no Império do Brasil. Em meio a pressão política e econômica, a estratégia de independência usada por D. Pedro I remete a uma das lições de Maquiavel sobre o principado civil. Concerne à criação de um principado seu princípio no povo ou nos detentores do poder. No caso brasileiro, o “Povo e a Tropa saudaram as idéias de liberdade que ameaçavam o absolutismo português sediado no Brasil; elas eram encaradas como franco e aberto desafio ao Rei” (RIBEIRO, 2007, p. 369). Enquanto na posição de desejar ser bem quisto pelo povo e com isso permanecer nas terras brasileiras e, ao mesmo tempo, defender a desconexão com o Reino de Portugal, D. Pedro I encontrava-se na posição de detentor dos desejos e poderes de sua população. Protegê-los lhe daria melhores relações dentro de seu Império. Dentro dessa percepção, “o povo não pede mais que não ser oprimido” (MAQUIAVEL, p.125). Entretanto, a “opressão” do povo mantém-se relativa quando a população escrava apresenta uma representatividade considerável a ponto de tornar-se outro desafio e ponto de pressão política ao Império do Brasil.

Cada vez mais intensifica-se a emergência de uma política identitária capaz de unificar o povo e fazê-lo distinguir-se da alteridade, o Reino de Portugal e Algarves. A implementação da corte portuguesa no Brasil fez com que D. João VI ordenasse ao Ouvidor Geral do Crime da Relação, o Conselheiro Paulo Ferraz Viana, por meio do Conde de Linhares, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Guerra e Estrangeiros, o alistamento dos imigrantes residentes na Corte (RIBEIRO, 2007). Os imigrantes deveriam reportar-se em nome, emprego e

nação de origem. Novamente em 1818, convocam-se os imigrantes para uma nova matrícula geral, entretanto neste momento são lhes concedidos um atestado de livre circulação pelos Estados Brasileiros. Foi com o Decreto de 2 de Dezembro de 1820 que estipulou-se o uso de passaportes para a entrada e circulação no território brasileiro (RIBEIRO, 2007). Neste período a corte portuguesa, localizada nos trópicos, preocupava-se com os europeus afetados por ideais franceses de liberdade que pudessem desestabilizar politicamente o Reino do Brasil. Entre os anos de 1822 e 1825 o Império do Brasil viu-se diante de confrontos militares e diplomáticos com o Reino de Portugal e Algarves que não o reconhecia. As medidas de controle e observação dos imigrantes, tomadas inicialmente por D. João VI e depois por D. Pedro I, iniciaram um processo de fechamento dos limites do Reino do Brasil e posteriormente do Império do Brasil. Estabelecer-se-ia, então, uma distinção entre os estrangeiros e não-estrangeiros para a identificação da população brasileira e brasiliense como uma nação.

Esboçavam-se conceitos identitários sobre o *ser* brasiliense, o brasileiro e o português (da América e/ou da Europa). Isenta-se, neste momento, os demais imigrantes, pois neste primeiro “embate” cultural eles apresentam-se ou como mão-de-obra em regime de servidão temporário ou como mão-de-obra escrava. Não havia reconhecimento do *ser imigrante* como participante ativo ou passivo na construção identitária da nação brasileira daquele período¹¹. A distinção conceitual entre aqueles que nasciam em território brasileiro, designados como brasilienses, os habitantes do país de uma forma geral, chamados de brasileiros, e os portugueses trouxe atrito. Em 19 de Junho de 1823, o Deputado Alencar enfatizou a formação de uma imagem negativa dos lusitanos na sala da Constituinte do Rio de Janeiro. Iniciava-se uma elaboração da identidade brasileira em relação à identidade portuguesa, entretanto, pela sua distinção sem levar em consideração as possíveis *mesmidades*. Assim, entre 1822-1823, José Bonifácio apresentou dois documentos referentes ao suposto caráter do português e do brasileiro:

[a]firmava serem duas as causas a que se devia o “quase nenhum melhoramento de Portugal”: a falta de probidade e zelo da maioria dos empregados públicos e a ignorância não confessada de quase todos os lusitanos. Para ele, estes tinham um caráter marcado pela malícia, pelo

¹¹ Entretanto, mesmo com a ausência de seu reconhecimento identitário nas ações político-econômico, os traços de memória e identidade são permanentemente achados na constituição do brasileiro.

pedantismo, pela falta de humildade e pela incompetência. Ao seu avesso, os brasileiros eram “amigos da sua liberdade, e mal sofrem perder as regalias que uma vez adquiriram”. Inimigos do “arbítrio”, não suportavam o “vilipêndio”. “Apaixonados do sexo, por clima, vida e educação. Empreendem muito, acabam pouco. Sendo os atenienses da América, se não forem comprimidos e [direcionados] pelo Despotismo”. Era, assim, evidente o caráter laudatório dos “brasileiros”; achavam-se-lhes tantos elogios quantos aqueles que outrora saudavam a fertilidade e a pujança da terra.” (RIBEIRO, 2007, p.374)

Ao buscar-se a liberdade, a jornada acabou por levar-se à independência e, finalmente, na tentativa da constituição de identidade por meio da pertença comum àqueles habitavam o Império do Brasil. Com a finalidade de elaborar um primeiro grupo de símbolos identitários do Império do Brasil, em Setembro de 1822 forjou-se o seu escudo de armas. Em Outubro D. Pedro de Alcântara¹² foi aclamado D. Pedro I, Príncipe Imperador Constitucional, ato presidido pelo Senado da Câmara, em Novembro abençoavam-se as novas bandeiras e, por fim, em Dezembro fez-se a Coroação e a Sagração do Imperador (RIBEIRO, 2007). Ao mesmo tempo em que D. Pedro I ressaltava a permanência das relações comerciais entre o, então, Reino do Brasil e o Reino de Portugal e Algarves, ele impôs uma medida de segurança a favor do Brasil – Em 11 de Dezembro de 1822, o Governo resolveu *sequestrar* os bens portugueses na tentativa de forçá-los à sua causa (RIBEIRO, 2007). O caráter político da ação foi logo percebido e em Agosto de 1825 quando o Reino de Portugal e Algarves reconheceu a Independência do Brasil, anulou-se o Decreto, a resultar na devolução dos bens confiscados¹³ (RIBEIRO, 2007). A instabilidade desse Decreto fez com que o Desembargador Juiz dos Sequestros de Bens de Portugueses o aplicasse de forma intermitente, resultando em problemas económicos entre comerciantes e negociadores. O Decreto de 1823, estipulou que a entrada de lusos no Brasil seria possível apenas com fiança idónea do seu comportamento ao Juiz Territorial. Caso esse luso desejasse ser considerado cidadão brasileiro, deveria apresentar-se à Câmara e prestar juramento solene à causa do Brasil e ao Imperador (RIBEIRO, 2007).

Entretanto, os símbolos identitários constituídos para o Império do Brasil como uma nação puderam distinguir-se dos demais em seus poderes de atuação. A construção de uma identidade brasileira em relação à uma identidade portuguesa

¹² D. Pedro I fez uma campanha dos jornais para convencimento da população de que a separação entre as terras do Brasil e o Reino de Portugal e Algarves era necessária (RIBEIRO, 2007).

¹³ A suspensão completa desse Decreto ocorreu apenas em Junho de 1826 (RIBEIRO, 2007).

ainda encontrava-se frágil em termos culturais e em termos de diferenciação. Portanto, buscou-se fazer fortes bases políticas com uma finalidade aos residentes das terras tropicais, à causa brasileira. Forjou a figura do português inimigo, aquele que era preciso vigiar, controlar e até mesmo expulsar. Em contrapartida, havia a forja do brasileiro, o sujeito assimilado à causa do Brasil.

Se o primeiro período de construção desse *ser* brasileiro deu-se pela sua afirmação na nação, o segundo momento apresentar-se-á pelo binómio “civilização europeia-natureza tropical”. Neste período, o indígena esboça seu desvelar sob a perspectiva da literatura romântica de José de Alencar (1829-1877), como em *O Guarani* (1857) e *Iracema* (1865). Concomitante à cena, e sob a influência de conceitos evolucionistas, a miscigenação dos migrantes africanos¹⁴ acarretaria aos portugueses uma miscigenação abastada e de cunho negativo. Portanto, para tais evolucionistas, a solução seria o branqueamento da “raça” pela via da imigração europeia (ROWLAND,2007). Com isso, tem-se uma segunda justificativa para os acordos diplomáticos de imigração: 1) a substituição da mão-de-obra escrava pela mão-de-obra sob regime de servidão temporário após a Lei Áurea; 2) o branqueamento da população portuguesa miscigenada e abastada.

Os traços de *mesmidade*¹⁵ começam a emergir culturalmente na identidade brasileira por meio de Euclides da Cunha e Capistrano de Abreu. Posteriormente, na Semana de Arte Moderna de SP (década de 1920), artistas como Mário de Andrade, Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade permitiram experimentar-se e expressar-se em suas diversas possibilidades. Entretanto, foi com Gilberto Freyre, por volta da década de 1940, que se estabeleceu o início de uma identidade cultural brasileira pautada na sociedade colonial, escravocrata (ROWLAND, 2007). Novamente, sem reconhecer as influências do indígena na posição de primeiros habitantes locais. O lusotropicalismo aponta a posição social do indígena e do negro dentro de um contexto inferior ao branco. Entretanto, coube aos brasileiros (inclui-se aqui os indígenas, os negros e os imigrantes assimilados à causa) a capacidade de

¹⁴ Trazidos ao Reino do Brasil sob o regime de escravidão.

¹⁵ É interessante apontar que a Insurreição Pernambucana, relativa à expulsão dos Holandeses das terras brasileiras durante o século XVII deu-se por uma possível perda das terras à Espanha, alta cobrança de impostos pelos Holandeses, colisão religiosa entre os Holandeses em maioria judeus ou protestantes, contra Portugueses católicos. Neste momento, os Portugueses contaram com o auxílio de alguns africanos libertos e um grupo de indígenas Potiguares. Porém, neste momento, havia interesses políticos envolvidos e não estratégias de fortalecimento de uma nação, tampouco estratégias de elaboração identitária de uma nação.

assimilação e adaptação, sem o agrupamento em guetos (THOMAZ, 2007). As políticas de imigração que se tornam atrativas à Europa tem por finalidade trazer mais mão-de-obra e obter a “miscigenação positiva” da população (THOMAZ, 2007). É com a chegada do século XX que o brasileiro passa a identificar-se a si mesmo como tal. As diversas viagens de Freyre, para a África portuguesa, Índia portuguesa e Portugal em si, foram essenciais para a sua percepção de marcadores identitários dentro do próprio Brasil, em particular Recife. Uma relação de A em referência a B pela via das experiências pessoais. A partir dessa perspectiva, Thomaz (2007) reflete sobre o luso-tropicalismo de Gilberto Freyre, pois, aparentemente,

"o denominador comum português seria o único capaz de dotar de unidade aqueles diferentes territórios e, sobretudo, seria aquele a garantir, independente do regime político, uma sociabilidade razoável, marcada pela assimilação dos colonizados, oferecendo-lhes uma língua e uma cultura comuns que, entretanto, seriam capazes de incorporar os elementos particulares de cada povo de forma a garantir-lhe uma identidade positiva com seu grupo particular irredutível e com o todo lusitano no qual se reconheceria". (THOMAZ, 2007, p. 61)

É com base na política identitária construída com o luso-tropicalismo que Sergio Buarque de Holanda apresentará o seu ensaio *Raízes do Brasil* (1994). Ao retomar brevemente a organização hierárquica, o historiador afirma que “[t]oda hierarquia funda-se necessariamente em privilégios” (BUARQUE DE HOLANDA, 1994) e contextualiza os seus leitores ao distinguir a estrutura social ibérica da estrutura social existente em território brasileiro, território de influência maioritariamente português. Portanto,

"[a]o isolar-se o princípio da hierarquia do seu caráter hereditário e sobrenatural, restaria apenas o privilégio atribuído ao sujeito. Tal, é possuído de autoridade e necessariamente vem de alguém com diversos privilégios, entre os quais o hereditário. Ao transpor a condição do princípio de hierarquia para o Brasil, antiga colônia de Portugal¹⁶, percebe-se que nas situações apresentadas apenas a articulação de privilégios é que passa gradualmente a reger o sistema hierárquico local [Buarque de Holanda, 1994]". (AVILLEZ, 2015: p.55)

¹⁶ “E a verdade é que, bem antes de triunfarem no mundo as chamadas ideias revolucionárias, portuguesas e espanhóis parecem ter sentido vivamente a irracionalidade específica, a injustiça social de certos privilégios, sobretudo dos privilégios hereditários. O prestígio pessoal, independente do nome herdado, manteve-se continuamente nas épocas mais gloriosas da história das nações ibéricas”. (Buarque de Holanda, 1994: 06-07)

Ao comparar-se aos povos do Norte, aqueles que advinham da Península Ibérica não em si a obstinação pelo trabalho e o capitalismo (BUARQUE DE HOLANDA, 1994). Ao contrário, voltavam-se para o que eram percebidas como as relações familiares e as atividades rurais (AVILLEZ, 2015). Enquanto no Norte, havia um funcionamento sob uma racionalização da vida, experimentada pela cultura protestante, as nações ibéricas concentravam o seu princípio unificador em governos mantidos por uma força exterior (AVILLEZ, 2015: p.56). Assim, resultou-se uma cena tal que “[o]s elementos aristocráticos não foram completamente alijados e as formas de vida herdadas [...] *conservaram*, em parte, o seu prestígio antigo” (Buarque de Holanda, 1994: 11).

A alteração do mecanismo funcional do princípio de hierarquia resulta no princípio das competições nas terras tropicais. Pois, “[e]m terra onde todos são barões não é possível acordo coletivo durável, a não ser por uma força exterior respeitável e temida” (Buarque de Holanda, 1994: 04). Ou seja, “a suposta falta de coesão social é, em parte, o resultado de uma adaptação de culturas e costumes em território novo. O desejo pelo retorno à tradição, como combate a desordem, representa um fenómeno anterior ao modernismo” (AVILLEZ, 2015: p.56).

Sergio Buarque de Holanda (1994) ressalta que “somos ainda hoje uns desterrados na nossa própria terra” (BUARQUE DE HOLANDA, 1994: 03). Como em um jogo de espelhos entre Próspero e Calibã, trabalhado por Boaventura de Sousa Santos (2013) em que os países do hemisfério Norte comportam-se como superiores aos países do hemisfério sul. Ou até mesmo dentro da Europa, em que os países do Norte comportam-se como superiores aos países da Europa do sul, a apresentar uma disputa entre os países. Esta colocação faz referência a viver em função de outrém, mesmo quando há participação em um sistema próprio de evolução com geração de frutos. Mesmo com a cultura sendo capaz de absorver, assimilar e elaborar em certo grau traços das demais culturas (BUARQUE DE HOLANDA, 1994). Esta noção de ordem, como disciplina, consubstanciada no conceito de obediência por meio da Companhia de Jesus, acaba por colidir com conceitos advindos de fora como a ética do trabalho proveniente da Igreja Protestante (AVILLEZ, 2015). Dentro de uma dualidade de ordem e desordem, Sérgio Buarque de Holanda ressalta que,

"[n]o caso brasileiro, a verdade, por menos sedutora que possa parecer a alguns dos nossos patriotas, é que ainda nos associa à Península Ibérica, a Portugal especialmente, uma tradição longa e viva, bastante viva para nutrir, até hoje, uma alma comum, a despeito de tudo quanto nos separa. Podemos dizer que de lá nos veio a forma atual de nossa cultura; o resto foi matéria que se sujeitou mal ou bem a essa forma" (BUARQUE DE HOLANDA, 1994: 11).

Entretanto, as semelhanças entre as nações ibéricas e brasileira, especificamente a portuguesa faz com que adquira um maior grau de similitude. Deste modo, as culturas se interpenetrem e partes de si são transferidas, guardadas as devidas proporções, ao ponto de contribuírem na evolução de ambas (AVILLETZ, 2015).

A sociedade brasileira oscila entre povo e Estado a adentrar em formato holístico, há uma difusão entre o tempo histórico e o tempo cósmico. Portanto, é dentro dessa sociedade que o sujeito brasileiro percebe-se como a "pessoa moral, isto é, um ser dotado de alma e de direito básico ao respeito, à consideração e a um tratamento humano" (DAMATTA, 1997, p. 51). Ao passo que a imagem desse mesmo sujeito apresenta-se como um ser de alma concomitante com direitos básicos relativos ao respeito, quando a contra-imagem se revela um ser autoritário, tradicionalista expressado por "você sabe com quem está?" (DAMATTA, 1997). Jessé de Souza (2015) crê que o indivíduo nos EUA percebe-se como pertencente à uma categoria englobadora e inclusa e contrapõe ao indivíduo no Brasil que seria percebido como um sujeito à margem e em desconhecimento tanto do Estado quanto da população em si. Entretanto, a construção da sociedade nos Estados Unidos apresenta uma política de identidade que pode, ao mesmo tempo, incluir o indivíduo e excluí-lo. Ao passo que a construção de identidade do Brasil apresenta uma sucessão de conflitos e tentativas, por parte de intelectuais e investigadores, de atribuir sentido à diversidade e à hostilidade na formação identitária da mesma.

DaMatta, em "Carnavais, Malandros e Heróis" (1997) e em "O que faz o Brasil, Brasil?" (1986) tenta novamente dar conta da questão da identidade brasileira, ao elaborar um mito de criação da identidade brasileira como advindo de português, indígena e africano. Esse mito Damattiano, como se refere Jessé de Souza (2015) acaba por ignorar a diversidade presente na diáspora africana, além de ignorar a história colonial com suas disputas político-territoriais e, posteriormente, os incentivos para trazer imigrantes ao Brasil. A perpetuação deste mito é, ao mesmo tempo, ignorar uma diversidade cultural e étnica que se considera brasileira.

Pois, passam a ser postos à margem, tornando-se, por vezes, invisíveis ou diminuídos em números estatísticos sem representação significativa. Entretanto, a absorção e penetração da diversidade étnica é permanente no território brasileiro, inúmeras vezes, sem muito reconhecimento.

Durante o período colonial, a família brasileira fundamentava-se basicamente na rotina rural, especificamente as famílias rurais e donas de engenho (BUARQUE DE HOLANDA, 1994). Entretanto, a *casa grande* a vida era regida por regras, ordem e tradição, quando na cidade o quotidiano exibia o oposto (AVILLEZ, 2015). O comportamento dentro da *casa grande* e nos arredores da fazenda pode ser analisado de acordo com a influência da monarquia e as normas da antiguidade clássica (BUARQUE DE HOLANDA, 1994). A família rural organiza-se de acordo com preceitos da antiguidade clássica apresentando-se como o centro das organizações sociais (AVILLEZ, 2015). Buarque de Holanda no seu livro *Raízes do Brasil* diz que, “[o]s escravos das plantações e das casas, e não somente escravos, como os agregados, dilatam o círculo familiar e, com ele, a autoridade imensa do *pater-famílias*” (BUARQUE DE HOLANDA, 1994: 49).

Quando na casa grande, tem-se o chefe-de-família representado pelo *senhor de engenho* que concentra as principais tarefas e o poder. Dentre os diversos funcionamentos a monarquia em solo tropical, tinha-se a apresentação e o funcionamento dos fazendeiros escravocratas em que guardava demasiado domínio sobre as terras. As profissões liberais destinadas ao manuseio da política eram resguardadas pelos fazendeiros escravocratas e os seus filhos (BUARQUE DE HOLANDA, 1994). Portanto, a manutenção do poder na esfera política, como em parlamentos, ministérios, ou a chamada “posições de mando”, era destinada ao *incontestável domínio* de uma específica comunidade familiar rural (BUARQUE DE HOLANDA, 1994; AVILLEZ, 2015).

Percebe-se que a organização do núcleo familiar se encontra intrinsecamente ligada ao funcionamento da *casa grande*. Para se ter um engenho era preciso que ele em si se constituísse como um organismo completo, ou seja, vivo e passível de auto-sustento. Na capela realizavam-se missas e cerimónias, as escolas¹⁷ recebiam os alunos – meninos – e forneciam ensino, a alimentação dos moradores e hóspedes provinha das plantações e da caça local, por fim as serrarias mantinham o

¹⁷ Com a abertura dos portos, as missões protestantes trouxeram, para além da religião, o ensino escolar para o Império do Brasil.

engenho em boas condições (BUARQUE DE HOLANDA, 1994). Sob o domínio da autoridade patriarcal, a família rural mantém-se como um núcleo fechado, a convergir para si mesmo. Dentro dessa percepção os filhos, mesmo livres, subordinam-se ao patriarca. De acordo com esse modelo de família, “o grupo familiar mantém-se imune de qualquer restrição ou abalo. Em seu recatado isolamento pode desprezar qualquer princípio superior que procure perturbá-lo ou oprimi-lo” (BUARQUE DE HOLANDA, 1994: 49).

Aquele que advém de uma família rural, mesmo ao ocupar uma “posição de mando”, percebe que os deveres para com a entidade privada precedem à entidade pública (AVILLETZ, 2015). Durante a monarquia no Brasil, a política era composta de fazendeiros escravocratas ou filhos de fazendeiros (AVILLETZ, 2015). Tais eram educados nas profissões liberais, dominavam os parlamentos e os ministérios, criavam instituições, enfim ocupavam as chamadas “posições de mando” (BUARQUE DE HOLANDA, 1994). O desenvolvimento da organização política fez-se à semelhança das famílias patriarcais. Entretanto, nem sempre há o vínculo biológico e afetivo em concomitância com a organização política. Associando-se pelo profundo vínculo de sentimentos e deveres (BUARQUE DE HOLANDA, 1994). A união ao partido faz-se por compartilhar os mesmos interesses ou ideias sem ocorrência neste momento (AVILLETZ, 2015).

Por isso, falar do Brasil e do brasileiro é, ao mesmo tempo, falar sobre um *Ser* que é em cada um dentro dele brasileiro e fora dele (DAMATTA, 1986). É suposto refletir sobre a dualidade que compõe e, ao mesmo tempo, rege a sociedade brasileira, apresentado pelo círculo familiar e Estado. Posto que esta ganhará uma outra proporção à qual será atribuído por Roberto DaMatta de “mundo”, pela sua magnitude simbólica e complexidade (DAMATTA, 1997).

Portanto, ao círculo familiar é atribuído o “mundo da casa”, como sendo rígido, organizado e controlado, “[a]os ambientes físicos, dele são atribuídos funções específicas e aos familiares e todos os que trabalham para a família são atribuídos papéis sociais hierarquizados [DAMATTA, 1997] (AVILLETZ, 2015: p. 65). Quando no “mundo da casa”, percebe-se uma gradação de intimidade a marcar as áreas periféricas ao “mundo da rua”, até o “núcleo” do mundo da “casa”, em que o ponto mais íntimo é representado pelos os quartos de dormir. Roberto DaMatta (1997)

também aponta a distinção entre os traços presentes no domínio da casa *versus* o domínio da rua:

"Minha casa é o local da minha família, da "minha gente" ou "dos meus", conforme falamos coloquialmente no Brasil. Mas a rua implica uma certa falta de controle e um afastamento. É o local do castigo, da "luta" e do trabalho. Numa palavra, a rua é o local daquilo que os brasileiros chamam de "a dura realidade da vida". (DAMATTA, 1997: 93)

É no "mundo da rua", que os brasileiros atribuem como um espaço de "dura realidade da vida" regido pelo suposto caos quando em comparação ao círculo familiar (AVILLEZ, 2015). Entende-se por um ambiente em contínua movimentação, ação e "acidentes" no sentido estrito da palavra (AVILLEZ, 2015). É na rua que responde-se ao Estado, à hierarquias entre patrão e empregado. Entretanto, também, é na rua que se submete ao engano, à gafe, à decepção e à malandragem (DAMATTA, 1997). Dentre ambos os "mundos" referidos por DaMatta (1997), há uma ordenação subentendida sob a conduta do respeito, cada qual à sua forma. DaMatta (1997) apresenta uma subcategoria ao "mundo da rua" ao distinguir o que chama de "minha (ou nossa) rua" da "rua" em geral destinada ao que, supostamente, seria à todos. Esta mesma distinção vem a ser percebida quando se submete "minha (ou nossa) cidade" em comparação com a cidade em si (DAMATTA, 1997). Neste caso,

"[t]al subcategoria apresenta uma tentativa de aproximação das relações sociais no âmbito do círculo familiar, portanto no espaço urbano (rua, praça, pátio, cidade). Novamente, percebe-se um movimento "push-pull" presente desde o início do confronto entre o círculo familiar e o Estado"(AVILLEZ, 2015: p. 65).

Essa digressão histórica desvelou a construção de políticas de identidade que mais tarde apontar-se-ão ao Brasil e aos brasileiros de hoje. Compreender que o modo de produção material condiciona a vida social e política dos sujeitos envolvidos, para além da economia, é perceber que a "retro-alimentação" das Antilhas Inglesas com os Estados Unidos foi um dos fatores que os resguardou de uma crise económica. As estatísticas históricas do Brasil entre 1550 e 1988 apresentadas pelo IBGE (1990) apontam que durante o Império do Brasil, República Velha e Nova a nação manteve sua economia maioritariamente em *déficit*. Em contrapartida, o *déficit* apresentado pela comparação entre as importações e as exportações advindas do Rio de Janeiro não supriu a demanda e iniciou o colapso

do sistema colonial. Mesmo com as exportações e importações da capital do Reino de Portugal, Algarves e do Brasil para o sul do território brasileiro. O alto índice de importação mantinha o Reino do Brasil em situação de dívida.

Entretanto, apresentando conflitos armados no Norte e Nordeste do Império do Brasil, o *grito do Ipiranga* proferido por D. Pedro I apresentou-se mais como uma estratégia política. A campanha de mobilização da sociedade, com uso dos meios jornalísticos, para a causa do Brasil fora iniciada pelo próprio Príncipe Imperador. A ausência de uma movimentação de classes sociais menos abastadas desqualifica o caráter revolucionário do ato. Parte da burguesia e da corte a intenção de sustentar o *status quo* contra a aristocracia do Reino de Portugal e Algarves (MARX, 2008). A fala dos intelectuais e dos políticos re-afirma a capacidade de emancipação e detenção de conhecimento. Portanto, um *mito da direita* em que novamente percebe-se o jogo de espelhos entre Próspero e Calibã apresentado por Santos (2013). Entretanto, quando na posição de quem rompeu com o Reino de Portugal e Algarves, a corte e a burguesia do Reino do Brasil representa-se pela personagem de Calibã. Na comparação entre corte e burguesia do Reino do Brasil com suas classes menos abastadas, a posição altera-se para a de Próspero.

A necessidade de criar-se uma identidade brasileira apresenta-se como estratégia de delimitação das fronteiras não-físicas, económica, política e cultural. A ação de controle e regulamentação dos imigrantes, em especial os portugueses, acrescentado do *sequestro* dos seus bens e a definição de um “bom/mal português” e um “bom/mal brasileiro” instauraram no imaginário coletivo da população percepções generalizadas e fora do contexto histórico. Aos poucos, acrescentavam-se às imagens coletivas outras provenientes do conceito lusotropicalista proposto por Gilberto Freyre. Será por meio da omissão do contexto histórico e da perpetuação do conteúdo que se firmará o mito do brasileiro, do jeitinho brasileiro e do homem cordial. O burguês assimila para si um mito de identidade, enquanto a manutenção da sociedade em termos de economia e justiça permanece-á sob o poder dos intelectuais tradicionais e das classes abastadas (MARX, 2008).

Nesse primeiro momento, mesmo quando os intelectuais apresentam uma identidade brasileira, essa percepção é feita na posição de intelectuais tradicionais e não na posição de intelectuais orgânicos. Pois, inicialmente os intelectuais são filhos dos senhores das *casas grandes*. Portanto, são detentores de uma ordem e de um

funcionamento constituído no patriarcalismo. Ao adquirirem uma posição na política e a serviço do Estado, esses intelectuais iniciar-se-ão no *mundo* da burocracia. Mas ao mesmo tempo, fazer-se-á a assimilação de características da direita pertencentes ao corpo de funcionamento do Estado. Com isso, surge a interpretação dada por DaMatta (1997) na forma da dicotomia de entre “mundo da casa” e “mundo da rua” e o “jeitinho brasileiro” de Buarque de Holanda (1994). O que pode ser interpretado como uma perpetuação do tradicionalismo (COUTINHO, 2011), em que o período histórico é retirado para dar lugar ao contexto ideológico apresentado tanto por Gilberto Freyre quanto por Buarque de Holanda (1994). Ao passo que o brasileiro assimila as políticas de identidade, dá-se espaço para o surgimento de estereótipos sobre os próprios sujeitos apresentados.

De acordo com Jessé de Souza (2015), Gilberto Freyre (1996) elaborou o primeiro mito de criação identitária brasileira com o lusotropicalismo. Gilberto Freyre fez a sua graduação e o seu mestrado nos Estados Unidos. Primeiro na Baylor University e, em seguida, em Columbia University sob a orientação de Franz Boas. Ao retornar ao Brasil, seguiu uma carreira como jornalista e político, até o período em que saiu para viver em Portugal e, em seguida, novamente nos Estados Unidos, onde conseguiu uma posição como professor visitante em Stanford¹⁸. Apesar de ter uma forte socialização brasileira, Freyre possuía bases de interpretação e de investigação formadas inteiramente na América do Norte. Jessé de Souza apresenta em seu livro “A Tolice da Inteligência Brasileira”(2015) uma alteração na versão original de “Casa Grande & Senzala”, de Gilberto Freyre (1996), resultando na inserção de conceitos Weberianos que supostamente não existiriam antes. Entretanto, Jessé de Souza (2015) não levanta a hipótese dos próprios anos de vivência de Freyre nos Estados Unidos lhe terem permitido uma incorporação Weberiana direta ou indireta em seus trabalhos. Visto que a sociedade estadunidense toma como base de formação o conceito *WASP*¹⁹ (branco, anglo-saxão e protestante). Pode-se desconstruir o mito de criação dos Estados Unidos como *melting pot* a partir da percepção de como se deu a colonização e as imigrações para os Estados Unidos. Consequentemente, a partir desse processo, as políticas de identidade foram gradativamente sendo formadas.

¹⁸ Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Gilberto_Freyre

¹⁹ *WASP*, sigla usada para designar White, Anglo-saxon and Protestant.

Foi por meio das sucessão de revoluções passivas que a aristocracia do Império do Brasil conseguiu aos poucos consolidar uma identidade brasileira e firmar no imaginário coletivo um *mito de criação* (MARX, 2008; GRAMSCI, 2001). O que inicialmente era uma estratégia política de construção de uma nação, transmutou-se em parte em *mito* e em parte na própria concepção de identidade brasileira por assimilação dos seus habitantes. Essa sucessão de ações também trouxe como efeito indireto a supressão de sub-identidades que passaram ser reconhecidas como marginais em termos de importância por um tempo considerável (e ainda mantém-se em busca de mais visibilidade).

Brasil, um país de indígenas e imigrantes advindos de continentes diversos, sob condições adversas. Apresenta Portugal como a nação que assentou sua colônia e, posteriormente, a capital de seu Império em solo brasileiro. Entre os povos que compõem esta nação, alguns possuem maior influência e, conseqüentemente, impacto.

Diversos autores já se debruçam sobre as questões relativas às identidades, cor, etnias e “raças” dentro do território brasileiro. Dentre os tradicionais pensadores, ressaltam-se Gilberto Freyre (1996) e Buarque de Holanda (1994), respectivamente, pelo desenvolvimento do lusotropicalismo e o homem cordial brasileiro. Ambas percepções reverberam ainda hoje entre acadêmicos e leigos quando tentam clarificar quem é o suposto sujeito brasileiro e como é ele. Apesar de serem percepções hoje consideradas ultrapassadas sobre o comportamento humano, Gilberto Freyre (1996) inovou em seu período ao tentar tornar científico o tratamento de uma informação focalizada no negro, na casa grande e na senzala. Entretanto, a forma e uso de seu discurso, por vezes, perpetuava um racismo sob o selo da ciência. Quando, por exemplo, Gilberto Freyre (1996) descreve características de certos povos da África oriental que contribuíram para a formação do Brasil, percebe-se o uso de palavras como “doce”, “domesticáveis” na tentativa de igualá-los aos europeus ocidentais, então, considerados superiores:

“Esse característico não se encontra tão carregado nos indivíduos dos vários estoques mestiços de hamitas e até berberes de que nos vieram numerosos escravos: enquanto os fulos e outros povos da África oriental que contribuíram também para a formação da família brasileira se filiam pelo cabelo aos *cynotrichi*. Cabelo mais suave. Nariz mais afilado. Traços mais próximos dos europeus. Mais doces ou “domesticados”, como se diria em linguagem antropológica.” (FREYRE, 1996, p.304).

É neste contexto que Jessé de Souza (2015) repensa Gilberto Freyre (1996) e a influência Weberiana que atribui ter sido alterada por meio de uma intervenção em comparação à versão original da obra “Casa Grande & Senzala” (1996). Entretanto, esta mesma percepção de “docilidade” e a busca por uma suposta “pureza” para os mestiços, também, pode ser atribuída a vivência do autor durante seus longos anos de vida nos Estados Unidos e seus intensos estudos acadêmicos.

Em um contexto político-econômico-social em que o Brasil de 1930 vinha lentamente forjando a sua identidade nacional, foi que Gilberto Freyre (1996) iniciou uma sucessão de investigações e publicações relacionadas às características comuns dos brasileiros e portugueses. Alterando a percepção do conceito de mulata (o), que originalmente vem de mula, um animal mestiço e impossibilitado de procriar, para uma percepção positiva. É importante ressaltar a constante busca histórica da população diaspórica africana no Brasil para a sua conquista de liberdade, estabilidade econômica e reposicionamento social, frente à uma sociedade brasileira acostumada a realidade de uma hierarquia colonial de relacionamento. À esta hierarquia colonial de relacionamento que Jessé de Souza (2015) chama de “capital social de relações pessoais”, que irá se misturar ao homem cordial, aquele que é tomado pelo sentimento de *pathos* e, com isso, gerar o “jeitinho brasileiro” de se relacionar. Entretanto, a longo prazo, a percepção positivista sobre a miscigenação apresentada no lusotropicalismo de Gilberto Freyre (1996) acabou por formar no Brasil um racismo sutil, escondido em camadas sócio-econômicas (Souza, 2015). Bastante distinto do racismo estadunidense, resultante das bases coloniais WASP como o puritanismo e protestantismo Weberiano.

Sérgio Buarque de Holanda (1994) apresenta um ensaio sobre a sociedade brasileira e a penetração da colonização portuguesa, no desenvolvimento do brasileiro, no seu livro *Raízes do Brasil* (1994). Ao retomar brevemente a organização hierárquica, o historiador afirma que “[t]oda hierarquia funda-se necessariamente em privilégios” (Buarque de Holanda, 1994) e contextualiza os seus leitores ao distinguir a estrutura social ibérica da estrutura social existente em território brasileiro, território de influência majoritariamente português.

Os privilégios referidos por Buarque de Holanda (1994) fazem alusão ao sistema hierárquico hereditário e de ordem divina que regularam o período medieval. De acordo com Buarque de Holanda (1994), ao isolar-se o princípio da hierarquia do

seu caráter hereditário e sobrenatural, restaria apenas o privilégio atribuído ao sujeito. Tal, é possuído de autoridade e necessariamente vem de alguém com diversos privilégios, entre os quais o hereditário. Ao transpor a condição do princípio de hierarquia para o Brasil, antiga colônia e império de Portugal, percebe-se que as articulações de privilégios passam gradualmente a reger o sistema hierárquico local – aqui apresentado como círculo familiar.

Na tentativa de obter uma harmonia entre o que era o círculo familiar e o que é o Estado, a sociedade adaptou-se e desenvolveu “jeitos”, modos e estilos de realizar de forma intermediária daquilo que se refere, ambos, aos pólos de poder. O “jeitinho” passa a ser um processo “legal” e pacífico de resolver qualquer tipo de questão (DaMatta, 1986).

Como base do jeito brasileiro está o “homem cordial”, que ganhou este nome numa carta do escritor Ribeiro Couto atribuída à Afonso Reyes (Buarque de Holanda, 1994) ao referir-se ao “capital sentimento” desse povo que se dizia ser tanto amável quanto agressivo — refere-se mais ao sentimento e estado de *pathos*, do grego antigo, presente nas tragédias. Para que se possa compreender melhor este “homem” é preciso esmiuçar até se chegar às particularidades que se apresentam na transição do círculo familiar para o Estado.

Para que o Estado seja em si, é preciso que haja uma cisão entre o círculo familiar e o mesmo. Entretanto, frente à realidade da formação política brasileira, romper com o patriarcado passa a ser mais sutil, dualista e complexo do que esperado. A família do engenho, habitante da casa grande e representante do patriarcado rural aos poucos migra para as cidades. É por meio das profissões liberais que estes familiares da casa grande levaram consigo seu *modus* de ser e estar em uma tentativa de transferir o seu *habitus* ao novo ambiente.

Portanto, o “homem cordial” representa parte da moral desse sujeito brasileiro como um sujeito cândido, hospitaleiro e generoso, qualidades bastante apreciadas por estrangeiros (Buarque de Holanda, 1994). Qualidades referentes à sua realidade em uma determinada família que dispõe de relações interpessoais específicas. Serão essas qualidades que serão projetadas e transferidas para o universo da “rua”. Porém, é preciso lembrar que este mesmo “homem cordial” vindo de uma família tradicional patriarcal, apresenta também o seu oposto. Portanto, a não-

cordialidade que será de acordo com as relações estabelecidas pelo “capital social das relações pessoais” (Souza, 2015)²⁰.

Este mesmo homem cordial também possui uma outra face em que a inimizade se apresenta tão cordial quanto a amizade, pois ambas nascem do “coração” – por isso, relativas à afetividade, ao *pathos*. À inimizade não-cordial chamar-se-á hostilidade. Logo, esse sujeito “brasileiro” no seu quotidiano vive o homem cordial como uma manifestação supostamente “espontânea” de estar. Ao indivíduo que não pertence a esse convívio social, este mecanismo será percebido como um disfarce – que poderá ser contrário à polidez quando compreendido pelo centro do outro. Enquanto, o uso da polidez, a depender da atitude, poder-se-á apresentar como uma defesa ante a sociedade, uma forma de preservar intacta a sensibilidade e as emoções frente à sociedade (Buarque de Holanda, 1994). A adoção do jeito de estar representado pelo homem cordial está associada à ruptura nos principais pólos de poder – o círculo familiar (a esfera do privado) e o Estado como pertencente à esfera pública.

Percebe-se, na expansão da “cordialidade”, a busca pelas relações íntimas do círculo familiar e, velado, a dificuldade em sustentar-se em si mesmo (Buarque de Holanda, 1994). Atenta-se aqui para o fato desse relacionamento estabelecer-se na ação de A em relação a B. Ou seja, pode-se apresentar diversos cenários relacionais aqui, como por exemplo o filho do senhor da casa grande em relação ao seu pai. Ou o próprio senhor da casa em relação aos seus subordinados, sejam eles escravos ou não. A relação entre os filhos do senhor da casa grande, entre aqueles que permaneceram na casa (zona rural) e aqueles que foram para a cidade actuar em profissões liberais, etc.

A expansão do homem cordial é, portanto, a hierarquia do homem branco sobre o seu subordinado negro refletido nas diversas relações sociais, económicas e de poder. Para o homem branco é a tentativa de reproduzir essas hierarquias vividas dentro do círculo familiar, ao passo que tenta romper em liberdade com o chefe-de-família, para que possa ele próprio, o branco, ser o chefe de si.

Portanto, ao associar o comportamento hierárquico do homem cordial com os conceitos trabalhados por Frantz Fanon (2008) em “Pele Negra, Máscaras Brancas”, pode confirmar a fala de Fanon: “[t]odo o mundo já o disse, para o negro a alteridade

²⁰ Será dentro desse contexto que permitirá o surgimento da corrupção no Brasil. Tanto na esfera pública quanto na privada.

não é outro negro, é o branco” (FANON, 2008, p.93). A fala de Frans Fanon (2008) apesar de estar dentro do contexto da colonização francesa, ela põe em questionamento algumas relações de tensão: cor (preto/branco), colonizador/colonizado (França, país europeu/ territórios africanos colonizados), Norte/Sul. Relações de tensão como estas, por vezes, ainda permanecem presentes. O racismo apresentado pela hierarquia do homem cordial seria, nada mais nada menos, do que a tentativa do homem branco de sentir-se superior por meio da inferiorizações e controle do homem negro ao objectificá-lo. Fanon (2008) associa brevemente, com base psicanalítica, questões relacionadas à inveja como impulsionadores para o desejo de superioridade e controle do outro. Com isso, os longos séculos de escravidão e constantes inferiorização do negro pelo racismo puseram-no na posição e na condição de se ter consciência de seu corpo e ser responsável por ele.

Enquanto um sujeito branco passeia pelas ruas, muitas vezes despercebido da sua cor de pele e o impacto que ela causa, um sujeito negro não terá a mesma sorte. A um sujeito negro poder-se-á questionar-lhe a cor e até mesmo sua ancestralidade como explicita Fanon (2008). Pois,

“o negro não tem mais de ser negro, mas de sê-lo diante do branco. Alguns meterão na cabeça que devem nos lembrar que a situação tem um duplo sentido. Respondemos que não é verdade. Aos olhos do branco, o negro não tem resistência ontológica. De um dia para o outro, os pretos tiveram de se situar diante de dois sistemas de referência. Sua metafísica ou, menos pretensiosamente, seus costumes e instâncias de referências foram abolidos porque estavam em contradição com uma civilização que não conheciam e que lhes foi imposta” (FANON, 2008, p.104).

A tomada de consciência de um sujeito negro com relação ao seu corpo inicia um outro processo de aprendizado voltado para uma situação relacional entre negro – branco. A repetição de atitudes racistas nesse processo relacional traz desde o estranhamento até a tomada de consciência sob o corpo negro pelo próprio negro. Com isso, inicia-se o aprendizado, a apreensão pela repetição e a compreensão dos códigos inseridos nesse processo relacional (FANON, 2008).

Esse sujeito “brasileiro” que perpetua o comportamento do homem cordial será um branco. Muitas vezes ausente de uma consciência corporal que explicita a sua branquidade. Porém acostumado a estar sem interferência de outras pessoas ou quaisquer fatores externos, esse branco perpetua uma prática social de

hierarquização baseada em afetos, que foram cultivados em seu círculo familiar e replicados para as espaços das ruas e do Estado. Liv Sovik (2009), em seu livro “Aqui ninguém é branco” reafirma a existência de uma branquitude com base no eurocentrismo, ao “[c]onceber a branquitude como espelho da negritude” (Sovik, 2009: 55). As supostas brincadeiras praticadas na sociedade brasileira advém do que Sovik (2009) chama de uma ficção de igualdade social, “eu me valorizo, assim como você se valoriza” (Sovik, 2009:55). Para isso, em tese deveria-se iniciar a análise de uma mesma base. Entretanto, o sistema de meritocracia e igualitarismo não podem ser aplicados a este tipo de análise. O cenário de subordinação só irá alterar-se anos mais tarde e ainda assim com ressalvas.

Até então, a questão da mestiçagem e diversidade presente entre os brasileiros, nesta tese, foi apenas apresentada como um princípio de debate. Entretanto, dentre os diversos discursos da mestiçagem, um anda de mãos dadas com o homem cordial. Quando supostas brincadeiras insinuam a mestiçagem do povo brasileiro como sendo todos iguais, surgem marcadores que apresentam uma ausência de hierarquização entre brancos e negros presente em território brasileiro (SOVIK, 2009). Ao mesmo tempo, o mito de formação do povo brasileiro como “todos”, tendo origens indígena, européia (portuguesa) e negra reforça estereótipos, hierarquias perpetuadas desde o período da colonização e ignoram a diversidade de imigrantes presente no Brasil. Muito se escreveu e ainda se escreve sobre as relações forçadas entre senhores brancos e seus escravos negros, a resultar numa mestiçagem e mesmo numa política de branqueamento. Mas há também os relacionamentos interracialis voluntários e que, por sua vez, colaboraram para a mestiçagem da população brasileira.

Ao trazer para a contemporaneidade, percebe-se que os fatores de influência para o tratamento de dados relativos à cor dos brasileiros perpassará questões objectivas associadas a fatores económicos. Mas, também, perpassará questões subjectivas, resultantes da influência da escravidão na construção de um imaginário comum referentes à uma suposta identidade. Portanto, a percepção dessa imagem do sujeito branco e do sujeito negro ir-se-á para além da dicotomia apresentada pela cor, abrange as influências socioeconómicas e comunicacionais.

Em termos de método de pesquisa, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), até

então faziam uma coleta de dados por amostragem e estatisticamente calculavam as aproximações. Ao comparar-se o último Censo 2010 (CENSO DEMOGRÁFICO, 2012) com os dois últimos Relatórios Anuais de Desigualdades Raciais no Brasil (LAESER, 2008; 2010), percebe-se que os dados relativos a pretos e pardos foram agregados e passaram a ser comparados em conjunto, e em relação com os dados relativos a brancos.

Portanto, entende-se como principais argumentos, para essa junção de pretos e pardos, a percepção de racismo contra si, quando preto ou pardo; e a perspectiva política dos diversos movimentos negros com a compreensão da diversidade de matizes (RDR, 2010). Assim, iniciam-se outros questionamentos relativos as possibilidades de respostas por este indivíduo que respondeu ao censo. Questionam-se os conceitos de cor, raça e etnia distintamente, como factores de percepção e variação de matizes de pele no Brasil. Concomitantemente, como factores de influência sócio-económica no Brasil em vista do racismo e preconceito existente. Quando um analista do IBGE se vê frente a uma resposta sobre cor em que um branco se percebe amarelo por não ser branco como um europeu ou se percebe pardo pelo mesmo motivo, outros factores de análise são levantados e, novamente, o comprometimento conceitual e estrutural metodológico retoma como essencial para compreender o brasileiro.

Portanto, no momento em que o Relatório de Desigualdades Raciais 2008-2009 (2010) aponta que,

“[m]esmo o grupo branco pode, em alguns casos, ser acrescido de pessoas de peles mais escuras, mas de maior poder aquisitivo, auto-percebidas assim pelo efeito “branqueador” das melhores condições socioeconómicas” (RDR, p. 28);

os analistas apresentam a diversidade de matizes resultante da mestiçagem focalizada para o tom de pele preta, em associação com as condições socioeconómicas. É neste momento que os dados apresentados nos censos e nos Relatórios de Diversidade Racial no Brasil (2008; 2010) tornam-se frágeis por apontarem uma base para pesquisa cujos conceitos não foram resolvidos de forma hermética. Com isso, volta-se a questionar os conceitos empregados nas respectivos relatórios, desde o princípio e como apresentá-los à população residente brasileira de tal forma que esta seja passível de responder por auto-denominação

questionários censitários. Ao passo que, reflete-se sobre os dados já analisados e apresentados em relatórios e como utilizá-los, pois apesar de sua fragilidade de método, esses dados possuem a sua importância na compreensão da diversidade de residentes em território brasileiro.

A problemática relativa ao método aplicado na coleta e análise de dados pelo IBGE e pelo LAESER, encontra-se presente em uma das principais perguntas para se fazer a primeira distribuição desses dados, pois agrega os conceitos de cor, de “raça” e etnia em um mesmo questionamento. Já de frente, para o sujeito responder, pressupõe-se que ele saiba a distinção entre tais conceitos e que possa se autodenominar – possibilidade apresentada na coleta censitária do Brasil. Com isso, pressupõe-se uma capacidade de percepção e compreensão dos conceitos associada ao sistema educacional brasileiro. O que põe em questionamento primeiro os dados coletados relativos ao nível de instrução relativos às características da população e dos domicílios do território nacional.

Em associação, coloca em debate as avaliações das escolas municipais e estaduais feitas pelo Ministério de Educação. Para que posteriormente, quando adulto possa ser capaz de conceituar e interpretar tais informações. Ou seja, tal colocação em um questionamento censitário deve ser clara o suficiente tanto para o inquirido quanto para o pesquisador que irá analisar os dados coletados. De acordo com o IBGE, os recenseadores são instruídos a ler o manual com as opções de cor ou raça para o inquirido, para que possa registrar a opção declarada pelo inquirido (ou por outra pessoa no domicílio). Caso houvesse necessidade de clarificação, o processo seria repetido sem interferência dos recenseadores na declaração das respostas. A tentativa de categorizar a diversidade de “raça”, cor e/ou etnia em território nacional pelo Censo Demográfico existe desde 1872, quando a população livre fora categorizada entre branca, preta, parda e cabocla. Enquanto isso, a população escrava era categorizada entre preta e parda. Em 1890, o censo demográfico retirou o termo pardo e introduziu o mestiço, mantendo também o caboclo. Em 1940, o censo demográfico introduziu pela primeira vez a cor amarela e, em 1991, introduziu pela primeira vez a “cor/raça/etnia” indígena (CENSO DEMOGRÁFICO, 2012). Compreende-se indígena aquele que possui a etnia e/ou língua falada (CENSO DEMOGRÁFICO, 2012).

Clarifica-se que em conversa particular com funcionária do IBGE²¹, foram explicitados problemas ao analisar os dados coletados relativos à cor, “raça” e/ou etnia. De acordo com os recensitários do CENSO 2010, na região do norte e nordeste houve inquiridos que optaram por responder “amarela”, por perceberem a cor de suas peles amarela e não por terem ascendência asiática ou quaisquer traços característicos de um indivíduo oriundo do Japão, Coréia, China ou outras demais nacionalidades asiáticas. Esse acontecimento aponta uma percepção da cor por alguns inquiridos apenas como cor, eximindo o conceito de raça e etnia. Ao contrário do questionário por amostragem, esta é uma pergunta que o CENSO 2010 explicita ter elaborado para todo o território nacional (com exceção dos territórios indígenas, cujos dados ainda vem sendo processados). Com isso, 47,7% dos inquiridos declaram-se como brancos, 43,1% dos inquiridos declararam-se como pardos, 7,6% como preto, 0,4% como indígenas e apenas 1,1% como amarela (CENSO DEMOGRÁFICO, 2012). Portanto, a elaboração de uma pergunta dúbia poderá resultar em respostas com uma margem de erro acima do esperado.

Conclui-se que para o tratamento de dados relativos à cor de pele dos residentes brasileiros, deve-se continuar as pesquisas históricas, sociais, econômicas. Entretanto, também deve-se buscar pesquisar no âmbito cultural, comportamental e de comunicação com o intuito de clarificar por meio de marcadores de alteração da percepção de cor na população residente em território nacional. Evitando, assim, comprometer ou descartar como erro estatístico diferentes respostas relativas à diversidade de matizes de pele. Sugere-se uma pesquisa de longo prazo, inicialmente por amostragem. Tal pesquisa deverá acompanhar marcadores de percepção e evolução das amostras em cada região do país, com nível de instrução proveniente de ensino público e privado. Uma pesquisa de longo prazo poderá abranger mais informações, mesmo que por amostragem, sobre a percepção atual das características da população em território brasileiro.

Enquanto isso, àquele de pele preta e parda cabe a reação em defesa contra o ato racista. O surgimento de movimentos negros (e o próprio ato individual) com o intuito de combate ao racismo podem ser divididos em alguns grupos. Para fins ilustrativos, serão rapidamente apresentados os conceitos apresentados por Mbembe (2011) em *Necropolítica*. Adapta-se a lógica do mártir e da super-vivência,

²¹ Opta-se por resguardar o nome da funcionária do IBGE.

rapidamente, para pincelar as reações contra o racismo. Ambas possuem o temor como premissa. Entretanto, a lógica do mártir faz uso do próprio corpo para o combate, o que levará a sua morte. Enquanto que a lógica da super-vivência tenciona pela liberdade, a possibilidade de executar as suas ações em favor da causa contanto que possa manter-se distante da morte própria.

Poder-se-á dizer que a busca por respostas e igualdade de direitos e equidade, também, se faz no cotidiano. Portanto, no universo da casa em que as relações são estabelecidas pelo círculo familiar. É neste momento que o sujeito branco deve ressignificar-se e tomar consciência de seu próprio corpo. É no universo do cotidiano da casa e das relações familiares que o sujeito branco deve passar pelo processo de repetição/aprendizado/apreensão/compreensão apresentado por Fanon (2008), porém como branco dentro de um sistema de hierarquização e inferiorização em favorecimento ao sujeito branco. É no universo da casa e das relações familiares que serão re-construídos e ressignificados novos códigos, *habitus* e relações pessoais, para que possam replicar nos universos da rua e do Estado a evitar o racismo em suas diversas formas e faces.

3.2 A IMPORTÂNCIA DO ESPAÇO LUSÓFONO

Para se pensar no Espaço Lusófono, é preciso inicialmente refletir sobre a comunidade imaginada que originalmente tem seu conceito advindo de Benedict Anderson (1993), em que a forma como as comunidades existem e se constituem podem chegar a ser maior que as nações em si. A questão da autenticidade e legitimidade dessas comunidades, chamadas por Anderson (1993) de imaginadas não são postas em questão como falsas, pois implicam uma questão de percepção relacional que vão além das questões fronteiriças e políticas associadas às nações.

Ao repensar os conceitos de globalização associados à mobilidade e à constituição de comunidade imaginada, por meio de Arjun Appadurai (1996), percebe-se que o autor subdivide a construção de uma comunidade imaginada a partir do que categoriza como cinco tipos de *landscape*²², como uma extensão do conceito de Benedict Anderson (1993), apresenta *landscape* como blocos de "mundos imaginados":

²² Em português traduz-se por "paisagem", mas opta-se pelo uso em inglês, pois o termo *landscape* possui uma abrangência de denotação e conotação.

“[e]ssas paisagens, isto é, são a base de sustentação do que (extensão de Benedict Anderson) eu gostaria de chamar de “mundos imaginados”, ou seja, a multiplicidade de palavras que historicamente são capazes de constituir situações imaginadas de pessoas e grupos espalhados ao redor do mundo. Um importante facto no mundo em que vivemos hoje em dia é que muitas dessas pessoas ao redor do globo, vivem nesses mundos imaginados. (e não apenas em comunidades imaginadas) e logo, são capazes de contestar e, algumas vezes, até subverter os mundos imaginados de mentes oficiais e de mentalidades empreendedoras dos seus entornos²³” (Appadurai, 1996: p. 33, tradução literal).

De acordo com Appadurai (1996), estas categorias são de “mundos imaginados” são: *ethnoscape*, *ideoscape*, *mediascape*, *technoscape*, *financescape*. Portanto, a representação da mobilidade também pode ser percebida em padrões de comportamento e de consumo presentes em cada um desses “mundos imaginados” para constituir uma identidade que teça uma rede entre as cinco categorias (podendo estas serem mais ou menos fluidas). Em um modelo tradicional de representação de limites e fronteiras, um lugar encontra-se correlacionado à cultura e aos conceitos básicos de etnicidade (Morley, 2001). Neste caso, percebe-se a globalização um rompimento de paradigma que introduziu um sistema fluido como regulador das representações fronteiras e dos limites (AVILLEZ, 2015). Em resposta ao novo sistema vê-se, por um lado, que as fronteiras e os limites tornaram-se fluidos, ao passo que, por outro lado, tornaram-se rijos e segregacionistas como num efeito desestabilizador da globalização. Pois,

“então, para apontar não só os efeitos desestabilizantes da globalização, mas também o processo simultâneo da “desterritorialização” que é percebido ao nosso redor, onde fronteiras e variados limites estão a ficar cada vez mais marcados ao invés de menos²⁴” (Morley, 2001: 427; tradução literal).

As diversas vagas e tradições migratórias, os *media*, e os demais processos da globalização iniciaram um quadro global de interação no âmbito cosmopolita (Morley, 2001). Como prática de manutenção das fronteiras a sociedade dominante

²³ “[t]hese landscapes thus are the building blocks of what (extending Benedict Anderson) I would like to call imagined worlds, that is, the multiple worlds that are constituted by the historically situated imaginations of persons and groups spread around the globe. An important fact of the world we live in today is that many persons on the globe live in such imagined worlds. (and not just in imagined communities) and thus are able to contest and sometimes even subvert the imagined worlds of the official mind and of the entrepreneurial mentality that surround them” (Appadurai, 1996: p. 33).

²⁴ “so as to point not only to the destabilising effects of globalization, but also to the simultaneous process of ‘reterritorialization’ which we see around us, whereby borders and boundaries of various sorts are becoming more, rather than less, strongly marked” (Morley, 2001: 427).

apresenta os rituais de exclusão da alteridade (Morley,2001). No caso dos *media*, telenovelas brasileiras vem há décadas constituindo uma identidade em países lusófonos onde são apresentadas. Assim como, também, em outros países onde grandes emissoras de televisão como Globo e Record apresentam em maior penetração, *share* de mercado e público.

Entretanto, se voltarmos ao tempo, teremos o próprio marco dos escritos de Gilberto Freyre como um divisor da percepção identitária inicial para o debate do espaço lusófono. As relações identitárias, em constante transmutação e negociação, puseram-se a ser reajustadas entre as perspectivas essencialistas e classificatórias, por meio da emergência de formas conservadoras e violentas que impunham marcações simbólicas de poder (Cunha, 2007: p. 191). Portanto,

“[a] identidade encontra-se associada a três sentidos primordiais: a identidade legitimadora, introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar a sua dominação sobre os actores sociais; a identidade de resistência criada por actores e sujeitos que se encontram em posições estigmatizadas e desvalorizadas; a identidade de projeto produzida por indivíduos ou grupos no sentido de redefinir a sua posição na sociedade” (Castells, 2003: p. 2 - 12 apud Cunha, 2007: p. 192).

Com isso, no Brasil, a identidade da elite conservadora advinda dos senhores da casa grande serão gradativamente renegociadas com as identidades da resistência dos descendentes de africanos libertos (pretos e pardos), assim como indígenas e os descendentes resultados da miscigenação, independente da percepção apresentada por Gilberto Freyre sobre o conceito de miscigenação:

“Deve-se ainda salientar as relações entre as elites portuguesas e as brasileiras durante o início do século XX e no Estado Novo português, sobretudo, através da cultura cultivada e dos intercâmbios universitários. A participação dos portugueses na Semana da Arte Moderna de 1922 e a apropriação que o salazarismo fez dos escritos de Gilberto Freyre, nomeadamente de Casa Grande & Senzala (1930 são exemplos, insofismáveis dessa relação. A participação de António Ferro, que posteriormente irá ocupar o cargo de ministro de Salazar, no evento que celebrava cem anos de independência do Brasil, permitiu-lhe reconhecer uma outra forma de “fazer cultura”(Castro, 1986). Por outro lado, Gilberto Freyre e o conceito de Lusotropicalismo abriu um espaço teórico, conceptual e ideológico de justificação do colonialismo tardio português, ao proporcionar elementos que valorizavam o “modo especial dos portugueses colonizarem” e se relacionarem com o Outro nos trópicos” (Cunha, 2007: p. 202).

Pois hoje na realidade, o Brasil é percebido como um país muito mais diverso em termos étnico do que a coloração branca em termos de pele. Entretanto,

apresenta profundas questões de defazagem sócio-económicas e de apesendizado escolar associados a um racismo estrutural.

Os impulsos ritualísticos nem sempre levam à exclusão, entretanto têm a função de ajustar o outro à sociedade dominante, como se domesticado por ela (AVILLEZ, 2015). Em algumas situações os rituais podem ter origem em questões relacionadas ao desejo. Neste momento, dever-se-á considerar para além dos impulsos, a acção em si e os seus efeitos. Se uma sociedade dominante se caracteriza como homogénea, ao adentrar um sujeito imigrante este será considerado um “impuro”, não-pertencente à sociedade — como referido no Capítulo 02 com relação à jornada dionisíaca de pertença. A sociedade tornar-se-á heterogénea, pois foi “profanada” pelo estrangeiro “impuro” (Morley, 2001). Appadurai (1996) apresenta categorias de leitura e mobilidade que se relacionam com o fenómeno da americanização e com a percepção de *commodity*. Neste caso, o uso do termo *commodity* (esse bloco constituído e homogéneo) é estabelecido por uma conexão monetária e de consumo homogeneizado, com a cultura dominante. Isso implicaria que as demais culturas ao adentrarem o espaço geográfico dominante enfrentasse algum grau de barreira com relação aos fatores de penetrabilidade e de expansão da mesma (AVILLEZ, 2015). A cultura dominante homogeneizada tenderá a repelir o diferente. Aqui, representado pelo outro espaço geográfico em que também se percebe na presença da cultura homogénea, que é em comunidades fechadas ou condomínios fechados. No caso de Appadurai (1996) constituído em subúrbios norte-americanos ou em outros espaços específicos. Morley (2001) apresenta como exemplo o fenómeno ocidental presente nos subúrbios norte-americanos,

"[a]qui nós confrontamos políticas de afastamento e separação, ambas na cidade, e com fluxo de grupos privilegiados para o subúrbio ou campo, como uma forma de escape do multiculturalismo burguês da vida em cidade²⁵" (Morley, 2001:432; tradução livre).

Para que haja uma percepção de pertencimento, Morley (2001) faz uso do simbolismo contido no termo *Heimat*. Originalmente alemão, *heimat* apresenta os

²⁵ [h]ere we confront the politics of withdrawal and separation, both within the city, and in the flight of privilege groups to the suburbs, or to the countryside, as a way to escape from the burgeoning multiculturalismo of city life" (Morley, 2001: 432).

espaços de pertencimento e as identidades agregadas aos espaços de acordo com o grau geográfico (local, nacional or transnacional). Quem dentro da nação faz dela o seu *lar* e quem como imigrante consegue também fazê-lo? A pergunta na negativa também pode ser exposta aqui. Quem em ambos os contextos não consegue fazer da nação em que se encontra o seu *lar*?

A micro-física da aprendizagem de pertencimento (Lofgren; 1995 *apud* Morley, 2001) associa práticas domésticas, rituais e de comunicação nacional para integração gradativa daquele que advém de fora. É interessante perceber que o imigrante documentado, às vezes, causa mais receio ao país anfitrião do que o imigrante não documentado. Isto ocorre porque, a temporalidade do sujeito-turista difere-se daquele que imigra. Assim como o imaginário fantasioso do sujeito que vive além das fronteiras geográficas do seu próprio país de origem, possuindo um papel no tempo-espaço de influência. Morley (2001) apresenta no seu artigo *Belongings: Place, space and identity in a mediated world* a percepção de um imigrante já integrado no país anfitrião, possivelmente por assimilação visto que imputa uma relação de segregação para com os demais imigrantes:

"Lá fora, Auge marca que o Outro 'dos cartões postais e viagens de turista' (o Outro, como Auge coloca, 'é querido ao Sr. Le Pen') 'está em movimento e não pode mais ser posto em uma localidade específica', parece que talvez aos olhos daqueles que se debruçam sobre a ideia de terem 'sua' a terra e a 'sua' vila, o exemplo da imigração bem sucedida é mais amedrontador do que a imigração ilegal, o interessante 'neste' medo do imigrante é o facto dele próprio ser um emigrante"²⁶ (Auge, 1998:108-9 *apud* Morley, 2001: 439, tradução literal).

Na busca pelo pertencimento e interação social, à princípio percebe-se primeiro, a ordem da necessidade e, segundo, a ordem do desejo. Pois, é natural ao ser humano busca pela interação social. No entanto, o desejo surge quando se desvela as formas de aceder às necessidades. Pois, também é natural ao ser humano o âmbito dos desejos. A transição entre aquilo que é atribuído à necessidade e ao desejo é subtil, por estar continuamente em movimento. Portanto, é este movimento relacional entre o sujeito (AVILLEZ, 2015).

²⁶ "Elsewhere Auge remarks that now the Other 'of postcards and tourist trips' (the Other, as Auge puts it, 'dear to Msr Le Pen') is on move and 'can no longer be assigned to a specific place' it seems perhaps that in the eyes of those who cling to the idea of having 'their' land and 'their' village, the example of successful immigration is perhaps more terrifying than that of illegal immigration, in so far as 'what's frightening in the immigrant is the fact that he (sic) is also an emigrant'". (Auge, 1998:108-9 *apud* Morley, 2001:439)

A percepção das fronteiras geográficas e a noção de um suposto país soberano dissipa-se em meio a fluidez das relações de causa e efeito referentes à globalização. Conceitos como regionalismos, localismos trazem à tona a necessidade de debate frente à outras culturas e suas multiplicidade que os limites de fronteira não comportam mais (AVILLEZ, 2015). A necessidade de refletir e debater o multiculturalismo contemporâneo e presente nos espaços exteriores ao país de origem ascende. Esses sujeitos desprendidos da sua terra natal compartilham uma memória dela e o compromisso de preservá-la (Giddens, 2001). A identidade étnica traz consigo um sentido de solidariedade com os membros do próprio grupo que se encontram nas mesmas condições (Giddens, 2001). O consumo de bens culturais andam junto com a percepção de diversidade, trazendo uma maior influência nas sociedades. Portanto, "[o] "sujeito imaginado" resulta de uma constante relação entre o real e o imaginado em que as fronteiras geográficas já dissipadas abrem espaço para as fronteiras simbólicas" (AVILLEZ, 2015: p. 23). Os sujeitos imaginados se relacionam por redes imaginadas de identidades que foram, ao longo do tempo, gradativamente constituídas em *mesmidades* e reconhecidas para que pudessem obter, independente do espaço em que se encontram uma percepção de semelhança e identificação.

De acordo com Stuart Hall (2003), o "sujeito imaginado" é aquele que saiu da sua terra de origem, atravessou as fronteiras físicas de seu país e constituiu a sua "casa" no país anfitrião. Para isso, foi preciso transmutar-se e acrescentar às identidades já existentes, aquelas resultantes do processo de adaptação e de uma nova percepção de pertencimento à comunidade actual (Hall, 2003 *apud* AVILLEZ, 2015).

Eventualmente, este mesmo sujeito poderá passar pelo que Stuart Hall (2003) chama de processo de exílio e retorno. Ou seja, o imigrante nutre em si um desejo de retorno à terra de origem (Giddens, 2001). Ao fazê-lo, terá dificuldade em reconectar-se ao seu país de origem; sentirá falta do país anfitrião e, ao mesmo tempo, sentirá que o país de origem tornou-se irreconhecível. Portanto, "[s]entem-se felizes por estar em casa. Mas a história, de alguma forma, interveio irrevogavelmente" (Hall, 2003: 27). Sassen (1991, 1995, 2000, 2006, 2007) apresenta esse mesmo sentimento como sendo uma eterna estrangeira, um

sentimento diaspórico que nunca vai embora independente do quão adaptado o imigrante possa estar.

Pode-se perceber aqui uma semelhança entre o processo de desvelamento da *verdade* presente na Alegoria da Caverna, de Platão, e o próprio processo de auto-desvelamento pelo que o imigrante passa. O imigrante clarifica a sua percepção e conhecimento sobre o que antes não conseguia ver e descobre-se como um “sujeito imaginado”. Uma etapa pela qual o “sujeito imaginado” transmuta-se em uma nova identidade. Portanto, a concepção de identidade encontra-se necessariamente relacionada à percepção de tempo e, com isso, à percepção de percurso histórico e a própria vivência do tempo como uma jornada (Hall, 2003). Todo o movimento estabelecido ao longo do tempo traz consigo um processo de mutação da tríade identidade-imagem-representação do “sujeito imaginado” (AVILLETZ, 2015).

Stuart Hall (2003), apresenta um conceito fechado e tradicional elaborado através da construção binária da diferença²⁷. Por meio deste conceito, é que se faz uma fronteira de exclusão relacional e dependente de um “Outro” com oposição rígida de dentro para fora (AVILLETZ, 2015). Ressalta-se que as fronteiras veladas acabam por funcionar como praças de passagem²⁸. Se a globalização estabelece uma homogeneização da cultura global por meio do parâmetro da americanização, as praças de passagem estabelecem a proliferação subalterna da diferença (Hall, 2003). O paradoxo da globalização contemporânea encontra-se no *push/pull* entre a cultura homogênea e heterogênea (Hall, 2003).

O espaço lusófono faz-se composto pelo sistema migratório dos povos falantes de língua portuguesa (Cunha, 2012). Para perceber melhor sua composição e conceituação, será preciso retornar ao Portugal Império e, mais adiante, explorar a imigração das suas colónias. Pode-se dividir a colonização portuguesa em três grandes períodos históricos, a começar no século XV até o final do século XIX, o início do século XX e o final da Segunda Grande Guerra consolidam o segundo período, por fim, de 1950 até à Revolução de 25 de Abril de 1974, com o fim do Estado Novo português e a independência das colónias africanas. Ao longo deste estendido período, Portugal perdurou como o império ainda capaz de administrar

²⁷ O conceito de diáspora de Stuart Hall difere-se do conceito de Espaço Lusófono de Isabel Cunha no quesito diferença, pois o segundo apresenta em relação às semelhanças.

²⁸ *Places de passage*.

colónias (Cunha, 2012). No total, constava do território do império português: Portugal Continental, as ilhas adjacentes no mar do Atlântico, o Brasil, parte do território africano e asiático. Apresentam-se as ex-colónias com os respectivos anos de independência: Brasil (1822), Angola (1975), Cabo Verde (1975), Guiné-Bissau (1974), São Tomé e Príncipe (1975), Moçambique (1975), Macau (1999) e Timor Leste (1975).

Como estratégia de ocupação nas colónias, tem-se a estreita relação com quem Portugal se identificava internamente. Se o país era tido como uma nação pobre, de poucos recursos demográficos (Cunha, 2012), fundamentalmente agrária, tradicional e de funcionamento nuclear-familiar (Santos, 2013); então, torna-se perceptível o uso das colónias para plantação comercial de exportação, assim como um sistema mundial de troca de bens e pessoas também com finalidade comercial (Cunha, 2012). Mesmo com a alcançada expansão territorial, a evolução financeira, ainda lenta, acabou por manter as relações sociais e comerciais em núcleos muito semelhantes às relações familiares, o que facilitou a manutenção dos laços como “família lusófona” (AVILLEZ, 2015).

Com isso,

"a intimidade trocada nessas relações sociais e comerciais nucleares foi uma característica que distinguiu Portugal das demais nações possuidoras de colónias. Ao mesmo tempo, permitiu uma proximidade maior entre o colono, Próspero e português, e os seus colonizados Calibãs. Em especial, a colonização do século XV obteve uma atenção diferenciada para a consolidação linguística e cultural (Cunha, 2012). A transferência da capital do Império para o território brasileiro fez com que houvesse o investimento específico do império português para estabilização e manutenção da coroa em solo" (AVILLEZ, 2015: p. 25 - 26).

O espaço lusófono caracteriza-se como um sistema pós-colonial de migração de países que compartilham uma cultura e língua comum (Cunha, 2012), tendo como base uma rede de conexão histórica, colonial e cultural acrescida de acordos bilaterais diversificados em áreas como justiça, educação, telecomunicações, segurança, *etc.* (Cunha, 2012). Percebe-se como um espaço virtual, passível de debate e troca, em que um imigrante e *não*-imigrante podem *estar* no mesmo sítio, assim como podem estar nos seus países de origem (Cunha, 2012). Por meio dos *media*, os falantes da língua lusófona sentir-se-ão em pertencentes em meio a um “espaço de cruzamento de fluxos globais e vivências locais” (Cunha, 2008: 15). Acrescido à esta percepção, tem-se a nova ortografia portuguesa que visa unificar os países da CPLP e o Brasil, reforçando ainda mais esta percepção de espaço

lusófono. Hoje, os debates sobre negritude e identidade preta no Brasil abrem um novo diálogo para negociar uma identidade continuamente periférica no país e que poderá integrar-se ainda mais com as identidades constituídas da CPLP. Aprender uns com os outros para alimentar um espaço comum que já existe e nutrir a identidade brasileira que continuamente se transforma e se re-negocia.

3.3 OS IMIGRANTES BRASILEIROS NOS EUA

O CENSO de 2010, juntamente com o MRI, Ministério de Relações Exteriores, estimou aproximadamente 500 mil brasileiros a viver no exterior distribuídos entre 193 países. Dentro os quais, apresentam-se como as nações de maior busca os Estados Unidos com aproximadamente 24%, seguido de Portugal com aproximadamente 10%. A Região Sudeste do Brasil revela-se como a de maior saída com 49% dos imigrantes brasileiros. Em particular, 43% dos oriundos de Minas Gerais destinam-se aos Estados Unidos²⁹, seguido de aproximadamente 31% de oriundos do Rio de Janeiro e 20% de São Paulo. É importante estabelecer uma distinção entre a informação apresentada pelo IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia Estatística, por meio do censo, pois tal informação constitui-se com base em uma metodologia de amostragem de residentes por domicílio no Brasil. Os dados adquiridos por meio do Ministério de Relações Exteriores sobre os imigrantes brasileiros são constituídos com base nos dados de saídas do Brasil. Acrescidos da informação de OIM, Organização Internacional de Migrantes, que por sua vez apresenta dados estatísticos e de probabilidade abrangentes para acrescentar os imigrantes não-documentados. Neste caso, de acordo com a OIM, UN DESA, o Brasil apresenta um total de 1,7 milhões de brasileiros que emigraram o país de origem anterior a 2019 e encontram-se distribuídos por diversos países (imagem 01). Há outras formas de avaliar os imigrantes brasileiros estatisticamente, como por meio banco de dados relacionado à empregabilidade. Entretanto, para fins desta tese utilizados os dados apresentados pelo IBGE.

Em todas as nações, a faixa etária predominante é de 20-34 anos, em que as mulheres sempre representam a maioria. De acordo com o IBGE, a principal

²⁹ Os demais estados que migram para os Estados Unidos são: Goiás (22,6%) e Paraná (16,6%).

motivação para o deslocamento internacional refere-se à busca de emprego de forma individual, em geral sem o acompanhamento de membros da família. Filhos de pais que amadureceram durante a ditadura militar, a faixa etária de 60% dos imigrantes brasileiros encontra-se ligeiramente estendida entre o final da geração X até parte da geração Y. Em ambas os casos, apresentam-se relações distintas com o consumo. Inseridos em uma velocidade de grande avanço tecnológica, esses imigrantes vêm-se em vantagem comunicativa quando comparados a períodos anteriores de imigração. As redes sociais entram como um facilitador na adaptabilidade em nações estrangeiras e na comunicação com a nação original.



Imagem 01 - Emigrantes brasileiros até 2019.2
Fonte: IOM UN DESA

O CENSO de 2010 aponta que na última década a mulher foi quem mais imigrou em busca de melhor trabalho. Tem-se por comparação a imigração da mulher brasileira em Portugal, e o facto de muitas investigações publicadas revelarem uma percepção sensualizada da imagem da brasileira. Essa construção de “quem é a mulher imigrante brasileira” advém de um longo tempo em Portugal,

apresentado entre os anos de 1992 e 2003. Tal período possui factores de influência para a construção e manutenção desse recorte, são eles: política, construção midiática e perfil dos imigrantes brasileiros. Portanto, ela acaba por ser subestimada como um ser “irracional e emocional”, incapaz de ser valorizada senão pelos contornos corporais, que são explorados em níveis voyeurísticos (Silva Filho, 2006 *apud* Silverinha, 2004:23). Verifica-se como consequência desse enquadramento, o pré-conceito por parte da população local e uma reconstrução da identidade de algumas brasileiras com o intuito de aceitação e adaptação:

“Mais uma que vem para cá, para aventurar, e quem sabe, roubar marido de outras portuguesas”, como dizem aqui, e não era verdade [] ou roubar o trabalho de outras pessoas. (Álvares, 2006 *apud* Valdigem, 2006: 12)

Com o tempo, dentre os estereótipos sobre a brasileira residente em Portugal, fixou-se aquele que diz respeito à prostituição dessas mulheres. Os mecanismos de adaptação desenvolvidos pelas imigrantes brasileiras revelam uma nova identidade em território português por meio da adaptação assimilacionista. No entanto, surge como um mecanismo de encobrimento da antiga identidade que, por sua vez, poderá ou não transmutar-se de acordo com cada sujeito em interação.

A primeira vaga de migração para os Estados Unidos ocorreu entre as décadas de 1960 e 1980 com o foco nos brasileiros de Governador Valadares (SIQUEIRA, 2006). Esse histórico é tão presente que até hoje se encontram brasileiros advindos da região de Governador Valadares e das cidades adjacentes. Inicialmente a rede de imigrantes comunicava-se por meio de cartas ou telefonemas esporádicos (devido ao alto custo das ligações internacionais). À medida que a tecnologia avançava com o uso da internet e de aplicativos de interação social como Facebook, What's App e e-mails, a distância para essas comunicações tornou-se cada vez menor e cada vez mais fácil. Outro factor importante desta imigração (valadarence), diz respeito ao envio de remessas de dinheiro para os respectivos familiares em Governador Valadares e nas cidades adjacentes. Esse envio de remessas possibilitou cada vez mais o investimento e melhoria de casas. Gradativamente a cidade foi crescendo e melhorando. Assim como seus moradores que migraram passaram a investir em outras cidades no Brasil, ao comprarem apartamentos no Rio de Janeiro como forma de investimento, ou até mesmo em

Minas Gerais. Para a antropóloga Glaucia Oliveira de Assis (2002 *apud* FRANCISCO, 2011), o fluxo migratório de Governador Valadares para os Estados Unidos está relacionado aos factores históricos bem estabelecidos desde a II Grande Guerra, tais como

“primeiro deles é a citada presença americana na cidade durante a década de 1940 e a segunda diz respeito à migração de um pequeno número de valadarenses na década de 1960 que serviram de base para a formação de redes sociais que posteriormente e gradativamente intensificariam este fluxo”(FRANCISCO, 2011: 23).

Inicialmente os estadunidenses estariam em Governador Valadares para beneficiarem-se da exploração do minério, especificamente da mica que possuía mais importância durante a II Grande Guerra para a indústria bélica. Ao mesmo tempo, também encontravam-se envolvidos em programas de saúde e saneamento chamado SESP, ao passo que contribuía para a remodelação da Estrada de Ferro Vitória Minas durante o governo de Getúlio Vargas (FRANCISCO, 2011). O segundo momento apresenta a ida de um grupo pequeno de jovens que viajou para os Estados Unidos com o intuito de estudar e apreender inglês (SIQUERA, 2006, 2008 *apud* FRANCISCO, 2011). O relato desses jovens, principalmente dos bem sucedidos, ajudou a formar o imaginário de “fazer a vida na América” pelos valadarenses. A migração de Governador Valadares tornou-se tão bem sucedida que cidades vizinhas passaram a absorver os relatos de como “fazer a vida na América”. Assim como, também, passaram a enviar remessas de dinheiro para suas respectivas famílias em Governador Valadares e arredores aumentando o fluxo financeiro da região como um todo.

Ao pensar-se a imigração nos Estados Unidos, leva-se em consideração uma nação cuja colonização protestante deixou fortes marcas estruturais. De acordo com a PEW Research, no ano de 2015 os norte-americanos revelaram-se com 6,9%³⁰ de sua população multirracial adulta a possuir pelo menos duas ascendências de “raças³¹” distintas. Neste pequeno grupo, 11% considera-se multirracial hispânico, enquanto que 5% percebe-se como pertencente à qualquer outra mistura de raça.

³⁰ Multiracial in America. PEW Research, Junho 2015. Disponível em <<http://goo.gl/FycVQU>>. Acessado em: 23 Jun. 2015.

³¹ Faz-se uso do termo raça nos relatórios da PEW Research. Entretanto, a preferência para esta tese é o uso do termo étnico.

Em determinadas investigações, as etnias hispânicas englobam as nações da América Latina, inclusive as que não possuem língua espanhola³². Entretanto, a PEW Research percebe nuances ao investigar os *hispânicos*. Pois, alguns podem não se aperceberem como uma "raça", mas como uma etnia ou outra forma de expressão-interação social.

A partir do relatório de 2014 do Obitel, percebe-se o tema da migração como o mais abordado nos canais abertos da TV norte-americana, principalmente nos programas das redes Univisión, Telemundo e TVAzteca. O mesmo relatório também revela que 72,7% dos investimentos publicitários na televisão foram destinados ao público hispânico. Criando, assim, um espaço hispânico imaginário a partir dos *media*, como Appadurai (1996) chama de *mediascape*. Dentre os temas de conteúdo, expunham-se as campanhas de orientação social como forma de penetração e conscientização da população. Também são os canais hispânicos que apresentarão um conteúdo informativo sobre os EUA diferente quando em comparação aos canais tradicionais norte-americanos como CNN, Fox News e outros. Os canais hispânicos tendem a apresentar um conteúdo noticioso diversificado abrangendo outros países e focalizando menos nos EUA.

Com isso, os hispânicos emergem como uma etnia cada vez mais influente no país. Entretanto, a estrutura cultural dos EUA acaba por mantê-los ainda segregados em políticas de identidade baseadas no conceito *WASP*³³. Por sua vez, a audiência no ano de 2013 apresentou uma idade média em 27 anos (dentro dos parâmetros de idade média da população latina) quando comparada à idade média da população dos Estados Unidos apresentada em 35 anos (Obitel, 2014). Ou seja, o público é jovem, porém é um público de jovem adultos *Millennials*. O público feminino revela-se como o maior consumidor de conteúdo televisivo, 63,9% consome telenovela, uma forma de estabelecer novamente uma conexão com a comunidade imaginada e o espaço hispânico criado. Ao fazer-se uso do transmídia, a rede Univision cria um canal de vídeo em inglês destinado aos hispânicos entre 19 e 35 anos de idade (Obitel, 2014), desta forma abrangendo *Centennials*, ao mesmo tempo em que abrange, também, os *Millennials*. Entende-se que o digital faz parte da conversa midiática do cotidiano. Pois,

³² Também apresentada por castelhana.

³³ WASP, significa *white, anglo-saxon e protestant*.

“[o] consumo dos meios de comunicação nos EUA está mudando não só em cadeias de espanhol, mas também em suas contrapartes no mercado em geral. Isso é verdade para todos os gêneros de programação, seja de notícia, de ficção e de realidade” (Obitel, 2014: 337).

Ao contrário da representação da imigrante brasileira em Portugal que no início dos anos 2000 passou a ser apresentada nos *media* como prostituta (Cunha, 2014, 2006a, 2006b), nos Estados Unidos a mulher brasileira parece desaparecer em meio às representações hispânicas. Se para o outro, *ser brasileiro* é ser hispânico, então reconhecer-se brasileiro nos Estados Unidos fica entre a percepção de um latino, de uma lusofonia e de um suposto enquadramento de “raças” imposto pelo Censo estadunidense sob a população. O processo de transmutação de si passado por todo imigrante faz com que reconsidere apresentações, representações, identidade entre outros pontos. Portanto, se a imigrante brasileira acaba por ser confundida a uma hispânica e não compartilha tal semelhança, é suposto pensar que sua referência para representatividade volte-se para a cultura tradicional norte-americana, talvez pela base europeia de alguns brasileiros.

Para Maxine Margolis (1993, 2018), a condição de estrangeiro é relativamente nova para o brasileiro quando comparada a outros países em que sua população já se encontra em processo de emigração. Isso porque o próprio movimento de sair do Brasil iniciou tarde. Entretanto, é preciso levar em conta os movimentos internos de migração, as histórias partilhadas entre famílias que ajudaram no processo de adaptação e é imprescindível que se leve em conta a diversidade étnica brasileira. A dificuldade do próprio brasileiro de perceber a sua identidade em solo pátrio, retornará em maior potência quando em país anfitrião. A percepção de latinidade por parte dos brasileiros ainda é questionada, mesmo que em teoria aceita por muitos. Esta comunidade imaginada (ANDERSON, 1993) de latinos advindos da América Latina ainda está em processo de construção. Tanto o é que pode ser percebida por congressos acadêmicos focalizados especificamente nos espaços latino americanos, como nos espaços latino americanos em consonância com os espaços latinos europeus. Também pode ser percebido pelos acordos presentes dentre os países pertencentes ao MERCOSUL. Assim como nas telenovelas apresentadas no Brasil vindas do México e outros países hispânicos. Há

uma gradativa e contínua força para a formação de uma comunidade imaginada latino americana que transcenda os limites físicos dos países em questão.

Castro e Lima; e Barbosa de Castro (2017) traçaram um perfil geral sobre os brasileiros nos EUA desde 1960 até 2010 como uma busca por uma melhor qualidade de vida — conceito qualitativo, abrangente e de constante uso na academia e no mercado de trabalho, porém sem muito aprofundamento sobre ao quê efetivamente refere-se “uma melhor qualidade de vida”. Entretanto, tal percepção de “busca por melhor qualidade de vida” ainda permanece como principal factor de mobilidade humana. O caráter transnacional do imigrante brasileiro e o envio de remessas apresentam-se como características que transcendem o perfil deste migrante independente do seu país anfitrião. Margolis cita Darcy Ribeiro quando refere-se ao povo brasileiro como único e singular (Ribeiro, 1995 *apud* Margolis, 2018), uma percepção que foi consolidando-se ao longo do espaço-tempo por diversos acadêmicos estudiosos da cultura e identidade brasileira. Por exemplo, Roberto Da Matta (1986, 1997) ao apresentar uma tríade identitária brasileira — aqui percebida como uma das diversas compressões da forja identitária brasileira — em que o português, o negro e o indígena constituíam a base da identidade nacional, excluindo assim as demais influências e a diversidade na constituição desta identidade em solo e como imigrante. Assim, esse sujeito único apresentado por Da Matta (1986, 1997) dialogaria com um grupo muito pequeno de composições distintas da sua suposta homogeneidade, excluindo os demais múltiplos como passíveis de diálogo.

Ainda hoje, a chegada de um imigrante brasileiro nos Estados Unidos apresenta-se num lugar de negociação de pertença entre o ser hispânico, o ser latino, um sujeito de coloração branca, preta ou parda (ou raça³⁴ de acordo com o CENSO estadunidense) e o próprio ser brasileiro. Pois, diferente do Brasil ³⁵em que é dada a opção de escolha (ou pelo discurso institucional ou pelo discurso comum), nos Estados Unidos o próprio governo já apresenta um discurso que atribui ao sujeito de análise as categorias de pertença.

³⁴ Clarifica-se que o conceito de cor e de raça são em distintos e não são complementares, portanto quando usados em conjunto numa mesma pergunta a ser feita no CENSO, seu resultado efetivamente será de resultado obtuso e impróprio para análise do material coletado.

³⁵ Apesar das últimas modificações censitárias feitas pelo IBGE terem sido baseadas no CENSO estadunidense, o CENSO Brasileiro oferece a opção de escolha nas perguntas pelo sujeito que responde.

A partir desta cena, Margolis (1993, 2013) afirma que o imigrante brasileiro confirma em si o questionamento sobre o seu lugar de pertença. Visto que não há uma categoria referente aos brasileiros, por não haver fluxo migratório de suposta intensidade ou importância que justifique tal necessidade nos inquiridos, permanece a questão de como lidar com tal situação. Essa situação já encontrava-se presente nos discursos coloquiais pela ignorância do norte-americano médio sobre o Brasil e a sua cultura. O que para Margolis (1993, 2013) traz uma questão básica de como os brasileiros querem ser reconhecidos frente aos outros imigrantes nos Estados Unidos e frente aos próprios americanos em si. Essa questão já não encontra-se presente na imigração brasileira para Portugal. Uma vez que Portugal possui uma história de colonização e império na constituição do Brasil como nação. Ou seja, Portugal faz parte dessa identidade única à qual Darcy Ribeiro (*apud* Margolis, 2013) se referiu. Também há uma divulgação constante por parte dos *media* no Brasil para apresentar Portugal como um país passível de se imigrar. Portanto, as próprias redes televisivas se encarregam de anunciar sobre questões relativas à legislação, aposentadoria, seguro de saúde, programa de ENEM para equivalência de notas e entrada na universidade entre outras questões. A mesma divulgação e propagação de informação sobre imigração de brasileiros nos Estados Unidos já não ocorre. Tampouco ocorre com a mesma intensidade para outros países. O que torna a acessibilidade, de informações básicas sobre os direitos e deveres de um imigrante no país anfitrião, de menor e mais complicado acesso.

Em sua investigação, Maxine Margolis (1993, 2013) apresentou algumas características dos brasileiros imigrantes nos Estados Unidos, levando-se em consideração New York como ambiente de entrevista para a pesquisa. Margolis (1993, 2013) presenciou o que chamou falta de coesão entre os brasileiros imigrantes, uma espécie de falta de solidariedade entre os conterrâneos que resultava em uma falta de engajamento social. Ao mesmo tempo, pelo facto da imigração brasileira não ser expressiva ao Censo dos EUA e, também, não estabelecer nenhuma organização comunitária significativa, Margolis (1993, 2013) percebeu o resultado do que chamou de inviabilidade social. O brasileiro não sobressaía por números censitários e, tampouco, por organização comunitária. Entretanto, essa "qualidade" de inviabilidade acabava por fazer com que ele penetrasse na malha social com mais facilidade. Apresentando, assim, o que aqui

será chamado de uma certa "elasticidade identitária". Outro factor interessante dos brasileiros, imigrantes nos EUA, a ser relatado é o "discurso da ladainha". Neste ponto, em particular, o "discurso da ladainha" pode ser encontrado ao longo do território nacional brasileiro, assim como no território português. É um discurso com base em uma certa insatisfação por perceber as relações de poder estabelecidas (direta ou indiretamente). Dele pode-se associar o "jeitinho brasileiro" e a tentativa do "homem cordial" em se fazer valer a sua vontade.

Entretanto, é importante retornar ao facto de perceber a falta de engajamento social do brasileiro imigrante nos EUA. Para isso, vale comparar a percepção do que seria engajamento social para um estadunidense e para um brasileiros ao longo dos anos. Enquanto que o brasileiro vinha de um país com inúmeras crises sócio-económicas, um quadro de ditadura militar e inflação em estado galopante, os Estados Unidos se encontravam mais estáveis sócio-economicamente. A solidariedade entre o brasileiro era percebida nos menores actos, por vezes independente da classe sócio-económica em que pertencia. Portanto, actos de doação de pertences como roupas, livros, móveis, conseguir um trabalho para um amigo, dar o que falta para complementar a receita do bolo da vizinha de porta. Quando os brasileiros se percebem numa cultura mais individualista, cuja organização social funciona de forma completamente distinta, eles são obrigados a se adaptar e rapidamente. O engajamento social para a constituição de comunidades é percebido na forma de constituição de igrejas nos EUA e, especificamente em New York. Aos poucos na *Little Brazil*, rua em New York que recebeu esse codinome, os brasileiros se organizam para abrir lojas e restaurantes³⁶. Entretanto, o contraste entre assimilar a cultura individualista e neocapitalista dos Estados Unidos, com a cultura brasileira repleta de problemas económicos e sociais, pode ter feito com que muitos brasileiros apresentassem falta de engajamento social entre si, e conseqüentemente, falta de coesão e solidariedade. A cultura dos Estados Unidos exige uma adaptação do brasileiro como imigrante maior quando em comparação com outros países que possa apresentar uma similitude ou maior semelhança.

³⁶ No Brasil, o comportamento de engajamento social para organização comunitária foi muito forte no Sul e Sudeste por influência da imigração italiana. As imigrações europeias, judaicas e japonesas trouxeram para o Brasil o conhecimento de organização comunitária, sindicatos, criação de jornais, clubes etc. Essa cultura é bastante forte ainda no Sul e Sudeste do país.

Entretanto, essa qualidade “elástica” que permite ao brasileiro penetrar nas malhas sociais de diversas culturas também é percebida nos imigrantes israelenses em New York. Maxine Margolis (1993, 2009, 2013) apresenta uma percepção de desapego e, ao mesmo tempo, uma capacidade de penetração na cultura de New York muito rápida pelos imigrantes israelenses. Guardadas as devidas proporções, ambos, brasileiros e israelenses, têm origem em países com alto potencial de adversidade. O que faz com eles sejam “elásticos” e “maleáveis” em se adaptarem às adversidades e às diferentes culturas. É claro que uns serão mais adaptáveis que outros e possuirão distinções bem marcadas. Mas de uma maneira mais generalista, o Brasil com as suas dificuldades sócio-económicas e de constituição identitária acaba por apresentar um brasileiro que possui em si potência para ser muito mais.

Outra identidade que foi construída de forma transaccional e bastante maleável, nos Estados Unidos, foi a identidade italiana. Por meio da comida, do cinema e da moda, os imigrantes italianos que antes se consideravam marginalizados ascenderam à categoria de maior *status* social entrando na estrutura política, participando como desportistas, músicos, adquirindo educação superior, até chegarem a ser memória pública local. A identidade italiana americana foi gradativamente constituída por meio do comportamento do consumidor:

“Etnicidade italiana na América tem sido consistentemente consumida como uma identidade inerente da subcultura das classes operárias, uma expressão limiar de raça (como o *status* de raça dos italianos imigrantes do sul que eram especialmente suspeitos e disputados) — servindo, então como um espelho para papeis de oposição em que outros americanos pudessem definir suas próprias raças, culturas e identidades sociais³⁷” (CINOTTO, 2014: p. 04, tradução literal).

A cultura do consumo norte-americana apoderou-se das práticas culturais italianas e fez delas produto de uma identidade cultural passível de ser consumida e apropriada por quaisquer pessoas intencionadas a adoptarem a identidade italiana americana. A auto-consciência de um estilo de vida de classe média trabalhadora industrial permitiu uma identificação permanente que criasse um imaginário associado à identidade italiana americana. O acto de consumo passa a ser a primeira forma de compreender a cultura estadunidense. Portanto, a segunda

³⁷ “Italian ethnicity in America has been consistently consumed as an inherently working-class subculture and an expression of racial liminality (as the racial status of southern Italian immigrants was especially suspect and disputed) — so serve as a mirror play of opposites for other Americans to define their own racial, cultural, and social identities” (CINOTTO, 2014: p. 04).

geração de imigrantes italianos acaba por fazer sentido de sua identidade italiana americanizada por meio desse consumo mediatizado por cosméticos, moda, lazer comercial realizado entre esse indivíduo corporificado como classe trabalhadora estadunidense (CINOTTO, 2014). Portanto;

“[o] corpo era, de facto, o mais quadro mais acessível em que os imigrantes poderiam inscrever suas identidades e seus relacionamentos sociais por meio do consumo, da cultura, um primeiro exemplo sendo o relacionamento com a comida e a dieta”³⁸ (CINOTTO, 2014: p. 07, tradução livre)

Ou seja, a segunda geração de imigrantes italianos acaba por objectificar as qualidades e características da identidade americana em produtos passíveis de consumo. Tornam suas identidades objectificáveis como bens comprados em estantes de supermercados ou lojas Macy’s, uma representação superficial de quem são. Consequentemente, uma identidade italiana distinta e longe de ser a identidade italiana de seus ascendentes advindos do país de origem

3.4 OS MILLENNIALS E CENTENNIALS

Pode-se dizer que a desestabilização da *mesmidade* seguida pela busca do *Self* iniciou-se na década de 1940 por meio do questionamento de si, acrescido da dificuldade de re-inserção social dos veteranos da II Grande Guerra. Os filhos desse período foram chamados de *Baby Boomers*, como resultado do pós-guerra, em que os respectivos pais encontravam-se acostumados às privações e às restrições, mas não seus filhos. Tais filhos, cresceram ávidos pelo consumo e pela industrialização, desacostumados a possuírem qualquer tipo de bem, assim como desacostumados ao controle financeiro. A cena dos *Baby Boomers* diferencia-se no Brasil, visto que o país passou por um período de ditadura militar e profunda inflação que levou a população a grandes restrições económicas independente da classe social. Em sequência, os bebês da Geração X, nascem no momento em que se afirma o conceito de crise de identidade por Erik Erikson (Erik *apud* Lumbeck, 2014) nos Estados Unidos. Acrescido a esta cena, os meios de comunicação exploram a dicotomia do Narcisismo e a incessante busca pelo *Self*. Esses são os momentos da

³⁸ “[t]he body was in fact the most accessible canvas into which immigrants could inscribe their new identities and social relations through consumer culture, a first example being he relationship with food and diet” (CINOTTO, 2014: p. 07)

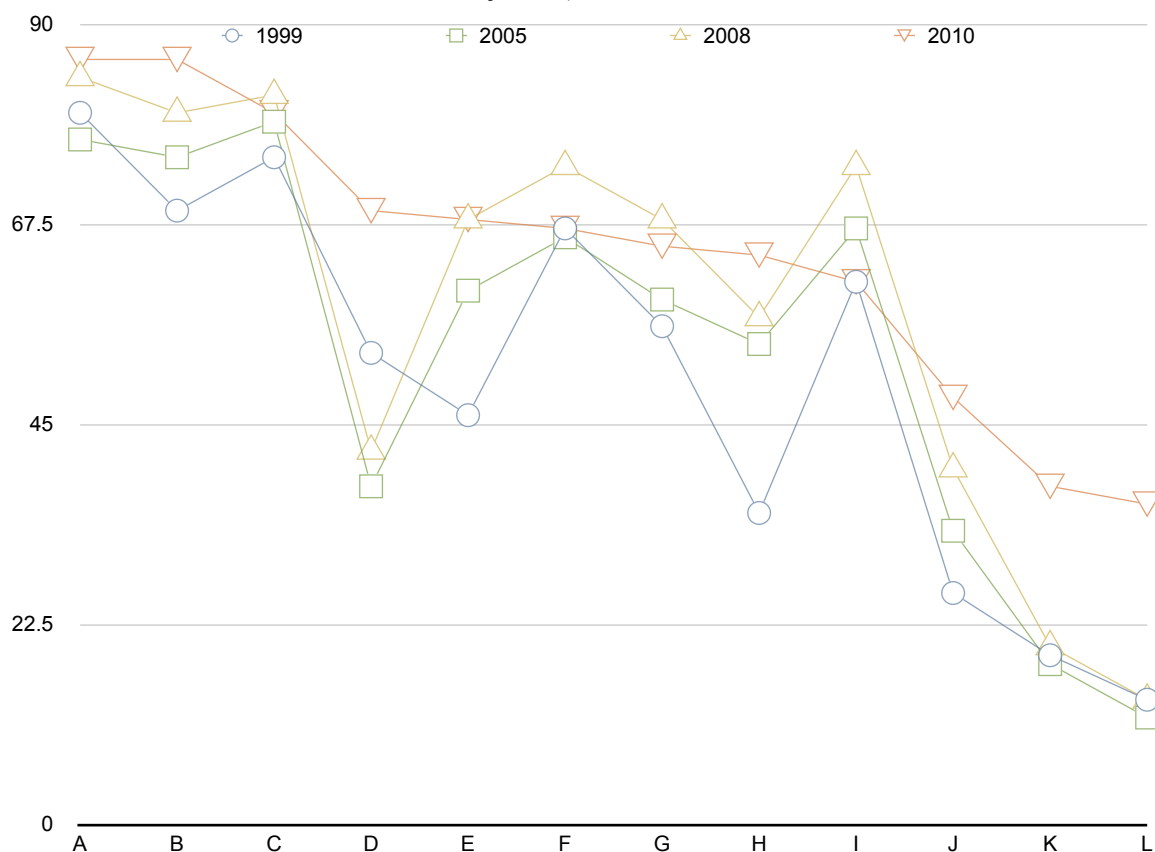
Me Decade que visam o individualismo. Ou seja, aqueles nascidos entre 1980 e os anos de 2000, também conhecidos por *Millennials*, acabam por apresentar uma intensificação desse individualismo, decorrente da evolução histórica dos os *Baby Boomers* a passar pela Geração X:

"Os Millennials vão intensificar ainda mais a busca pela identidade e pelo Self, a acrescentar o critério de autenticidade. De acordo com a Pew Research Center 92007), 68% dos jovens pertencentes a esta geração acredita ser distinta das demais. O facto de terem nascidos inseridos nos meios tecnológicos faz com que tenham formas de socialização e percepção (de si e da sociedade) diferentes. Por exemplo, o "Self tecnológico" passa a não ser considerado como falso, mas sim como uma vertente da representação identitária de um indivíduo pertencente à geração Millennial — mais de 54% dos jovens desta geração já usaram as redes sociais para expressarem sua auto-identidade" (AVILLEZ, 2016: p.06).

No gráfico 01, percebem-se os marcadores identitários avaliados pelo Dossiê Universo Jovem MTV (2010), em que apresentam esta geração mais voltada para a família em diferentes aspectos. Neste caso, 93% percebe-se satisfeito com a vida familiar que possui e 91% dos jovens percebe-se em um bom relacionamento com os respectivos pais (Pew Research Center, 2007). Dentre muitos *Millennials* (40%) há os que ainda vivem com os pais, postergando a sua saída de casa. Um fenómeno tanto cultural quanto económico. O contacto frequente (63% da geração Y³⁹) e íntimo com os pais em comparação a Geração X que mantém contacto regular de 53% (Pew Research Center, 2007). Os laços com os demais familiares também revelaram-se de importância. Estes são jovens que retomam valores de vivência em família e em comunidade, ao passo em que expandem uma busca pela auto-identidade e pelo *Self*. Esta é uma geração preocupada com o futuro, em especial quando atingem os 25 anos, 82% desses jovens começam a planejar um percurso em busca de estabilidade e propósito para as suas vidas. Com isso, alguns de seus propósitos em suas buscas são: ficar rico (81%); ficar famoso (51%); ajudar outras pessoas que precisam de ajuda (30%); tornar-se um líder na comunidade (22%); tornar-se mais espiritualizado (10%) (Pew Research Center, 2007). O quotidiano destes jovens gira em torno de jornadas de trabalho de 5h à 9h mescladas com os estudos, família e amigos. Há um sentimento de comunidade e uma busca por melhor qualificação e oportunidades de trabalho (AVILLEZ, 2015; 2016).

³⁹ Também chamada de *Millennials*.

Gráfico 01 – Os valores dos jovens | Fonte: Dossiê Universo Jovem MTV, 2010.



- A – Ter união familiar, ter uma boa relação familiar
- B – Ter uma carreira, ter uma profissão
- C – Viver em uma sociedade mais segura, menos violenta
- D – Ter independência financeira
- E – Ter amigos
- F – Ter fé, crer
- G – Ter uma vida tranquila, sem correrias excessivas, sem stress
- H – Divertir-se e aproveitar a vida
- I – Viver numa sociedade com menos desigualdade social
- J – Poder comprar mais; poder comprar o que quiser
- K – Ter mais liberdade do que já tem
- L – Beleza física; ser bonito

Será por meio dos marcadores identitários representados e percebidos nos *Millennials* norte-americanos que poder-se-á achar a *mesmidade* presente no espaço-tempo histórico brasileiro e com isso, contextualizar os jovens brasileiros pertencentes à geração *Millennial*. Nos últimos 65 anos, a população brasileira, passou por uma mudança sob a condição da migração interna e o processo de industrialização. Actualmente, a geração Y brasileira apresenta-se como uma população de jovens e jovens adultos filhos de pais que cresceram durante o período da Ditadura Militar (Ortiz, 2001). Enquanto os jovens nascidos entre 1980 e 1988 já vieram de uma realidade moldada pela tecnologia, os adultos tiveram que se adaptar à intensa e rápida revolução tecnológica que, no espaço de 10 anos, fez com que smartphone, conexão 3G, rede Wifi, YouTube, Skype e diferentes redes

sociais fizessem parte da linguagem do quotidiano do brasileiro (Dossiê Universo Jovem MTV, 2012). Dos jovens entrevistados, o Dossiê Universo Jovem MTV (2012) aponta que 54% com mais de 18 anos estuda até o ensino médio e, portanto, o acesso à universidade ainda permanece maior entre estudantes da classe A, em 39%. Entre estes jovens percebe-se que, quanto mais alta a classe social, maior é a incidência de jovens trabalhadores. Percebe-se uma distribuição percentual de jovens trabalhadores por classe respectivamente em: classe A com 57%, classe B com 53% e classe C com 49%. Em 2012, a renda média em reais desses jovens assalariados encontrava-se em R\$ 947,178⁴⁰. De acordo com o IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua - PNAD Contínua (2019), o rendimento nominal mensal domiciliar *per capita* da população residente, segunda as unidades da federação apresenta, em Reais (R\$), no Brasil um contraste imenso com o menor rendimento no Estado do Maranhão com R\$636,00 e o maior rendimento no Distrito Federal em R\$2.686,00. Apenas 33% dos jovens faz uso de carro como transporte, 60% desloca-se principalmente por meio de transporte público, enquanto 59% se desloca a pé (Dossiê Universo Jovem MTV, 2012). Desses jovens, 29% são casados e 32% têm filhos (Dossiê Universo Jovem MTV, 2012; AVILLETZ, 2015; 2016).

Há uma tríade bastante presente, família-carreira-segurança, e forte na construção valorativa e moral do jovem brasileiro (Gráfico 01). Um dos factores de influência encontra-se na construção valorativa tradicionalista e paternalista ainda presente na identidade e na cultura brasileira. O outro factor pode ser percebido dentro do marcador identitário dos próprios *Millennials*. Portanto, esta é uma geração de jovens possui uma forte conexão ao núcleo familiar e aos demais parentes, a buscá-los como conselheiros e ao distinguir-se da geração anterior. Dentro desta mesma tríade, percebe-se que 86% valoriza uma união familiar e valoriza ter uma boa relação familiar, seguida de 86% que focaliza a carreira profissional (AVILLETZ, 2015; 2016). Ter uma boa relação familiar não deveria colidir com o facto de ter uma boa carreira profissional. O gráfico 01 de valores dos jovens aponta para uma certa homogeneidade entre o valor D, ter uma independência financeira, e o valor J, poder comprar mais, poder comprar o que quiser (valor de correlação entre D e J é 0,975, quando 1 é o valor máximo de correlação, ou seja,

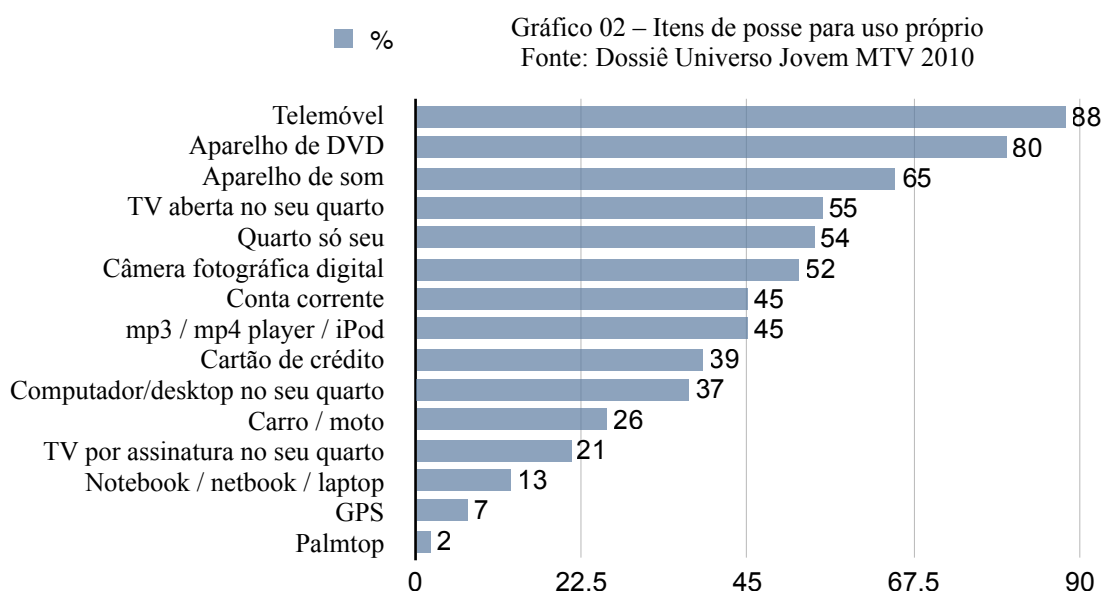
⁴⁰ Hoje, em 2020, o salário mínimo no Brasil é de R\$1.045,00.

quanto mais independência financeira, maior será o poder de compra) (AVILLEZ, 2015; 2016). Será por meio da carreira e do consumo que o jovem *Millennial* irá explorar-se e expandir-se no sentido de sua busca pela identidade e pelo *Self*. Uma construção identitária que já vem se consolidando desde os *Baby Boomer* estadunidenses, como a construção identitária italiana pelo consumo. Tanto a opção quanto o percurso de carreira profissional, acrescido pelos itens de consumo irão distingui-lo, a torná-lo supostamente “mais” autêntico quando em relação à seus pares (AVILLEZ, 2015; 2016).

Entretanto, o jovem no final dos anos 1980 em diante, final da Geração X e início da Geração Y, apresenta-se mais consumista, com maior tendência à socialização e ao hedonismo. Surge uma segunda tríade, também associada ao marcador de identidade norte-americano, e neste caso com presença no cotidiano brasileiro (AVILLEZ, 2015, 2016). Se nos Estados Unidos, os *Millennials* são filhos de um processo de recessão e crise identitários, no Brasil, os *Millennials* são filhos da Ditadura Militar. Percebe-se que nos três anos anteriores (2008, 2005, 1999) os valores seguiam um certo movimento padrão que poderia modificar em maior ou menor percentagem. Entretanto, em 2010 esse padrão altera-se por completo. Portanto, há uma associação direta entre o desejo de consumo e o conceito de hedonismo, objetificando a percepção identitária assim como a cultura (AVILLEZ, 2015; 2016).

Este é um jovem que leva mais tempo para sair da casa dos pais e tem uma concepção de sucesso relacionada ao reconhecimento, à independência financeira e à qualidade de vida. Portanto, é um jovem que possui uma concepção de sucesso atrelada à realização profissional, uma mistura de idealismo que o faz buscar os próprios sonhos e praticidade que o coloca em contacto à vida profissional e à prática do cotidiano (AVILLEZ, 2015; 2016). A busca pelos próprios sonhos acaba por fazê-lo sair de casa mais tarde. Entretanto, este não é o único factor. Este jovem busca uma estabilidade financeira para, assim, lançar-se para fora do ninho. Tal estabilidade é o que irá proporcionar-lhe a entrada no consumo sem a dependência familiar — “poder comprar o que quiser” (gráfico 01). Será por meio do consumo que o jovem da actual geração consolidará a sua identidade individual e em grupo. Uma identidade fluida, elaborada sobre uma estrutura-base de tempo, movimento e mutação (AVILLEZ, 2015; 2016).

Em comparação ao Dossiê Universo Jovem MTV (2008 *apud* Dossiê Universo Jovem MTV, 2012), percebe-se que 65% dos jovens prefere ganhar menos e trabalhar em algo que goste (AVILLEZ, 2015, 2016). Entre as diversas atividades proferidas pelo jovem brasileiro, assistir televisão, ouvir música, dormir, estar com os amigos, ver DVD, ir ao shopping e navegar na Internet encontram-se entre as mais praticadas entre os anos de 2008 e 2010 (Dossiê 2008 *apud* Dossiê Universo Jovem MTV 2012). Falar ao celular tornou-se uma atividade de relevância, visto que em 2008 apresentava uma percentagem em 77%, e em 2010 subiu para 88% (Gráfico 02); assim como conversar em redes sociais, com um aumento significativo entre 2008 (44%) e 2010 (89%) (Dossiê 2008, *apud* Dossiê Universo Jovem MTV, 2012).



A geração nascida na década de 1980 cresceu imersa numa linguagem tecnológica e digital que veio a ter mais influência no cotidiano dos brasileiros. A partir do século XXI o país enfrentou uma nova revolução voltada para a Era Digital com a entrada de Wifi, smartphones, 3G, etc. Em 10 anos a cara e o comportamento do adulto brasileiro mudou muito por influência dos jovens engajados no mundo digital e em gadgets (Box1824, 2014). O tempo tornou-se obsoleto assim com os bens consumidos (AVILLEZ, 2015, 2016). O meio e o conteúdo misturam-se e muitas vezes tornam-se indistintos a esse jovem que já não vê fronteiras e sim fluidez (Box1824, 2014). Criou-se uma necessidade de troca pela questão do obsoleto, o que leva essa geração a uma ansiedade crônica, portanto,

"[a]o mesmo tempo existe uma sensação de que algo foge ao controlo, pois 'tudo está sempre mudando', sempre à frente do que podemos imaginar ou planear. A tecnologia anda mais rápido que a gente — inclusive mais rápido que os próprios jovens: eles também têm dificuldades em acompanhar lançamentos de aparelhos, software e meios de comunicações". (Box1824, 2014: 11)

Após a intensa e contínua migração da população rural para o meio urbano, a composição da população residente urbana preserva-se maioritariamente jovem. Apesar de haver um número maior de natalidade do sexo masculino, a mortalidade do mesmo sexo faz com que haja uma predominância no país do sexo feminino (Censo, 2011). A entrada ativa dos jovens adultos entre os 25 e 29 anos no mercado de trabalho (Censo, 2010) registra a possibilidade de entrada no consumo sem a dependência familiar (AVILLEZ, 2015, 2016). Há também uma influência directa e indirecta sobre os grupos em que se encontram inseridos, pois eles são capazes de consumir e influenciar. Já os jovens mais novos actua mais como influenciadores (AVILLEZ, 2015; 2016).

Tabela 01 – Rendimento nominal médio mensal das pessoas de 10 anos ou mais de idade, com rendimento, por sexo, e percentual do rendimento nominal médio mensal das mulheres de 10 anos ou mais de idade, com rendimento, em relação ao dos homens, segundo as Grandes Regiões – 2010
Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Grande Regiões	Rendimento nominal médio mensal das pessoas de 10 anos ou mais de idade, com rendimento (R\$)			Percentual do rendimento nominal médio mensal das mulheres de 10 anos ou mais de idade, com rendimento, em relação ao dos homens (%)
	Total	Sexo		
		Homens	Mulheres	
Brasil	1,202	1,392	983	70,6
Norte	957	1,072	809	75,5
Nordeste	957	935	673	72,0
Sudeste	1,396	1,611	1,142	70,9
Sul	1,282	1,486	1,045	70,3
Centro-Oeste	1,422	1,614	1,180	73,1

Notas:
1. Os dados de rendimentos são preliminares;
2. Exclusive as informações das pessoas sem declaração de rendimento nominal mensal.

De acordo com o Censo de 2010, o rendimento nominal médio mensal dos brasileiros a partir de 10 anos de idade é de R\$ 1.202,00 (tabela 01). Pode-se traçar

um paralelo entre as regiões com maior rendimento nominal médio mensal e o percurso de investimento tanto financeiro quanto cultural no país — as regiões são apresentadas respectivamente em ordem decrescente de investimento/rendimento nominal médio mensal: Sul; Sudeste; Centro-oeste; Norte e Nordeste (AVILLEZ, 2015; 2016). Neste caso, a região Sul apresenta o maior investimento financeiro e cultural, com isso maior crescimento e industrialização, entretanto, é a terceira em rendimento nominal médio mensal em R\$ 1.282,00 (Censo, 2011). Já a região Centro-oeste teve o seu maior investimento no período de desenvolvimento do Distrito Federal, Brasília, e hoje encontra-se como a região de maior rendimento nominal médio mensal em R\$ 1.422,00 (Censo, 2011). Independente das regiões e do facto das mulheres serem a maioria em todo o país, todas apresentam uma elevada redução de rendimentos certamente atribuída ao género (AVILLEZ, 2015; 2016).

Tabela 02 – Qual é o seu maior sonho? (respostas obtidas na fase quantitativa do estudo)				
Fonte: O Sonho Brasileiro, Box 1824, 2010.				
Formação Profissional e Emprego	Casa Própria	Dinheiro	Família	Carro / Moto / Eletrodomésticos
55%	15%	9%	6%	3%
Sendo: 24% profissão dos sonhos 16% emprego (questões funcionais) 15% educação / estudos	–	Sendo: 5% ficar rico 4% estabilidade financeira	–	–

Ao levar-se em consideração os dados apresentados no Dossiê Universo Jovem MTV 2010, percebe-se que há uma relação entre trabalho e classe social — quanto mais alta a classe maior a incidência de jovens trabalhadores. Ao mesmo tempo, é preciso considerar que o Datafolha classifica a situação sócio-económica do país em 4% classe A, 33% classe B, 47% classe C e 17% classe D. Neste quadro, 36% recebe até 2 salários mínimos e apenas 6% recebe mais de 10 salários mínimos (AVILLEZ, 2015; 2016).

A percepção sobre o que é sucesso para essa geração muda quando em comparação às gerações anteriores. Esses jovens almejam um trabalho em que possam conjugar realização pessoal, felicidade, sentido de vida e o realismo necessário à prática (Box1824, 2010). Portanto “[o] trabalho é cada vez menos visto

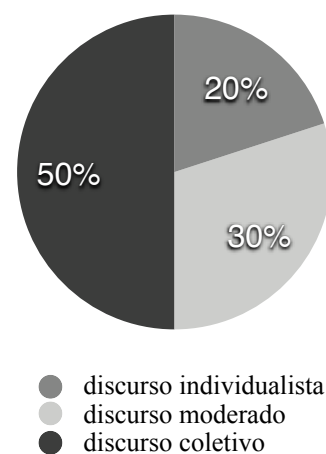
como necessidade, e cada vez mais como elemento de realização e expressão” (Box1824, 2010; AVILLEZ, 2015; 2016).

Entre os jovens entrevistados para o Dossiê Universo Jovem MTV 2010, 54% dos que se encontravam com mais de 18 anos estudavam até o ensino médio. Esse dado aponta que o ensino acadêmico universitário ainda é bastante seletivo, favorecendo as classes de maior poder aquisitivo. A pesquisa *O Sonho Brasileiro* (Tabela 02), elaborada pela ONG O Sonho Brasileiro e a Box 1824, revela que 55% tem como maior sonho a formação profissional⁴¹ e o emprego, seguido do sonho de obter a casa própria em 15% (tabela 02. Fonte: Sonho Brasileiro, Box 1824, Pesquisa Qualitativa Datafolha) (AVILLEZ, 2015; 2016). Entre 79% dos jovens que actualmente não encontram-se no ensino superior, 77% almejam obter o seu diploma. Esse desejo de obter um diploma superior perpassa todas as classes sociais, a classe AB apresenta 79%, classe C 77% e a classe D/E 74% de seu desejo em cursar o ensino superior (Box1824, 2010; AVILLEZ, 2015; 2016).

Tendo 6% dos jovens terem como sonho constituir uma família (tabela 02), em comparação aos principais valores de se ter uma família 86%, e se ter uma carreira ou profissão 86%, viver em uma sociedade mais segura e menos violenta 82% e ter independência financeira 80% (Dossiê Universo Jovem MTV, 2010). A tríade família-carreira-segurança (gráfico 01) ainda possui forte presença na vida do jovem e por sua vez, acaba por refletir em seu comportamento. A saída tardia da casa dos pais traz ao jovem mais segurança para perseguir os seus próprios sonhos em busca de uma concepção particular de sucesso (Dossiê Universo Jovem MTV, 2010).

Essa geração de jovens sonha em obter mais respeito e cidadania (39%), e oportunidade para todos (28%) de acordo com a Box 1824 (2010). Dinheiro representa muito mais que apenas ficar rico (5%), para 16% representa estabilidade financeira (Box1824, 2010). A geração dos *Millennials* é considerada uma geração que une o idealismo ao realismo-prático — os pés estão no chão, enquanto a

Gráfico 03 – Jovens mais conectados com...
Fonte: Sonho Brasileiro, Box 1824 2010, Pesquisa Qualitativa Datafolha.



⁴¹ Ser o empreendedor, administrador, montar o próprio negócio representa a maior fatia deste grupo em 4% (Box1824, 2010).

cabeça segue nas alturas onde tudo é possível (AVILLEZ 2015; 2016). Nesta geração pode-se perceber jovens como agentes transformadores. Aqui o indivíduo faz parte de um colectivo de diversas formas (gráfico 03), sozinho ele é incapaz de ser. O discurso em prol do colectivo pode ser percebido em 50% dos jovens, enquanto 30% apresenta um discurso moderado (gráfico 03). Os valores que fazem parte do mundo da “casa” e do mundo da “rua” dessa geração de jovens permeia constantemente o colectivo, seja pela questão familiar, profissional, de direitos humanos tecnologia e redes sociais, consumo e publicidade (AVILLEZ, 2015; 2016). Essa geração impulsionada à hiper-exposição de informação e ao hiper-contacto —“74% dos jovens brasileiros afirmam ‘se sentir na obrigação de fazer algo pelo colectivo no seu dia-a-dia’”(Box1824, 2010).

Portanto, a hiper-exposição impulsionada pela busca do Self e, também, pela evolução tecnológica permitiu que a *mesmidade* narcisista presente no *Me Decade* obtivesse espaço para expressar-se em busca de sua autenticidade, do *Ser* jovem *Millennial*. Por outro lado, o consumo hedonista presente nos *Baby Boomers* altera-se, também como uma vertente de reconhecimento da autenticidade, mas também com a tarefa de reafirmar a independência financeira desse jovem frente aos pais, à família e a sociedade. Por fim, o carácter social os faz voltar para dentro do “ninho”, aos valores familiares e posteriormente os faz projectar no futuro um planeamento de vida. São jovens com pés no chão e, às vezes, cabeça no plano das ideias, ávidos por reconhecimento, o que os torna potencialmente criativos, práticos e empreendedores (AVILLEZ, 2015; 2016).

3.4.1 JOVENS IMIGRANTES BRASILEIROS NOS EUA

Falar sobre a nova geração de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos faz com que se repense alguns pontos relativos à quem são os jovens dos dias de hoje e que irão constituir a identidade brasileira fora do país de origem. Do ponto de vista sociológico, a geração passa a ser chamada por geração 1.5, são jovens que de alguma forma encontram-se no “entre”. Ou seja, entre o país de origem e o país de acolhimento. Margolis (2013) destaca três perfis de jovens imigrantes brasileiros nos Estados Unidos e apresenta os mesmos como *Centennials* e *Millennials*. São eles jovens que nasceram no Brasil e tiveram a sua primeira experiência de socialização

no país de origem. A infância permite a troca de memórias e experiências, neste caso, a partir da língua materna. Portanto, o inglês entrará como segundo idioma. Depois vem os jovens nascidos no Brasil, porém imigraram ainda muito pequenos para os Estados Unidos. Para eles, o inglês será o primeiro idioma, enquanto que a língua materna será o português (caso seja aprendido). Nem sempre esses jovens recordam-se do período no Brasil. Por isso, a oportunidade de criação de memória e troca de experiências é desafiadora. Ela será feita no país anfitrião, mas a depender da memória e das experiências trocadas, cada jovem pode ter desenvolvido os próprios laços com o Brasil quando ainda estava como residente. O último caso dos jovens imigrantes consiste naqueles nascidos no próprio país anfitrião. No caso dos Estados Unidos, aquele nascido em solo é considerado americano⁴². Portanto, para tornar-se brasileiro é preciso que seja registrado no consulado ou embaixada do Brasil quando ainda bebê, ou maior de idade por vontade própria. São brasileiros natos, Art. 12, I, (c):

“os nascidos no estrangeiro de pai brasileiro ou de mãe brasileira, desde que sejam registrados em repartição brasileira competente ou venham a residir na República Federativa do Brasil e optem, em qualquer tempo, depois de atingida a maioridade, pela nacionalidade brasileira” (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988)

Assim, para que o terceiro caso seja válido, é preciso que os pais registrem os filhos como brasileiros natos. Neste caso, a socialização será feita toda no país anfitrião, porém será percebida como país de origem pelo filho e país anfitrião pelos pais. O português como língua materna poderá ou não ser ensinada, enquanto que o inglês será considerado o idioma principal que fará a socialização e, possivelmente, a construção de memória e experiência para estes jovens. No segundo caso e no terceiro caso, os jovens são marcados pela questão de ser ou não ser brasileiros, justamente por não terem a memória, a experiência e a socialização no Brasil feita de forma expressiva. Nesta situação, eles irão ponderar valores e questões identitárias tanto brasileiras quanto estadunidenses.

De acordo com Tomassini (2016), no primeiro caso, o jovem socializado no Brasil e que migra para os EUA com os pais, possui maior probabilidade de assimilar a vida norte-americana e participar dela. Eles estabelecem um suporte em família e gradativamente põem em questão o país de origem versus o país anfitrião —

⁴² *Jus soli*.

estabelecem pareceres relacionais que vão reconstituir tanto a percepção que possuem sobre o Brasil quanto a percepção que possuem sobre os EUA. A rede de suporte que faziam uso quando migraram passa a ser trocada por uma rede de suporte mais firme e estabelecida na comunidade. A família passa a questionar-se quanto a possibilidade, ou não, do retorno, entre outras questões.

Entretanto, para aqueles jovens que tiveram a sua primeira experiência de socialização nos EUA, sejam brasileiros que imigraram pequenos ou nascidos em solo americano. Estes não terão como referência comparativa memórias e experiências no Brasil. Para estes jovens, sentir-se “americanos” é uma identidade muito mais próxima do que brasileiro (Tomassini, 2016). De acordo com Tomassini (2016, p. 174), “os filhos já nascem envoltos em expectativas dos pais quanto ao seu pertencimento à terra americana. Ter um filho nos Estados Unidos é algo muito festejado e chega a sair nas colunas dos jornais brasileiros com destaque e exaltação”. Essa percepção apresentada por Tomassini (2016) mostra um grupo seleto de brasileiros que abdica da identidade brasileira, acreditando no sonho de “fazer a vida na América”. Ressalta-se que nem todos que vão “fazer a vida na América” abdicam da identidade brasileira, muitos ainda mantêm fortes laços com o país de origem.

Para um imigrante, seja ele brasileiro ou de outra nacionalidade, haverá sempre um processo de adaptação, uma possível assimilação (até certo nível) e, quando adolescente e jovem de busca por sua autonomia. No caso dos jovens nos EUA, essa busca por autonomia se diferencia dos jovens Brasileiros. A construção dessa identidade, revolve na questão da autonomia. Ao mesmo tempo, quando se trabalha com identidade nacional tem-se marcadores associados ao governo como uma percepção macro. Portanto, a constituição da identidade dos jovens imigrantes brasileiros é percebida como interseção entre a questão da identidade (e autonomia) e a identidade nacional brasileira.

Em geral, as condições de adaptabilidade dos imigrantes e, conseqüentemente, dos imigrantes brasileiros dependem de diversos factores. Leva-se em consideração a situação sócio-económica do imigrante no país anfitrião, acrescida das redes de contacto e redes familiares e o capital cultural do imigrante. Esses factores de imigração formarão um cenário capaz de prever as condições de adaptabilidade no país anfitrião, por meio de trocas de memória e histórias de

migração e redes de contactos ou familiares que poderão receber o imigrante e auxiliá-lo a penetrar as subtilezas culturais da cidade e do país anfitrião. Tais como processos burocráticos, diferenças culturais e linguísticas, noções de segurança e como conseguir o primeiro emprego e um lugar para morar. Imigrantes com altas condições sócio-económicas tencionam a manter as mesmas condições uma vez que imigram para o país anfitrião. Entretanto, em geral o processo de imigração apresenta uma queda nas condições sócio-económicas até que o imigrante consiga estabilizar-se financeiramente. Caso ele consiga estabilizar-se financeiramente e não manter-se à margem da população em subempregos. Outro ponto a ser refletido com relação a adaptabilidade, diz respeito ao tempo recém chegada no país anfitrião. Esse período, variando entre de dias, semanas ou alguns meses de acordo com a adaptação de cada imigrante, traz uma sensação de deslumbramento e descobrimento da cidade. Apesar do imigrante saber de sua condição, há uma suspensão do tempo contínuo para o tempo de férias como se naquele momento o imigrante fosse um viajante a conhecer a cidade e o país anfitrião, em plena descoberta. Gradativamente, essa sensação vai sendo trocada pela percepção de tempo contínuo, acrescido das responsabilidades juntas à condição de imigrante.

Os imigrantes já estabelecem uma troca internacional de informação, cultura, conhecimento e comunicação por meio das redes construídas. Muitas dessas trocas imputam mudanças na sociedade em questão, capazes de afetar desde uma comunidade até uma nação. Em geral, jovens são a interseção entre as famílias imigrantes e as experiências de globalização de suas respectivas famílias. Ao mesmo tempo, em que adolescentes e jovens mais socializados vivem as mesmas dificuldades de adaptação desses pais, eles também percebem os esforços dos mesmos para que sejam bem sucedidos no país de acolhimento (Fuligni; Tsai, 2015).

Com essa experiência de globalização, o processo de adaptação dos adolescentes imigrantes costuma levá-los a ter flexibilidade e as mesmas demonstrações nos níveis psicológicos, comportamentais e educacionais quando comparados às famílias nativas americanas (Fuligni; Tsai, 2015; Schildkraut, 2014). As alterações referentes à adolescência, em geral, começam por mudanças biológicas relacionadas à puberdade. Entretanto, o cognitivo, emocional e social acompanham em seguida. Normalmente, as relações sociais fora da família

adquirem uma proeminência maior a partir do momento em que concernem a um *status* social e quando a importância do interesse sexual aumenta. É o momento em que o adolescente e o jovem buscam obter maior autonomia em relação ao seu núcleo familiar. A magnitude e o significado social dessas mudanças podem variar ao longo da sociedade e da história, mas geralmente é reconhecido como um distinto período de desenvolvimento ao redor do período da puberdade e pós-puberdade, e existe virtualmente em todas as culturas, até mesmo em diversas espécies de primatas (Fuligni; Tsai, 2015; Schildkraut, 2014).

Dentro da visão clássica de assimilação pelos imigrantes (Guligni, Tsai, 2015; Schildkraut, 2014), os jovens e adolescentes tendem a evitar as percepções associadas a "velho" em relação à autonomia e à identidade. Pelo contrário, jovens filhos de imigrantes arrumam diversas formas simultâneas para permanecerem perto de suas famílias e, ao mesmo tempo, adquirirem autonomia de acordo com a cultura do país anfitrião. Os jovens imigrantes são, então, considerados os agentes impulsionadores e criadores das alterações para uma hibridização da identidade nacional, por meio da hibridização da sua própria identidade como jovem imigrante.

A identificação com as famílias, assim como as identificações com grupos religiosos, implica no cumprimento de certas obrigações e papéis sociais em prol das necessidades do grupo em questão e da assistência de seus membros quando necessário (Fuligni; Tsai, 2015). Essa identificação e pertencimento tornam-se mais fortes entre migrantes e grupos de minoria (Fuligni; Tsai, 2015; Schildkraut, 2014). O desafio para os jovens imigrantes, em geral, é encontrar o equilíbrio entre a autonomia adquirida no país anfitrião e a conexão com a sua família, duas culturas em um único sistema. Autonomia, como qualidade, é um processo de alargamento dos laços familiares em busca de auto-suficiência. O adolescente e o jovem saem do contexto e do papel familiar para entrar no contexto e no papel da sociedade. Os conflitos com os pais surgem como uma "ferramenta" para obter este afastamento, assim o adolescente e o jovem poderão reajustar seus papéis na sociedade. Posteriormente, as conexões familiares serão estabelecidas com os pais, entretanto de uma outra forma. Ao mesmo tempo, o desejo surge como impulsionador das ações desses jovens imigrantes. Por exemplo, há um desejo de retribuir a atitude dos pais em tê-los trazido para o país anfitrião ou de terem apenas imigrado (Fuligni; Tsai, 2015; Schildkraut, 2014).

Em geral, diversos investigadores de Estudos Brasileiros apontam diferenças na absorção do idioma inglês e, neste caso, no português pelos brasileiros imigrantes. Mas o comportamento se repete também entre as diversas comunidades de imigrantes. A primeira geração de imigrantes brasileiros aprende inglês o suficiente para fazer as tarefas do cotidiano e sobreviver, a segunda geração fala o idioma de origem nos ambientes privados e grupos comunitários, entretanto usa o idioma do país anfitrião como oficial em qualquer instância do cotidiano, eliminando de vez a língua materna das gerações imigrantes anteriores (Tomassini, 2016):

“Para Mota (2004), a segunda geração de brasileiros já começa a encontrar dificuldades de comunicação na língua materna. No caso específico desses imigrantes, o processo acelerado de aculturação, facilitado da mobilidade social dentro do cenário norte-americano de alta competitividade, promove uma quase imediata perda da função social da língua materna. Apesar de se registrar a presença de conscientização étnica nos grupos de brasileiros estudados pela autora, decorrentes do forte desejo de preservação das suas raízes culturais, a língua inglesa vai assumindo rapidamente o seu lugar de língua dominante paralelamente ao processo de extinção gradual na língua portuguesa, considerada como de menor prestígio social” (Tomassini, 2016, p. 176).

De acordo com Mota (2004, *apud* Tomassini, 2016) a manutenção da língua portuguesa pode ser percebida em quatro sistemas. São eles o ambiente da educação (escola, trabalho, religião e rodas de amigos). Os ambientes do privado como casa e igreja (aqui a igreja como um ambiente privado, apesar do caráter comunitário, pela questão da prática religiosa) favorecem a manutenção do idioma do país de origem. Já ambientes como trabalho e sistemas de educação facilitam a assimilação pelo país anfitrião. Entretanto, os momentos de lazer e rodas de amigos apresentam as fronteiras entre os dois idiomas (país anfitrião e país de origem), ao mesmo tempo que também apresentam questões relativas a fronteira geracional. Tomassini (2016) relata que a perda da língua portuguesa nas residências familiares acaba acarretando na perda da troca de intimidade nos discursos em algum grau, mesmo quando os filhos argumentam que preferem falar inglês em casa para ajudar seus pais no aprendizado e na adaptação (aqui há uma outra questão em cena, os filhos ajudam os pais também por vergonha e preocupação, uma vez que os pais ainda não falam o idioma local).

A autonomia das crianças filhas de imigrantes que não dominam o idioma do país anfitrião apresenta-se maior quando em comparação às crianças locais. Pois, essas crianças imigrantes se encontram em posição estratégica, quando ajudam os

pais a solucionar desde questões simples como traduzir o idioma ou ler alguma embalagem no supermercado, até auxiliar os pais a resolver questões institucionais mais complexas. Isso gera uma inversão das responsabilidades e os filhos adquirem muito cedo uma grande dose de responsabilidade. Uma das reações percebidas é a perda de influência dos pais sobre os filhos e o aumento do domínio dos filhos sobre os pais. Outra questão está relacionado a demora para aprender a falar, bastante comum entre crianças de famílias bilingues. O receio de que a criança não aprenda a língua materna ou perca o que já sabe é presente entre os pais imigrantes. Tomassini (2016), relata que em New York, esse receio movimentou os pais a desenvolverem o papel de professores de português para os seus respectivos filhos.

Adolescentes e jovens tendem a encontrar-se em um período de vida em que se questionam sobre quem são e sobre como podem tomar melhor decisões por si. Estão em processos de adquirir suas autonomias e, por isso, estabelecem uma fronteira entre si e seus respectivos pais, para além de outros adultos com os aqui não percebem identificação.

É um período em que se faz necessário separar em géneros para que, quando estabelecidas as diversas distinções, se possa reagrupar em novas maneiras. Entretanto, se antes o jovem encontrava-se com sua identidade associada aos pais, após esse processo de distinção e re-agrupamento, ele encontrar-se-á associado a si mesmo e aos seus semelhantes por novas experiências e vivências de relacionamento. Estudar a construção da identidade de jovens actuais por meio das suas relações, experiências, processos de autonomia são necessárias para estabelecer as bases comportamentais e psicológicas normativas esperadas de uma trajetória de vida. Portanto, a construção da identidade de um jovem revolve intrinsecamente nos sistemas de valores e na elaboração dos desejos que o impulsiona.

Para a primeira geração de jovem, que nasceu no Brasil, teve a sua primeira experiência de socialização e memória no seu país de origem. A adaptação aos EUA pode ser difícil e com sentimentos de discriminação. Sales (1999 *apud* Tomassini, 2016) ressalta que este perfil de jovem tende a socializar com outros brasileiros e acaba por ser discriminado tanto por americanos quanto por hispânicos, dificultando a sua adaptação ao país anfitrião. Isso também ocorre por rejeição dos pais com rótulo de hispânico e latino, enquanto que os filhos, cuja primeira experiência de

socialização foi feita nos EUA, não possuem tal rejeição, costumam ter amigos latinos e podem não se importar em serem identificados como tal ("latinidade" pode lhes ser vantajosa até certo ponto) (Tomassini, 2016). Sales (2003, *apud* Tomassini, 2016) e Mota (*apud*, Tomassini, 2016), apontam como principais atividades os esportes após a escola, momento de encontro com as rodas de amigos e em seguida a vivência em comunidade religiosa, como a igreja. Entretanto, a atividade religiosa acaba sendo percebida mais como uma obrigação por muitos jovens (Tomassini, 2016).

Com relação ao caminho que estes jovens vão seguir, o sistema educacional americano favorece um conhecimento instrumentalizado, direcionado ao ensino técnico e ao trabalho. As escolhas das gerações de jovens encontram-se entre o sub-emprego e o *college* (Oliveira, Meriz, Ilhá, 2006, *apud* Tomassini, 2016), ou seja, trabalhar em um sub-emprego ou seguir para o ensino universitário. De qualquer maneira, para pagar o ensino superior, muitas vezes os jovens necessitam adquirir um financiamento, é nesse momento que eles se vêem entre o sub-emprego e o ensino universitário. Pois, para pagar o ensino precisam permanecer no trabalho, nunca ascendendo a um trabalho digno de seu diploma. Ou seja, há uma manutenção do *status quo*. Enquanto esses jovens estavam no *High School* público e, no momento, em que eles almejam entrar na universidade, percebem-se tendo que escolher entre o financiamento para o ensino superior que os levará provavelmente ao sub-emprego e o sub-emprego sem ensino superior para a manutenção da sobrevivência de sua família. Essa é a realidade de algumas famílias imigrantes.

Portanto, a partir do momento em que eles saem das escolas, são direcionados para o mercado de trabalho. O desejo de ingressarem nas universidades é automaticamente confrontado com a situação em que algumas famílias de imigrantes se encontram. Se são jovens não-documentados lhes serão negadas as boas oportunidades de trabalho e qualquer entrada em universidade. O que resta aos jovens não-documentados são sub-empregos, deixando-os a margem como outros imigrantes latinos que aos poucos foram colocados a margem do sistema norte-americano. Se são jovens documentados (nascidos nos EUA ou chegaram como imigrantes documentados) terão a oportunidade de aceder às universidades e pleitear bons empregos, estarão dentro do sistema. Entretanto, terão

que administrar o pagamento das dívidas adquiridas pelo financiamento do ensino superior. As famílias imigraram com a premissa de adquirir melhor condição financeira, educacional e de segurança para os seus cônjuges e filhos principalmente, e fazem um grande esforço para conseguir dar as melhores condições possíveis para seus filhos se tornarem bem sucedidos no país de acolhimento (Tomassini, 2016). Para além, o custeio de uma universidade acaba dificultando a entrada de certos grupos de imigrantes. Um cenário que corrobora para a manutenção de subemprego e formação de sub-bairros, habitados principalmente por brasileiros. No *Queens* pode-se achar regiões com prédios e comércio habitados unicamente por brasileiros, até mesmo fora de Astória. Esse comportamento pode enclausurar os imigrantes brasileiros como uma minoria étnica dentro de New York e, também, dos Estados Unidos. Abaixo, na Tabela 03, com base em Fuligni; Tsar (2015), encontram-se diversas características e qualidades relativas aos jovens imigrantes nos EUA.

Tabela 03— QUADRO DE CARACTERÍSTICAS SOBRE JOVENS IMIGRANTES NOS EUA

EX.01	Adolescentes advindos de famílias imigrantes, como armênia, mexicana, coreana e européia, percebem que toda a juventude são igualmente capazes de privilegiar crenças individuais em virtude de cenários de hipotéticos desacordos entre pais e filhos. A frequência de conflitos entre pais e filhos imigrantes pode aumentar durante um período, quando em comparação à relação entre pais e filhos não-imigrantes. Entretanto, a relação entre imigrantes tende a estabilizar e igualar-se à relação não-imigrante, apresentando uma certa similaridade entre os conflitos de família ao longo do tempo (Fuligni; Tsar, 2015).
EX.02	Os níveis de mudança na aproximação emocional entre pais e filhos tende a aumentar para que o adolescente e o jovem desenvolva a sua autonomia. Neste processo, um distanciamento gradual é o mais adequado, portanto níveis baixos de aproximação com os pais pode ser considerado um problema de relacionamento entre pais e filhos. A juventude imigrante tende a reportar uma aproximação emocional e um pertencimento associados à tradições culturais e à família. Actualmente há uma tendência da juventude imigrante apresentar um distanciamento maior dos pais a partir dos anos de <i>High School</i> . Já os jovens chineses relatam menos coesão na relação pais e filhos quando em comparação com os não-imigrantes (Fuligni; Tsar, 2015).
EX.03	Em geral os jovens imigrantes e filhos de imigrantes possuem um conhecimento básico da língua materna dos pais. Entretanto, a disponibilidade e o desejo para fazer uso do idioma varia bastante, com isso, varia-se também a proficiência. A dinâmica do uso da língua nativa da família imigrante pode diminuir e, com isso, gerar a redução da frequência e a perda do idioma. O resultado é um aumento dos conflitos entre pais e filhos pela dificuldade na interação entre eles. O grau de proficiência da língua do país anfitrião pelos pais e o grau de proficiência do idioma materno pelos filhos é importante para estabelecer a melhor interação em termos melhor dinâmica de comunicação. A própria decisão dos filhos de aprender a língua materna dos pais pode ser compreendida como uma decisão de autonomia. Neste caso, o contexto de uso da língua materna dos pais deve ser avaliado (Fuligni; Tsar, 2015).

Tabela 03— QUADRO DE CARACTERÍSTICAS SOBRE JOVENS IMIGRANTES NOS EUA

EX.04	Em geral, os valores, obrigações e assistências das famílias imigrantes diminuí pouco ao longo das gerações e das juventudes de minorias étnicas. A tendência é permanecer mesmo quando dentro do país anfitrião. “Interestingly, values of family obligation and assistance only diminish slightly across subsequent generations and remain strong among ethnic minority youth whose parents and grandparents were immigrants. Esse comportamento foi percebido entre asiáticos e latino americanos nos EUA, assim como imigrantes de múltiplos países da União Européia como Itália, Noruega, Países Baixos e Suécia (Fuligni; Tsar, 2015).
EX.05	Em um estudo cotidiano que incluía imigrantes asiáticos e latino americanos, Telzer & Fuligni descobriram que as famílias desses adolescentes lhes davam assistência de tal forma que os mesmos contribuíam por serem bons membros da família. Com isso, recebiam de retribuição pelo restante da família a certificação de ter seu sentimento de felicidade elevado pelo senso de virtude. Os actos de assistência da família são percebidos como importantes formas da juventude imigrante contribuir para as necessidades de seus familiares, mas também, para desenvolver um sentimento de pertencimento e identidade (Fuligni; Tsar, 2015).
EX.06	A divisão em políticas de identidade trabalhadas pelo Governo dos EUA causa confusão em muitos imigrantes de diversas nacionalidades. Pois, muitos chegam ao país e vêem-se confrontados com categorias sociais que não existem em seus países de origem como branco, preto, hispânico, asiático, Americano Nativo. Um dos resultados percebidos é que os imigrantes ou se negam a se categorizar da forma como são apresentados. Ou eles escolhem uma categoria mais próxima do que acreditam pertencer, mesmo que não esteja correta. Resultando num maior falseamento dos dados obtidos pelas pesquisas. Uma outra situação dá-se por imigrantes que não desejam ser identificados pelas categorias apresentadas por perceberem os estereótipos e preconceitos que são imputados neles como imigrantes, como no caso das categorias religiosas, resultando também num falseamento dos dados coletados em pesquisa (Fuligni; Tsar, 2015).
EX.07	A juventude imigrante, geralmente, retém de uma identidade a apresentar bastante flexibilidade. Portanto, toma-se como exemplo um chinês pode se identificar como chinês, asiático, americano. Ou um muçulmano, de país marroquinos, alemão, com dupla nacionalidade e agora imigrante nos EUA pode ter várias formas de se identificar (Fuligni; Tsar, 2015).
EX.08	Em geral, combina-se aspectos da identidade nacional (com a identidade social e cultural) combinadas com a identidade nacional do país no qual ele, como imigrante, passou a residir. Entretanto, há limites e fronteiras que residem nessa flexibilidade e construção identitária (Fuligni; Tsar, 2015).

METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

4.0 INTRODUÇÃO

Fazer uma pesquisa de campo sobre a imigração brasileira especificamente em New York é ter a consciência da dimensão de estar em uma cidade global, de entrevistar uma comunidade com uma capacidade criativa e uma facilidade de adaptação à diversidade cultural do país anfitrião muito alta. O brasileiro é múltiplo pela sua própria constituição como país. Em comparação com países do hemisfério norte cujas identidades vem sendo firmadas e debatidas há muitos séculos, ou em comparação aos países colonizados cujo processo de colonização foi bastante distinto dos países colonizados na América Latina. O Brasil é um país que mantém continuo o seu debate sobre identidade e com essa ação as suas tentativas de fazer valer minorias étnicas presentes num país tão diverso e plural. Não necessariamente os imigrantes brasileiros em diáspora apresentam o mesmo perfil, advém dos mesmos estados, ou possuem as mesmas qualidades e características. Este capítulo tem por objectivo apresentar quem são os imigrantes brasileiros residentes de New York, e suas características identitárias.

A primeira parte do capítulo 04 referente à metodologia de pesquisa consiste na apresentação do método de análise utilizado para a elaboração desta tese, o método bola-de-neve e o método etnográfico, especificamente a observação participante. A segunda parte consiste na apresentação dos dados colectados, nas entrevistas apresentadas tanto em forma de gráficos de análise quanto em relatos usando pseudónimos para manutenção da identidade dos entrevistados. Este capítulo 04 apresenta uma colecta extensiva, porém não limitada, de informações sobre estilo de vida, comportamento, cultura, percepções e distinções da identidade brasileira em contraste com a identidade americana. Entre imigrantes brasileiros em New York, muitos mantêm amizades dentro da comunidade brasileira. Outros já mantêm amizades com pessoas de cidadania latino americana (ou com dupla cidadania, sendo uma delas latino americana), um outro perfil consegue manter amizades com imigrantes de diversas cidadanias da União Europeia. A amizade com estadunidenses se apresenta como uma das mais difíceis a ser desenvolvida em New York, provavelmente pela diversidade étnica e pelas diferenças culturais.

Outro ponto importante neste capítulo é a apresentação, especificamente, dos *Millennials* e *Centennials*. Pode-se perceber que a intenção de migração e a motivação de migração muitas vezes diferencia-se e leva a perfis distintos de imigrantes brasileiros. Já os *Centennials*, nascidos em solo estadunidense ou socializados quando muito pequenos, possuem características distintas. Muitos são introspectivos, fazem amizade com mais facilidade com latinos americanos, entre outras questões. A manutenção da identidade para a geração mais jovem é uma questão de importância constantemente apontada pelos pais, imigrantes brasileiros.

4.1 MÉTODO DE ANÁLISE

Com o objectivo de identificar as características identitárias da imigração brasileira e da imigração jovem brasileira em New York, foi estabelecido uma pesquisa por amostragem que será relacionada aos dados censitários apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), acrescido de dados apresentados em relatórios focalizados nas gerações *Millennial* e *Centennial*, tais como o Dossiê Universo Jovem MTV 5 (2012) e O Sonho Brasileiro da Política (2014). Esta investigação consistiu da colecta por amostragem, por meio do método bola-de-neve, também conhecido por referência em cadeia¹, normalmente utilizado em pesquisas qualitativas para aceder à grupos de minoria e de difícil acesso. Neste caso, o perfil do imigrante brasileiro tanto nos Estados Unidos quando em New York caracteriza-se por grupo de minoria uma vez que não possui número representativo ao ponto de se fazer presente no censo dos EUA. Tampouco o censo dos EUA reconhece o brasileiro claramente nas políticas de identidade, uma vez que a pergunta refere a dois conceitos, raça e cor, e exclui o brasileiro por ele não ser qualificado como pertencente aos países falantes de língua espanhola (hispanicos), ao passo que também inclui como Latino Americanos. De acordo com o censo dos EUA, compõem os países Latino Americanos aqueles que são falantes da língua espanhola, ou seja, o Brasil por ser o único país falante de português acaba por ser excluído dessa percepção apresentada pelos Estados Unidos. Esta situação leva aos imigrantes brasileiros a passarem despercebidos em diversas situações, inclusive em processos de entrevistas de trabalho que requerem o preenchimento

¹ Também chamados por *Snow-ball* e *chain referral*.

das mesmas perguntas. Maxine L. Margolis apresenta essa perplexidade sobre a percepção dos brasileiros pelo censo dos EUA em seu livro *An Invisible Minority — Brazilians in New York City*:

“Mas os brasileiros são Latinos? Não de acordo com o censo dos EUA. Pela primeira vez no censo de 2000, a categoria de Latino especificamente excluiu os brasileiros, e brasileiros que se percebiam como Hispânicos/Latinos. E acabou por escrever em ‘brasileiros’ que ‘não eram Hispânico/Latino’ e que a sua nacionalidade se encontrava unida. Enquanto para brasileiros, ‘Latino Americanos’ é uma designação geográfica e não uma questão étnica. Além disso, ao usar o termo raça e não etnia, acaba por deixar a questão mal resolvida, pois a população brasileira não é nem negra nem branca; isto é, brasileiros podem ser ‘raça’ em declínio ou qualquer tom de coloração que se encontre no meio do caminho (Marrow, 2002)” (MARGOLIS, 2009: 08; tradução literal)².

Esta investigação tem por propósito descrever as experiências, sentimentos e emoções vivenciadas pelo grupo de minoria, com a capacidade de apresentar uma profunda e detalhada análise dos dados coletados. Para se chegar ao número estabelecido de 50 entrevistados para a amostragem, buscou-se, primeiro, a relação de imigrantes brasileiros em New York por meio de relatórios censitários dos EUA³ e do Ministério de Relações Exteriores do Brasil. Apesar desta ser uma pesquisa qualitativa elaborada com o método de bola-de-neve, o número da amostragem foi calculada por meio estatístico⁴, tomando como base a existência de uma população brasileira documentada em New York de 11.815 indivíduos pelo censo dos EUA e 285.000 pelo Consulado-Geral do Brasil em New York — leva-se em consideração que o Consulado-Geral do Brasil em New York atende New York, New Jersey, Pensilvânia e as Ilhas Bermudas. Independente de ter sido, ou não, entrevistados imigrantes brasileiros não-documentados, a dificuldade de concretizar um real número de imigrantes brasileiros não documentados acrescido dos imigrantes documentados, torna ineficiente a elaboração de um cálculo de amostragem realista

² “But aren’t Brazilians Latinos? Not according to the U.S. census. For the first time in the 2000 census the Latino category specifically excluded Brazilians, and Brazilians who checked Hispanic/Latino and wrote in ‘Brazilians’ were marked ‘not Hispanic/Latino’ and their nationality went united. And while Brazilians are ‘Latin Americans’ this is a geographical designation, not an ethnic one. Then, too, using racial instead of ethnic terms also leaves the issue unresolved because the Brazilian population is neither black nor white; Brazilians may be wither ‘race’ or any shade in between (Marrow, 2002)” (MARGOLIS, 2009: 08).

³ Fonte: <https://www.baruch.cuny.edu/nycdata/population-geography/foreign-birthcountry.htm>
Fonte: <https://factfinder.census.gov>

⁴ Foi utilizado o calculador automático apresentado no *Australian Bureau of Statistic* para efectuar o cálculo relativo ao número mínimo de entrevistados necessário para a investigação. Fonte: <https://www.abs.gov.au/websitedbs/D3310114.nsf/home/Sample+Size+Calculator>

por meio desta vertente. Portanto, para fins de elaboração da tese e, também, para permitir uma como comparação com os dados adquiridos por meio de entrevistas obtidas, também, pelo método de bola-de-neve pela investigadora Maxine L. Margolis (1993; 2009; 2013) foi estabelecido que o número de 50 entrevistados seria satisfatório para esta investigação.

Entretanto, é importante salientar que o método de bola-de-neve não tem caráter estatístico mas, sim, qualitativo. A amostragem no método de referência ocorre em cadeia e torna-se satisfatória uma vez que as informações necessárias, de acordo com o guião, se apresentam satisfatórias e saturadas. Ou seja, a saturação dá-se uma vez que as respostas obtidas dentro de um núcleo de entrevistados passam a surgir em repetição em entrevistas, ou seja, apresentam cada vez mais semelhanças entre as respostas encontradas nos mesmos núcleos, são frequentes, porém em distintos ou mesmo formato. Nesse ponto, deve-se buscar um outro núcleo para iniciar uma nova colecta de bola-de-neve. Dentro deste método, a seleção da amostragem se faz por referência em cadeia. Ou seja, para cada entrevistado, pede-se mais indicados dentro do perfil que estejam dispostos a participar da investigação. Este é um processo que permite o desenvolvimento de maior confiança entre o investigador e o aquele a ser investigado. Entretanto, deve-se ter ressalvas com relação a coleta de dados tornar-se tendenciosa, uma vez que as pessoas indicadas podem vir de um mesmo grupo ou de uma mesma fonte. Neste caso, deve-se buscar por uma diversidade de fontes e grupos para aumentar a probabilidade de obter uma colecta variada de dados por entrevistado:

“O método de bola-de-neve não só faz uso de pouco tempo, como também providencia aos pesquisadores a oportunidade de comunicar melhor com a amostra, visto que se tornam conhecidos da amostra. Esse tipo de *networking* é particularmente útil para achar pessoas que não desejam revelar as suas identidades” (NADERIFAR, GOLI, GHALJAIE, 2017: p. 02, tradução literal)⁵.

A construção da cadeia de entrevista dá-se, primeiramente, a partir de uma pessoa que introduzirá as demais pessoas. Entretanto, o investigador poderá estabelecer múltiplas cadeias ao mesmo tempo, essa opção lhe permitirá evitar a

⁵ "The snowball method not only takes little time but also provides the researcher with the opportunity to communicate better with the samples, as they are acquaintances of the first sample, and the first sample is linked to the researcher. This type of networking is particularly useful for finding people who are not willing to reveal their identities." (NADERIFAR; GOLI; GHALJAIE; 2017: p. 02)

saturação de uma cadeia e a maior diversidade de respostas. De qualquer forma, a primeira abordagem para iniciar a entrevista e o processo de cadeia do método bola-de-neve, demanda um certo tempo e investimento por parte do investigador, pois, dependendo de quão fechado é o grupo de minoria em questão, mais tempo demorará o investigador para desenvolver um laço de confiança com os envolvidos.

“Primeiro, os membros de um grupo particular que os pesquisadores deseja estudar, podem não se reunir em uma determinada localidade. Segundo, mesmo que os membros do grupo sejam favoreçam uma localidade, o pesquisador podem desconhecer essa informação, especialmente de antemão, quando tal informação pode ser bastante útil. Terceiro, essa estratégia requer um investimento extraordinário de tempo porque o pesquisador deve dedicar muitas horas para estabelecer uma reputação de confiabilidade antes de aventurar-se a iniciar o processo de amostragem por bola-de-neve” (WRIGHT; STEIN; 2005: 496, tradução literal)⁶.

A vantagem de se trabalhar com grupos de difícil acesso é a possibilidade de se fazer conhecer informações que não seriam abertamente de conhecimento geral pela população e, tampouco, pelo governo. A decisão de quando parar as entrevistas dá-se pela percepção de saturação das respostas em núcleos, ou seja, quando se começa a perceber que as respostas obtidas passam a ser repetitivas. Para evitar a saturação das respostas, pode-se buscar por novos grupos e, assim, iniciar uma nova cadeia de entrevistas.

O guião de entrevistas, foi utilizado como base o Dossiê MTV Universo Jovem, acrescido do Censo IBGE 2010, formatado para que pudesse captar os comportamentos e consumos de imigrantes brasileiros em New York. Enquanto o Dossiê MTV Universo Jovem diz respeito a uma investigação elaborada de 5 em 5 anos com o intuito de estipular o perfil e comportamento de jovens consumidores brasileiros; o Censo IBGE 2010 diz respeito a uma coleta censitária realizada a cada dez anos, com o intuito de estipular o perfil dos mais variados brasileiros no país. Com relação ao Dossiê MTV, foram produzidos até 5 dossiês MTV Universo Jovem acompanhando a transição dos jovens brasileiros com consumo analógico para jovens brasileiros com consumo digital. Assim, esta amostragem diz respeito aos

⁶ "First, members of the group the researcher wishes to study may not congregate in particular locales. Second, even if group members do favor certain locales, the researcher may not know about them, especially beforehand when such information could be most helpful. Third, this strategy requires an extraordinary investment of time because the researcher must devote many hours to establishing a reputation for trustworthiness before attempting to initiate the snowball sampling process" (WRIGHT; STEIN; 2005: 496).

jovens de classes sociais A, B e C no Brasil⁷ e que responderam perguntas relativas a consumo, comportamento do consumidor na mudança da Era Analógica para a Era Digital, valores pessoais e de família, objectivos de vida e, por fim, censitários. O Censo IBGE 2010 serviu de base para perceber o perfil brasileiro de jovens, jovens adultos e adultos (residentes e imigrantes), suas características como escolaridade, idade, região de moradia, perfil de trabalho, entre outras questões censitárias. Desta forma, a elaboração do guião deu-se com o intuito de estipular a formação da identidade do imigrante brasileiro em NYC com base no comportamento e consumo, e também, com base em valores, informações demográficas e sociais gerais.

Desta maneira, o guião de entrevista ficou subdividido em seis secções, com o intuito de compreender a jornada do migrante, os porquês que levaram-no a migrar, os valores por traz de cada indivíduo entrevistado e os comportamentos de consumo. Abaixo encontram-se listados as respectivas secções:

- Informação Pessoal
- Informação Familiar
- Comportamento de Migração
- Comportamento e Consumo dos *Media*
- Comunicação e Entretenimento
- Vivência nos EUA e NYC

Inicialmente, tinha-se por objectivo entrevistar jovens e jovens adultos da geração *Millennial* e *Centennial*. Entretanto, ao entrar em campo, percebeu-se uma resistência de aceder esses grupos diretamente. Para conseguir levantar as barreiras impostas, foi necessário entrevistar os respectivos pais, imigrantes chegados entre os anos de 1980-1990 nos EUA, principalmente NYC, e que se dispuseram a participar da pesquisa. Primeiro por curiosidade sobre o tema investigado, segundo como uma forma de apurar se a pessoa em questão era passível de confiança ou não. Somente depois de conceder a entrevista, garantia o contato dos respectivos filhos *Millennials* e *Centennials*. No caso dos filhos *Centennials*, esses concediam as entrevistas sempre na presença de um dos pais. Também foram entrevistados *Millennials* e adultos nascidos no final Geração X, por absorverem características da Geração *Millennial* seguinte à sua. Assim, foram

⁷ De acordo com a classificação sócio-económica brasileira apresentada no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE.

entrevistados os pais chegados na primeira vaga de imigrantes em NYC, em geral pertencentes à Geração *Baby Boomers*; *Millennials* e *Centennials* nascidos nos EUA e em NYC; e *Millennials* que imigraram para os EUA e hoje residem em NYC, esta é a amostragem que compõe-se de 50 entrevistados. Acrescida às entrevista, apresentam-se os dados colectados como observadora participante.

Leva-se em consideração que o entrevistado apresenta a sua vivência e jornada como imigrante ao longo da entrevista⁸. À medida em que o imigrante responde as perguntas vai, também, expondo a sua própria história. Primeiro, seleciona-se os possíveis contactos com quem se pode estabelecer e constituir uma rede em NYC. Uma vez em campo, retoma-os agendando as respectivas entrevistas. A maioria dos contactos foram estabelecidos em campo e por meio do método bola de neve.

Ou seja, para cada pessoa entrevistada, foi sugerida que o mesma indicasse mais pessoas com perfis semelhantes para dar continuidade à pesquisa. O entrevistado deveria entrar primeiro em contacto com as pessoas sugeridas para que introduzisse o entrevistador, que por sua vez, viria a entrar em contacto mais adiante. No primeiro momento, certificou-se de que os próximos entrevistados enquadravam-se nos critérios de análise propostos à investigação e somente após a confirmação marcava-se a data para a entrevista que, por sua vez, poderia ocorrer pessoalmente ou por telefone, a depender da disponibilidade do entrevistado e das condições climáticas da cidade de New York durante o inverno.

A constituição das redes de contactos para a elaboração do método bola-de-neve em New York foi desenvolvida a partir de cinco células independentes cujas possibilidades de ramificações podem ser apresentadas a partir das Figuras 01 à 05. Os organogramas apresentados foram elaborados com o objectivo de ilustrar o ponto inicial de contacto, no caso Rio de Janeiro ou New York. Depois foram feitos por intermédio de redes sociais, contacto pessoal, indicação de outra pessoal, abordagem por meio de evento de brasileiros em NYC, entrevista on-line em Redes Sociais etc. Cada célula que possibilitou um grupo de bola-de-neve levou à diferentes situações e perfis de entrevistas. Portanto, a Fig. 01 representa o contacto elaborado em solo brasileiro, especificamente no Rio de Janeiro, com pessoas que

⁸ Todas as entrevistas foram realizadas com o consentimento de cada entrevistado de acordo com as normas éticas de elaboração de projecto e guião de entrevista, mantendo a dignidade humana e manutenção do sigilo de cada entrevistado.

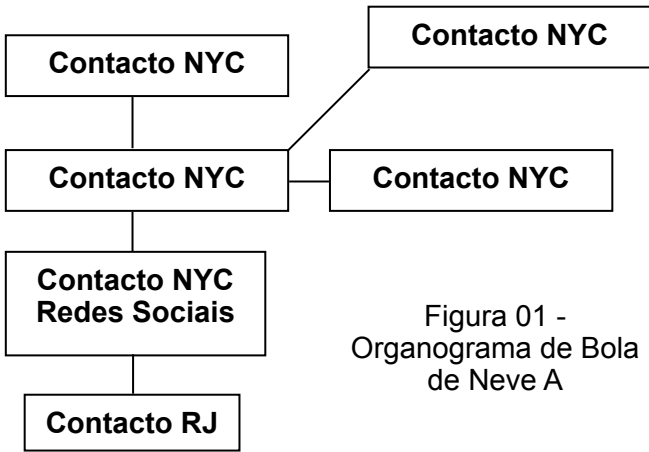


Figura 01 - Organograma de Bola de Neve A

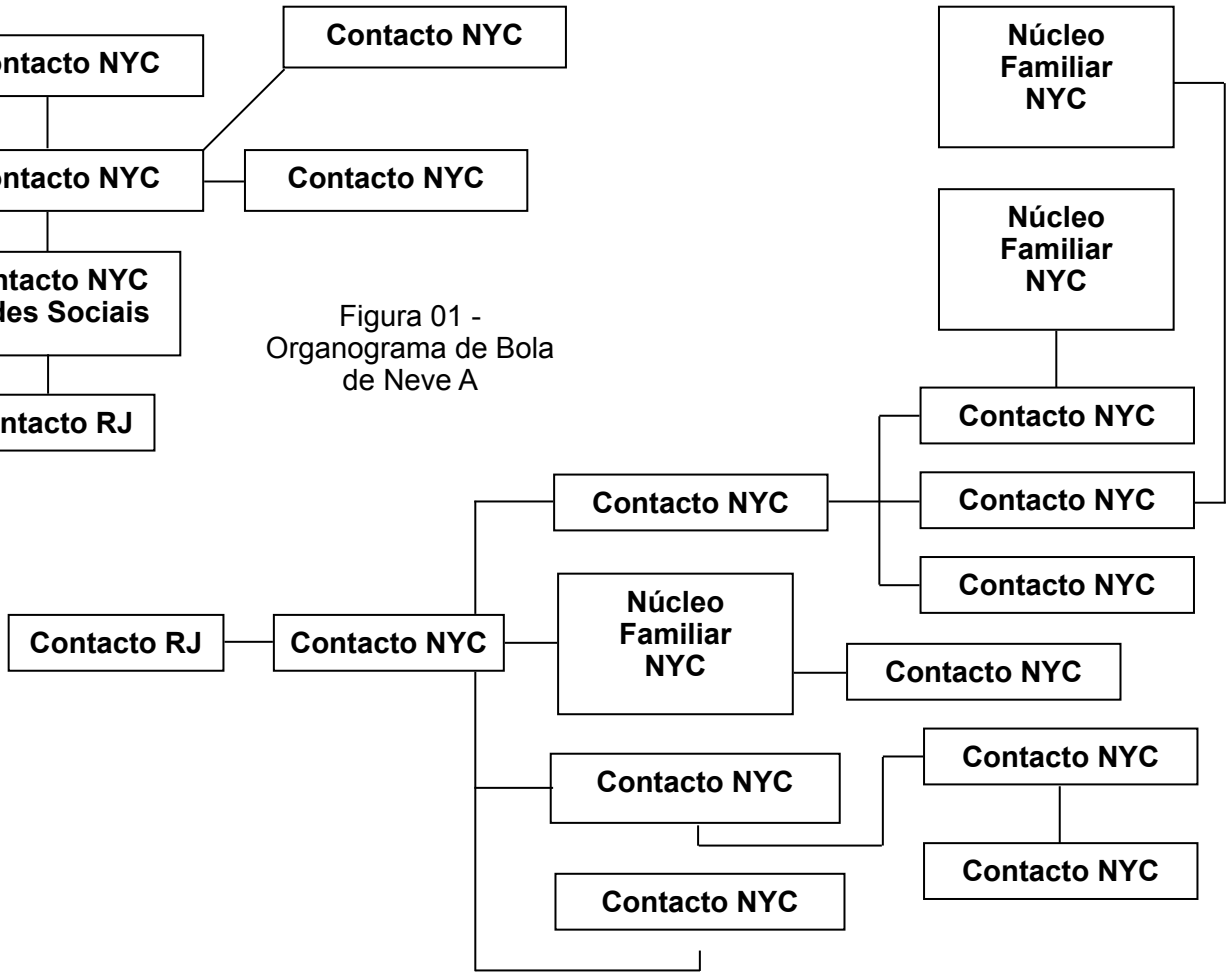


Figura 02 - Organograma de Bola de Neve B



Figura 03 - Organograma de Bola de Neve C

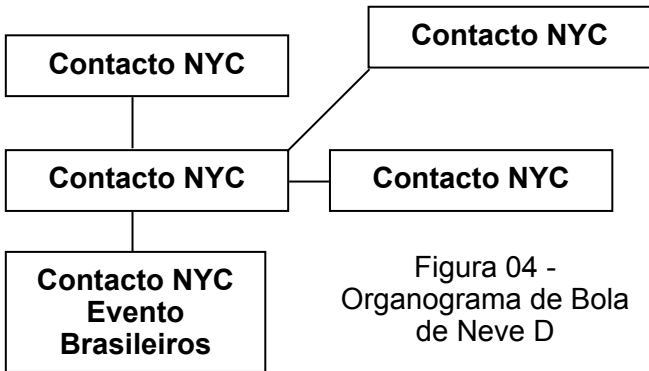


Figura 04 - Organograma de Bola de Neve D



Figura 05- Organograma de Bola de Neve E

já estavam em New York. Esse contacto foi feito por redes sociais tais como Facebook, Instagram e What's App⁹, formas utilizadas para estabelecer os primeiros contactos que seriam retomados uma vez em New York. Alguns dos contactos foram estabelecidos diretamente de New York, entretanto não foram obtidas respostas. A partir da resposta positiva de alguns destes contactos é que se pode, por indicação, dar continuidade às entrevistas, criando assim outras células independentes.

Clarifica-se que os cinco organogramas representam as formas de iniciar uma bola-de-neve. Entretanto, não representam as células de entrevistas criadas a partir do método de bola-de-neve, são apenas, organogramas ilustrativos da metodologia. A Fig.02 ilustra um contacto constituído a partir de uma ponte estabelecida no Rio de Janeiro, cuja relação com o primeiro contacto entrevistado foi construída em New York. A partir desta relação é que se levou ao conhecimento do primeiro núcleo familiar e indicações para próximos contactos de entrevistas. A partir deste primeiro contacto da Fig.02 foi-se possível ter abertura para outros núcleos familiares e, concomitante, a criação de outras células para entrevista. É interessante perceber que este contacto possibilitou uma rede mais ramificada e acessível em núcleos familiares. Ou seja, possibilitou a acessibilidade para entrevistar os filhos *Millennials* e *Centennials*.

Entretanto, para tal, foi preciso estabelecer uma ponte pela via dos pais até chegar aos respectivos filhos, independente das idades dos mesmos. A Fig. 03 representa um contacto estabelecido diretamente no Rio de Janeiro e cujos laços foram estreitados em New York, permitindo, assim, a entrevista e o conhecimento das relações do núcleo familiar. Do contacto estabelecido a partir da ilustração da Fig.03, não se desenvolveu nenhum outro tipo de ramificação para quaisquer outras entrevistas. Também foram elaboradas entrevistas a partir de contatos prospectados em eventos elaborados por brasileiros, que tinham entre os focos estabelecer a sororidade entre mulheres e, também, mulheres brasileiras (Fig. 04). A Fig. 05 ilustra o pré-teste do guião de entrevista que foi submetido em grupos de brasileiros em NYC na rede social do Facebook. A partir das respostas, foram selecionadas as pessoas que estavam inseridas no perfil para participar da entrevista em profundidade.

⁹ Neste caso, o What's App pode ser percebido tanto como uma rede social quanto como um meio de comunicação.

O guião de entrevista foi elaborado para ter uma duração entre 1h/1h30min. Entretanto, as entrevistas variaram de acordo com cada entrevistado, com um mínimo de 45min e um máximo de 4h. A tabulação das entrevistas consistiu em quatro etapas:

- Transcrição das entrevistas por meio do software SONIX¹⁰ (transcrever, corrigir, exportar).
- Tabulação do conteúdo dos áudios em cada planilha de acordo com as respectivas secções estabelecidas no guião e categorias estabelecidas por cada secção.
- Uso de trechos das entrevistas para análise de conteúdo e análise de discurso.
- Análise de alguns dos dados a partir do software Gephi criando mapas cartográficos.

Entretanto, é importante ressaltar que as próprias entrevistas envolvem uma atenção ativa e continuada para que se possa fazer conduzir até o término do guião e não perder o mesmo ao longo do processo. Para evitar a perda do entrevistado no processo, pode-se recorrer ao recurso de deixar fluir a entrevista como uma conversa sem a necessidade de seguir a ordem do guião de entrevista, ou seja, de acordo com o perfil do entrevistado, retomando as questões não abordadas à medida que ele for abrindo espaço para tocar no assunto. Caso isso não ocorra, deverá se introduzir cuidadosamente a questão. Alguns entrevistados constroem uma personagem que demora um tempo para se quebrar. Neste caso, o importante é engajar com a personagem construída, de forma consciente, ou seja, sabendo que esta personagem faz parte de uma estratégia de auto-afirmação do entrevistado (no caso o imigrante) para auto-adaptação no país de acolhimento.

A tendência será que esta personagem irá desfazer-se ao longo da entrevista, ao ponto de abrir-se para uma conversa mais aberta. Entretanto, nessas situações, irá demandar mais tempo de entrevista para conseguir romper a personagem. Esta situação em nada diz respeito ao critério de confiabilidade pela indicação relacionada ao método de bola-de-neve, mas sim às próprias questões do entrevistado em seu processo único de adaptação no país anfitrião. Outra situação

¹⁰ Fonte: <https://sonix.ai/>

que pode ocorrer, é entrevistar uma pessoa que durante o processo se percebe agressiva à situação de conceder a entrevista, por ser colocada a responder e, conseqüentemente questionar (independente do grau) questões sobre a sua própria vida que até aquele momento evitava. Esses entrevistados se encontram em situação de possível negação sobre as próprias dificuldades de adaptação ao país anfitrião e à condição de imigrantes em que se encontram. Ou, talvez, como em raros casos, demonstrem um comportamento de agressividade não consciente por circularem em ambientes de trabalho mais agressivos e incisivos, como o financeiro. Para esses casos, deve-se ser mais objectivo e menos reflexivo. A possibilidade de explorar a reflexão pelo entrevistado lhe causará uma agitação que irá fazer com que a entrevista possa terminar antes do esperado. Por fim, entrevistados mais reflexivos tendem a ser colaborativos com o investigador.

Vale ressaltar que algumas das pessoas indicadas não consentiram em serem entrevistadas. Parte dessa amostra de pessoas, foram contactadas primeiramente no Brasil e depois novamente de New York. O não-consentimento foi percebido ao não retornarem o contacto ou ao se esquivarem de participar da entrevista. Tal comportamento se fez mais preponderante entre homens e algumas poucas mulheres. Ressalta-se que esta percepção de predominância masculina em evitar a entrevista em profundidade se fez perceptível não pelo número de entrevistados do sexo masculino. Isso porque o método bola-de-neve acabou por indicar mais mulheres do que homens. Mas justamente por evidenciar que os homens indicados se negavam a participar da investigação concedendo uma entrevista em profundidade. Em geral, os que participavam apresentavam maior conforto na presença do sexo feminino, em se dispor em parâmetros iguais de direitos e deveres. Também, ressaltar-se todos os homens dispostos a participar da entrevista foram efetivamente entrevistados, pois levariam à saturação do núcleo familiar que já estava sendo entrevistado.

Portanto, das pessoas contactadas para participar da entrevista em profundidade, aproximadamente 26 pessoas negaram a sua participação, das quais 10 eram do sexo masculino. Devido a actual conjuntura político-económica dos Estados Unidos, supõe-se que alguns dos motivos sejam questões relacionadas ao processo de visto, independente do poder aquisitivo dos brasileiros em questão. Alguns dos imigrantes abordados poderiam ser considerados de alto poder aquisitivo

e, ainda assim, negaram participar da pesquisa. Independente do tempo de residência nos Estados Unidos, mesmo em New York que é considerado um refúgio para imigrantes em condição de não-documentados. O temor instaurado durante o governo Trump escalou de maneira ascendente entre todos os imigrantes. Mesmo entre aqueles que possuem *Green card*¹¹.

Importa registrar para futuras investigações o comportamento daqueles que não autorizaram a entrevista. Portanto, listam-se abaixo alguns dos supostos motivos apresentados para não conceder uma entrevista e, conseqüentemente, participar da investigação, acrescido dos comportamentos apresentados pelos brasileiros contactados independente do sexo:

- Visualizou a mensagem e não retornou.
- Aceitou participar da entrevista on-line, não preencheu o formulário e, depois negou participar da entrevista pessoalmente.
- Aceitou participar da entrevista pessoalmente. Depois pediu as perguntas e não quis mais participar da entrevista.
- Aceitou participar da entrevista on-line, nunca preencheu o formulário. Não retornou mais.
- Mudou de posição depois de falar com o marido, a pesquisadora não conseguia acesso direto ao marido.
- Aceitou passar o e-mail para contacto de forma reticente. Nunca retornou o contacto.
- Teve receio de participar da investigação e conceder uma entrevista por ter cláusula de confidencialidade no contrato de trabalho.
- Aceitou conceder a entrevista e nunca retornou o contacto.
- Negou participar da entrevista por estar a turismo. Depois aceitou participar da entrevista e não retornou mais o contacto.
- Aceitou conceder a entrevista e não atendeu as ligações de contacto.

¹¹ Conhecido como o visto de residência permanente nos Estados Unidos.

- Passou um contacto telefónico que diz não receber mensagens nem telefonemas.
- Negou participar da entrevistas sem justificativa.
- Negou fazer entrevista por estar muito ocupado.
- Aceitou conceder a entrevista e não retornou o contacto.
- Disse que não se sente confortável em conceder uma entrevista.

Percebe-se que houve inúmeras variações da mesma conduta, ou seja, primeiro houve o aceite em participar da entrevista e, conseqüentemente, da pesquisa em si. Para depois, após o segundo contacto em que se firmaria uma data oficial para a realização da entrevista, o indivíduo em questão simplesmente não retornar às mensagens e tentativas de contacto. Novamente, esse comportamento ocorreu por parte de pessoas documentadas e possivelmente não-documentadas (não há comprovação da ausência ou não de documento). Por parte de pessoas com muito ou razoável poder aquisitivo do sexo feminino e masculino. As especificidades estão no facto de alguns possíveis entrevistados do sexo masculino relatarem para as respectivas esposas que não se sentiam confortáveis em conceder uma entrevista. Tal facto pode ocorrer por diversas possibilidades, dentre elas questões de adaptabilidade relacionadas ao sexo masculino relativas ao processo de imigração. Como também questões relacionadas a dificuldade em se sentir confortável ao conceder uma entrevista em profundidade a uma mulher. Possivelmente, por isso, as redes de bola-de-neve foram, em sua maioria, constituídas por mulheres indicando outras mulheres. Entretanto, esclarece-se aqui que foram entrevistados homens que se sentiram plenamente confortáveis em participar da entrevista, assim como outros homens gostariam de ser entrevistados e não puderam ser naquele momento, por questões metodológicas. Ou seja, para evitar que a investigação obtivesse apenas um viés e não uma diversidade maior de percepções apresentadas.

Outra questão importante a se considerar é a cultura do próprio brasileiro em conseguir ser assertivo. Ou seja, o acto de aceitar e depois voltar atrás, e não responder mais uma mensagem pode ser interpretado com um receio do próprio brasileiro (independente de sua região de origem no país) em ser capaz de

simplesmente negar um convite. Visto que está numa relação brasileiro com brasileiro (BR - BR), o *habitus* que pode estar em ação, reforçado pela própria língua materna, pode gerar uma ação de retração e menor assertividade comunicativa. Tal comportamento difere-se da cultura americana que tenciona a ser mais directa e assertiva quando questionada. O que possivelmente gera um conflito para o próprio brasileiro em processo de adaptação ao diferenciar uma comunicação assertiva e directa de uma comunicação grosseira e rude.

Faz parte do trabalho de campo a escrita de um diário de observador que irá complementar o material colectado referente às entrevistas (EMERSON; FRETZ; SHAW; 1995). Como uma escrita etnográfica, o diário de observador participante será feito não como um relato da realidade, mas como uma narrativa referente às impressões observadas pelo investigador:

“Para uma descrição escrita não é meramente um assunto de captura precisa, observada de tão perto quanto a própria realidade, colocando em palavras conversas escutadas e atividades presenciadas. Para ver simplesmente as descrições como um assunto de produção de texto que corresponde acuradamente como sendo observado é assumir que há apenas uma forma “melhor” de descrever qualquer evento particular. Mas de facto, não há nenhuma forma “natural” ou “correta” para escrever sobre o que se observa. Portanto, porque descrições envolvem assuntos de percepção e interpretação, diferentes descrições como “sendo apenas a mesma” situação e os mesmos eventos possíveis¹²” (EMERSON; FRETZ; SHAW; 1995: 05, tradução literal).

O estilo de descrição da narrativa dará o tom da experiência e enquadrará as vivências apresentadas ao longo do diário do observador, assim como, contextualizará as questões abordadas no guião por meio das reações e emoções percebidas, contextos e ambientes apresentados (EMERSON; FRETZ; SHAW; 1995). Tal escrita irá envolver um processo de atenção ativa de interpretação para que se possa fazer sentido, podendo retirar da narrativa e descrição algo que possa não ser significativo dentro de algum contexto específico, mas vir a ser significativo em outro. Por isso,

¹² “For a writing description is not merely a matter of accurately capturing as closely as possible observed reality, of ‘putting into words’ overheard talk and witnessed activities. To view the writing of descriptions simply as a matter of producing texts that correspond accurately to what has been observed is to assume that there is but one ‘best’ description of any particular event. But in fact, there is no one ‘natural’ or ‘correct’ way to write about what one observes. Rather, because descriptions involve issues of perception and interpretation, different descriptions of ‘the same’ situations and events are possible” (EMERSON; FRETZ; SHAW; 1995: 05).

“é importante reconhecer que as anotações de campo envolvem inscrições de uma vida social e um discurso social. Tais inscrições inevitavelmente reduzem o agrupamento e a confusão do mundo social na forma escrita que poderá ser revisada, estudada e pensada de tempos em tempos¹³” (EMERSON; FRETZ; SHAW; 1995: 08).

De qualquer maneira, é importante ressaltar que a narrativa apresentada do diário de observador participante representa um enquadramento de um discurso social, de uma vida social com inscrições próprias por meio da percepção do observador que por sua vez irá, também, possuir em si os seus próprios códigos, signos, linguagens que juntos irão fazer sentido do material colectado. É uma contínua busca por significado das informações, ruídos, vazios, códigos e signos colectados ao longo do processo para que sejam todos decodificados em mensagens que tragam sentido a uma comunicação tanto para o investigador quanto para aquele que lê a pesquisa proposta. Portanto, há no trabalho de escrita do diário de observador e na realização de entrevistas em profundidade um cuidado com o Outro na qualidade da constante manutenção ética para evitar o etnocentrismo¹⁴, e para a constante manutenção da dignidade humana dos sujeitos participantes da investigação. Essa manutenção de ética e dignidade humana faz-se de forma delicada, com a intenção de não dissuadir aqueles que serão entrevistados ao clarificar o propósito da investigação científica para os mesmos. Diz-se que,

“o ethos da pesquisa de campo diz que para compreender e apreciar a ação por completo, na perspectiva do participante, deve-se chegar perto e participar de uma maneira abrangente das suas atividades quotidianas por um certo período de tempo¹⁵” (EMERSON; FRETZ; SHAW; 1995: 10, tradução literal).

A participação tem como princípio evitar o etnocentrismo por parte do investigador, o que o levaria a um erro de avaliação qualitativa sobre a análise dos dados obtidos. A forma como cada um irá escrever suas notas no diário de

¹³ “it is important to recognize that field notes involve inscriptions of social life and social discourse. Such inscriptions inevitably reduce the welter and confusion of the social world to written words that can be reviewed, studied, and thought about time and time again” (EMERSON; FRETZ; SHAW; 1995: 08).

¹⁴ “O etnocentrismo passa exatamente por um julgamento do valor da cultura do *outro* nos termos da cultura do grupo do *eu*” (Rocha; 2006: 13).

¹⁵ “the ethos of the fieldwork holds that in order to fully understand and appreciate action from the perspective of participants, one must get close to and participate in a wide cross-section of their everyday activities over an extended period of time” (EMERSON; FRETZ; SHAW; 1995: 10).

observador varia de acordo com o conforto com que cada investigador se sente ao descrever as situações. Entretanto, há alguns pontos, ou melhor, implicações que podem ser apresentados como forma de orientação para a escrita de um diário de observação, são eles: 1) o que é observado como dados e descobertas; 2) é importante dar especial atenção às minorias investigadas; 3) é importante detalhar as interações sociais e seus respectivos processos nas actividades do dia-a-dia (EMERSON; FRETZ; SHAW; 1995). O método do diário de observador deverá conter dados, descobertas e factos associados a *como* o investigador chegou às informações colectadas. Portanto,

“se torna crítico para o etnógrafo documentar suas próprias actividades, circunstâncias, e respostas emocionais assim como esses factores vão dando forma ao processo de observação, e capturando as vidas de outros. A partir deste ponto de vista, a verdadeira distinção entre dados de anotação de campo ou diário (...) é profundamente errónea. É claro, o etnógrafo pode separar o que ele diz e faz daquilo que observa e daquilo que os outros dizem e fazem, tratando depois, como se não fosse afectado pelo mesmo. Mas tal separação distorce o processo de inquérito e ameaça o significado dos dados de campo em diversos sentidos significativos.¹⁶” (EMERSON; FRETZ; SHAW; 1995: 11, tradução livre).

Ou seja, apesar de ter-se o cuidado para separar a esfera pública do âmbito privado, referente à vida íntima do investigador, da esfera do público, referente ao espaço de trabalho relativo à investigação, faz-se necessário estar ciente que há uma área de intersecção cinza onde as relações estabelecidas entre investigador e entrevistado, observador participante e aqueles que se encontram no seu espaço social, por direito de vivência, estão partilhando de um mesmo *ethos*. Este espaço de intersecção, este *ethos* faz-se extremamente valorativo para a percepção do Outro por ele mesmo.

¹⁶ “[i]t thus becomes critical for the ethnographer to document her own activities, circumstances, and emotional responses as these factors shape the process of observing and recording others’ lives. From this point of view, the very distinction between field note ‘data’ and ‘personal reaction’, between ‘fieldnote records’ and ‘diaries’ or ‘journal’ (...) is deeply misleading. Of course, the ethnographer can separate what he says and does from what he observes others saying and doing, treating latter as if it were unaffected by the former. But such a separation distorts processes of inquiry and the meaning of field ‘data’ in several significant ways” (EMERSON; FRETZ; SHAW; 1995: 11).

4.2 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Vem de muitos anos que o sonho de "fazer a América" construíra-se no imaginário dos brasileiros. Antes mesmo da própria conscientização dos *media*, as relações diplomáticas entre os dois países fora construída desde o princípio da constituição de ambos os países. Entretanto, quando antes as relações interpessoais encontravam-se, aparentemente, limitadas entre os brasileiros de Minas Gerais, mais especificamente aqueles advindos de Governador Valadares e das cidades adjacentes, agora essas relações já apresentam-se expandidas para brasileiros advindos de outros estados.

Para muitas das entrevistadas e dos entrevistados, a chegada a *Big Apple* faz-se apenas com as roupas do corpo, uma bolsa a tira colo contendo os documentos básicos como passaporte, carteira, e itens que seriam comuns ao quotidiano. Como se ao levantar-se para ir ao trabalho, vestissem suas roupas, pegassem suas bolsas e seguissem rumo a mais um destino igual ao de todos os dias precedentes, igual às jornadas de trabalho ou aos dias de escola que haviam ocorrido anteriormente. Mas, em especial, neste dia seguiram para o aeroporto já contidos um passaporte e um visto de turista em mãos, tomaram um avião rumo aos Estados Unidos e, pela primeira vez, fizeram uma viagem de avião que lhes mudou a vida por completo.

Essa realidade se fez presente na década de 1980, quando se iniciou o período de emigração de brasileiros para o exterior, influenciados pelas angustias instauradas pelo fim da ditadura militar em 1985, e a inauguração de uma nova democracia no mesmo ano. Estas condições sociais foram acrescidas das dificuldades em lidar com a contínua inflação no país, ao passo que se promulgava uma nova constituição em 1988 com o objectivo de assegurar o não retorno de uma ditadura militar novamente no Brasil. Os motivos que impulsionaram à emigração foram diversos: desde o desejo por uma vida de aventura; consumo e posses tais quais os amigos e colegas ou tais quais as revistas e fotos que recebiam e viam quando alguém retornava de férias dos Estados Unidos; até pedidos de asilo político por motivos de perseguição durante o período da ditadura militar no Brasil. Há pessoas que simplesmente desejavam estar próximas dos seus familiares e durante um período de visita aos mesmos foram convencidas a permanecer, mas

outros saíram do país com essa questão em aberto. Há pessoas que acabaram se movimentando para cuidar da saúde de seus familiares nos EUA, motivados pela preocupação de não mais tê-los em vida e passado o período da doença acabaram permanecendo. Há aqueles que buscavam mais oportunidades de retorno financeiro no trabalho durante um período em que a inflação no Brasil lhes consumia praticamente todo o salário, inviabilizando uma perspectiva de ter uma vida digna e decepcionados pelas condições de trabalho em que se encontravam. Enfim, os motivos para a emigração do Brasil para os Estados Unidos, especificamente para New York, foram diversos. Entretanto, normalmente, os impulsos são de outra ordem, da ordem do desejo e mesmo quando envolvidos em uma esfera de razão são desencadeados, em última instância, pela emoção. Por isso, quando os entrevistados são questionados com relação aos por quês migraram, os debates tendem a ir para além das teorias económicas que justificam um movimento *push-pull* ao acordo da inflação e viabilidade de trabalho entre o país de origem e o país anfitrião. O que impulsiona o desejo de emigrar do Brasil para outro país vem de outra ordem.

Neste primeiro momento serão apresentadas algumas histórias compartilhadas por imigrantes em suas respectivas entrevistas e com suas respectivas autorizações. Por questões éticas seus nomes foram trocados para a manutenção de suas identidades alguns detalhes serão mantidos em sigilo, outros detalhes serão trocados com o mesmo propósito de manutenção da identidade. Nenhuma das alterações aqui apresentadas interferem no conteúdo principal, a qualidade do relato e a dignidade humana do imigrante entrevistado. Os dados tabulados e posteriormente analisados não apresentarão tais interferências e alterações.

Laura, 66 anos.

A jornada de Laura para New York se inicia no interior de Minas Gerais, uma cidade há aproximadamente duas horas de Governador Valadares, para onde mudou-se com seus pais e irmãos em busca de uma vida mais próspera em termos de trabalho e escolaridade. Estudou em uma escola protestante considerada a melhor da região, onde obteve conhecimento profundo sobre diversas disciplinas,

inclusive história do Brasil e religião. Laura, assim como seus irmãos aproveitaram bastante a natureza e a liberdade que a vida no interior de Minas Gerais lhes proporcionava. Aproveitaram tanto que Laura relata não recordar-se da ditadura militar tal qual é ensinada nas escolas. Para ela, diz que foi um tempo tranquilo em que frequentava muitas festas, aproveitava muitos carnavais. As angústias e perseguições da ditadura militar no Brasil não fizeram parte de sua história e, tampouco, fazem parte hoje de sua memória.

Laura casou-se cedo, talvez não tão cedo quanto outras amigas suas, mas logo viu-se na realidade de casa-marido-filho-trabalho. Acabou migrando para as cidades principais do sudeste do país em busca de melhores oportunidades de emprego. Divorciou-se e viu-se como *mãe solo*¹⁷ frente as responsabilidades de cuidar de si, cuidar de alguém que dependia de si e ao mesmo tempo ter um espaço reservado para os prazeres de viver.

Quando em Governador Valadares, Laura teve contacto com muitas amigas e colegas que retornavam dos Estados Unidos, retornavam de New York de férias com fotos apresentando a “bela vida de quem vai *fazer a América*”. Havia além do desejo de ter essa suposta “bela vida”, a necessidade de prover o melhor possível para sua filha. Aos poucos, *fazer a vida na América* deixou de ser algo distante que só se ouvia falar, para ser algo da ordem da necessidade e da emergência. Laura vestiu sua roupa, como um dia qualquer, na bolsa continha o seu passaporte com um visto de turista, na carteira uma única nota de um dólar como símbolo de boa sorte.

Sem falar inglês, Laura pegou o avião e chegou em New York. Viveu com um casal de amigos na área central de Manhattan trabalhando como costureira, foi quando aprendeu o ofício. Aliás, por necessidade, Laura diz que aprende qualquer coisa e que se adapta a qualquer lugar. Aos poucos foi trabalhando e conseguindo trabalhos como doméstica¹⁸. Uma casa aqui e outra ali. Laura fez clientes fiéis desde quando chegou. Ao contrário da cultura americana, actuar como doméstica não é o que define Laura, é apenas o seu trabalho. Em New York, Laura fez inúmeros cursos de inglês para estrangeiros. Mesmo ainda achando que não sabe o idioma tão bem assim, Laura entra em debates para defender seus direitos quando não são

¹⁷ Utiliza-se aqui o termo “mãe solo” que se diferencia do termo “mãe solteira”, para designar uma opção de escolha em ser uma mãe e estar sozinha.

¹⁸ Faz algum tempo que o trabalho como doméstica em NYC foi regulamentado.

atendidos, resolve questões médicas, bancárias, questões do cotidiano entre muitas outras. Além de ter feito um curso como *Chef*.

Laura é evangélica e diz que uma das primeiras atitudes que tomou ao chegar em New York foi buscar nas equivalentes páginas amarelas da época uma igreja da mesma filial que a sua para frequentar. Os sermões na igreja eram em inglês, mas o importante naquele momento era o acolhimento e bem estar que a presença lhe trazia. Permaneceu naquela igreja, até o momento em que Laura foi levada para a filial brasileira, onde frequenta até hoje. Laura é uma brasileira muito comunicativa, ajuda muitas pessoas, principalmente os seus familiares em New York e no Brasil. A sua família aos poucos foi imigrando também para New York, porém independente de si. Todos são cidadãos americanos, assim como Laura. Hoje a família se encontra na quarta geração, onde só a geração de Laura e de sua mãe são consideradas os primeiros imigrantes, e entrar em contacto com eles é presenciar um micro-cosmos de *brasilidade*, assim como, de *mineridade*. A casa de Laura é extremamente bem cuidada e bem decorada. Todos são acolhidos ao chegarem em sua casa, convidados a sentar à mesa, a tomarem um café, convidados a comerem alguma coisa e colocarem a conversa em dia, como bons mineiros que são. A sua família passa às demais gerações a cultura brasileira em termos de gosto pela comida, gosto pela música, curiosidade pelos programas de televisão, memórias de tempos passados, debates sobre história, economia, política e a festividade do carnaval. Laura tem uma rede familiar organizada tanto em New York quando no Brasil. Seu filho e seus sobrinhos estudaram em excelentes escolas e seguem uma vida relativamente tranquila.

António, 61 anos.

António veio de uma família em que seu pai era professor universitário e seu avô seguiu a carreira militar. Em plena ditadura militar no Brasil, seu avô viu-se a ir de encontro com muitos dos militares que efectuaram o golpe e tomaram o poder no país. Confrontando-os com percepções consideradas politicamente de esquerda, António viu seu avô se tornar um preso político em prisão domiciliar durante a ditadura, tendo as suas medalhas confiscadas. Seu pai, médico, passou a ser cada vez mais assediado por confusões políticas durante a ditadura militar que em nada

lhe diziam respeito, ao ponto de ser caçado ao sair o AI-5¹⁹. Instaurado o medo na família de também perder o pai como preso político, António viu seu pai viajar para apresentar uma palestra sobre medicina no Canadá. Assim começou a história de emigração da família de António. Primeiro, saiu o pai que conseguiu fazer o percurso por meio de uma longa rota do sul do Brasil até chegar ao Canadá. Passado o congresso e a apresentação, o pai de António fez o seu rumo à New York e imediatamente pediu asilo político que lhe foi concedido. Agora, seria necessário trazer o restante da família, ou seja, a esposa e os filhos. A comunicação manteve-se sigilosa por mensagens em fitas cassetes que chegavam através de pessoas de confiança do casal em tempos espaçados, para não gerar suspeitas. Em um dia qualquer, a mãe de António vestiu os filhos com jaquetas que havia costurado por dentro com cobertores mais grossos, torcendo que aguentasse o frio do inverno de New York. Mãe e filhos saíram vestidos com roupas comuns e mochilas de escola rumo ao aeroporto. Como António mesmo descreveu, ele vestia uma jaqueta jeans que por dentro sua mãe havia costurado à mão a sua própria colcha que lhe cobria ao dormir. Ninguém tinha a intenção de chamar a atenção para o facto de que não retornariam ao país e tampouco podiam naquele momento. Em 1972, António e sua família saíram do Brasil como turistas e chegaram em New York como asilados políticos. O pai de António já lhes aguardava com a documentação necessária para o pedido de asilo político nos Estados Unidos. Durante um período de sua vida, chegou a retornar ao Brasil, mas a readaptação na migração de retorno não lhe foi fácil. António colheu frutos durante o tempo em que permaneceu no país — uma esposa, um filho, um doutorado, entre muitas outras coisas. Apesar dessa experiência, decidiu fazer de New York a sua morada. António e sua família são cidadãos americanos, decidiu seguir carreira como professor universitário em New York. Enquanto a sua esposa mudou de profissão e actua na área da saúde.

António visita sempre que possível o Brasil. Com a sua esposa, também brasileira, debatem a cultura, a política brasileira e tentam passar para o filho mais do que o idioma português, tentam passar a memória de ambas as famílias, as histórias da ditadura militar no país, a cultura popular brasileira. Tentam passar as alegrias que sentem do país que guardam no coração. Seu filho, sente que cresceu

¹⁹ Artigo Institucional de Nº 5, baixado em 13 de Dezembro de 1968 durante o governo do General Costa e Silva, vigorou até Dezembro de 1978 e definiu o momento da Ditadura Militar no Brasil em seu carácter punitivo para com todos aqueles que eram percebidos como inimigos do regime militar.

como americano, mas reconhece no Brasil a sua influência. Juntos, António e sua família constroem uma nova cultura influenciada tanto pelo Brasil quanto pelos Estados Unidos e vão, aos poucos, descobrindo esse espaço de intersecção.

Renata, 28 anos.

Numa cidade bem no interior de Goiás cresceu Renata, entre duas famílias que chamava de suas, uma família de sangue e uma família que lhe adotou como de criação. Renata diz ter crescido em uma família modesta, privada de muitas regalias, aprendeu a religião evangélica com sua família de criação, com quem passava muitos momentos. Até ir estudar em um internato, passou para o vestibular, emigrou para um outro estado longe de suas respectivas famílias. Mas nesta altura, Renata já sabia como era o dia-a-dia básico de viver distante, de lidar com a saudade, de organizar-se por si própria. Determinada, Renata perseguiu a carreira académica, sofreu assédio moral durante seu período de pós-graduação, o que lhe fez abandonar os estudos. Mas jamais abandonou o sonho de um dia retornar e concluir sua pesquisa, retomar o seu rumo na vida académica.

Já desde menina, Renata tinha o desejo de aventurar-se mundo a fora. Descobrir o que o outro lado das fronteiras poderiam apresentar para aquela pequena menina, vinda de cidade de interior. Lhe aguardava desbravar os sabores das paixões, dos conhecimentos, e das terras ainda não vistas. Foi assim, por amor que Renata foi à Europa, aprendeu uma língua bastante distinta da sua e sentiu-se novamente desamparada, sem a estabilidade de uma rede que pudesse dar à ela um auxílio, um sustento, um conforto, por fim, uma direção. E, principalmente, a garantia de que estaria salvaguardada financeira e legalmente. Ao retornar para o Brasil, viu-se em um contraste entre estar amparada pela sua rede familiar e de amigos, mas ao mesmo tempo, sentir uma profunda insatisfação e um vazio dentro de si que não se preenchia. Novamente, Renata despreendeu-se e foi ao mundo impulsionada por aquilo que supunha ser uma proposta de trabalho concreta e um possível novo amor que lhe aplacasse um coração de sonhos. Foi assim que Renata chegou em New York.

Em poucas semanas percebeu que a realidade em nada se assemelhava com o sonho que lhe fez impulsionar a pegar o avião. Havia ali dois mundos

bastante distintos. Em estado de desespero, Renata se jogou em busca de um trabalho qualquer, conseguiu um contato para fazer uma documentação falsa que lhe permitisse trabalhar no país. Receosa do que lhe podia acontecer, ligou para a família antes de buscar a documentação que havia encomendado. Naquele momento, havia apenas ela e mais ninguém para lhe socorrer. Buscou o documento, Renata agora tinha um outro nome, que não pronunciava. O medo de ser presa lhe corria por dentro. Renata se vê questionando a integridade de seus atos e a necessidade de buscar um trabalho para conseguir dinheiro e se sustentar.

O próximo passo foi buscar uma filial da igreja evangélica em sua versão brasileira. Entre um contato e outro, Renata conseguiu alugar um quarto, e agora já se encontrava com dois trabalhos²⁰, era babá e ainda trabalhava em um restaurante. Quando em momentos vagos também trabalhava como diarista²¹. Em New York, Renata vivia para pagar as contas, quando conseguia algum tempo a mais tentava sair para se divertir, um luxo que o tempo lhe cobrava muito caro. O glamour de viver em New York entrava em conflito com a saudade de ter seus amigos do Brasil perto de si e, o permanente desejo de retomar o rumo de sua carreira, retornar às suas pesquisas e à sua vida acadêmica.

Renata não desejava extrapolar o seu visto de turista no país, mas tampouco desejava retornar desprovida do dinheiro investido naquela empreitada. Trabalhos em condições como as da Renata deixaram-lhe marcas fortes de assédio moral, nem todos conseguem bons patrões e boas condições de trabalho. New York fora um constante desafio para ela. Muitos imigrantes dizem que não é o imigrante que escolhe New York. É New York que escolhe você, “se a cidade não quiser você nela, ela manda embora”. Hoje, Renata já não está mais na cidade e tampouco nos Estados Unidos. Se jogou novamente para o mundo continuando a sua jornada como imigrante e a sua eterna busca pelos seus sonhos.

²⁰ Em situação de pandemia pelo vírus COVID-19, subempregos não garantem os direitos dos empregados e podem deixá-los em situação de maior fragilidade psicológica, econômica e social.

²¹ Há lugares que aceitam trabalhos sem documentação e não são regulamentados. Esses lugares estão mais sujeitos a fazer assédio moral em seus funcionários.

Tatiana, 26 anos.

A família dos pais de Tatiana, mal ou bem já tinha alguma cultura de migração entre as cidades do Brasil. Quando foi a vez da própria família de Tatiana emigrar, primeiro começaram entre um estado e outro, algumas cidades do interior. Depois se aventuraram para fora do país. Seu pai, aos poucos ia galgando cada vez mais uma boa posição no emprego. Assim veio a primeira emigração de Tatiana, dessa vez todos juntos como uma família. Passado um tempo, retornaram novamente ao Brasil, fizeram de seu país novamente o seu lar. Construíram um negócio, envolveram-se a fundo nas atividades da igreja. Enfim, criaram raízes. Tatiana teve a oportunidade de emigrar novamente, dessa vez por um curto período para desenvolver suas habilidades de idioma. Voltou para a casa dos pais, completou os estudos na faculdade e começou a trabalhar na empresa da família. A vida lhes havia dado muitas bonanças até aquele momento e viviam uma realidade que Tatiana relatava ser uma bolha — casa, escola, igreja. De acordo com Tatiana, até a pouco tempo, não sabia como era a vida para além dos limites estipulados por sua família.

A vida tranquila de Tatiana se fez ruir quando num dia como outro qualquer descobriu que os negócios da família não andavam tão bem como lhe apresentavam. A realidade da falência instaurada sobre os ombros dos pais fez com que tomassem medidas drásticas. O medo que se instaurou na vida de Tatiana e na vida de sua família vai muito além da falência dos negócios familiares. Diz respeito à condição em que a falência se deu. Da noite para o dia, arrumaram as malas como se fossem tirar umas pequenas férias. Entretanto, compraram passagens aéreas para os Estados Unidos e entraram com vistos de turistas. Nunca mais retornaram ao Brasil. Tatiana, hoje, é uma não-documentada, impossibilitada de retornar ao Brasil por irresponsabilidade que não competem nem ao cargo, nem à idade que tinha na altura de sua partida. Trabalha como pode e busca ao máximo a manutenção de sua dignidade e qualidade de vida. Sua família encontra-se na mesma situação, porém vivem à distância. Habita em Tatiana um medo de ser descoberta, de sofrer com o preconceito por ser não-documentada e, ao mesmo tempo, uma constante potência para fazer valer a sua vida das oportunidades que neste momento possui, e não se deixar vencer pelo estigma do não-documentado.

Assim, Tatiana segue a sua vida aproveitando o melhor que consegue, entre trabalho, lazer e cursos com os quais pode se aprimorar.

Cláudia, 58 anos.

A jornada de Cláudia começou como a de muitos brasileiros, no interior do Nordeste do Brasil, em uma família pobre, onde a sua mãe trabalhava como doméstica para as famílias de maior poder aquisitivo da região buscando sustentar a casa. Cláudia era uma menina bonita, alegre, admirada pelas outras crianças do bairro e, também, visada por muitos adultos. Influenciada pelas telenovelas brasileiras da época e cansada de sofrer calada abuso sexual por um dos seus familiares, Cláudia convenceu que as melhores oportunidades para trabalho encontravam-se no sudeste do país. Cláudia e sua mãe viajaram por horas de ônibus até chegarem a capital, sem nenhum conhecimento da cidade e, tampouco, dinheiro suficiente para abrigo ou alimento. Entre uma mistura de desespero, boa vontade aqui e ali, mãe e filha conseguiram um trabalho de doméstica morando na casa do patrão.

Cláudia concluiu os seus estudos, começou a trabalhar, apaixonou-se até casar. Mudou-se para uma boa casa, tornou-se dona de casa e cuidou dos filhos e marido. Passado alguns anos, Cláudia divorciou-se ao descobrir a infidelidade do marido. Se percebendo sem marido, sem a guarda dos filhos, sem trabalho, Cláudia perdeu os laços que a ligavam com o Brasil. Desesperançosa de qualquer construção de um possível futuro no país, passou a questionar-se sobre o que fazia ali e o que faria para frente. Novamente, envolvida nas telenovelas brasileiras da época, Cláudia inspirou-se nas personagens para ganhar a coragem e a determinação que lhe faltava. Decidiu ir morar nos Estados Unidos, especificamente em New York. Iria *fazer a vida na América* e, depois de um tempo, retornaria completamente diferente, deixando todos maravilhados!

Dito e feito. Com os contactos que Cláudia tinha, conseguiu um visto de múltiplas entradas nos Estados Unidos, pediu um empréstimo que usou para

comprar as passagens, pegou o avião e foi. Chegou em New York maravilhada com a cidade e sem saber falar um “olá” sequer em inglês. Recebeu ajuda para se alimentar e arrumar um lugar para dormir nos primeiros dias. Os homens lhe assediavam e, Cláudia, resguardava-se ao máximo. Ao longo dos anos, apaixonou-se por um homem que parecia ser muito diferente daqueles que havia conhecido. Foram morar juntos e tiveram mais filhos. A essa altura, Cláudia mandava dinheiro para a manutenção do sustento no Brasil e ainda auxiliava no sustento dos filhos nos Estados Unidos. Um relacionamento que se iniciou como uma história de paixão de cinema, terminou como um caso de violência doméstica na delegacia. No dia em que Cláudia foi espancada pelo companheiro, prestou queixas na delegacia e aprendeu que não seria deportada por isso. Cláudia buscou um abrigo e um aconselhamento para mulheres que sofreram com violência, foi orientada a buscar um advogado que lhe providenciou os documentos de cidadania em acordo com a sua situação. Passado muitos anos desse período de dor, Cláudia concluiu o *College*, tornou-se uma mãe participativa na vida escolar de seus filhos que vivem nos Estados Unidos. Hoje, cidadã americana, Cláudia encontra-se casada, com um trabalho permanente e visita o Brasil quando deseja.

Dentre o grupo de pessoas entrevistadas, a maioria delas foram mulheres indicadas pelo método bola-de-neve já desenvolvido no início do Capítulo 04. A *sororidade*²² entre mulheres foi a principal forma de penetrar na comunidade brasileira. Aproximadamente 80,85% da amostragem destina-se ao sexo feminino, enquanto que aproximadamente 19,15% destina-se ao sexo masculino. Percebe-se esse comportamento entre mulheres brasileiras para além de um comportamento de amizade, mas sim de colaboração e solidariedade entre mulheres que buscam ajudar umas às outras a elevarem-se socialmente e, também, em comunidade. Por meio, deste comportamento de *sororidade* é que se pode penetrar na comunidade brasileira. Muitos dos homens brasileiros encontravam-se à margem desse comportamento de *sororidade*, aparentemente sem participar de qualquer tipo de grupo social (misto ou masculino) que lhes dessem um sentimento de pertencimento

²² Palavra transliterada do inglês, *sorority* que por sua vez advém do latim.

em uma rede social. Alguns dos homens entrevistados possuem uma forte conexão com os familiares e tem a sua rede familiar bem estabelecida em New York, o que lhes mantém um senso de pertencimento social e identidade. Outros possuem uma conexão através das redes sociais das esposas por meio da igreja e, conseqüentemente, fazem amizades com os maridos das esposas. Entretanto, as ligações de amizades e coleguismos não parecem aprofundar em redes sociais similares à sororidade. A terceira forma de interação masculina percebida se dá pelos homens que fizeram a sua socialização desde a infância e adolescência em New York e, hoje, são adultos com seus respectivos filhos. Estes possuem, para além das suas redes familiares, também amigos de *High School* e, muitas vezes, trabalho e universidade. Portanto, mantém uma rede de sociabilidade e conexão que lhes permite um aprofundamento identitário e sentimento de pertença mais abrangente.

Da amostragem coletada, 56% dos entrevistados já havia vivido em mais de uma cidade, para além da sua cidade de nascimento no Brasil. Ao mesmo tempo, muitos dos entrevistados vinham de famílias que haviam migrado internamente pelo país e compartilhavam histórias de convívio e adaptação, além de visitarem seus respectivos familiares nas cidades de origem das famílias de seus pais. Conseqüentemente, para essas pessoas houve a criação de uma rede familiar de troca de histórias, memórias e aprendizado, e, também, a criação de uma identidade de migrante e construção de sua jornada, independente dela ser feita no país de origem ou fora dele. Esse é um factor impulsionador de importância na construção do perfil de imigrante. Outro ponto de importância foi a trajetória antes de chegar em New York. Alguns dos entrevistados além de terem migrado internamente no Brasil, também moraram no exterior e, até mesmo, em algumas cidades nos Estados Unidos até chegar a efectivamente viver em New York. Com a exceção de dois entrevistados que ainda vivem em New Jersey e trabalham diariamente em New York, ambos com a pretensão de mudar-se para NYC, o restante da amostragem manteve-se dentro de NYC. Países em que os entrevistados viveram antes de chegar nos EUA foram: Canadá, Holanda, França, Peru, Suíça, Nova Zelândia, Espanha, Alemanha, Chile, Suécia, Hong Kong e Austrália.

Foram muitos os motivos impulsionadores que levaram os entrevistados a mudarem-se para tantos destinos. Dentre eles, encontram-se o acompanhamento

familiar, quando eram apenas crianças e adolescentes acompanhando os respectivos pais cuja mudança destinava-se por motivo de cargo de trabalho. Para acompanhar um familiar que estava a trabalhar, mas era menor de idade e necessitava de algum parente mais velho que a representasse. Em determinado momento era para acompanhar um familiar no tratamento de saúde em NYC, e, por consequência aos poucos o restante da família foi se unindo na mesma cidade. Nesse caso, a chegada à New York foi com o visto de turista e a permanência foi como não-documentada por anos, até a regularização do status. Um outro caso é a reunificação pelo visto de noiva de casais que já encontravam-se em relacionamento. Portanto, a unificação familiar poderia surgir aqui como uma justificativa para a motivação da migração, entretanto esta via não foi optada em nenhum dos casos entrevistados.

Outras motivações que se encontram para viver fora do país são estudos, como intercâmbio durante o período de graduação e no período de mestrado. Nesse caso, os respectivos entrevistados buscavam oportunidades dentro do programa universitário e, especificamente, no próprio curso de graduação e mestrado que pudessem financiar o intercâmbio e a manutenção de custo de vida. Outros simplesmente optaram pelo melhor programa acadêmico fora do país em suas respectivas áreas de actuação. Desejando, assim, fazer um plano de carreira que se iniciasse desde a graduação até efectivizar-se no mercado de trabalho. O que lhes permitisse mais vantagens para conseguir propostas de trabalho nas suas respectivas áreas de interesse, independente do país. Alguns tinham o respaldo das empresas no Brasil para financiar os cursos nos EUA, nem todos optaram por esta via, pois lhes tornariam dependentes das empresas no país de origem.

Entretanto, é importante ressaltar que os motivos impulsionadores nem sempre são os desejos impulsionadores que preponderam por detrás. Ou seja, os motivos impulsionadores normalmente são aqueles apresentados nas teorias de migração como “crise económica”, “ausência de oportunidade de trabalho”, “sentimento de falta ou pouca segurança no país de origem”, “busca por melhor qualidade de vida”. Alguns desses motivos impulsionadores são debatíveis em teorias de migração pela via economista, outros são debatíveis por obterem uma percepção muito relativa e variável de acordo com cada indivíduo. Por exemplo, como cada pessoa percebe qualidade de vida pode ser argumentável na

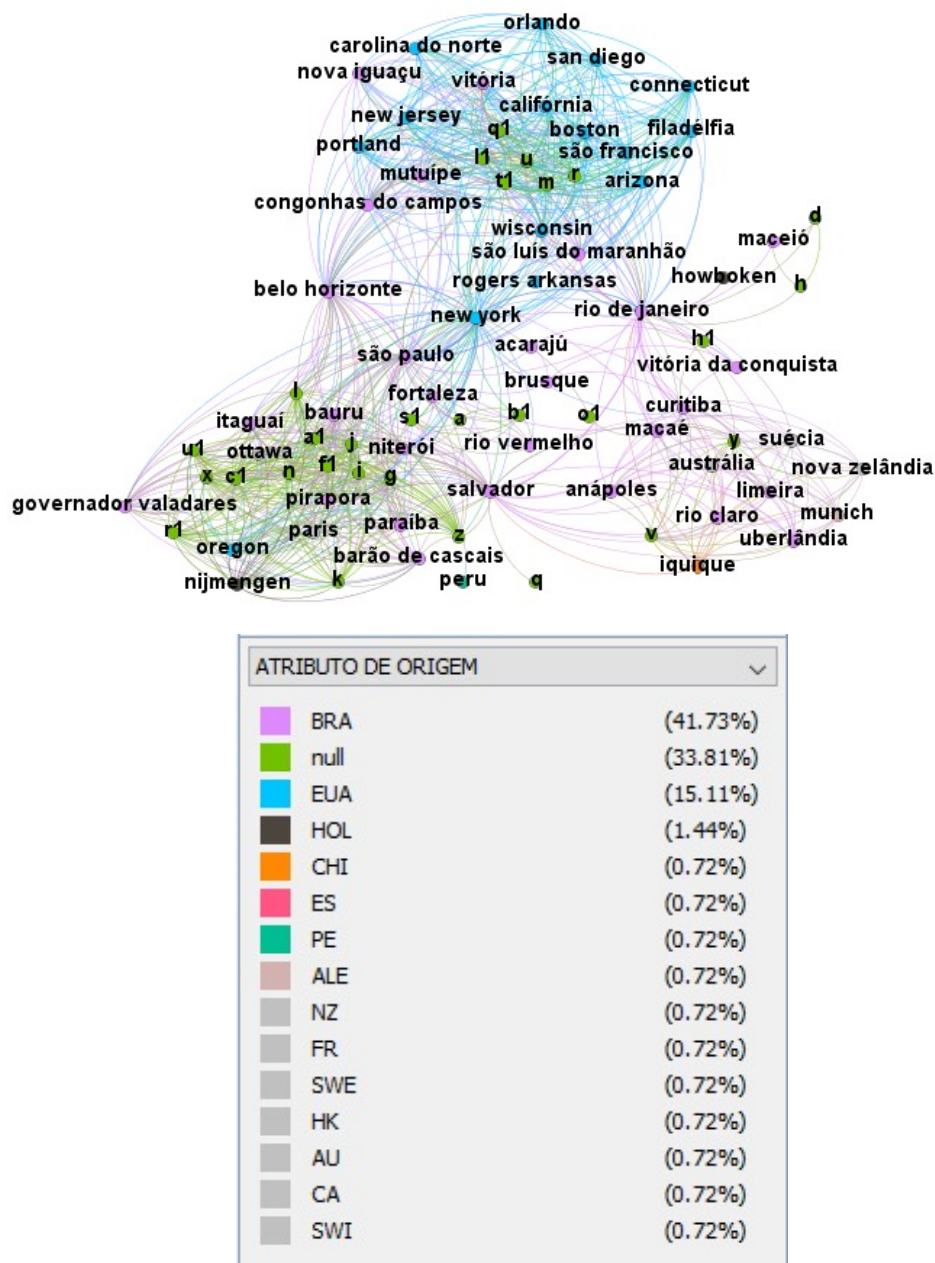


Figura 06
 Cartografia dos Fluxos Migratórios Nacionais
 e Internacionais da Amostragem de Migrante.
 Por Roberta Avillez e Janine Justem.

apresentação de um relatório governamental ou de um relatório de uma ONG, a partir do momento em que os critérios sobre o que constitui uma qualidade de vida não são esclarecidos. Assim como, se os mesmos critérios permanecerem não esclarecidos em reportagens jornalísticas. Por perceber a falta de esclarecimento desses critérios para “qualidade de vida”, “percepção de segurança”, “oportunidade de trabalho”, foi decidido nesta investigação questionar os entrevistados sobre como eles percebiam as próprias questões relacionadas aos seus movimentos de

migração e percepção do país de origem, no caso o Brasil. Portanto, chama-se aqui de desejos que impulsionaram e movimentaram os imigrantes a viverem em New York, para além dos motivos normalmente apresentados pelas teorias de migração.

Percebe-se que as jornadas de migração se fazem, às vezes, de forma distinta, passando por diversas cidades dentro do próprio Brasil, até iniciar uma jornada que impulse os indivíduos a sair do país. Outros casos apresentam uma entrada e saída do país, até finalmente se obter uma permanência no país anfitrião, optando por uma cidade, no caso da investigação, New York. Para além dos valores em si, pela Fig.06, pode-se perceber que a movimentação do fluxo de actores encontra-se representado em verde (pelo atributo de origem *null*, nome atribuído pelo próprio programa). Há uma concentração de actores que orbitam em torno de pequenas cidades do interior de Minas Gerais e do interior de São Paulo. Especificamente, um núcleo saindo de Governador Valadares. Outro núcleo que orbita próximo é Belo Horizonte e Salvador. Dentro desta órbita verde pode ser percebida cidades atípicas e, conseqüentemente, consideradas fora território brasileiro como Paris, Ottawa, Nijmegen e Oregon. Ou mesmo Peru como um país de destino. Pois, todas essas cidades ou, no caso, Peru como país, representam em algum momento destino de migração. Porém, não foram destino de permanência desses brasileiros para a construção de suas raízes. A órbita verde de actores que se encontra dentro da órbita azul, refere-se a actores cuja movimentação ocorreu basicamente dentro do território estadunidense. Com exceção de Nova Iguaçu, Mutuípe e Vitória que representam o transito interno de certos actores por questões de movimentação familiar. Ou seja, alguns dos entrevistados movimentaram-se internamente pelo Brasil porque um dos familiares era continuamente transferido de trabalho, ou porque buscava uma melhor oportunidade de emprego. Ou apenas porque a própria pessoa está sendo transferida por condições de trabalho. Por exemplo, no caso de um dos pais ser servidor público ou servir às Forças Armadas.

Portanto, dentre as cidade de maior concentração de brasileiros em território nacional, encontram-se Governador Valadares (com a sua própria história de perpetuação de migração para os Estados Unidos bastante pesquisada ao longo da história da migração), Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo. Com o factor de todas as cidades brasileiras orbitarem ao redor de New York, cidade de centralidade e destino dos brasileiros entrevistados. As cidades de menor

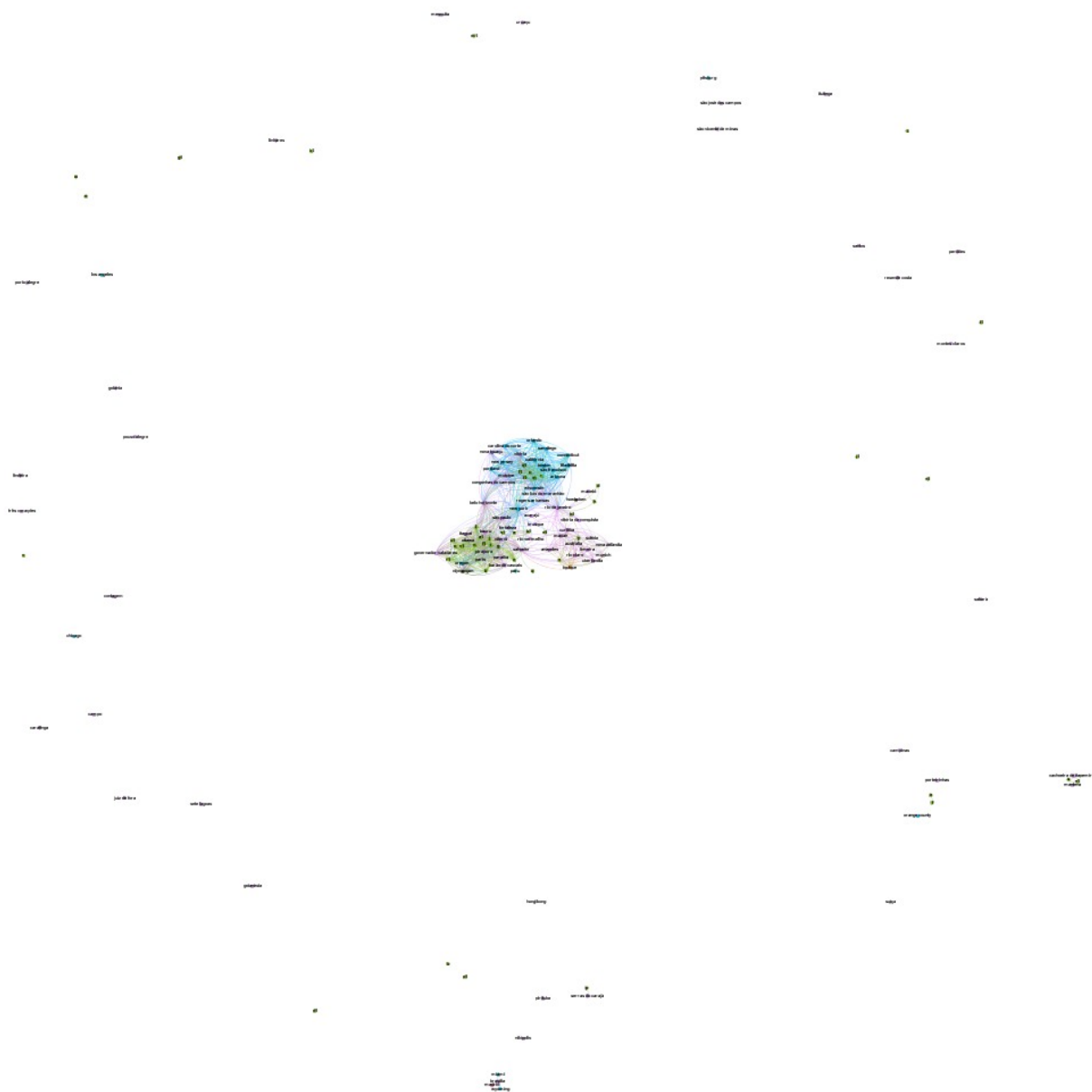
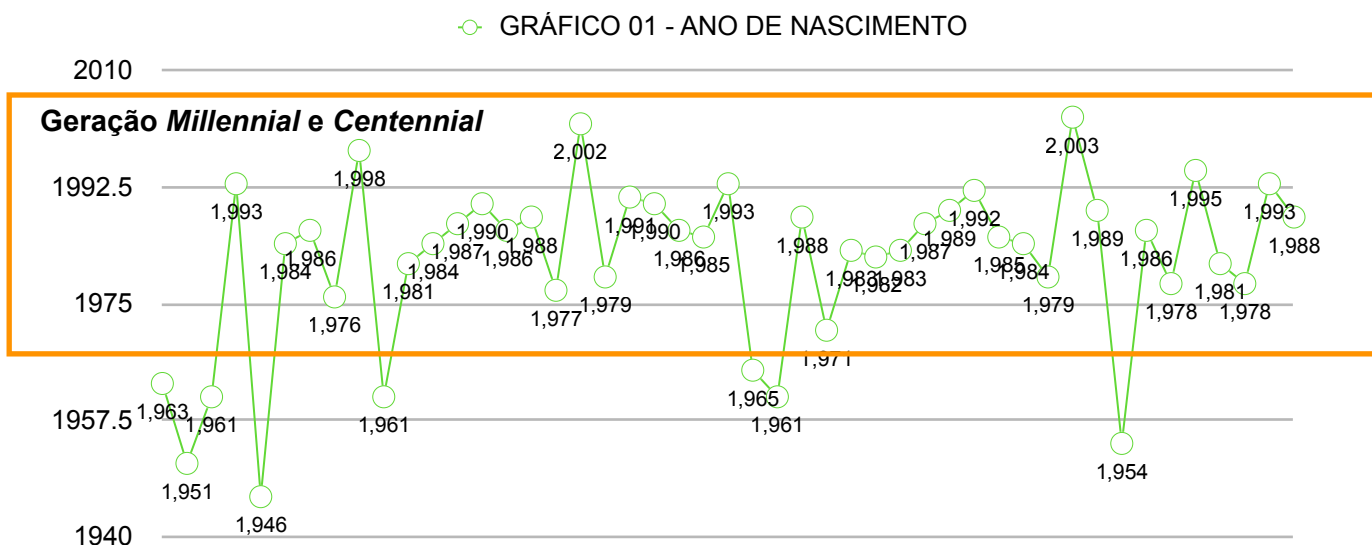


Figura 07
 Cartografia dos Fluxos Migratórios Nacionais
 e Internacionais da Amostragem de Migrante:
 pontos orbitais flutuantes.
 Por Roberta Avillez e Janine Justem.

percentagem são destinos para parte da amostragem durante a sua jornada rumo à New York. Para além, tem-se cidades que orbitam em aberto neste núcleo conectado de fluxo migratório representadas pela Fig.07, neste caso, estas cidades em aberto representam jornadas de actores migrantes em particular, cujos percursos não se conectaram à rede pela particularidade de suas próprias jornadas. Deixando, assim, as cidades em aberto e flutuando em torno do mapa cartográfico.

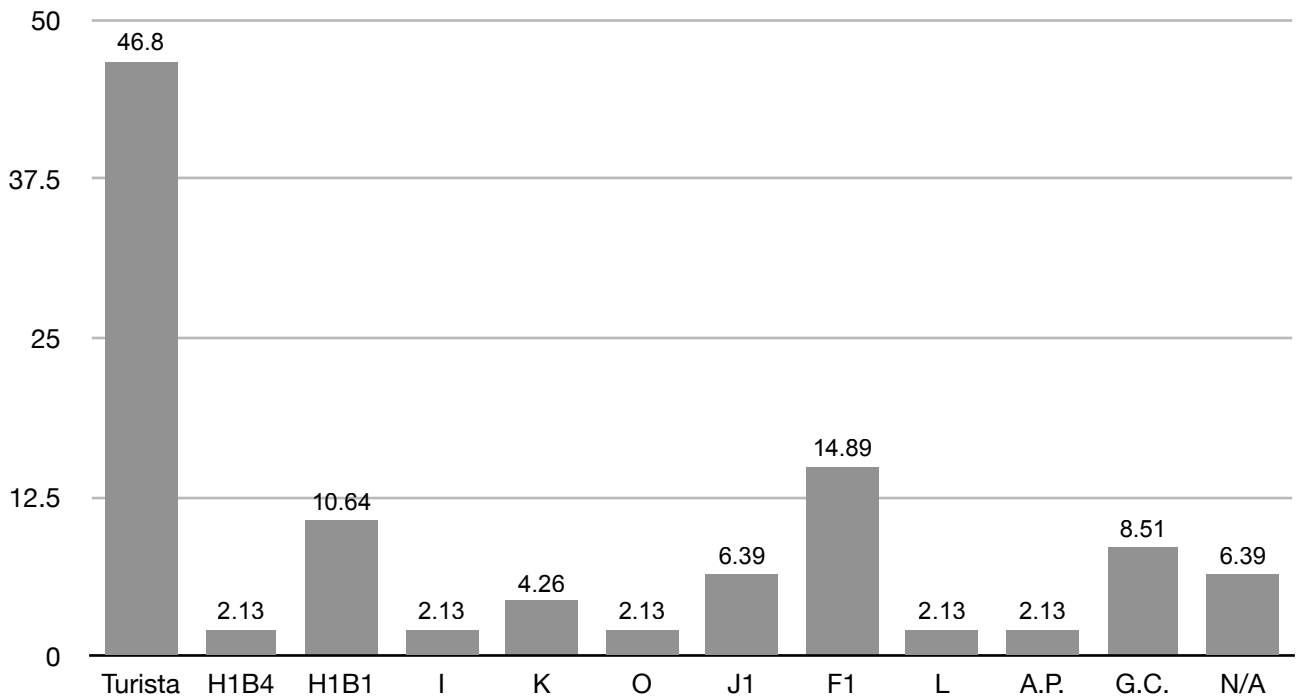
Percebe-se pelo gráfico 01 relativo ao ano de nascimento dos entrevistados que a maioria ocupa a faixa considerada a Geração Y tardia até a geração X, também conhecida por *Millennial*, possuindo dentro da própria Geração X os nascidos na década de 1980 e os nascidos na década de 1990. Ambos os períodos constituem dois perfis diferentes de Geração X, pois relacionam-se distintamente com o que é chamado de geração digital. Os nascidos na década de 1980 ainda possuem contacto com a Era Analógica, enquanto os nascidos na década de 1990 já estão imersos na Era Digital. As formas de socialização, portanto são distintas.



Assim, também é pelo mesmo motivo que a Geração Z, também chamada por *Centennial*, distingui-se das demais. Sua socialização é feita na numa Era Digital ainda mais avançada que as gerações anteriores. As demais pessoas nascidas anterior à década de 1960 enquadram-se na Geração *Baby Boomer*. Para fins de investigação, a Geração *Baby Boomer* abriu as portas para conseguir entrevistar as demais gerações.

As percentagens de vistos de entrada nos Estados Unidos não corresponde ao número de entrevistados. Mas sim a uma aproximação da trajetória de entrada e saída da amostragem. Identifica-se pela sigla A.P. como asilo político e pela sigla G.C. como *Green Card*. A trajetória dos imigrantes brasileiros foi intermitente até chegar em New York e decidir fazer lá a sua residência fixa. Observa-se uma maior incidência de entrada nos Estados Unidos por meio do visto de turista. Em alguns dos casos, essa entrada ocorre para que o imigrante possa fazer um curso de inglês com imersão, ter uma experiência fora do país durante um período que não há

Gráfico 02 - Vistos de Entrada nos EUA em %



necessidade de adquirir um visto de estudante. Há casos de pedido de extensão de visto em que alguns dos entrevistados permaneceram no país com o visto de turista, entretanto trabalhando como não-documentados como forma de obter a manutenção do próprio sustento. Uma outra forma apresentada foi a entrada como turista para compreender como é o mercado de trabalho em New York e, somente após feita uma pesquisa em território sobre a sua respectiva área de atuação é que se deu entrada nos papéis de visto O, qualificado como visto de habilidades extraordinárias. Também chamado como visto de artista, que requer que o indivíduo seja chamado a comprovar a sua experiência extraordinária de actuação profissional. Apenas uma pessoa entrevistada na amostragem conseguiu transferência interna pela própria empresa, obtendo o visto I. Enquanto, duas mulheres optaram pelo visto de noiva (visto K) mesmo já tendo experiência nos Estados Unidos pela via do visto J1 e F1 com experiências acadêmica e profissionais.

Algumas percepções foram colectadas com relação à geração de *Baby Boomer* entrevistada, pois estes estavam consideravelmente estabilizados financeiramente. Muitos possuíam investimentos no Brasil, país de origem, por meio da compra de residências (casas ou apartamentos) ou abertura de poupanças. Entretanto, o mesmo não pode ser percebido na geração Y e *Millennial*. Para eles, a

opção de saída fiscal fez mais sentido do que investir em qualquer tipo de modalidade no próprio país de origem. Seja a percepção de investimento percebida como a compra de um imóvel ou investimento financeiro. Alguns entrevistados da geração *Millennial* preferiam investir nos Estados Unidos em Bitcoin, um investimento considerado de alto risco e com possibilidade de perda sem rastreamento do dinheiro para recuperação do mesmo. Dos *Millennials* entrevistados, apenas uma mantinha-se consciente em pagar o INSS como autônoma, considerando uma possibilidade de, no futuro, também vir a se aposentar no Brasil. Já os *Baby Boomers* apresentavam divididos entre aposentados tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, versus aqueles que decidiram pedir saída fiscal e sindicalizar-se nos Estados Unidos para assegurar os direitos trabalhistas para si e para a família. Com algumas exceções, poucos *Millennials* mantiveram algum tipo de investimento no Brasil. O desejo de adquirir uma residência no Brasil, antes muito presente na primeira geração de imigrantes brasileiros para New York, encontra-se cada vez menos presente entre as novas gerações de *Millennials*. Principalmente a geração *Centennial* que se identifica ainda mais com a identidade estadunidense como sendo a sua primeira forma de identidade.

A opção por investir no país de origem ou por pedir saída fiscal é constitucionalmente oferecida pelo Brasil. Mas a conscientização de que a diáspora brasileira pode investir no país de origem em diferentes instâncias e com isso auxiliar na evolução e crescimento do próprio país é ainda pouco divulgado, quando em comparação com países como China. A diáspora chinesa apresenta 70% do investimento financeiro no próprio país (Senor; Singer, 2009), assim como a diáspora da Índia (Senor; Singer, 2009). Entretanto, o caso de Governador Valadares²³ pode ser considerado um resultado de múltiplos investimentos de imigrantes brasileiros numa mesma cidade e comunidade, com o desejo comum de ver a evolução e o crescimento desta cidade.

É interessante perceber que para a carreira financeira, New York é considerada a principal cidade global para se obter trabalho. Também é considerada uma das mais apropriadas para quem se encontra na carreira de direito. Em ambos os casos, as pessoas envolvidas de ambos os sexos possuíam um perfil

²³ Para quem tiver mais interesse, pode-se buscar mais informação no livro eletrônico “Remessas” sobre o Programa Remessas e Capacitação para Emigrantes Brasileiros e seus Beneficiários no Brasil. Este programa foi desenvolvido pelo SEBRAE na região de Governador Valadares (MG, Brasil) e em Massachussetts (Boston, EUA) (Castro, 2015).

competitivo, um plano de carreira a longo prazo que envolvia uma experiência de pós-graduação no exterior, especificamente nos Estados Unidos. Considerando-se as principais universidades mais proeminente e as *Ivy League*, especificamente Universidade de Chicago, Wharton School of University of Pennsylvania, Harvard entre outras. Para este perfil, o próximo passo a ser tomado na carreira era necessariamente um MBA, mestrado ou doutorado nos Estados Unidos e, em seguida, conseguir trabalhar em New York. Alguns chegaram a trabalhar em outras cidades nos Estados Unidos antes de chegar à New York. Entretanto, este caminho lhes permitiu adquirir a alteração de *status* para H1B1, pois tanto o MBA quanto a pós-graduação acadêmica lhes garantiram um ano de visto de trabalho no país anfitrião. Alguns dos vistos de estudante F1 foram adquiridos após a entrada com o visto de turista. Neste caso, as pessoas em questão já possuíam um interesse de antemão de permanecer na cidade e no país. Uma vez instaladas, buscavam a melhor forma de alterar o *status* de turistas para um *status* de permanência. A vida de estudante encontra-se como uma via bastante procurada e divulgada. A questão que se mantém é como sustentar o estilo de vida de New York, pois alguns brasileiros não possuem auxílio familiar vindo do Brasil para manter o estilo de vida da cidade americana. O caso mais distante da realidade actual referente a entrada pela via do visto de turista deu-se pela história de uma família que pediu asilo político durante a época da ditadura militar no Brasil. A entrada no país foi com o visto de turista, entretanto o pedido de asilo político foi iniciado consecutivamente. Novamente, afirma-se que hoje muitos dos entrevistados encontram-se em situação regular de documentação ou já são cidadãos americanos.

Entretanto, é importante ressaltar que o temor de permanecer como não-documentado nos Estados Unidos, mesmo que New York seja considerado um refúgio para os imigrantes, é permanente. Principalmente nas condições actuais sob o governo Trump. Portanto, independente da forma de entrada dos brasileiros, constantemente eles buscam maneiras para se manter como documentados no país. Abaixo seguem as estatísticas da amostragem referentes ao tempo de permanência como não-documentados nos Estados Unidos: 59,57% dos imigrantes brasileiros permaneceram todo o tempo como documentados no país anfitrião,

Tabela 01 - Religiões no Brasil - IBGE, 2010.

Religião	Valores	Valores de Percentagem
Total	190755799	100%
Católica Apostólica	123280172	64.6272211100644
Evangélica	7686827	4.02966884377654
Pentecostal	25370484	13.2999804635035
Espiritualista	61739	0.0323654642866191
Umbanda e Candomblé	588797	0.308665321362
Judaísmo	107329	0.0562651308964924
Tradições Esotéricas	74013	0.0387998689360946
Tradições Indígenas	63082	0.0330695057925867
Outras religiosidades	11306	0.00592694956550181
Sem religião	15335510	8.03934144093832
Sub divisão - Ateu	615096	0.322452058194047
Sub divisão - Agnóstico	124436	0.0652331413526254

resultado do fosso relativo à classe social²⁴; 2,18% permaneceram apenas 1 ano como não-documentados; 2,18% permaneceram 2 anos como não-documentados; 4,26% permaneceram 2,5 anos como não-documentados; 6,38% permaneceram 3 anos como não documentados; 2,18% permaneceram 5 anos como não-documentado; 2,18% permaneceu 12 anos como não-documentado; 2,18% permaneceu 14 anos como não-documentado; 2,18% permaneceu 18 anos como não-documentado; 2,18% permaneceu 20 anos como não-documentado; por fim, 17,02% não informou o tempo em que permaneceu como não-documentado. Com a excessão de uma pessoa entrevistada que permaneceu mais de 10 anos como não-documentada por má administração do advogado que entrou com os pedidos de Green card, os demais que permaneceram longos períodos como não-

²⁴ No caso dos imigrantes brasileiros residentes em New York, com o passar dos anos houve uma ascensão sócio-econômica de muitos brasileiros entrevistados, quando em comparação a situação inicial no momento da saída do país de origem. Ou seja, essa comparação nem sempre é feita frente ao *status* sócio-econômico dos Estados Unidos, neste caso há um outro parâmetro de comparação que não foi aqui discutido, inclusive para aqueles que vivem em NYC.

documentados são da Geração *Baby Boomer*. Esta pessoa encontra-se na divisa entre a Geração Y e a Geração X, *Millennial*. Sua condição de não-documentada foi por má orientação e índole do advogado. Hoje ela é cidadã americana.

Dentre os entrevistados, 40,43% estão solteiros, 2,13% viúva, 2,13% separada, 34,04% casados e 21,28% divorciados. Sendo que alguns já estiveram em mais de um casamento. A percepção do *status* de relacionamento diferencia em cada rede de brasileiro. Ainda há imigrantes, normalmente, mulheres que buscam um sonho romantizado de casar com um americano e adquirir o *Green Card*. Entretanto, cada vez mais esse “sonho de Alice”, como foi diversas vezes referenciado ao longo das entrevistas, é percebido como uma opção praticamente impossível e, até mesmo não apropriado. Algumas entrevistadas que se encontravam em um relacionamento amoroso que se desenvolveu ao longo do processo de estadia em New York, optaram por entrar com o pedido de visto por conta própria para não atribuir qualquer conexão à pessoa com quem estavam envolvidas. Uma delas optou pelo visto conhecido pelo nome de visto “artista”, chamado de visto O, por ser considerado um visto por atividades extraordinárias.

O “sonho de Alice”, uma referência à Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll, surgiu ao longo de conversas informais e ao longo das entrevistas quando debatia-se sobre o perfil das mulheres brasileiras que actualmente estavam a chegar em New York. Neste caso, haveria uma ausência de percepção complexidade e alto custo de vida da cidade. Acreditando, por parte deste perfil de mulher brasileira, que viver em New York seria viver em uma cidade de contínuas festas, consumo e eventualmente, “achar um amor para chamar de seu”. Possivelmente uma versão consumista e, ao mesmo tempo, romântica de uma mulher contemporânea e solteira. Nenhuma das mulheres brasileiras entrevistadas, casadas ou divorciadas nesta amostragem se enquadraram neste perfil.

Entretanto, algumas das mulheres solteiras mantinham uma vida de festas, trabalho e consumo, à espera de achar um amor e casar para conseguir um visto que lhes permitisse permanecer em New York — “o sonho de Alice”. Um visto que lhes permitisse sair do *status* de não-documentada ou lhes permitisse trocar de *status*. New York seria para este perfil uma cidade onde tudo é possível e, concomitantemente, no suposto “país das maravilhas”. O ápice dos sonhos. O problema surge quando elas se percebem numa cidade em que possuem problemas

reais para a manutenção do próprio sustento, mas desejam ir às festas e encontram-se deslumbradas com uma "permissão" de consumo que o mercado brasileiro ainda não sustenta. Tanto a economia quando a diversidade do mercado brasileiro não comportam um consumo tal qual os Estados Unidos e, tampouco como a cidade global de New York. O mais próximo pode ser encontrado em SP, também considerada cidade global. A disparidade sócio-económica do Brasil não permite essa capacidade de consumo tal qual os EUA profere²⁵. O que traz ao brasileiro e à este perfil de imigrante um deslumbre pela abundância, mas também um deslumbre por permitir-se algo que não tinha acesso antes pela disposição económica do próprio país de origem. Leva-se em consideração que apenas a classe mais alta terá acesso à essa disposição económica, e ainda assim, poderá apresentar níveis de deslumbre quando se perceber em New York. Isso se dará por uma questão de *habitus*. Também leva-se em questão as crises económicas brasileira que desestabilizaram sócio-economicamente a população como a ditadura militar no Brasil entre 1964 à 1985; as crises durante o governo do Fernando Henrique Cardoso²⁶ e o segundo governo Dilma Rousseff²⁷ em 2015 acrescido de seu *impeachment*. Entretanto, para esta tese estas questões não serão aprofundadas aqui.

Foi observado que algumas igrejas protestantes de brasileiros fazem atividades voltadas para o seu público e buscam direcionar os solteiros entre si. Outras igrejas protestantes de brasileiros tem um comportamento oposto. De ambas as formas, as igrejas de brasileiros tendem a fazer muitas atividades para os seus diversos públicos. Tais atividades vão desde conscientização financeira, visando que o imigrante saiba como se sustentar e administrar seus bens em New York, assim como conscientização fiscal, de direitos e deveres. Atividades que vão para além do evangelismo em si. Também, muitas igrejas brasileiras como Adventista do Sétimo

²⁵ Nota caso o leitor queira comprar os salários por Estados no Brasil: <https://www.nexojornal.com.br/interativo/2016/01/11/O-seu-sal%C3%A1rio-diante-da-realidade-brasileira>

²⁶ O governo do Fernando Henrique Cardoso sofreu com diversas crises mundiais como a crise do Petróleo e a crise asiática que interferiram, cada uma ao seu modo, na economia brasileira. O que fez o presidente Fernando Henrique Cardoso entregar o governo com 12, 53% de inflação.

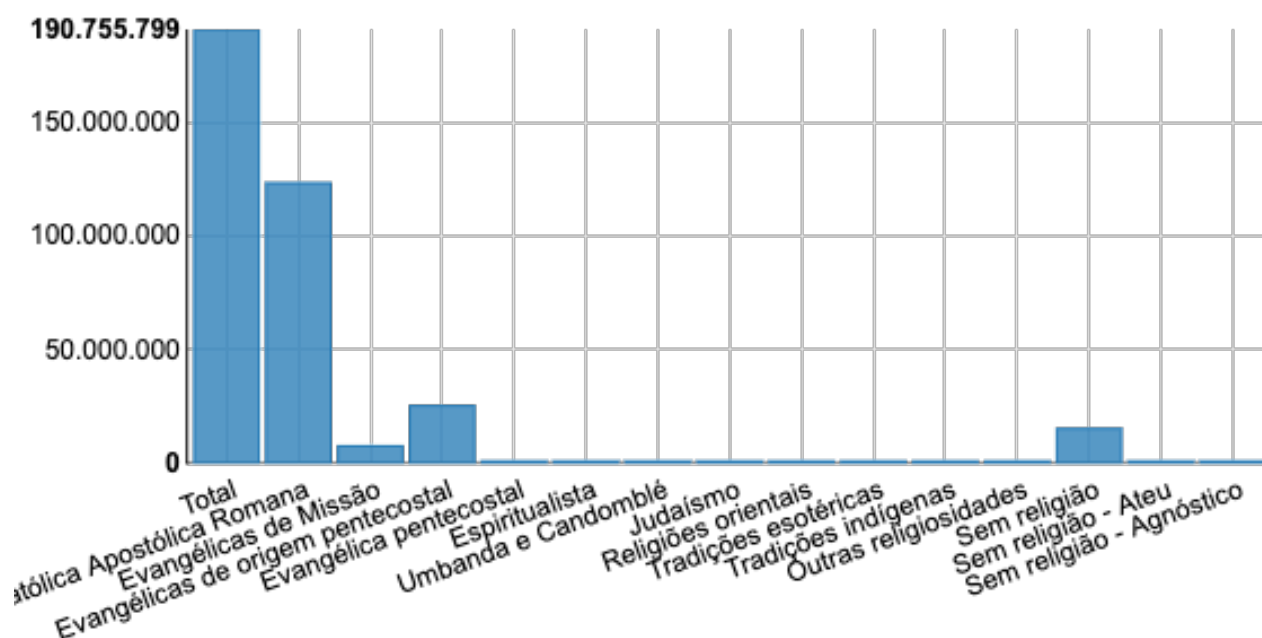
²⁷ A crise mundial iniciada em 2008 teve impacto no Brasil de forma tardia, pois o país apresentava-se em crescimento económico e, supostamente, diz-se que não gerou impacto no Brasil. Entretanto, os efeitos da crise de 2008 podem ser argumentados por teóricos económicos como retardatários e em associação às crises político e sócio-económicas enfrentadas no Brasil como Lava-Jato, Ficha-Limpa e a própria crise no segundo governo da presidente Dilma Rousseff.

Dia e a Primeira Igreja Batista buscam fazer atividades de conscientização da cultura brasileira, seja por meio da divulgação gastronômica ou das datas comemorativas culturais. O ensino de português já foi opção como atividade nas igrejas, mas a partir do momento que os filhos dos imigrantes começaram a frequentar as escolas e cresceram para além do maternal, deixaram de falar o idioma materno para falar apenas inglês. A dificuldade da manutenção da língua portuguesa, assim como cultura e história do Brasil é continuamente apresentada pelos imigrantes que já possuem filhos nos Estados Unidos. Abaixo encontram-se uma lista das religiões apresentadas pelos entrevistados:

- Espírita Kardecista.
- Adventista do Sétimo Dia.
- Espiritualista.
- No Brasil era Batista do Caminho e em New York passou a frequentar Hope of New Church.
- Católica não praticante (no Brasil), mas frequentadora não assídua na Adventista do Sétimo Dia.
- Espiritualista que frequenta a Primeira Igreja Batista.
- Primeira Igreja Batista.
- Não tem religião.
- Cristã evangélica no Brasil, frequentava a Igreja Bola de Neve e agora frequenta a Primeira Igreja Batista.
- Católico não praticante.
- Católico praticante.
- No Brasil participou da Maçonaria, Saint Diamond, Umbanda e Candomblé. Hoje em New York considera-se Agnóstico.
- Considera que não tem religião, vai as aulas Budistas e frequenta o terreiro de Umbanda. Vem de uma família da Igreja Batista e o pai já foi pastor da Assembleia de Deus.
- Foi batizado na Igreja Católica no Brasil e em New York frequenta a Primeira Igreja Batista.
- Nasceu católico, mas considera-se ateu.
- Metodista.
- Budista.

- Não disponível.

Apesar de ser um Estado laico, o Brasil é conhecido por ser em sua maioria Católico Apostólico Romano, com uma alteração crescente para a religião Cristã Evangélica. Para fins de compreensão do gráfico apresentado pelo IBGE sobre o Censo Demográfico Religioso, a religião evangélica no Brasil é subdividida entre missões Protestantes, missões Adventistas, Pentecostais e cristãos de diversas outras categorias. Para além, há também as religiões Espíritas nas quais são inclusas as religiões Kardecistas, Umbanda, Candomblé entre outras. Há aqueles que se consideram Espiritualistas, os Judeus, as religiões orientais como Hinduísmo, Budismo e Islamismo e outras categorias. No mais, aqueles que não se consideram religiosos podem se apresentar como tal, ou como ateus ou agnósticos. Abaixo apresenta-se o gráfico 03 com base nos dados de colecta demográfica do IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia Estatística, apresentado no relatório do Censo Demográfico de 2010²⁸:



Fonte: IBGE - Censo Demográfico

Gráfico 03 - Gráfico exportado do Censo Demográfico Religioso 2010, IBGE.

²⁸ A realidade brasileira em termos de religião também envolve o sincretismo religioso para além das religiões em seus próprios cultos e práticas.

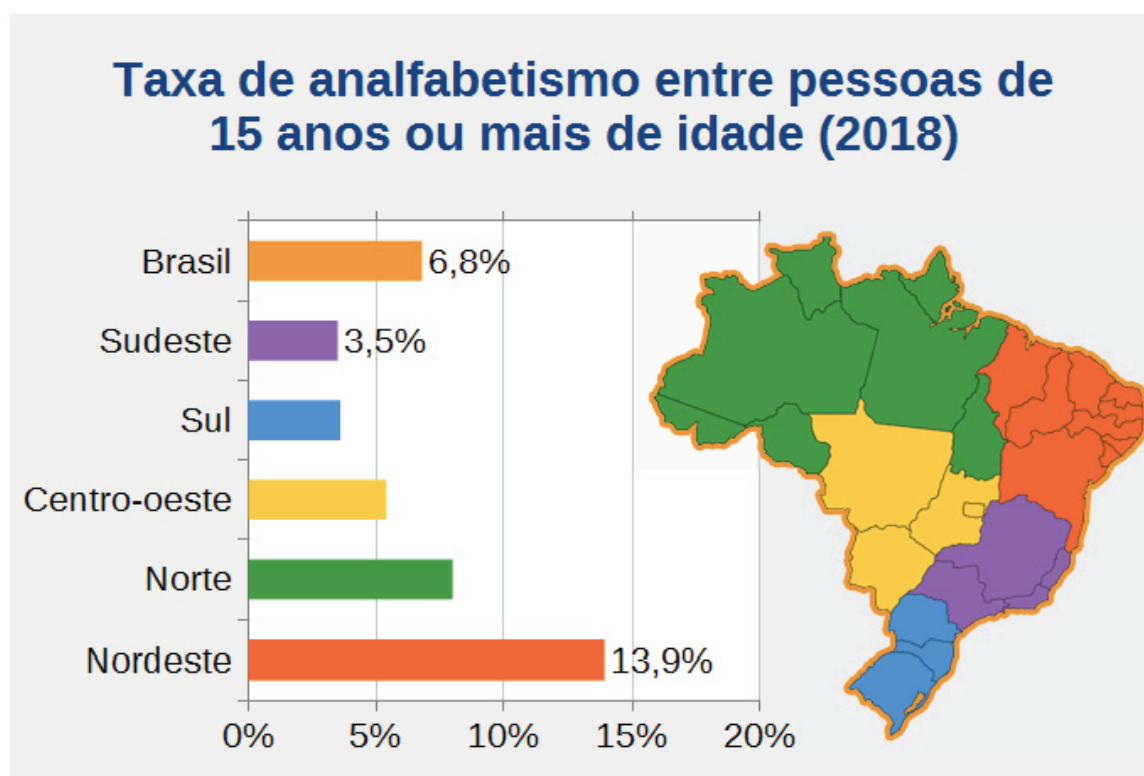
Para perceber-se melhor os valores apresentados pelo gráfico 03, apresentase a tabela 01 com os mesmo valores que levaram a configuração do gráfico 03. Entretanto, a sua percentagem em relação ao valor total de população residente. Portanto, constata-se que a maioria da população brasileira ainda reconhece-se como católica com aproximadamente 65%, seguida dos pentecostais em 13,3% e evangélicos em 4%. As religiões cristãs no Brasil possuem diversas ramificações desde variações dentro do catolicismo até o que o IBGE reconhece como evangélicos missionários (também reconhecido como protestantes) e pentecostais, levando-se em conta grupos cristãos sem quaisquer associações com as principais categorias apresentadas acima. A tabela 01 apresenta apenas uma segmentação da diversidade religiosa que o Brasil possui, seja em maior ou em menor grau, selecionada para esta investigação de acordo com a apresentação da amostragem de entrevistados em New York. Alguns brasileiros judeus e umbanistas foram contactados durante o período de campo, entretanto, nenhum deles concedeu uma entrevista para a participação oficialmente na investigação.

Portanto, consta aqui apenas o reconhecimento de suas existências como residentes em New York. Particularmente, o terreiro de umbanda foi contactado por duas vezes. Como a religião e o espaço costumam ser de difícil acesso. Manter-se-á o respeito pela sua privacidade. Aqui apenas será referenciado que o terreiro de Umbanda é frequentado tanto por brasileiros, quanto por americanos e latinos americanos em sua diversidade. Também há em New York uma Igreja Universal na qual não houve possibilidade de visitaçã o e tampouco de entrevistas quando o trabalho de campo foi estabelecido.

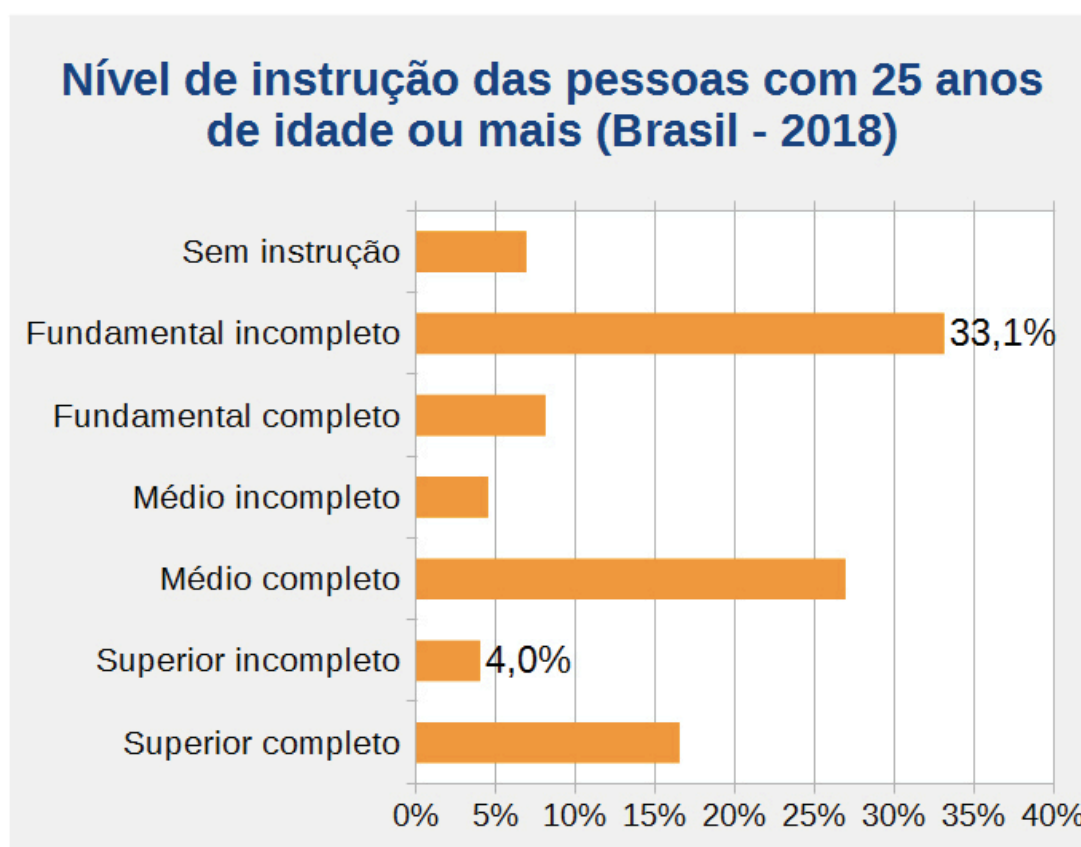
Sabe-se que o sincretismo religioso no Brasil é muito comum e bastante estudado por investigadores de diversas áreas das ciências sociais aplicadas. O que significa a possibilidade de um indivíduo identificar-se como católico, entretanto ser capaz, em certos momentos, de frequentar o terreiro de Umbanda e Candomblé é passível. Ou no *Reveillón* vestir-se de branco, jogar flores brancas para Yemanjá, pulando as sete ondas ao desejar que venha um bom ano. Uma prática comum para muitos brasileiros que vivem em cidades litorâneas, principalmente cidades como Rio de Janeiro e Salvador, ambas localizadas nos Estados de maior população preta e parda no Brasil. Acrescida à cidade da Porto Alegre, essas três cidades são os

pontos mais representatividade da religião de Umbanda e Candomblé, uma religião de origem afro-brasileira e, também, de minoria étnica no país. Assim como o Judaísmo, uma religião, também, de minoria étnica. Em New York, há uma diversidade de sinagogas e o conhecimento de uma sinagoga focalizada em latino-americanos. Entretanto, nem todos os brasileiros sentem-se confortáveis em frequentá-la, a adesão às diversas sinagogas varia de acordo com o perfil de cada judeu.

Para refletir sobre a dificuldade em que muitas famílias imigrantes possuem em perpetuar a cultura e identidade brasileira por muitas gerações, é preciso primeiro fazer sentido sobre a base educativa do país de origem²⁹. Inicialmente, escolas brasileiras possuem um ensinamento formal de estudos gerais até a 4ª série, a partir da 5ª série até a conclusão do ensino médio, são apresentadas disciplinas como matemática, biologia, química, história (Brasil e geral), português, literatura, educação física, ensino de segundo idioma (inglês, francês ou espanhol, para escolas particulares podem ser oferecidas alemão, hebraico ou possivelmente um outro idioma³⁰). Essas são algumas disciplinas que faziam parte da base permanente de ensino escolar³¹. Algumas escolas poderiam oferecer religião, sociologia e filosofia como parte do ensino. Entretanto, não eram consideradas



obrigatórias para nenhuma escola. O Gráfico 04 apresenta o Brasil com uma taxa de 6,8% de analfabetismo, sendo deste total 3,5% associado ao Sudeste e 13,9% ao Nordeste, portanto os maiores extremos. Deste valor, a amostragem pelo método bola-de-neve apresenta os entrevistados advindos das regiões do Nordeste e Sudeste, ou seja, regiões com os mesmos extremos em termos de qualidade de educação. A distinção encontra-se no facto de muitos dos entrevistados terem feito uma jornada de migração interna no Brasil antes de terem saído para os Estados Unidos, passando principalmente pelo Rio de Janeiro e por São Paulo. Ambas consideradas metrópoles no país e, particularmente, São Paulo sendo considerada uma cidade global tal qual New York, Londres e Paris (Sassen, 1991; 1995; 2000; 2006; 2007). Esta associação entre educação e migração mostra que aqueles que decidem e efectivamente migram para New York, têm uma base educacional melhor, independente de apenas possuírem o ensino médio completo (Gráfico 05). Apesar da percentagem do ensino fundamental incompleto ainda ser alta em 33,1%, o ensino médio completo encontra-se aproximadamente acima de



25% e o ensino superior está aproximadamente acima de 15%. O Brasil ainda possui muitas questões relativas à qualidade da educação para aprimorar associadas às disparidades sócio-económicas e de capital cultural.

Esta dificuldade de manutenção tanto do idioma quanto da cultura, principalmente da história e geografia política e física do Brasil dá-se, também, pelo próprio processo de imigração em que os brasileiros são submetidos nos Estados Unidos. Independente de New York ser considerada uma cidade globalizada, a base de socialização dos novos imigrantes e da 2ª geração de imigrantes é feita com base na teoria de assimilação (capítulo 02). O que traz dificuldades para os imigrantes mais contemporâneos e transnacionais. Assim como para brasileiros que possuem uma facilidade em adaptar-se às adversidades dadas ao seu histórico de constituição de país e identidade.

Portanto, apesar do ensino escolar no Brasil ser distinto em termos de qualidade ao longo do território nacional, supostamente o programa escolar tem como base o mesmo conteúdo em todo o Brasil. É facto de que a qualidade do ensino no Brasil varia de estado e cidade de acordo com as possibilidades de investimentos na educação das escolas públicas e a distinção presente entre as escolas privadas. Mas a questão de haver um programa de ensino base que serve de guião para a educação do país e, ainda permite o ensino de história mundial, abrindo para o debate sobre colonização na América Latina, na África e as Grandes Guerras, possibilita ao brasileiro um conhecimento generalista que o diferencia (independente de classe social) do americano.

Acontece que a primeira geração de imigrantes brasileiros chega em New York com um saber sobre o Brasil e sobre o mundo distinto da segunda geração. Normalmente, esses imigrantes brasileiros advém da região sudeste do Brasil, portanto com uma melhor qualidade de ensino. Ou advém do nordeste do país e, em algum momento de sua jornada de migração, passam pelas cidades consideradas capitais no sudeste, dando-lhes a possibilidade de adquirir uma melhor qualidade de ensino e capacitação dentro das suas condições de vida e história familiar.

Assim, ao se verem com a tarefa de educar os filhos e, ao mesmo tempo, ensinar-lhes sobre a cultura e identidade do seu país de origem, esses imigrantes se percebem tendo dificuldades em perpetuar e em transmitir os seus conhecimentos para as futuras gerações, uma vez que o ensino escolar nos Estados Unidos e,

consequentemente, em New York distingui-se bastante do ensino escolar brasileiro. No caso das escolas públicas, os alunos de melhor avaliação são incentivados a buscar disciplinas voltadas para história e geografia mundial. O que acontece de forma diferenciada nas escolas particulares, essas mesmas disciplinas são consideradas obrigatórias. Entretanto, a profundidade de abordagem varia de acordo com o próprio aluno em associação ao professor. Já o incentivo por aprender um outro idioma durante o período escolar não ocorre com a mesma ênfase como no período de *College* e graduação. Portanto, é realmente após o *High School* que os jovens que, assim desejarem prosseguir seus estudos, irão se aprofundar nos conhecimentos obtidos. Consequentemente, é neste momento que eles poderão aprender oficialmente aulas de português, cultura, história e economia sobre o Brasil.

No caso daqueles que moram em New York, há uma diversidade de oferta de trabalho para aqueles que possuem o ensino médio, como o caso de uma das entrevistadas que foi abordada como vendedora da Macy's. Por suas qualidades de vendedora atenciosa e, também, por buscar fazer vendas personalizadas, escutando cada consumidor e apresentado-lhes opções de acordo com os que buscavam, esta brasileira foi oferecida um segundo trabalho numa empresa internacional para lidar com o ramo de casamentos e vestidos de noiva. Sua habilidade em lidar com situações de extrema delicadeza, habilidade em falar mais de três idiomas e criatividade fez com que se destacasse aos olhos de diversos *Headhunters* em New York. Muitos dos entrevistados apresentaram a cidade global de New York como um espaço aberto para "caçadores de talentos", como se houvesse "trabalho disponível para todos", "basta querer". Novamente, surge essa percepção de "sonho de Alice" numa visão que mistura o *American Dream* com as maravilhas do mundo encantado de Alice, apresentadas por Lewis Carroll.

Algumas das famílias conseguiram cultivar o interesse pelo Brasil e pelo idioma português a partir da própria rede familiar e de contínuas viagens para o país de origem. Em geral, essas famílias quando visitam o Brasil e as cidades de origem familiar, tendem a permanecer o período das férias de verão — portanto, no mínimo um mês no país — o que lhes permite desenvolver laços familiares mais profundos. Alguns pais matriculam os seus filhos durante este período em escolas brasileiras para que possam ter a experiência de vivenciar um período escolar no Brasil,

desenvolver amizades com brasileiros nas cidades natais dos familiares e desenvolver um contacto com o ensino escolar brasileiro. Outros jovens adolescentes, americanos com dupla cidadania, tiveram a oportunidade de viver parte da adolescência e fazer a faculdade no Brasil, até retornar depois na fase adulta. Hoje esses jovens adolescentes e jovens adultos, cresceram com a oportunidade de vivenciar uma transnacionalidade de dois tipos de ensino escolar. Eles ainda possuem contacto com os amigos desenvolvidos no Brasil, lembram com gosto dos momentos de infância passados em fazendas e praias desfrutando de uma "liberdade" ou de uma "permissão de liberdade" que o ensino nos Estados Unidos não lhes confere, pois seus tempos são ocupados a cada momento por inúmeras tarefas até o momento de eventualmente dormir.

A importância da rede e do núcleo familiar na criação dos jovens socializados em New York, para a perpetuação da identidade brasileira é altíssima. Em uma das famílias, os membros entrevistados se empenhava em continuamente manter-se presente uns nas vidas dos outros. A prática da ajuda e do auxílio mútuo para superar dificuldades, seja na forma de suporte emocional, seja na forma de apoio financeiro, faz-se continuamente presente. O que diferencia bastante da cultura americana do individualismo. Uma vez adulto os laços podem tornar-se cada vez mais distantes e cada um focaliza-se no seu próprio núcleo familiar. Também a presença da comida brasileira torna esse encontro e reunião familiar, de amigos ou comunidade mais unida.

A arte de receber brasileiros inicia-se logo na chegada. Independente da classe social, o oferecimento de um café e água ao convidados ou a um amigo, é uma distinção que representa um acto de acolhimento e boa educação entre os brasileiros. Alguns podem receber seus convidados com biscoitos que possam vir acompanhados por um café. Outros que tenham mais familiaridade recebem com um prato de comida, oferecem uma refeição ao amigo sem formalidade. Mas, independente da situação, ser recebido à casa de um brasileiro é ser convidado para uma conversa com pelo menos um café, água, suco ou qualquer outro tipo de bebida. Esta distinção se faz presente quando comparada às outras culturas. Algumas das mulheres entrevistadas e em um relacionamento com americanos, clarificam que são bem recebidas por suas respectivas sogras, mas em nenhum momento lhes são oferecidas um copo de água, um café ou qualquer tipo de bebida.

Para seus respectivos parceiros essa atitude é normal dentro da percepção da cultura americana. Já para as brasileiras, isto é percebido como um ponto de distinção clara entre ambas as culturas. Aos olhos dos próprios imigrantes brasileiros entrevistados, segue abaixo um quadro com algumas das percepções entre distinções brasileiros e americanos:

Table 02 - Distinções entre imigrantes BR e EUA, aos olhos dos imigrantes BR.

BRASILEIROS	AMERICANOS
O Brasileiro tem o costume de se formar e continuar em casa	O americano logo que se forma sai de casa ou até mesmo antes de se formar já sai de casa
O brasileiro sempre está ali em casa, a maioria continua com a família	O americano quando sai de casa já não volta mais
Jeito mais apegado	Jeito desapegado
Visitar os pais	Filhos só visitam para resolver problema
Já os filhos brasileiros se prontificam para consertarem mesmo sem que os pais lhe peçam	Os filhos americanos respeitam muito o que é dos pais, se os pais não oferecem eles não mexem nem para fazer um conserto
No Brasil a juventude é muito boa, tem mais festinha, é mais livre	A juventude em NYC (nos EUA) é muito ruim. Muito vigiado acaba que eles fazem coisa pior
Socializam mais	Individualista
Ir na casa de um brasileiro quando quer, sem ser convidado	Ir na casa só quando marca, tem "date" (um encontro)
Os parabéns no Brasil são muito alegres, as pessoas batem palmas	Os parabéns parecem um velório, as pessoas não batem palmas, são muito tristes
Jantares de dias dos pais e dias das mães são super comemorados no Brasil	Dia dos pais e dia das mães é um dia comum como outro qualquer, no máximo tem uma comemoração nas escolas
Natal tem um super significado	<i>Thanksgiving</i> para os americanos tem o significado do Natal para os Brasileiros. No Natal ninguém faz nada. No <i>Thanksgiving</i> as pessoas trocam presentes, correm para as lojas e tal.
Ano novo é bem celebrado no Brasil, as pessoas vão para festas, ruas e praia	Ano novo é um dia como outro qualquer, as pessoas não dão tanta importância assim e não celebram como no Brasil se celebra.
Vê você como brasileiro aonde quer que esteja, não reconhece o seu trabalho e não lhe dá o seu devido valor. Há uma exploração maior e o salário é sempre inferior.	Vê você como estrangeiro e reconhece o seu trabalho e o seu valor. São mais justos. Há menos exploração no trabalho e o salário é maior.
O brasileiro demora muito para confiar na pessoa e no trabalho.	O americano confia mais rápido e bastante no seu trabalho e na pessoa.

<p>No Brasil as pessoas generalizam mais fácil sobre grupos de pessoas. As gentilezas podem se aprofundar em amizades.</p>	<p>Há uma gentileza informal, bastante superficial como contato inicial que as pessoas tem (nas ruas e fora dos ambientes profissionais), que não se traduz em relações mais profundas, no geral. As pessoas são extremamente gentis e educadas, tudo de uma maneira muito superficial, pensada, como se estivesse performando um script. Dificilmente isso evolui para relações mais próximas. Existe aqui uma sensibilidades muito grande sobre não poder generalizar sobre grupos de pessoas, elas ficam ofendidas com muito mais facilidade. Em ambientes profissional existe uma formalidade grande, uma distância grande, um enclausuramento grande nas suas respectivas bolhas familiares. Não existe muito senso de comunidade, as pessoas estão ali para fazer o seu trabalho. As relações com os superiores hierárquicos não são pautados por uma hierarquia formal, também não são pautáveis por uma proximidade de ter conversas que vão além do que é dito para além do trabalho. É difícil se adaptar. Existe uma norma social de que as regras existem para ser respeitadas.</p>
<p>No Brasil as pessoas têm muita facilidade em se comunicar e fazer novos amigos</p>	<p>As pessoas nos EUA são muito fechadas</p>
<p>Mais informal e espontânea</p>	<p>Mais formal, objectivo, seca, algumas vezes chega até a ser rude porque as pessoas estão com muita pressa no dia-a-dia.</p>
<p>O brasileiro é muito mais emocional, é muito mais de tocar e abraçar. Não tem “personal space”. Os programas de família são sempre juntos. Não há necessidade do filho aos 18 anos ir embora, se não tem condições de ficar sozinho poderá viver em casa até ter melhor condição financeira. Passaram a identidade brasileira pela comida brasileira (arroz, feijão, farofa, couve), músicas brasileiras, literatura brasileira, doces brasileiros (leite condensado, brigadeiro).</p>	<p>Considera que apontar o local do nascimento tanto no diploma quanto no passaporte é uma forma de preconceito. (Essa informação ocorre com qualquer naturalizado em qualquer país, mas para esta pessoa entrevistada foi percebida como uma forma de preconceito evidenciada sempre que apresentava o seu passaporte ao entrar e sair dos EUA).</p>
<p>O latino-americano é um dos maiores consumidores nos EUA</p>	<p>Tem preconceito com o latino-americano</p>
<p>—</p>	<p>Passivo-agressivo (<i>fake nice</i>). Para esta pessoa entrevistada, o que chamou de passivo-agressivo/<i>fake nice</i> relacionava-se à dificuldade de dizer diretamente o que realmente desejava em sua frente. E a dificuldade desta pessoa se relacionar com redes de networking, forçando uma simpatia que não lhe era natural da sua cultura.</p>
<p>O ideal físico do brasileiro é o africano ("bundão", "peitão", etc)</p>	<p>Antigamente o ideal físico do americano era o euro-cêntrico, hoje é o africano, por exemplo a Kim Kadarshian.</p>

O foco com o corpo	Não havia tanto foco com o corpo e hoje há mais foco
É muito complicado fazer a vida no Brasil. Sentia que estava patinando e que as coisas não caminhavam. Saía de um emprego para outro e o salário fazia pouca diferença, o título não influenciava em nada (MBA, mestrado e doutorado). A estrutura da mesma empresa é menor no BR.	Em NYC as coisas andaram, foi mais fácil fazer a vida. As pessoas para as mesmas vagas na empresa no Brasil tem mestrado, MBA etc. Enquanto que em NYC apenas tem a graduação, eles não pedem mais nada além. Às vezes nem pedem experiência prévia. Aqui os títulos fazem diferença, os salários são diferentes, você cresce mais rápido. Há um reconhecimento sobre o trabalho desenvolvido independente dos títulos de cada um.
Quando andava no Brasil andava sem medo nenhum.	Quando passou a andar em NYC, percebeu que só recebia notícias ruins sobre o Brasil e passou a desenvolver uma insegurança sobre andar por lá.
Chegou aonde chegou em NYC porque aprendeu a trabalhar no Brasil. No Brasil as pessoas são mais criativas para solucionar os problemas, pensam diferentes para buscar soluções.	As pessoas nos EUA ficam muito presas para pensar em soluções de problemas. Não são criativas.
Sente que no Brasil as pessoas te colocam freios, te botam para baixo impedindo o seu crescimento.	Sente que nos EUA e em NYC as pessoas investem em você, deixam você se desenvolver.
Acreditam que ser brasileiro para si é ter os hábitos e comportamentos de sua família, a forma como aprendeu a tratar as pessoas e gostaria de ser tratado também	Em NYC as pessoas realmente acreditam que o trabalho é o grande definidor de quem elas são. Os americanos são muito individualistas e acreditam na definição pelo trabalho.
No Brasil as pessoas são mais expansivas e extrovertidas	Nos EUA as pessoas são mais reservadas
No Brasil ele era considerado muito introvertido e sério	Para os EUA ele é considerado sociável, extrovertido
O Brasil lhe deu uma ferramenta de sociabilidade para lidar com o mundo. Hoje morando nos EUA ele aprecia mais o carnaval. Gosta de música clássica BR e chorinho. Poemas do Carlos Drummond de Andrade, Chico Buarque, Machado de Assis, Clarice Lispector.	—
No BR as pessoas iniciam conversas e amizades independente do trabalho/função/cargo daquela pessoa. (ressalva da investigadora: na realidade isso varia muito de cultura para cultura no brasil).	Nos EUA as pessoas iniciam conversa e possivelmente uma amizade de acordo com “o que você faz?”, “como isso pode ser do meu interesse?” E como isso pode ser útil para mim?”, (Comentário do investigador: para este entrevistado o início de uma possível amizade ocorre por meio de um interesse profissional utilitarista)

<p>Consegue fazer amizades mais fácil com brasileiros porque conhece os maneirismo e os trejeitos.</p>	<p>Apesar de ser mais difícil de fazer amizades com os americanos em NYC, pela cidade ser mais rápida, por ser mais difícil de ler os maneirismo e entender a língua. O nova-iorquino está sempre aberto a conversas aleatórias do que os americanos da Califórnia. Aos poucos as coisas vão acontecendo.</p>
<p>A própria maneira de cumprimentar as pessoas do Brasileiro pode causar uma certa estranheza. Mesmo no MBA, ao conhecer brasileiros que nunca tinha visto antes nos EUA, os próprios brasileiros se cumprimentam com um beijo no rosto e abraço. Para os americanos é um aperto de mão. Mesmo depois de vários encontros a pessoa ainda está desconfortável em receber um abraço, um beijo no rosto e tal. Isso causa uma certa estranheza até mesmo depois de vários encontros em ambientes de trabalhos. (a questão como as pessoas se cumprimentam e a demonstração de afetividade é impactante aos americanos).</p>	<p>—</p>
<p>A amiga BR marcou o aniversário as 16h. Os americanos chegam no horário em ponto e os brasileiros chegam 2h depois. Muitos brasileiros falam gesticulando e os americanos não gostam muito disso, de tocar. Na empresa ela chega, fala que é brasileira, abraça, dá dois beijinhos e pronto. Isso para ela também facilita caso a pessoa pergunte sobre o sotaque. Ela não leva nada para o lado pessoal.</p>	<p>Os americanos são pontuais com relação aos seus compromissos; não falam gesticulando e não gostam de serem tocados;</p>
<p>Demoram para começar uma reunião, rodopiam para chegar aonde querem dizer, não são diretos. Os advogados são vistos como conselheiros de confiança.</p>	<p>São mais direto ao ponto, as reuniões começam na hora e sem atraso. Nos EUA o advogado é visto como um prestador de serviço altamente qualificado, então o cliente diz exatamente o que ele quer que seja feito para o advogado.</p>
<p>Uma das coisas é o acolhimento caloroso dos brasileiros que os americanos estranham. O brasileiro é muito barulhento, fala muito alto e isso às vezes incomoda o americano. O brasileiro ri e fala muito alto. Obedecer filas e chegar pontualmente, não é uma característica do brasileiro.</p>	<p>—</p>
<p>Ser brasileiro é ser muito aberto ao outro, é ser carinhoso e hospitaleiro, quando pudesse eles davam as chaves de casa para todos terem acesso, sempre faziam muita comida para todos poderem comer juntos, sempre oferecem comida se alguém está chegando a casa, a avó ajudava ele e as irmãs a comprarem comida com o cartão de alimentação do governo (ser brasileiro é um ajudar o outro quando precisa, é estender a mão),</p>	<p>—</p>

<p>Gostar de futebol ao ponto de se tornar uma religião. É a forma de se fazer a comida. Quando brasileiros, italianos, árabes, latinos pensam em comidas pensam em toda uma produção em volta da comida. Comida para os brasileiros é uma vivência.</p>	<p>Quando americanos pensam em churrasco, eles pensam em hamburgers e salsichas. Comida para os americanos é algo direto.</p>
<p>Os brasileiros são <i>breezy</i>. No sentido de serem mais "tranquilos".</p>	<p>—</p>
<p>A cultura BR é uma cultura mais aberta a diálogo, aceita melhor as diferenças. Em comparação à cultura americana.</p>	<p>—</p>
<p>A cultura brasileira não é fria e desconcertada. Você quer se ver, saber e ajudar. Você não se desfaz de amizade. Por isso, ela sente que se aproxima das culturas hispanas pela proximidade de culturas.</p>	<p>A todo o momento. Americanos são muito frios com família. Eles tem a família deles, mas ninguém é muito chegado, junto. A cultura americana não se aproxima muito. Ela considera a cultura americana emocionalmente desconectados. Mas considera que há americanos que foram criados por famílias imigrantes italianas, alemãs etc., que já tem uma relação emocional bem diferente.</p>
<p>Brasileiro é mais asseado. Então, a faxineira que trabalha para um brasileiro terá que limpar mais. Ao mesmo tempo receberá um salário menor quando em comparação com o mesmo trabalho para um americano. Já o brasileiro quer relaxar, mas manter ao mesmo tempo tudo limpo. O brasileiro quer que limpe a casa todo o dia.</p>	<p>O americano é mais relaxado. É só passar um papelzinho e tá limpo. Eles dão prioridades para outras coisas. E pagam melhor. Se você não limpa forno, arruma gaveta, limpa geladeira está tudo bem para o americano. Já o brasileiro vai exigir que limpe forno, geladeira e arrume armário. Quando se faz esse tipo de trabalho para um americano, eles ligam e deixam mensagem agradecendo porque não esperam que se faça esse tipo de trabalho. Nem janela se limpa. É só passar um aspirador, tirar a poeira e pronto. O que o americano quer mesmo é viajar, chegar em casa e relaxar. O americano quer limpar a casa uma vez por semana. O americano fica com a pia cheia de louça suja por uma semana sem ao menos amolecer a sujeira para limpar depois.</p>
<p>Entrou em conflito com a cultura americana e brasileira na época em que os filhos entraram na adolescência, porque batiam muito boca com a mãe, e foi durante o período do divórcio. Nesse momento, ela pensou que teria sido mais fácil ter educado eles na educação brasileira, ou seja, com algumas palmadas "estava tudo resolvido". Batiam muito boca, confrontavam, achavam que eram os donos da verdade, porque percebiam a figura do pai (masculina) era a de dono da casa. E não a figura da mãe. Então, a mãe teve que confrontar fortemente e verbalmente os filhos para conseguir manter-se de punho firme com os filhos e impedir que o filho mais velho achasse que era o dono da casa (na figura de "homem da casa").</p>	<p>Gosta muito da criação americana de explicar, não bater.</p>

Já os brasileiros são uma cultura mais aberta, mas não quer dizer que confiem em você por isso. A confiança é construída de outra forma. O atendimento de um brasileiro em loja é mais amigoso, cuidadoso e atencioso. O brasileiro é muito mais interessado e prestativo no serviço. Os brasileiros são mais calorosos e atenciosos. Em comparação entre a cultura italiana e brasileira é praticamente a mesma. É muito caloroso com os amigos, família e filhos. É ainda mais prestativo e caloroso. As rotinas são muito semelhantes.

Os americanos são uma cultura muito fechada, então como clientes, quando eles gostam de você passam a confiar totalmente em você. Eles viram clientes fiéis. Se eles gostam do seu trabalho são capazes de ir até você e fazer uma entrevista “sem que você saiba que está sendo entrevistada” até que chegue o momento certo para abrir o jogo e fazer uma proposta de trabalho. O atendimento de um americano em loja é muito direto e seco. Nos EUA, eles funcionam muito a base de reviews por gamification. Os americanos só são “prestativos” se forem pagos para fazer o serviço deles. O americano só move um dedo se pagarem. Os americanos não tem paciência para ter atenciosidade.

Outro ponto interessante de ressaltar são as distinções apresentadas entre brasileiros de diferentes estados. Um brasileiro carioca não possui o hábito de convidar e encontrar as pessoas dentro de sua casa. Diferente de muitas culturas em Minas Gerais, São Paulo ou até outras cidades no interior. O hábito do carioca, em particular é o encontro na rua. Essas particularidades serão levadas em consideração ao lidar com os brasileiros no país anfitrião, pela diversidade que o próprio Brasil apresenta em termos de região, cidade, e inúmeros aspectos identitários. Portanto, as famílias cujas redes possuem mais facilidade de troca de informação sobre o Brasil e, conseqüentemente, incentivam esta troca instigam em seus descendentes o desejo por conhecer mais do país. Essas famílias podem ser de núcleos maiores ou menores, ou seja, pode estar na 4ª geração ou podem estar na segunda geração, mas são incentivados pelos pais e avós a desenvolver um desejo por saber sobre o Brasil.

Por conta própria, esses jovens buscam e descobrem inúmeras informações desde partidos políticos, hino nacional, a origem da diferença entre Brasil e Brazil, história sobre a escravidão e a capoeira entre outras mais. Mas para que esse desejo ocorra, esses núcleos familiares apresentaram em comum um cultivo permanente de debates sobre o Brasil em diferentes aspectos. Permitindo aos seus jovens a participação e troca de saber. Ao mesmo tempo em que compartilhavam com a nova geração as memórias de vida sobre o passado no país de origem. O desinteresse pelo país e por aprender o português ocorre por conta do sistema de assimilação de imigrantes, desenvolvido pelos Estados Unidos e a dificuldade da

rede familiar em desenvolver um interesse permanente nos jovens. Nesta situação, estes jovens seguem um de dois caminhos, ou absorvem a identidade brasileira como secundária mas sem qualquer desejo de buscar saber mais — nesse caso o Brasil passa a ser um lugar para passar as férias com memórias boas do passado — assimilam uma identidade americana e desejam deitar de lado a identidade brasileira. Ou mesmo com a identidade americana, desejam aprender mais sobre o Brasil como parte da sua identidade, entretanto se vêem com recursos limitados para tal.

Inicialmente, os motivos que levaram os brasileiros entrevistados nesta amostragem a tornarem-se imigrantes especificamente em New York foram os dos mais diversos. Mas clarifica-se que nesta entrevista, foi questionado tanto diretamente o motivo que levou à procurar a sair do país, quanto questões mais abertas, procurando uma reflexão do entrevistado sobre sua percepção com relação a segurança, possibilidade de emprego no país e qualidade de vida. Também foram questionadas as possibilidades de possíveis influências dos *media* na vida de certos entrevistados que possam tê-los levado à buscar os EUA, assim como New York. Primeiro serão apresentadas as primeiras instâncias para o movimento de mobilidade, em que nem sempre era apresentado os Estados Unidos ou New York como indicação de preferência:

- Buscava viver uma aventura para sair de casa, tinha passado no vestibular em Minas Gerais, mas decidiu não cursar. Resolveu ir para New York onde tinha família.
- Trabalhou em diversos estados. Quando encontrava as amigas em Governador Valadares via fotos delas em bons lugares, com boas roupas. Resolveu fazer a vida em New York para conseguir mais dinheiro e dar uma melhor oportunidade para a filha.
- Perdeu a mãe, divorciada viu o novo noivo a deixar por outra mulher. Sentiu como se "não tivesse o que perder". Deixou os filhos no Brasil e foi para New York onde conhecia uma pessoa que agenciava as viagens com trabalho.
- O marido recebeu uma proposta de trabalho e os dois se mudaram.

- Estava com dificuldade de arrumar trabalho no seu estado de depois de muita dificuldade resolveu largar tudo e ir para New York, onde tinha família para dar o apoio inicial.
- Pediu falência da própria empresa e resolveu se mudar para New York, onde tinha família para dar apoio. Acreditou que tinha recebido uma proposta de trabalho que não se tornou realidade uma vez que chegou na cidade.
- Foi a New York ou aos Estados Unidos por motivos acadêmicos.
- Foi para aprender Inglês.
- Mudou-se quando criança com a família.
- Mudou-se por causa da família.
- Mudou-se por reagregamento familiar, o marido estava trabalhando em New York.
- Conseguiu um trabalho numa empresa que foi *sponsor* do seu visto.
- Tinha acabado de casar, separou pouco tempo depois, vendeu tudo, aposentou-se na carreira e resolveu mudar-se para New York para fazer um curso técnico numa área que lhe interessava há anos.
- Retornou para New York após um término de relacionamento e por não se adaptar ao Brasil.
- Conseguiu uma oferta de emprego.
- Fez a pós-graduação nos Estados Unidos, conseguiu trabalhar em New York. Não retornou para o Brasil porque não acreditava que conseguiria ter boa aceitação de empregabilidade na nova área de actuação.
- Foi fazer um intercâmbio para aprender Inglês e trabalhar ao mesmo tempo e nunca mais voltou. Hoje reside em New York.
- Conheceu uns pesquisadores americanos que a convidaram para ir para os Estados Unidos. Acabou indo e fazendo um curso de Inglês. Depois permaneceu por aventura e por desejo de ter contacto com uma outra cultura e outro idioma.

- Foi visitar a família em turismo e acabou ficando.
- Foi acreditando que tinha recebido uma oferta de emprego que não era realidade, acabou ficando em New York.
- Não readaptou-se ao Brasil e acabou retornando à New York.
- Queria sair do país e conhecer outra realidade. Também se encantava com os filmes da Disney e os seriados que passavam nos Estados Unidos, especificamente em New York.
- Fugiu do Brasil porque a família estava sendo perseguida.
- Foi morar em New York porque o marido recebeu um convite para ser pastor.
- A família fugiu da ditadura militar e se mudou para New York.
- Foi para New York buscando alavancar a sua carreira. Sabia que na sua área só conseguiria progredir até o ponto em que estava no Brasil.
- Mudou-se para New York por causa do relacionamento amoroso.

Os motivos apresentados acima podem ser subdivididos em cinco categorias básicas: família, trabalho, academia, aventura e fuga. Para que se possa compreender os desejos por trás dos motivos iniciais, as categorias básicas apresentar-se-ão em intersecções entre si a partir de vetores que identificarão o direcionamento da intenção que disparou os motivos. A Fig.08 apresentará esta disposição vetorial de intenção e motivo para migração:

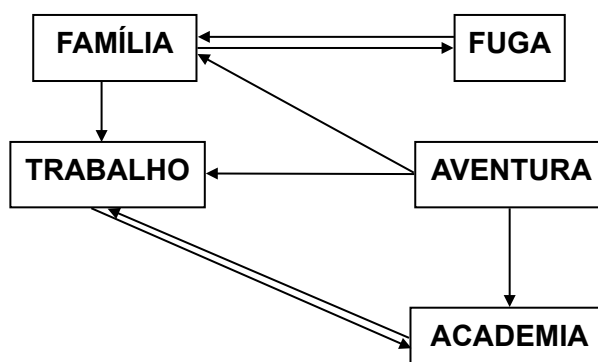


Figura 08
Direcionamento Vetorial
de Intenção e Destino de
Motivação para Mobilidade

As categorias acima foram criadas para subdividir em grupos de intenção e motivação dos imigrantes brasileiros em New York. Para chegar-se a categoria de motivação que, posteriormente, leva à tomada de ação, é preciso considerar que um indivíduo primeiro possui dentro de si a potência de desenvolver um desejo para tal. Esta potência, tomará início em desejo na forma de intenção para depois expressar-se como motivação para o processo de migração. Assim, as categorias indicadas na Fig.08 apresentam tanto intenção quanto motivação. A distinção entre a disposição encontra-se nos direcionamento dos vectores, de intenção para motivação. Portanto, na construção do desejo para a efectivação da motivação que levará à tomada de ação de efectivamente migrar para o país anfitrião, no caso desta pesquisa, para a cidade de New York. Esclarece-se que a intenção, base do desejo para migrar, pode conter mais de uma categoria. Assim como a motivação que, também, pode ser apresentada por mais de uma categoria.

A categoria intenção Família diz respeito àqueles que desejam migrar por motivos de reagrupamento familiar. Seja este reagrupamento familiar representado pelo casamento, pela união de pais e filhos, ou até mesmo por familiares que vão para outros países para auxiliar nos cuidados de saúde de parentes próximos durante algum processo de recuperação de doença. Outras vezes, a intenção de reagrupamento familiar apresenta-se pela simples vontade de encurtar as distâncias entre os familiares e estreitar os laços de relacionamento. Motivados pela saudade e vontade de passar algum tempo próximos uns dos outros. Normalmente, esses casos ocorrem entre pais e filhos, independente das idades. Conseqüentemente, quem obtém como intenção a família, tenciona em, também, apresentar como motivação para migração a família.

Para esta tese, a categoria de Fuga não consiste em representar a categoria de refugiados em si. No máximo, asilados políticos. Entretanto, para a qualificação desta investigação, representa a possibilidade de pessoas que por quaisquer atividades de não regularização no país de origem foram levados à abandonar suas vidas, junto com suas famílias. Estas pessoas temiam pelas suas vidas e de seus familiares, consequência das atitudes que tomaram em seus países de origem. Desta forma, a categoria de Fuga apresenta pessoas que pediram asilo político, junto com seus respectivos familiares. Acrescidos de pessoas que fugiram por irregularidade de direitos e deveres no país de origem.

A categoria Academia representa aqueles que buscaram academicamente os Estados Unidos como base para crescimento profissional em alguma instância de suas vidas. Esta categoria engloba desde cursos de inglês como segunda língua, cursos técnicos, college, cursos de graduação, mestrado, doutorado, MBA (Master of Business and Administration). Com exceção do curso de inglês como segundo idioma, os demais cursos após finalizados oferecem uma extensão do visto para um ano de permissão de trabalho. Uma possibilidade que permite àquele que cursa pôr em prática os seus conhecimentos. Também, alguns dos cursos, como mestrado, doutorado e MBA, oferecem estágios de curta duração, mínimo de dois meses, para que possam adquirir experiência no mercado de trabalho. Esta experiência possibilita a muitos alunos a inserção no mercado. Para algumas áreas como a de Finanças, a cidade global de New York apresenta-se como um ponto focalizado de concentração de possibilidades para ascensão da carreira. Assim, também percebem outras pessoas como aqueles que trabalham na área editorial. Portanto, cidades globais tendem a ser o passo principal para aqueles que almejam crescer o máximo possível em suas carreiras. Neste caso, a percepção de retornar à vida acadêmica é compreendida como uma forma de permitir-se alterar o planejamento de carreira e, conseqüentemente, concretiza-la por meio dos estágios e, posteriormente, pela permissão de um ano de trabalho no mercado. Com isso, muitos brasileiros imigrantes acabam por permanecer em New York e fazer suas vidas na cidade.

A categoria Aventura é expressa por alguns dos entrevistados como “viver o sonho de Alice”, em que o país das maravilhas de Lewis Carroll seria representado pelos Estados Unidos. Esta é uma categoria sutil, pois os entrevistados tem dificuldades em assumir que a intenção que compôs seus desejos foi a aventurar-se em New York. Muitos dos discursos são associados a segundas intenções. Ou apenas apresentam duplas motivações para migrar e estarem em New York. A categoria Aventura precisa ser compreendida a partir do estilo de vida de certos brasileiros imigrantes. Portanto, compõe a categoria Aventura uma busca constante pela novidade que a cidade proporciona, uma vontade em desbravar New York. Em alguns casos pode levar a uma sensação de sentir-se perdida sobre os propósitos que levaram a pessoa a estar na cidade. Entretanto nem todas as pessoas mantêm esse perfil, muitos ao longo do tempo alteram suas perspectivas e adaptam-se na

cidade. Este é uma categoria que apresenta a busca pelo novo, uma certa curiosidade e um desejo de desbravar a cidade, ao passo que, também, apresenta uma ilusão em comparação à realidade de viver em New York em si.

Já a categoria Trabalho é por si mesma uma categoria abrangente e com diversas fases desde o início das migrações de brasileiros para os Estados Unidos. Ela pode apresentar-se tanto como intenção quanto como motivação para migração. A primeira vaga de imigrantes brasileiros via-se com a intenção de imigrar tanto por aventura quanto por trabalho devido às condições económicas do Brasil. Enquanto muitos haviam buscado emprego em diversas cidades e, até mesmo, diversos estados do país. Outros motivaram-se a buscar trabalho no exterior sob o pretexto de que nos Estados Unidos conseguiriam mais oportunidades, essa percepção tem base nas histórias perpassadas por conhecidos, amigos e familiares com contactos em Governador Valadares, uma imigração brasileira muito específica e particular. Ela ainda perpetua-se, porém não é a única. A busca por trabalho em New York também ocorre por aqueles que fizeram a socialização quando crianças e adolescentes nos Estados Unidos e, depois quando adultos, tiveram dificuldades em adaptação no Brasil por diversos motivos. O que os levou a retornar, no caso, para New York onde sentiam-se mais confortáveis e adaptados. Esta intenção e, conseqüentemente, motivação para migração encontra-se mais associada às questões relativas a estilo de vida. Outras pessoas possuem a intenção de aventurar-se e crêem em promessas sem fundamentou proposta oficial de trabalho, que as levam para New York. Ou seja, sob uma intenção de aventura, acreditando no “sonho de Alice” de que irá conseguir evoluir na profissão sem visto e sem qualquer tipo de planejamento. Essas pessoas apresentam a motivação para migrar como sendo o trabalho, entretanto, a intenção desvelada é aventurar-se em New York. Outras pessoas realmente possuem o trabalho tanto como a intenção quanto como a motivação de migrar para New York. Normalmente, esse perfil de brasileiros apresenta-se como mais organizado em seu processo de migração, faz pesquisas para perceber melhor quais vistos são apropriados, sobre questões de saúde e, realmente, estão interessados em saber mais sobre o mercado de trabalho. O último perfil diz respeito à alta classe social de brasileiros que acredita estar mais segura, com uma melhor perspectiva ao seguro de saúde, às escolas para os filhos e à prospecção de trabalho nos Estados Unidos, especificamente em New York. Sobre

este perfil de imigrantes brasileiros, considera-se para esta tese apenas uma hipótese futura a ser investigada. Pois, todos os contactos para possíveis entrevistas tiveram acesso negado sem esclarecimento de porquês.

Intenção: academia.

Motivação: academia e trabalho.

Adriano, hoje casado e com os seus 34 anos, iniciou a sua jornada de migração no Rio de Janeiro. Durante a sua graduação, formou-se em economia numa universidade pública de prestígio na capital e mudou-se para São Paulo, para dar continuidade com o mestrado na mesma área de actuação. Teve a sua primeira vivência de migração e adaptação na cidade global de São Paulo. Também durante o período académico de dois anos, saiu em um intercâmbio de curta duração para a cidade de Ottawa, Canadá, por um dos programas parceiros académicos. Até então, Adriano só havia enfrentado a diversidade académica em São Paulo, fora a cidade do Rio de Janeiro. Ottawa seria o seu primeiro contacto com uma internacionalidade a mais. Entretanto, cinco meses passam rápido e deixam o sabor de saudade.

Terminado o seu mestrado, Adriano decidiu seguir em uma segunda conquista académica para a sua carreira. Disputou uma vaga em um mestrado em Harvard. Mudou-se para Boston onde pôde, finalmente, ter uma imersão em outra cultura. Diferente da cultura brasileira, a cultura americana apresentava distinções bem marcadas que lhe pegaram de surpresa. Para Adriano, este foi o primeiro momento em que se percebeu questionando suas raízes étnicas, sua cultura, seu modo de ser e estar. Adaptar-se ao país anfitrião, pode ser percebido pelo imigrante, às vezes, como um acto de muita agressividade e negação de si mesmo. Cabe a cada imigrante saber ponderar as reflexões que faz sobre o país de origem e o país anfitrião. No caso de Adriano, o americano lhe parecia um indivíduo frio e distante. Pouco interessado em fazer amizade com os imigrantes e cuja as afinidades surgiam por interesse. Adriano se incomodava com as reuniões de socialização dos mestrados em que todos apresentavam os seus respectivos currículos com sorrisos forçados como se houvesse ali uma intimidade desenvolvida por anos. Porém, ninguém nunca havia se visto antes. Ele sentia falta da espontaneidade presente nas ruas do Brasil, nas conversas de acaso feitas com desconhecidos que nunca

mais vão se ver. Mas que apresentam uma alegria que irradia os rostos independente dos problemas da vida.

Durante o período do mestrado, Adriano desenvolveu laços de amizade com imigrantes e conheceu sua futura esposa, também latino americana. Retornaram ao Brasil, onde Adriano trabalhou no Distrito Federal até conseguir passar para o doutorado em New York. Se a primeira experiência longa no exterior trouxe questionamentos profundos à Adriano, a segunda vivência aprofundou ainda mais esses questionamentos. Hoje Adriano vive em New York e realiza o seu doutoramento em uma segunda área de actuação. Tem a expectativa de trabalhar por um tempo depois que defender a sua tese. A sua esposa trabalha remoto e auxilia nas contas de casa. Ambos sentem falta de seus países de origem. Adriano questiona o tempo em que vivem fora. Entretanto, o seu questionamento sobre as distinções entre Brasil e Estados Unidos vem se intensificando. Com o governo actual de Trump, os ânimos entre aqueles que não aceitam imigrantes intensificou-se e o preconceito passou a se tornar, muitas vezes, explícito. O desejo de retornar ao Brasil é contínuo para Adriano e sua esposa, mas é postergado em prol de um planeamento de carreira feito pelo casal.

Para Adriano, às vezes, a irreverência do brasileiro é o seu respiro pela liberdade.

Intenção: aventura.

Motivação: academia.

Celina, hoje com 46 anos, nascida em Niterói, formou-se em jornalismo, entretanto actuou profissionalmente como executiva de contas e elaborando eventos no Rio de Janeiro. Celina possuía uma vida ao estilo carioca solteiro de ser, frequentadora de festas, bares e reuniões com amigos. Em um determinado momento de sua vida na cidade do Rio, Celina começou a sentir uma necessidade de busca espiritual. Foi quando resolveu buscar vertentes de igrejas evangélicas e acabou em uma vertente da Assembleia de Deus direccionada ao público mais jovem.

A primeira vez que decidiu ir para New York foi porque tirou férias e fez a sua primeira viagem internacional. Uma experiência que marcou tanto a sua vida e de tal modo que decidiu retornar. Era uma questão de tempo e organização até voltar para

aquela cidade que tocou Celina. New York foi para ela mágico, algo como nunca tinha visto antes. Decidiu, então, aprimorar seu inglês e fazer um curso em New York. Com o tempo que tinha restante em mãos, resolveu buscar voluntariado que lhe ocupassem o máximo possível. Assim foi feito, Celina fez o curso de Inglês e muitos voluntariados. Tantos que sequer sabia explicitar, desde dar comida aos moradores de rua até auxiliar em cuidados básicos de higiene. Este foi um dos momentos mais marcantes em sua vida. Celina diz que se sentiu profundamente transformada pelas ações de voluntariado que fez.

Quanto retornou ao Rio de Janeiro, já não via mais propósito em sua vida na cidade. Não conseguia perceber porque trabalhava na área de eventos, o porquê de ser executiva de contas. O que a cidade do Rio de Janeiro tinha a oferecer à Celina? O que Celina tinha a oferecer ao Rio de Janeiro? Foi quando decidiu largar a sua vida carioca e retornar à New York. Acreditava que o voluntariado tinha lhe transformado ao ponto de mudar de carreira. Estava decidida a se tornar enfermeira.

Acontece que Celina não conseguia ver futuro em ser enfermeira no Rio de Janeiro, tampouco no Brasil. Tinha uma percepção firme que tanto o curso de enfermagem quanto a carreira no país não lhe trariam qualquer benefício. No seu país de origem, Celina não seria reconhecida pela escolha na carreira de enfermagem. Nem financeiramente nem profissionalmente. Foi este medo de Celina que a impulsionou a sair para New York sob o pretexto de fazer seu *college* em enfermagem, acreditando que ingressaria rapidamente no mercado de trabalho se permanecesse nos Estados Unidos. Talvez Celina nunca tivesse se questionado a fundo sobre as perspectivas profissionais que a área de enfermagem poderia lhe apresentar dentro do Brasil.

Verdade seja dita, Celina realmente sofreu uma profunda transmutação nas duas vezes em que passou por New York. A primeira quando saiu para fazer uma viagem internacional pela primeira vez e teve oportunidade de viver em uma das principais cidades globais. A segunda vez, foi quando teve a oportunidade de vivenciar a atividade de voluntariado tão intensamente. Celina queria trabalhar com uma profissão que ajudasse as pessoas. Seria esta a sua intenção de sua mudança para a cidade de New York?

Entretanto, se o questionamento e o planejamento não fora feito antes no Rio de Janeiro como etapa primeira ao processo de migração, agora, Celina se percebia

obrigada a questionar-se quanto aos seus propósitos como imigrante em New York e quanto aos seus propósitos em sua própria vida. Chegou em New York com o visto de turista, depois de extendê-lo por seis meses, decidiu entrar com a documentação para o *college* de enfermagem, e foi até o Brasil trocar de *status*.

Passado um tempo, sua família já não podia mais auxiliá-la na manutenção do visto de estudante e, tampouco, na manutenção financeira. O alto custo de vida de New York obrigou Celina a trabalhar enquanto estudava, independente da não autorização de trabalho estipulada pelo seu visto de estudante. Celina encontra-se em uma dupla posição. Era ao mesmo tempo considerada uma documentada, pois possuía o visa necessário para seus estudos. Entretanto, era uma não-documentada no quesito de trabalho. Por causa de seu *status*, Celina trabalhou como "andadora de cães" e permanece trabalhando como doméstica para pagar os estudos e seu sustento.

Após muitos anos em imersão, Celina ainda não sente-se confiante em falar o idioma, sua fala permanece aquém do nível que possui em leitura e escrita. Boa parte de seus amigos são brasileiros, frequentadores da igreja protestante, com quem Celina mantém um diálogo em português e participa de festas brasileiras. Celina tem uma vida social bastante ativa com seus amigos e aproveitando a cidade de New York. Gostaria de se casar com um americano por quem se apaixonasse e que lhe concedesse o *Green Card*. Entretanto, Celina oscila entre o sonho e a realidade, pois percebe a dificuldade cultural de aproximação entre brasileiros e americanos que não são introduzidos por meio de amigos em comum. Hoje Celina sustenta seus sonhos, mas questiona os seus propósitos.

Intenção: aventura.

Motivação: trabalho e academia.

Amora, hoje com seus 32, morava no norte do Brasil. Fazia um curso técnico, estagiava no serviço público, aproveitava as festas e divertia-se com os turistas que chegavam para aproveitar a cidade praiana em que vivia. Tinha uma vida aparentemente direcionada em plena juventude quando foi incentivada por uma amiga a fazer um curso de inglês intensivo associado ao trabalho nos Estados Unidos — *working travel program*. O desejo de aventurar-se e fazer o curso de

inglês fora do país veio da amiga, mais aos poucos Amora foi adquirindo o gosto e o ânimo pelo desejo da amiga. Como eram muito próximas, o desejo dela foi tornando-se seu. Ambas aplicaram para o mesmo programa junto com outros brasileiros da mesma cidade, mas nem todos foram selecionados e alocados juntos.

Inicialmente, o programa oferecia moradia, trabalho e traslado. O que parecia organizado e certo, na prática não foi tão certo assim. De repente, nos Estados Unidos, Amora se viu entregue à um centro rodoviário, aparentemente no meio de lugar nenhum. Dividiria o quarto com outras garotas da sua idade, também participantes do *woking travel program*. Acordaria cedo e trabalharia até tarde, em regime rígido, com poucos minutos para almoço ou nenhum. Aparentemente sem possibilidade de reclamar sobre a má condução dos clientes ou da gerência. Receberia um salário baixo que lhe deixaria a mercê do trabalho como moeda de troca para outras atividades. O traslado apareceria novamente para buscá-los e levá-los às aulas em outra locação, depois os devolveria para o mesmo lugar. Longe de tudo e de todos. Amora questionava-se sobre as possibilidades de aproveitar aquela experiência para diversão, mas o cansaço profundo lhe consumia, enquanto via colegas e amigos serem consumidos pela depressão. Até que ponto essa experiência deixou marcas de assédio moral e assédio do trabalho naqueles que passaram por esse tipo de programa? De acordo com a percepção de Amora, ela foi capaz de dar valor ao trabalho e ao dinheiro porque perseverou nessa experiência e ao longo de sua jornada como imigrante nos Estados Unidos.

Após esta experiência, Amora pôde visitar New York enquanto estava de férias como turista. Já morando em Massachussets, Amora trocou o seu *status* de turista novamente pelo *status* de estudante, mas deixa incerto se manteve-se como não-documentada por um tempo indeterminado. Apenas informou que chegou a ficar três anos sem ir ao Brasil, até conseguir o *Green Card*.

Em Massachussets mudou diversas vezes de residência ao ponto de não chegar a desfazer as caixas e arrumar a casa. Também passou a trabalhar em restaurantes para se sustentar. Como havia abandonado o curso técnico no Brasil, Amora não tinha nenhum diploma para pedir revalidação. Apenas o ensino médio completo.

Entretanto, foi em Massachussets que conheceu seu namorado, hoje seu marido e pai de seu filho. Por meio de seu marido que adquiriu o *Green Card* e,

consequentemente, a cidadania americana. Posteriormente, os dois planejaram uma mudança de residência para New York acreditando que lá teriam mais oportunidades de emprego. Amora fez cursos de marketing e moda, virou gerente na sua área de actuação a qual mantém até hoje.

Hoje Amora vai ao Brasil tanto a trabalho quanto a lazer. Visita a família, conhece cidades por que vai de férias e também porque vai pela empresa. Amora tem uma vida em New York, acredita que se adaptou à cidade melhor do que se adaptou à Massachussets. Atribui uma distinção bastante clara entre os dois estados e as respectivas cidades em que viveu e vive. A primeira era uma cidade em Massachussets era universitária, tinha pouca vida noturna, considerava as pessoas mais velhas preconceituosas e a temperatura da cidade era muito fria, não se adaptava. Já em New York considera que há vida e possibilidades para se fazer e refazer. Não sente-se cobrada e nem percebe os olhares preconceituosos das pessoas. Seus amigos variam em cidadanias americanas, brasileiras, europeias e do oriente médio.

Intenção: aventura e família.

Motivação: família.

Ana tem 38 anos e considera-se uma carioca da clara, com o olhar romântico dos desenhos da Disney e a alegria de desvelar alguma coisa sempre a espreita. Considera-se da clara porque, assim como muitos cariocas, nasceu em outro estado, numa cidade pequena em Espírito Santo e mudou-se para a capital do Rio de Janeiro junto com os pais, para o bairro onde parte dos seus familiares já moravam. É bem verdade que Ana também possui familiares em outras cidades espalhadas pelo litoral e interior do estado do Rio de Janeiro. Então, fazia sentido para sua família fazer vida na cidade carioca. Ana diz que cresceu com a consciência de aprender o valor do trabalho. O valor do dinheiro desde adolescente quando voltava da escola e ajudava a família na franquias de perfumaria que haviam comprado na cidade do interior. Na realidade, trabalhava mais nos finais de semana e nas datas comemorativas. Seu pai lhe ensinou a importância de pagar os impostos relativos ao empregado, que no futuro lhe poderiam servir para aposentar com tranquilidade. De todos os *Millennials* e *Centennials* entrevistados nesta

amostragem, Ana é a única ainda a pagar seu INSS³². Sigla que corresponde ao pagamento de seguro social e que permite ao brasileiro trabalhador, após o período de tempo legal de trabalho poder se aposentar. Justamente esta consciência e planejamento sobre o dinheiro a longo prazo foi aprendido desde casa. Assim como, também, foi aprendido por meio dos pais a ter uma consciência sobre os direitos e deveres como um cidadã brasileira. Ou seja, como ela poderia se resguardar com relação ao seu futuro no Brasil.

Já adaptada no Rio, Ana entrou para a faculdade de Comunicação, Publicidade e Propaganda. Passou por diversos estágios, desde agência de publicidade até empresa, onde pôde perceber a visão do cliente em comparação às agências. Com gosto pelo trabalho que desenvolvia, Ana adquiriu uma pós graduação em Marketing e começou a trabalhar para uma empresa multinacional. E foi nesta empresa que Ana conheceu o seu actual marido. Ele viera dos Estados Unidos para trabalhar por um tempo no Rio. Foi quando o gerente de Ana resolveu colocá-la para o ciceronear. Aos poucos a relação saiu do ambiente de trabalho para encontros fora que mostravam a cidade em cenas diversas para conhecer o estilo de vida carioca de ser.

Pronto, o relacionamento já estava firme e estabelecido quando o, então, namorado precisou retornar aos Estados Unidos. Mantiveram-se à distância por um tempo até conseguirem uma solução. Ana passaria uma temporada com ele nos Estados Unidos, com o visto de turista, para tentarem juntos perceber como seriam em casal. Largou o trabalho no Brasil e decidiu aventurar-se nessa relação amorosa. O máximo que poderia lhe ocorrer seria ter uma experiência de imersão em um segundo idioma.

A vida à dois foi repleta de transmutações. Ana concluiu inúmeros cursos de Inglês. Entretanto, mesmo com a imersão em Inglês, ainda não possuía fluência no idioma. Para a alegria do casal a comunicação entre os dois já estava solucionada, falavam a sua própria língua. Em uma viagem, Ana foi pedida em casamento, em meio ao pôr-do-sol. De acordo com Ana, foi tudo muito lindo e muito rápido. Havia pouco tempo para expirar o seu visto de turista e precisavam dar entrada oficial com uma nova documentação.

³² Instituto Nacional de Seguro Social.

Ana mora em New York faz alguns anos e encontra-se feliz casada. Vai com frequência ao Brasil visitar seus familiares, de quem é extremamente próxima. Assim como visita os amigos. Apesar de ainda não se sentir plenamente confortável com o idioma, aos poucos sente-se mais ambientada. Tanto no Inglês quanto na cidade. Para manter a sua independência financeira, decidiu trabalhar com marketing de conteúdo direcionado para brasileiros. Assim, aos poucos Ana vai administrando a sua vida pessoal, a sua individualidade e a sua vida de casal.

Intenção: trabalho

Motivação: trabalho e família.

Bianca, hoje com 32 anos, nasceu no Rio de Janeiro. Filha de acadêmicos, Bianca fez um ensino médio técnico que lhe possibilitaria sair direto para o mercado de trabalho. Entretanto, para Bianca a realidade lhe apresentou uma outra opção. Apaixonada por literatura, Bianca entrou para a faculdade de Letras e para cursar jornalismo ao mesmo tempo. Formou-se em ambas e começou a trabalhar na área de edição de livros. Como desde criança tinha uma curiosidade por outros idiomas, Bianca aprendeu tanto o Inglês quando o Francês. Idiomas que lhe foram úteis tanto no trabalho quando na vida acadêmica. Terminada a graduação, Bianca mudou-se para a França, junto com o seu namorado, onde fez seu mestrado especializando-se numa área de literatura infanto-juvenil. O relacionamento não perdurou, mas os aprendizados de uma vivência como imigrante lhe foram muito úteis. Assim, Bianca retornou ao Brasil com propostas ainda mais auspiciosas de trabalho. Era jovem e estava ascendendo rápido na carreira.

Entretanto, chegada a crise econômica no Brasil, a empresa que Bianca trabalhava viu-se precisando cortar gastos. Em meios às demissões, Bianca acumulava horas de trabalho em funções que não vinham com os respectivos cargos e salários. Questionava-se sobre a possibilidade de crescimento em seu planejamento profissional dentro no país. Era uma questão de momento em um quadro mais profundo em que o setor de editoração não lhe permitiria ir mais além? Haveria estagnado em sua função com poucos anos de carreira?

Foi depois de visitar algumas feiras internacionais e pesquisar o mercado fora do país que Bianca tomou a decisão de sair. Acionou a sua rede de contactos em

New York, teria aonde ficar até se estabelecer. Conhecia as pessoas certas para introduzi-la ao mercado de trabalho. Por que não? Decidiu ir com o visto de turista. Chegou a participar de algumas entrevistas, mas os empregadores não patrocinavam o visto. Contratou, então, um advogado para processar o visto por habilidades extraordinárias, também conhecido como visto de artista. Bianca realmente possuía um currículo extraordinário para uma pessoa da sua idade. Com o visto em mãos, conseguiu a vaga que buscava. Estava na etapa seguinte do seu plano de carreira, agente editorial.

A vida de Bianca não é fácil em New York, entre adaptação e longas horas de trabalho com pouco tempo para almoço. Mas não é só de trabalho que Bianca pensa, está num relacionamento sério e vive junto com o namorado já faz um tempo. A realidade de New York e a irreverência do Rio de Janeiro são contrastes que põem Bianca a refletir sobre memórias a parte. A vida é feita de histórias, memórias, amizades e família. Vai muito além da rotina imposta pela profissão.

Intenção: família.

Motivação: família.

Luisa hoje tem 59 anos mora em New York, trabalha como enfermeira e, também, terapeuta ocupacional. Casou-se no Brasil, onde teve o seu filho, hoje um jovem adulto *Centennial* cuja primeira socialização foi feita no país de origem. Entretanto, ele aprofundou suas raízes no país anfitrião com a colaboração dos pais e tios para preencher as percepções sobre o país de origem e as memórias das respectivas famílias.

Luisa formou-se em Jornalismo e tinha uma graduação incompleta em Teatro, que lhe indicava um gosto tanto por trabalhar com o corpo quanto com a comunicação. A jornada de migração de Luisa iniciou-se quando foi morar na Europa quando seu marido fora fazer parte do doutorado por lá. Ao voltar, mesmo ambos com trabalho, houve dificuldade adaptação por parte de seu parceiro que havia crescido e tornara-se um adulto em New York.

Foi uma decisão em conjunto, entre parceiros. Luisa, estava grávida e seu marido iria na frente para conseguir os vistos apropriados de Green Card aos dois. Assim como iria prepará-los para a chegada em New York, uma cidade em um país,

Estados Unidos, completamente distintos dos quais Luisa havia vivido antes. Casada, com filho pequeno, Luisa mudou-se para New York com o *Green Card* para reencontrar o marido e dar início a uma nova vida. Descobriu que não conseguiria re-validar o seu diploma e precisou re-planear a sua vida profissional. Primeiro foi preciso iniciar um curso de inglês para tornar-se mais fluente. Em seguida, iniciou o curso técnico em terapia ocupacional e, posteriormente, o curso de graduação em enfermagem. Há tempos americana, Luisa é sindicalizada, o que lhe permite garantir os seus direitos trabalhistas e, também, um seguro de saúde passível de ser estendido aos familiares. Trabalha praticamente todo o seu tempo, quando está descansando gosta de fazer as suas aulas de dança, ir ao cinema e estar com a família. Adaptou-se à vida em New York, mantém contacto com os amigos do Brasil. Mas por não conseguir tempo hábil, quase não consegue visitá-los.

Intenção: aventura.

Motivação: trabalho.

Hoje com 35 anos, Paula vive faz 7 para 8 anos em New York. Acostumada a morar em diversas cidades brasileiras desde pequena cada vez que seu pai era transferido pelo trabalho. Paula vem de uma família grande para a família contemporânea brasileira, possui mais uma irmã e dois irmãos. Ambos os pais vieram de famílias que seguiram carreiras militares e foram acostumados a rotina e vivência pelo país em diversas cidades. Assim cresceu Paula e seus irmãos até chegar ao Rio de Janeiro onde graduou-se em jornalismo e história, e, posteriormente fez uma pós-graduação na área de marketing e gerenciamento de pessoas.

A vivência de Paula como migrante iniciou-se junto dos pais e por meio das histórias de famílias, que eram compartilhadas em formas de ser e estar, impressões e percepções que puderam auxiliar na sua adaptação. Paula não foi a única a imigrar, a primeira vez que saiu do país como migrante foi para ter uma experiência de *High school* nos Estados Unidos. Um de seus irmãos também escolheu o mesmo país, entretanto para sair em *Work experience*. É uma característica da família de Paula incentivar os filhos a seguirem os seus percursos "independente" dos laços familiares. A família estará perto mesmo que longe. Talvez por isso que Paula seja

tão direta ao dizer “a minha família sempre me incentivou”. Com isso, cada irmão foi para um país, por acaso ou não, todos os países são anglófonos — Canadá, Austrália e Estados Unidos.

Entretanto, a carreira de Paula iniciou-se no Rio de Janeiro, na área de imprensa e marketing. A primeira vez que foi para New York foi transferida a trabalho e lá ficou por um ano. Tinha 26 anos quando chegou a *Big Apple*. Quando voltou, aos 27 anos de idade, Paula foi transferida para São Paulo. De uma cidade global (New York) para outra cidade global (São Paulo). Em São Paulo, Paula também permaneceu por apenas um ano, tempo suficiente para organizar-se financeiramente e estabelecer um planejamento para retornar a New York. O motivo, diz Paula, era fazer um curso específico numa das universidades da cidade. Buscou cada disciplina e suas particularidades. O mesmo fez em Londres, também considerada outra cidade global. Foi aprovada nos dois cursos, mas sua supervisora lhe fez uma contra-proposta, ir para New York e continuar trabalhando pela empresa enquanto fazia o curso. Assim sendo, como recusar? Paula chegaria com trabalho e curso pré-estabelecidos. A preocupação de se auto-sustentar que atenta a muitos imigrantes não assombrava à mente de Paula. Ela iria com o visto de imprensa providenciado pela própria empresa.

Pronto, Paula chegou um dia antes do início do curso. Durante o primeiro mês ocupou-se de tarefas críticas à adaptação em um local novo. Questões relacionadas à conta bancária, *social Security number*, critérios de contrato com a empresa em New York, um bom e apropriado aluguel para morar. Sua família lhe ajudou durante este período da adaptação. Um acordo de pais e filhos que foi pago à medida que recebia o salário. Sobre questões de amizade, Paula considera-se uma *people person*. Faz amizade com facilidade e logo tornam-se melhores amigas. Diz não ter tido tempo para sentir dificuldade em fazer amizades. Tampouco no trabalho em que todos eram brasileiros.

Paula está há anos vivendo com o seu namorado. Mudou de emprego e, também, mudou de visto, hoje possui o Green Card. Decidiu não retornar ao Brasil, pois acreditava que só teria como progredir na empresa se realmente retornasse. E seu desejo era viver em New York, uma cidade que considera “um hub mundial”, onde tudo que é novo passa antes pela cidade e de New York dispara para outros pontos diversos. Há em Paula um desejo de saber sobre as novidades antes que

elas cheguem às massas. Talvez por ter trabalhado muito tempo com entretenimento ou talvez por ser dela.

Hoje, Paula pensa na possibilidade de, em um futuro próximo, ter filhos e construir uma família com o seu namorado. Ao mesmo tempo, dispõe-se aberta para explorar outros mercados e cidades pela empresa na qual trabalhada. Uma opção não exclui a outra para Paula. Sonha acordada que poderia um dia experimentar viver em algum lugar na Europa.

Uma outra forma de perceber influências que levaram brasileiros a migrarem para diversos países e, neste caso, para New York é por meio do comportamento e consumo dos meios de comunicação. Para isto, nesta etapa da entrevista, foi necessário retornar ao túnel do tempo e questionar os entrevistados sobre a possibilidade deles terem sido influenciados pelos meios de comunicação a escolherem os Estados Unidos como país de destino. Principalmente, New York como cidade para assentar e fazer a vida. Muitos dos entrevistados apresentaram uma memória sobre a vida jovem no Brasil farta em brincadeiras com grupos de amigos, dentro e fora de casa. Para os que viveram em cidades no interior do país, as memórias percorrem aventuras com a própria natureza, desde animais de fazenda até cachoeiras e mato.

Nem sempre os entrevistados que fizeram suas socializações no interior tiveram contacto com televisão, seja por não terem o próprio aparelho ou por terem entretenimento fora de casa com grupo de amigos. Aqueles que moravam no Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte tiveram mais contacto com teatros, museus e concertos musicais diversos, uma facilidade e diversidade que muitas vezes não chegava ao interior e às outras cidades do país. A vida para muitos entrevistados que vieram do interior de Minas Gerais e que vieram da cidade do Rio de Janeiro fora repleta de aventuras e diversão, independente das idades. A vida no interior propiciava uma cena de fartura e aventura pelo ócio criativo. A cena no Rio de Janeiro propiciava uma cena de aventura pela boémia carioca. Diferentes origens para um mesmo propósito. Algumas das entrevistadas de origem no Nordeste do Brasil e em São Paulo, também apresentaram ser influenciadas pelos programas

televisivos. Sejam eles filmes da Sessão da Tarde no canal aberto da Globo, filmes da Disney, Cartoon Network, seriados de Friends, Dawson's Creek, ou simplesmente telenovelas da Rede Globo que foram de extrema importância para determinarem a tomada de decisão de migrarem para os Estados Unidos.

Hoje a vida desse entrevistados encontra-se adaptada ao *American Way of Life*, trabalhar é um estilo de vida. Para conseguir um tempo com os amigos, decidem convidá-los para fazer uma aula de ginástica juntos, andar de bicicleta, marcam para treinar e correr a maratona. Outros ainda mantém o estilo de vida brasileiro presente, entretanto a sua rede familiar encontra-se forte para dar suporte a esta realidade. Neste caso, a quarta geração nascida em New York começa a apresentar misturas entre as identidades americanas e brasileiras. Alguns entrevistados, com dificuldade de adaptarem-se, preferem assimilar o estilo americano de ser. Mas encontram-se em constante questionamento sobre a escolha que fizeram. Há um perfil que ainda os mantém curiosos sobre o mundo, buscam viajar independente da idade para vários países. Mantém em si o espírito de aventura, entretanto numa outra perspectiva. São aposentados que hoje buscam fazer usufruto do respectivo tempo para conhecer a diversidade cultural que há no mundo, uma vez que descobriram por conta própria essa diversidade cultural como imigrantes brasileiros no país anfitrião. Os *Millennials* que viajam por países a fora também são curiosos, uns desejam aprender sobre a cultura do país e lugar para onde vão. Outros apenas desejam fazer usufruto de onde vão, compram um serviço e um produto. Mas o perfil aventureiro traspassa esses imigrantes brasileiros. Cada um ao seu modo. Ir ao cinema e aos museus são atividades mais presentes uma vez que se tornam pais, visto que são percebidas como atividades em família e ir ao museu é estimulado pelas escolas. Aqueles que são religiosos tendem a praticar e manter atividades religiosas com os seus respectivos grupos, tais como frequentar a casa com amigos (por exemplo, *sleep over*³³), almoços e reuniões de células de estudos bíblicos.

A adaptação à vida em New York fez com que os entrevistados perdessem o contacto que possuíam com o Facebook (para aqueles que o tinham). O engajamento dos imigrantes brasileiros com as redes sociais acaba mudando bastante. Se no Brasil, o uso de Facebook por brasileiros é alto, quando imigrantes

³³ Quando uma criança ou várias vão dormir na casa de um amigo da escola ou do grupo de amigos em comum.

em New York passa a cair consideravelmente. Muitos passam a ter um maior relacionamento com o Instagram. Cada um ao seu modo, alguns usam para seguir os amigos, colegas e conhecidos do país de origem. Outros usam como uma ferramenta de trabalho e, também, como uma forma de manter contacto com familiares, amigos, colegas e conhecidos no Brasil. Alguns usam para mostrar sua arte e seu processo artístico em evolução. Outros usam como uma forma de refazer o seu campo profissional em New York, reposicionando-se como um(a) criador(a) de conteúdo. Seja na área de turismo, moda, produtos de estética etc. Até este momento, foram localizadas e categorizadas 41 contas de Instagram, estas contas não serão explicitadas nesta tese sob a condição ética de resguardar a identidade de seus usuários. Algumas das categorias em que estas contas de Instagram se encontram são:

- Comida e restaurante.
- Viagem e Turismo.
- Blog Pessoal
- Arte
- Fotografia
- Moda
- Beleza
- Coach
- Consultoria de Noiva

Alguns dos imigrantes brasileiros adquiriram uma conta Twitter para seguir notícias jornalísticas, porém sem dar muita importância ao que é postado e tampouco sem engajar com a plataforma. Pela facilidade em que muitos possuem para ter um iPhone em New York, acabam por seguir as notícias geradas pela própria Apple no aplicativo iNews (ainda não disponível no Brasil). Neste aplicativo, pode-se selecionar quais meios de comunicação desejam seguir para receber as notificações de notícias, por categoria. Apesar de mais da metade dos entrevistados dizer que busca informações sobre o Brasil e sobre o mundo de uma forma geral, ao ir mais a fundo nas entrevistas, percebe-se que essas informações muitas vezes chegam por meio de conversas em grupos de What's App. Para os entrevistados com formação jornalística há uma segunda tarefa de verificação da fonte enviada

nos grupos familiares e de amigos no What's App. Com raras exceções, a maioria dos entrevistados costumam manter o contacto com familiares e amigos pelo aplicativo What's App. Normalmente entre amigos encaminham-se mensagens de texto e de voz. Já entre familiares há uma maior liberdade as ligações. Mas há alguns casos em que os entrevistados só mantêm contacto por mensagens. O *Direct Messenger* do Instagram passa a ser um segundo lugar para amigos manterem o contacto. O diálogo é iniciado por meio dos *stories* do Instagram. Já o *messenger* do Facebook fica destinado àqueles que não possuem mais intimidade por algum motivo e desejam retornar o contacto, foram colegas de trabalho, parentes distantes, foram colegas de universidade ou, até mesmo, escola. Esse comportamento é bastante presente entre os *Millennials* imigrantes brasileiros.

Para aqueles que acabam tornando-se pais em New York, a vida lhes exige uma responsabilidade que nem sempre permite o recurso de possuir o auxílio da rede familiar por perto. Aos que possuem, é um privilégio que lhes confere uma maneira de perpassar a brasilidade do país de origem de forma mais fluida. Seja por meio do idioma, da cultura musical, da comida, dos costumes gerais culturais, da arte brasileira ou, para alguns casos, até mesmo da literatura. Aos que são religiosos cristãos, a igreja lhes fornece um apoio emocional que permitirá um acompanhamento como uma rede de suporte. Entretanto, àqueles que precisaram criar seus filhos em New York apenas entre si, pais e mães, ou como mães solo, este processo de criação dos filhos pode ser delicado. Em quaisquer dos casos, ser mãe e pai num país anfitrião e perpassar a identidade da diferença, quando se compara o país de origem em meio a um processo de assimilação ou de transmutação em uma nova cultura, portanto, a cultura do país anfitrião, é um processo de extremo cuidado e contínuo trabalho árduo. No caso dos Estados Unidos e de New York, considera-se, aqui, o processo como sendo mais assimilacionista.

Para os pais que tiveram a oportunidade financeira de passar as férias escolares de verão no Brasil, esse período foi de extrema importância na socialização de seus filhos no idioma português, identidade e cultura brasileira. Dentre esses pais, alguns tiveram a oportunidade de matricular os filhos em escolas no Brasil durante o período das férias de verão em New York, permitindo aos filhos terem a experiência de estudar tanto numa escola brasileira quanto numa escola

americana, em New York. Algumas dessas crianças apresentaram dificuldades em disciplinas escolares no Brasil, pelas diferenças no aprofundamento de disciplinas como matemática e pela falta de aulas de gramática em português. Entretanto, a vivência lhes proporcionou a oportunidade de fazer amizades que ainda são cultivadas mesmo com a distância por meio de conversas em what's app. Além de uma experiência de liberdade e vivência com a diversidade étnica e de natureza que a vida urbana de New York não lhes proporciona no cotidiano.

Mesmo no caso da cidade global de New York, os bairros são coloquialmente conhecidos pelos suas respectivas políticas de identidade. Ou seja, Astória como sendo de imigrantes brasileiros, Harlem tendo uma parte porto riquenhas e latina versus a parte afro-americana, Manhattan East Side versus Manhattan West Side, Bronx e muitos outros lugares. Uma distinção peculiar aos olhos de quem vem do Brasil e, principalmente, de quem vem do Rio de Janeiro. Onde cada bairro, apensar das suas divisões de classe sócio-econômica, possuem uma diversidade para além do meramente explicitado. Abaixo serão apresentadas algumas histórias de *Centennials* entrevistados sob autorização e presença de seus respectivos pais:

Leandro, 22 anos.

Leandro chegou a New York ainda muito pequeno, com apenas 4 anos de idade. Seu processo de socialização foi iniciado no Brasil, entretanto pouco se recorda dos primeiros anos de vida. O processo de socialização em si ocorreu em New York, onde Leandro cresceu e vive até hoje, com seus pais e tios. Sua família imigrara para a cidade há aproximadamente 30 anos atrás, alguns de seus familiares retornaram para o Brasil e outros decidiram permanecer. Adaptaram-se no país, na cultura e na cidade de New York. Leandro cresceu em uma família que valorizava o ensino escolar, seus pais buscaram aprimorar-se academicamente. A mãe seguiu no setor biomédico e o pai seguiu a carreira de professor universitário. Ambos os pais conheceram-se no Brasil e chegaram a viver juntos por lá. Mas decidiram retornar a New York e refazer a vida na cidade.

Mesmo com um excelente currículo acadêmico, Leandro não deseja perseguir uma carreira como a dos pais ou a dos tios que permaneceram em New York, arquiteto e artista plástica. Possivelmente inspirado pelas histórias de seus

familiares que serviram no exército contra a ditadura militar no Brasil e juntamente com o gosto que possui por seriados americanos policiais, Leandro traçou um plano de carreira para tornar-se servidor público. Hoje faz jiu jitsu e *Associate Degree in Criminal Justice*, com o desejo de entrar para *National Guard de New York Police Department*. Leandro foi criado numa família cujo senso de justiça é muito forte e presente. Assim como as histórias da ditadura militar são compartilhadas como parte das histórias familiares por terem afectado o curso familiar de todos os seus integrantes. Apesar de Leandro dizer-se americano, a sua base brasileira encontra-se muito presente na constituição de quem ele é, e busca ser como profissional. Esta contribuição da brasilidade de Leandro, com o senso de justiça, com a sua percepção de cuidado com o outro e amorosidade frente aos colegas (como relata sua mãe), são traços que ambos os pais e os tios buscaram passar e contribuir sobre como é ser um brasileiro.

Matheus, 17 anos.

Matheus nasceu em New York de pais brasileiros que, inicialmente, chegaram como não-documentados. Entretanto, assim como Matheus e seus irmãos, são cidadãos americanos. Apesar de ter feito a sua socialização nos Estados Unidos, Matheus tem uma vivência dentro da comunidade brasileira. Seja ela religiosa da Igreja Batista ou apenas a comunidade brasileira em que seus pais estão envolvidos. Parte da identidade brasileira de Matheus é perpassada pelos pais por meio de hábitos alimentares, da tentativa de falar o idioma português com os filhos e do facto do pai ser professor de capoeira, que lhe confere um permanente estudo sobre a cultura da capoeira e a escravidão no Brasil. Entretanto, Matheus apresenta dificuldade em comunicar-se em Português, assim como muitos filhos de imigrantes. O ensino de gramática é uma lacuna desejada por muitos pais, entretanto nem tão desejada pelos filhos.

De acordo com a sua mãe, Matheus é um jovem garoto introvertido de gostos mais *nerds*. Desde criança apresentava uma atenção e curiosidade elevada por trens até entrar para a adolescência. Quando decidiu perseguir a carreira profissional de trabalhar na companhia que cuida das linhas de trem em New York. Para Matheus, a sua diversão é aprender mais sobre trens com os seus amigos.

Sua mãe percebe a diversidade e habilidade em cada filho e busca dar espaço para desenvolver as capacidades necessárias em cada um. Matheus é o primogênito de quatro, entre irmãos e irmãs. Mesmo com as dificuldades que os pais tiveram para criar uma família com quatro filhos, a vida vai lhes proporcionando oportunidades para desenvolvê-los da melhor forma possível. As idas aos museus e ao cinema são um dos muitos programas em família que fazem para aproveitarem juntos os momentos em família.

Camila, 18 anos.

Camila nasceu em New York de uma mãe brasileira e um pai colombiano. Hoje criada por uma mãe solo, Camila relaciona-se mais com os amigos da igreja e comunidade brasileira. Podendo ter alguns amigos da escola. Camila é muito introvertida, passa considerável tempo estudando e considera-se exausta nos momentos de descanso. Por causa disso, não sente desejo de buscar além. Gosta de ver programas no YouTube sobre bebês e comida, mas não deseja concretizar as receitas. Não tem ânimo para ler outros livros para além daqueles que já lê e estuda na escola. A realidade escolar de Camila em muito se assemelha à realidade escolar dos adolescentes em New York quando percebem seus dias repletos de atividades escolares e extra curriculares.

Preocupada em passar a identidade brasileira para a filha, a mãe de Camila buscou levá-la para o Brasil durante as férias de verão e matriculou-a numa escola para que pudesse ter a experiência de estudar no Brasil. Um sistema de ensino completamente diferente dos Estados Unidos. Um privilégio que Camila reconhece ter. Quando tem a oportunidade de visitar o Brasil, apresenta uma liberdade que não possui em New York para regozijar-se.

Mãe e filha relatam o prazer do descanso nesses momentos, o prazer do ócio e da simplicidade despreocupada. A vida de Camila em New York gira em torno da preocupação em fazer a manutenção das notas escolares altas, gerando um esgotamento físico e emocional. Mãe e filha se dão apoio em amizade e parceria.

Nem todos os filhos de imigrantes brasileiros, considerados imigrantes 1.5 por fazerem a sua socialização no país anfitrião, apresentam tanta dificuldade de falar o idioma português. Alguns pais tiveram a preocupação de introduzir uma professora de gramática e introduzir livros de literatura brasileira aos filhos no decorrer dos anos. Outros ofereceram aos filhos a possibilidade de retornarem ao Brasil e estudarem por um período de tempo, se assim desejassem. Neste caso, alguns filhos de imigrantes brasileiros fizeram o final do ensino médio e concluíram a faculdade. Outros retornaram ao Brasil com o intuito de fazer a faculdade, entretanto, perceberam uma diferença no conteúdo exigido para o vestibular³⁴ e/ou ENEM³⁵, o que lhes conferiu uma desistência de permanecer no curso com o passar do tempo. Para esses casos, houve o retorno a New York e, com o diploma de ensino médio, eles conseguiram um trabalho. Outros filhos de imigrantes brasileiros, após fazerem a faculdade decidiram retornar a New York por não se adaptarem ao sistema de trabalho brasileiro. Havia um conflito de culturas e, também, de interesses pela parte desses brasileiros nascidos nos Estados Unidos.

Um ponto interessante de perceber é a aparente dificuldade dos brasileiros nascidos em solo estadunidense, filhos de imigrantes brasileiros, em fazer amizade no período escolar. Aparentemente, a educação brasileira passada pelos pais imigrantes aos filhos focaliza o cuidado com o outro e a aproximação do outro como parte do grupo. Já a cultura e identidade estadunidense focaliza o individualismo desde o período escolar, nos pequenos detalhes como especificar que "não se deve abraçar qualquer pessoa". Ou seja, deve-se pedir a permissão para abraçá-la. Retirando a própria espontaneidade do acto de abraçar. Algo que a identidade brasileira não ensina e os pais percebem-se em conflito ao explicar para seus filhos as distinções e diferenças entre ambas as identidades e culturas. Essas questões podem abrir espaço para questionar o porquê certos adolescentes e jovens imigrantes brasileiros são introvertidos e não apresentam muitos amigos, em comparação com a primeira geração de imigrantes brasileiros, cuja socialização fora feita em solo brasileiro. Portanto, supostamente apresentam uma expansividade aos olhos do outro, mesmo quando são em si introvertidos. Finalmente, a dificuldade dos imigrantes brasileiros, nascidos nos Estados Unidos ou que fizeram sua socialização

³⁴ Sistema de entrada nas faculdades brasileiras.

³⁵ Exame Nacional do Ensino Médico

em solo estadunidense, em distinguir o conceito de cidadania versus o conceito de ascendência é frequente. Até mesmo aqueles que já haviam terminado a faculdade ainda se percebiam com dificuldade em fazer tal distinção. O ensino escolar estadunidense é focalizado num ensino técnico, sem apresentar um conhecimento generalista e aprofundado sobre diversas disciplinas. O que leva muitos imigrantes brasileiros socializados no sistema de ensino estadunidense a ter dificuldade de adaptar-se ao sistema brasileiro de ensino³⁶. Portanto, vai além de simplesmente não saber o idioma oral e a sua gramática. No caso de New York, há um perpétuo esforço da comunidade brasileira diaspórica em dar continuidade a identidade brasileira.

³⁶ Considera-se para esta tese o sistema brasileiro de ensino antes das propostas de modificações no Plano Nacional de Educação.

CONCLUSÃO

Desenvolver um "pensar comunicação" de uma forma sistémica requer que haja um retorno à própria história da evolução dos Estudos de Comunicação. Para que se possa compreender o carácter interdisciplinar que havia na constituição da própria área como ciência e como ela foi aos poucos especializando-se em práticas e técnicas direccionadas ao mercado. É necessário não deixar-se perder na percepção mercadológica de obsolescência do produto para que se prevaleça a evolução das investigações nos Estudos de Comunicação. Assim, os paradigmas de comunicação surgem para apresentar as transformações presentes nos Estudos da Comunicação até a contemporaneidade. Entretanto, aqui sem aprofundar as questões matemáticas relativas à constituição sistémica da teoria em si.

Como um dos objectivos, tenciona-se compreender a percepção sistémica dos Estudos de Comunicação, levando às suas influências em informação, comunicação, cultura e identidade. Entretanto, neste momento da investigação, pôde-se apenas apresentar as raízes que levaram a formação dos Estudos de Comunicação sob uma perspectiva interdisciplinar, em que se questionava, debatia e investigava sobre diversas epistemologias, *praxis* e *techné* que pudessem levar a uma multiplicidade de metodologias aplicáveis ao mercado de trabalho dentro e fora da academia. A apresentação da possibilidade de haver vagas de paradigmas nos Estudos de Comunicação leva à observação evolutiva do campo e à sua especialização direccionada à *praxis* e à *techné*.

Portanto, apresentam-se aqui como paradigmas nos Estudos de Comunicação o individualismo; o método interpretativo por meio da experiência subjectiva; o comportamento no sentido de persuasão; *agenda-setting*; conceito de *Message-Learning Approach* e os conceitos de teoria da informação e cibernética. Entende-se que este é o princípio de uma investigação sobre a quebra de paradigmas nos Estudos de Comunicação e, portanto, dá-se por incompleta. Exigindo uma demanda maior de tempo e uma exigência de mais leituras para avaliar a abrangência da temática proposta. Entretanto, é perceptível que o "pensar comunicação" faz-se sob uma perspectiva sistémica interdisciplinar desde o seu princípio. Podendo, hoje, ser reavaliado para uma perspectiva transdisciplinar, ao contrário de uma perspectiva multidisciplinar como vem sendo abordado por alguns

investigadores. Os Estudos de Comunicação são por excelência e essência interdisciplinares. Neste momento, a evolução do campo, em certos aspectos, decorrerá da capacidade de alterar para a transdisciplinaridade ou perpetuar a manutenção da interdisciplinaridade.

Dentro desta perspectiva dá-se a possibilidade de investigação tanto do *ser* estrangeiro, migrante, como da identidade do mesmo em sua diversidade. Foi a partir da hipótese de representar a jornada do estrangeiro no diálogo *O Sofista* que se desenvolveu o que aqui foi chamado por teoria da jornada dionisiaca. Ou seja, tem-se na representação de Dionísio, um estrangeiro aos deuses do Olimpo, a busca de seu lugar de pertença.

Portanto, aquele estrangeiro que migrava pela via da sua *tékhne* como mercador de cidade em cidade, carregou consigo a capacidade de adaptar-se para além da sua morada, adaptando-se ao *habitus* local ao tornar-se um hóspede porta a dentro, conhecedor dos costumes e cultura nas casas. Tornou-se família, parte integrante do núcleo físico e moral até tornar-se, também, parte integrante da comunidade, *polis*. De peregrino e forasteiro por vir de terras distantes, transformou-se em família, pertencente e participante dos costumes da casa. Essa parte mais sagrada e reservada, onde a porta física distinguia uma separação entre tudo aquilo que ocorria e permanecia no espaço de fora versus aquilo que ocorria e permanecia no espaço de dentro — sempre privado e reservado. De *imigrante*, estrangeiro, gradativamente passava a conquistar o seu lugar de pertença, a sua identidade, passava a Ser.

Entretanto, o Estrangeiro de Eléia, em sua busca por pertença e identidade ainda manteve-se em trânsito e transmutação. Esse percurso pode ser percebido e compreendido por meio da jornada dionisiaca em busca de seu lugar de pertença como um deus em plena potência no Olimpo. Em cada uma das mortes e renascimentos de Dionísio — como Zagreu, como Dionísio e como o guerreiro que peregrina — a deidade passa novamente sempre por uma gestação virginal e por uma morte mítica em fogo e água — elementos que simbolizam *pathos*. O percurso, em busca da pertença no Olimpo, faz com que Dionísio amadureça como deus e adquira as mesmas qualidades e potências de uma deidade pertencente ao Olimpo — Dionísio desce ao Hades, habita a Terra e ascende ao Olimpo, adquire gradativamente os tributos de guerreiro, um culto orgiástico, sacerdotal e, ao mesmo

tempo, político. A jornada de Dionísio qualificou o deus como pertencente ao Olímpo e à *Pólis* ao mesmo tempo em que adquiriu um templo seu. Ao transpor essa jornada para a perspectiva do “homem livre”, pode-se dizer que o “homem livre” se apresenta com um avatar da grande casa e, em outra escala, também da *polis*. Portanto, o estrangeiro apresentará uma jornada semelhante a de Dionísio em busca de seu reconhecimento e pertença na *polis* — vide a relação *xénos*, *philos* e *aidos*. Tríade presente à medida que o estrangeiro se torna cada vez mais pertencente à sociedade em que se encontra, ou seja, a virtude entre aqueles que são mais que amigos, já são considerados família por participarem intimamente do mesmo convívio, deixando de lado — “porta a fora” — aqueles que são estrangeiros.

No diálogo *O Sofista*, o Estrangeiro de Eléia apresenta justamente essa transição de posições entre aquele que está “porta a fora”, daquele que está “porta a dentro”. Ele está sendo posto à prova para que seja absorvido pela sociedade ateniense como tal. Pelo método da divisão de Platão, o Estrangeiro de Eléia será testado sobre seu Ser — sofista ou filósofo. Neste momento, a questão da distinção e da diferença entra como fundamental para a elaboração da identidade e da busca pela pertença da personagem Estrangeiro de Eléia. Só se faz possível distinguir e diferenciar aquilo que é uno daquilo que é múltiplo no momento em que fazer conhecer. O não-conhecimento traz o *caos* e conseqüentemente a ausência de ordem faz com que não se possa identificar e, com isso, tampouco pertencer. É por isso que o cerne de *O Sofista* consiste em distinguir se o Estrangeiro de Eléia é um sofista ou um filósofo. Um manipulador ou um profundo conhecedor de *sophia*. Entretanto, este diálogo de Platão ainda deixa em aberto a busca pela pertença na sociedade ateniense. A personagem Estrangeiro de Eléia permanece sem apresentar o seu nome próprio, apenas a sua cidade de origem, um indicador de afastamento — “porta a fora” entre a sociedade e a personagem Estrangeiro de Eléia, o qual está sendo testado.

Por fim, a jornada dionisíaca e a trajetória de busca pela identidade e pertença da personagem Estrangeiro de Eléia em *O Sofista*, mostra suas influências ao longo do tempo e da história nas áreas das Ciências Sociais Aplicadas, como na Escola de Chicago por meio de autores como George Simmel, Robert Park entre muitos outros autores. Possibilitando, assim, uma evolução dos conceitos de acordo com o contexto apresentado e vivenciado em cada época.

Para além da própria jornada do estrangeiro em busca do seu lugar de pertença, há também uma questão política-económica voltada para o pensamento estratégico da constituição e forja identitária de um país como uma nação. Desde a regulamentação das fronteiras, a constituição dos direitos e deveres, e questões diplomáticas, até a própria estratégia na formação identitária como um grupo. Com isso, a história do Brasil possui alguns mitos tradicionais de formação de identidade a partir de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Roberto Da Matta. O primeiro apresenta o lusotropicalismo como uma estratégia positivista que leva ao branqueamento pela mestiçagem, supostamente agregando valor à população brasileira. O segundo busca apresentar o conceito de jeitinho brasileiro com base nas relações patriarcais dentro da casa grande e da senzala e, conseqüentemente, como essas relações foram levadas a esfera das relações públicas nas cidades e dentro do trabalho burocrático para o Estado. O terceiro aborda a identidade brasileira sob a perspectiva de três influências, indígena, portuguesa e africana. Desconsidera a diversidade indígena, a África como um continente diverso em etnia e países, e o facto de tanto indígenas quanto negros africanos terem sido colonizados, retirados de suas condições originais de vida e subjulgados antes de adquirirem o *status* de cidadãos. Esses três intelectuais compuseram importantes mitos identitários brasileiros, mas ao mesmo tempo, estavam imersos em diferentes perspectivas que os levaram a não considerar tais questões quando elaboraram suas teorias e seus pensamentos.

O Brasil é um país diverso em termos de identidade, composto por inúmeras influências indígenas, uma diáspora africana, imigrantes de diversos pontos da Europa, principalmente portugueses, asiáticos advindos do Japão, China e Coreia, refugiados da Síria e de países africanos, asilados políticos da antiga URSS, de variadas religiões como judeus, muçulmanos, espíritas e uma diversidade cristã imensa. O Brasil possui uma diversidade étnica e religiosa, apesar de ser um país maioritariamente católico mesmo sendo laico. É um país que possui uma forte influência portuguesa, principalmente por ter recebido o Império e, com isso, vem o jeitinho brasileiro e as relações patriarcais associadas dentro e fora da casa grande. Mas também possui inúmeras outras influências justamente por causa de sua diversidade de imigrantes. Desconsiderar a sua diversidade, é desconsiderar a sua própria identidade. É provável que o jeitinho brasileiro, advindo do “homem cordial”,

que Buarque de Holanda propôs, seja a linha capaz de coser os tecidos dessa diversidade étnica presente no Brasil. Isso não extingui o preconceito, o racismo¹ e a xenofobia, mas torna a cena para esses acontecimentos e crimes factos distintos em um país como o Brasil.

É ao pensar nesta base portuguesa que o país se une aos demais com o mesmo idioma principal, o português. O espaço lusófono passa a servir de um lugar imaginário passível de acolher os imigrantes brasileiros, assim como os diversos imigrantes de língua portuguesa diaspóricos. Estrategicamente, o Brasil, encontra-se na posição de também compartilhar um espaço imaginário com os países pertencentes da América Latina, apesar de ser o único falante de língua portuguesa. Hoje, esse espaço estratégico na América Latina pode ser percebido em congressos académicos, em empresas que possuem diretores gerais para a América Latina, em investigações que adentram práticas culturais nos limites fronteiriços, apresentando semelhanças antes não conhecidas. Assim como, em acordos governamentais feitos no Mercosul. Entretanto, para perguntas censitárias nos Estados Unidos, o Brasil é um país a parte da América Latina, assim como em perguntas de processos seletivos empresariais no mesmo país. O que põe o próprio brasileiro a se questionar em como ele deve se apresentar, se identificar em território estadunidense. Ainda que no seu próprio país, nem sempre tal questionamento lhe fora posto em prova.

Dentre os diversos brasileiros que decidem sair e tornar-se imigrantes em países anfitriões, muitos destinam-se aos Estados Unidos. Tem-se apenas uma estimativa do valor total de imigrantes tanto nos Estados Unidos quanto nos demais países, devido à situação de documentados *versus* não-documentados. Entretanto, a movimentação de imigrantes é um fenómeno mundial que se mantém cada vez mais forte. A migração transnacional é um fenómeno, ter mais de uma cidadania é uma realidade. Lidar com as questões identitárias e com as questões de Estado dentro da percepção tradicional de fronteira e cidadania já não cabem mais ao debate contemporâneo.

Aos poucos o conhecimento sobre migração foi constituído, seja por meio de histórias e memórias entre familiares, seja por meio da migração familiar, ou mesmo de viagens familiares e individuais que despertaram desejos capazes de impulsionar

¹ Atenção, no Brasil racismo é crime passível de prisão.

uma migração. Cada entrevistado possui uma jornada de migração particular que o levou até New York.

Para se pensar nos jovens *Millennials* e *Centennials* imigrantes brasileiros em New York é preciso pensar primeiro em quem eles são no Brasil e quem eles são nos Estados Unidos. Os *Millennials* brasileiros são uma geração que cresceram com pais *Baby Boomers* sob a restrição da ditadura militar no Brasil e a hiper-inflação que levou o país a imensas dificuldades económicas. Eles identificam a construção identitária, do *Self*, associada a independência financeira. Independente de estarem ou não residindo com os pais. Aqui o importante é ter poder de consumo para conseguir fazer do próprio corpo um quadro representativo da sua identidade. Pode-se dizer que é algo relativamente semelhante à segunda geração de italianos, já nascida nos Estados Unidos, que fez uso do corpo para assegurar a sua "italianidade" à moda estadunidense. Ou seja, mostrando como se vestiam, como cortavam os cabelos, como esculpiam os corpos ao malhar (no caso dos homens) etc. A íntima relação que a geração *Millennial* possui com os pais difere-se da geração precedente, geração Y, que buscava uma conquista do individualismo, porém sem consciência de suas raízes e da percepção de grupo.

O *Millennial* busca um diálogo, no entanto sem o estabelecimento de hierarquia. Um diálogo prezando pela horizontalidade das relações afetivas e sociais, expandindo a convivência em comunidade. Ao contrário do que a geração *Baby Boomer* os percebe, os *Millennials* buscam uma estabilidade financeira e familiar. Entretanto, diferente do tradicional ofertado tanto para a geração *Baby Boomer* quanto para a geração Y. Os *Millennials* buscam a manutenção do prazer e do hedonismo com a rotina do trabalho. Trabalhar por trabalhar, sem paixão é para um *Millennial* "morrer" gradativamente. Por isso, o questionamento da espiritualidade, busca-se cada vez mais trabalhos fora do padrão tradicional de escritórios, a estabelecer supostos propósitos de vida como desejos enaltecidos de ficar rico e famoso. A manutenção do prazer e do hedonismo faz com que saiam em busca de algum tipo de "aventura". No caso do *Millennial* brasileiro, a tríade família-carreira-segurança é bastante presente na percepção valorativa de identidade. A mostrar que ainda há uma influência na percepção tradicional paternalista referenciada nos intelectuais como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Roberto Da Matta.

Ao mesmo tempo em que qualificam-se cada vez mais aos cargos em que se propõem no trabalho, o *Millennial* deseja revolucionar o mercado de trabalho e as relações sociais-afetivas. Ele encontra-se na saída da Era Analógica para a entrada da Era Digital. Por isso, pode-se dividir a geração *Millennial*, em dois momentos, os que se encontram neste ponto de transição das eras e os que se encontram no primeiro momento da Era Digital. Já os *Centennials* são uma geração mais recente e ainda mais digitalizada, que não passaram pela Era Analógica, apenas dela ouviram falar. Sua formação de pensamento e sinapses é ainda mais rápido e distinto da geração anterior. São considerados mais pragmáticos. Entretanto, ambas as gerações possuem uma alta dose de busca por prazer e hedonismo e a percepção de independência como formação da identidade por meio do consumo.

Quando se pensa nos jovens imigrantes brasileiros em New York, pensa-se naqueles que foram depois de adultos e aqueles que, de alguma maneira, fizeram a sua socialização nos Estados Unidos. Muitas famílias conseguem ensinar o idioma português até a entrada dos filhos nas creches e escolas. Ou para aqueles que já vieram sabendo o idioma, mantém em casa. Entretanto, no momento em que entram para as escolas vão gradativamente absorvendo o inglês como idioma oficial e, se não houver insistência por parte das famílias, perdem a fluência. Uma das dificuldades mais apresentadas durante as entrevistas é a dificuldade de passar o português como idioma para os filhos, acrescido da cultura brasileira como música, literatura e história do Brasil. Outra questão a ser levada é a busca pela autonomia do *Millennial* e do *Centennial*, sejam eles nascidos no Brasil ou nos Estados Unidos. O início da busca pela autonomia de si dá-se na entrada da adolescência e permanece para essas duas gerações em associação à estabilidade financeira. Assim como, também, em concomitância com a tríade família-carreira-segurança. É uma percepção de auto-suficiência distinta das gerações anteriores.

Portanto, sobre o objecto da identidade de jovens imigrantes brasileiros em New York, aqui serão respondidas às três hipóteses apresentadas anteriormente: (1) se a 2ª geração de imigrantes brasileiros em New York possui uma forte assimilação ao país anfitrião na constituição de sua identidade; (2) se os jovens e jovens adultos imigrantes brasileiros possuem e vivem em um “sonho de Alice” em New York e; (3) se os jovens imigrantes brasileiros não-documentados são passíveis de tornarem-se transacionais e transculturais em New York.

Já é conhecida tanto no imaginário brasileiro quando no imaginário de diversos outros países a percepção de “fazer a América”, ou seja, de imigrar para os Estados Unidos e por meio de “muito trabalho duro” conseguir juntar dinheiro, e ascender em termos sócio-econômicos. Entretanto, essa percepção tem perdido espaço para uma outra, categoria aqui chamada de viver o “sonho de Alice”, cuja referência encontra-se no livro *Alice no País das Maravilhas* de Lewis Carroll. Sendo os Estados Unidos representado como o “país das maravilhas”.

Em muitas das entrevistas feitas por meio do método bola-de-neve, pôde-se constatar que há uma distinção entre a intenção de saída do país de origem, relacionada ao desejo, e a motivação de saída. Com isso, tanto a geração *Baby Boomer* quanto a geração *Millennial* já apresentavam uma intenção de saída fundamentada no desejo de aventurar-se. Porém, não são todos que apresentam a aventura como a mesma motivação. Tampouco, as intenções e motivações são únicas, elas podem mesclar-se ou associar-se às outras intenções e motivações. No caso do “sonho de Alice” é preciso distinguir que este perfil está diretamente relacionado ao desejo de aventurar-se em algum grau. Em particular, dentre as mulheres, este perfil também apresenta casos de mulheres que sonham em encontrar um possível par romântico que lhes possa passar o *Green card* pela via do casamento. Esse acto diferencia-se do *Green card* comprado pela via do casamento². Há um deslumbramento em quem busca aventurar-se pelo “sonho de Alice”, com base na abundância de consumo e na busca pela autonomia financeira. Ambas quando em comparação com percepção que possuíam de suas vidas no Brasil e, para alguns casos, associadas ao consumo de meios de comunicação como filmes, seriados e programas televisivos que firmavam a percepção de New York como cidade global, passível de todos os sonhos acontecerem e de autonomia financeira para qualquer um.

A categoria família é representada por aqueles que deseja fazer reagrupamento familiar de alguma maneira. Esta categoria não se encontra sozinha no caso de intenção tampouco no caso de motivação. Há casos em que o desejo de reagrupamento familiar vem acompanhado pela categoria de fuga (nesta tese representado pela busca de asilo político nos Estados Unidos). Há outros casos em que a categoria de reagrupamento familiar está associado à categoria de aventura,

² Não se pode informar o mesmo com relação aos homens pela falta de entrevistados. Por isso, é inconclusivo se há ou não homens que desejam casar para conseguir o *Green Card*.

pois diz respeito tanto à união de um casal quanto ao desejo de aventurar-se em um país e em uma cultura completamente diferentes da sua própria cultura. Em outros casos a categoria família diz respeito ao reagrupamento de uma família, motivados pelo oportunidades de trabalho e crescimento de carreira profissional.

A categoria academia, assim como as demais categorias, também é outra que não se encontra isolada quanto a intenção e a motivação. Portanto, pode estar associada tanto a categoria de aventura, quanto a categoria de trabalho, buscando mais oportunidades para o crescimento da carreira profissional. Ou mesmo, buscando uma mudança de abordagem na carreira que no Brasil não seria tão facilmente aceitável, como alguns entrevistados que trabalham na área de finanças e optaram por fazer mestrado e MBA nos Estados Unidos, para em seguida exercer a profissão em New York — cidade global considerada uma das principais cidades de crescimento profissional na área. Por fim, a categoria de trabalho é aquela que abrange desde imigrantes brasileiros em busca de oportunidades que acreditam não serem possíveis no país de origem por questões econômicas, até imigrantes brasileiros que efectivamente migraram e encaminharam seus currículos para diversos estados em busca de trabalho em suas respectivas áreas de actuação. Também inclui aqueles que possuem um planejamento profissional e percebem trabalhar em New York, cidade global, como uma evolução na carreira, algo que independente de salário e cargo, o Brasil não lhes poderia prover. Nesse caso, esses imigrantes brasileiros buscam não só New York, como outras cidades globais como possibilidade de evolução de carreira.

É importante destacar que em diversos casos, a construção do desejo de sair do país de origem foi aos poucos fundamentada em trocas de experiências com familiares. Assim como, também, foi fundamentada por meio da própria experiência do entrevistado em processos de migração interna no país de origem. Esse processo de familiarização com a jornada de migração é importante para que o próprio sujeito seja capaz de reconhecer as experiências que lhe vão ocorrer uma vez que estará distante de sua rede de suporte emocional. Tendo que constituir uma nova rede de apoio, ao passo que, também, fará a manutenção da sua antiga rede de suporte (seja ela familiar, de amigos, colegas de trabalho etc.). Os *Millennials* diferem de muitos *Baby Boomers* imigrantes brasileiros que possuem consciência

financeira e, com isso, possuem algum tipo de investimento no Brasil. Contrariando as investigações e publicações feitas com base em ambas as gerações.

Nem todos possuem a consciência financeira e a percepção de que podem investir no Brasil mesmo na diáspora, por isso pedem saída fiscal. Outros sequer compreendem a possibilidade de pagar o INSS, assegurando-lhes uma outra possibilidade de aposentadoria no futuro. Alguns não possuem planejamento financeiro, enquanto outros fazem todos os seus planejamentos financeiros nos Estados Unidos. Essa confusão em relação ao conhecimento financeiro dos *Millennials* imigrantes nos Estados Unidos vai de encontro à pesquisa desenvolvida pelo Dossiê Universo Jovem MTV (2010) que identifica um desejo de tornar-se financeiramente autónomo e de desenvolver uma carreira. Os *Millennials* residentes em New York são, em sua maioria, financeiramente autónomos independente do tipo de trabalho que fazem. Mesmo com o facto da cidade de New York ser uma das mais caras para se viver. O que faz com que a manutenção da vida seja alta para seus residentes.

Entretanto, o facto de serem financeiramente autónomos nem sempre está associado aos conhecimentos financeiros que possuem. Identificando a capacidade de organização financeira, planejamento para a posteridade tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, mesmo sendo residentes no país anfitrião. Para aqueles que trabalham em finanças esse conhecimento faz parte do quotidiano. Entretanto, dentre os *Millennials* imigrantes brasileiros apenas uma pessoa entrevistada possuía conhecimento sobre a importância contribuição financeira no país de origem para a possibilidade de uma aposentadoria. Assim como um planejamento financeiro que lhe permitisse estar no Brasil e nos Estados Unidos quando fosse possível. Igrejas protestantes e evangélicas fazem trabalhos de conscientização financeira com os seus utentes para que possam administrar melhor os seus bens tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil.

Apesar de 46,8% dos entrevistados terem entrado nos Estados Unidos com o visto de turista, o perfil do brasileiro não é de permanecer como não-documentado. Rapidamente o imigrante brasileiro busca tornar-se um documentado e regularizar sua situação. Se não conseguir a documentação necessária, retorna ao Brasil para não expor-se à situação de documentação irregular. A possibilidade desta alta percentagem com o visto de turista pode estar associada ao desconhecimento da

viabilidade de entrada como documentado nos Estados Unidos de forma mais clara e coesa na legislação.

O imigrante brasileiro, mesmo depois de adaptado à cultura dos Estados Unidos e à New York, ainda apresenta alguns pontos de atrito em que se expressa por meio de estereótipos. Como as distinções de importância entre *Thanksgiving* e Natal. Visto que no Brasil a data de Ações de Graças não é comumente celebrada, mas na cultura estadunidense sim. Neste caso, para uma cultura majoritariamente católica como a brasileira, a festividade natalina faz-se como uma reunião familiar de até dois dias (24 e 25 de dezembro) para que o brasileiro possa agregar a família de ambos os cônjuges. No caso de outras religiões, essa festividade pode ser percebida como uma festividade cultural³ ou poderá simplesmente não ser comemorada. É no Natal que os brasileiros trocam presentes, reúnem as famílias para grandes comemorações com conversas e comida. A percepção entre essas festividades para imigrantes brasileiros que vivem há décadas em New York ainda faz-se bastante distinta, como se Natal fosse uma festividade de segunda ordem de importância quando comparada ao *Thanksgiving*. Nem todos os imigrantes brasileiros percebem essas festividades da mesma forma, entretanto é possível que haja uma questão da ordem de adaptação à cultura estadunidense nesta comparação.

Da mesma maneira há uma generalização por parte dos próprios brasileiros quando acreditam que no Brasil há mais facilidade de fazer amigos. Isso se dá ao facto de ser pertencente à cultura brasileira, de conhecer os meandros do “homem cordial” e do jeitinho brasileiro. Algo muito distinto à cultura estadunidense baseada no *WASP*⁴. Essa possibilidade de entrada e saída da informalidade para a formalidade confunde muitos imigrantes no Brasil. Assim como também confunde muitos imigrantes brasileiros que já se sentem adaptados a culturas do hemisfério norte e não tem a frequência de visitar o país de origem. Tanto o brasileiro quanto o estadunidense possuem estereótipos sobre si mesmos e sobre o outro que perpetuam ao olhar o imigrante. Assim como ao se olhar como imigrante *versus* o brasileiro residente no país de origem.

³ Neste caso, a percepção de que o Natal é o nascimento de Jesus, apresentada pela religião Cristã não encontra-se presente ao longo da festividade. Apenas a reunião com a família, amigos e, possivelmente, troca de presentes, rodeados de boa conversa e boa comida.

⁴ *White Anglo-Saxon Protestant*.

Independente das categorias apresentadas, em geral, há uma dificuldade do imigrante brasileiro em planejar-se para o projecto de migração para os Estados Unidos. Esse perfil é distinto dos imigrantes brasileiros residentes em Portugal, país em que o Brasil possui inúmeros acordos para facilitar equivalência de diploma nas áreas de saúde, direito e engenharia. Assim como possui uma convenção sobre igualdade de Direitos e Deveres entre brasileiros e portugueses, o Estatuto de Igualdade⁵, que garante a igualdade de direitos e deveres em ambos os países. Tanto o brasileiro quanto o português devem pedir pela igualdade de direitos e deveres, uma vez estabilizados no país anfitrião (Brasil ou Portugal). Outro ponto importante é o chamado “Acordo Lula⁶” que prevê o pagamento da metade da multa ao imigrante não-documentado em Portugal, para que ele possa tornar-se documentado com “mais facilidade”. Portugal também abriu a oportunidade de aceite do ENEM⁷ como forma de entrada nas suas universidades, além de permitir aos aposentados brasileiros que possam viver no país com um visto específico para aposentados brasileiros. Esses e inúmeros outros acordos feitos entre Brasil e Portugal são difundidos nos *media* por meio da televisão, rádio, jornal impresso, jornal on-line e revista.

Algo distinto quando se relata as relações entre Brasil e os Estados Unidos, mesmo na divulgação de informações de acordos e formas de migração. O imigrante brasileiro em Portugal tem mais conhecimento sobre os seus direitos e deveres do que o imigrante brasileiro nos Estados Unidos. O que inviabiliza a possibilidade de um melhor planeamento para o país anfitrião. Boa parte dos entrevistados diz não ter se planeado para imigrar. Ou acreditou que se planeou, entretanto não buscavam saber sobre seguro de saúde, sobre aposentadoria, sobre como organizar-se financeiramente, sobre a legislação trabalhista dos Estados Unidos. Questões que se estivessem no Brasil lhes seriam abordadas ou teriam algum tipo de conhecimento, por serem brasileiros e estarem inseridos na cultura. Como resultado desse comportamento, muitos imigrantes se percebem nas mãos de pessoas maliciosas, ignorantes de como podem solicitar ajuda quando mais precisam. Entretanto, o consulado brasileiro de New York faz um trabalho contínuo e intenso

⁵ O Estatuto de Igualdade foi assinado em 07 de Setembro de 1071.

⁶ O “Acordo Lula” foi feito em 2006.

⁷ Exame Nacional de Ensino Médio.

de comunicação por redes sociais e de consulado itinerante, possibilitando a retirada de dúvidas, renovação de documentos brasileiros e divulgação de eventos relacionados ao Brasil em diversos aspectos.

Assim como a geração *Millennial* de imigrantes brasileiros percebe-se como uma geração com uma certa dificuldade de planejamento, a geração dos *Centennials* nascida nos Estados Unidos, também possui uma certa dificuldade de planejamento financeiro. Não necessariamente eles têm uma percepção financeira consolidada.

Entretanto, o *High School* os direciona para que desenvolvam habilidades práticas, técnicas e voltadas ao mercado de trabalho. Uma forma distinta do ensino escolar brasileiro que visa uma abrangência de conhecimento maior e generalista. Neste caso, cabe à rede familiar estimular os filhos da segunda e demais gerações a conhecerem o Brasil como parte da formação de suas identidades. Uma tarefa em que as famílias tendem apresentar dificuldades, consiste em ensinar o idioma português até a ensinar história e geografia do país de origem dos pais. Em alguns casos, a solução foi passar pelo menos um mês de férias no Brasil. Assim criam uma imersão na cultura, colocam o filho (ou filha) matriculado na escola, desenvolvendo laços de amizade com a família e construindo com amigos no país.

À medida que este *Centennial* vai crescendo e entra na adolescência e juventude, a busca pela própria autonomia e identidade entra em colisão com o desejo dos pais de passar seus conhecimentos sobre o Brasil. Alguns *Centennials* entrevistados buscaram saber sobre questões relativas à ditadura militar, hino nacional, e diversidade geográfica do país por conta própria. Outros ficaram mais interessados em questões políticas. Entretanto, fazer a manutenção deste interesse pelo Brasil é muito complicado quando se encontram expostos a uma cultura que força a assimilação dos imigrantes, como é a cultura estadunidense. Conseqüentemente, forjar uma identidade brasileira na segunda geração de imigrantes brasileiros nascidos nos Estados Unidos é uma tarefa de extremo empenho. Em geral, os pais fazem a manutenção das comidas típicas brasileiras, das músicas como MPB e Bossa Nova (entre outras, varia de acordo com o gosto dos pais), e dos sotaques. Questões relativas a história e geografia do país acabam sendo passadas por meio de memórias compartilhadas em reuniões de família ou em conversas com os pais.

Finalmente, como responder a hipótese de um não-documentado poder ser um transnacional e um transcultural em New York? Para esta investigação, percebem-se algumas possibilidades. No caso de um imigrante brasileiro não-documentado, para exercer trabalho no país anfitrião a possibilidade é pela compra de documentos ilegais ou optar por trabalhar sem documento em sub-empregos. O mesmo ocorre para aquele que se encontra com visto de turista, pois não possui permissão de trabalho. Porém, como documentado com visto de estudante, a depender do visto poderá ter possibilidade de trabalho. Este está qualificado como um transnacional e, também como um transcultural. New York além de ser uma cidade refúgio no caso de imigrantes não-documentados, é também uma cidade que possui uma diversidade étnica muito grande, mesmo que segmentados por políticas de identidade. Essa diversidade étnica permite ao imigrante brasileiro desvelar-se pela cidade. É dentro dessa perspectiva que o imigrante plenamente não-documentado pode ser um transcultural. Porém, sua condição de não-documentado não lhe permitirá viver entre nações como um transnacional.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- AFRICA OCIDENTAL. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81frica_Ocidental Acedido em: 15 Janeiro, 2020.
- ANDERSON, B. “*Comunidades Imaginadas - reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo*”. Traduzido por Eduardo L. Suárez. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- APPADURAI, A. “*Modernity at large: cultural dimensions of globalisation*”. Minnesota: University of Minnesota Press. Vol. I, 27-47, 1996.
- ARRIGHI, G. “*The Long Twentieth Century - Money, Power, and the Origins of Our Times*”. London, New York: Verso, 2010.
- ATKINSON, R.; FLINT, J. “*Accessing Hidden and Hard-to-Reach Populations: Snowball Research Strategies*”. In: Social Research Update, Department of Sociology, Issue 33. England: University of Surrey, summer 2001.
- AUSTRALIAN BUREAU OF STATISTIC. Sample Size Calculator. Acedido em: 08 de Novembro de 2018. Disponível em: <https://www.abs.gov.au/websitedbs/D3310114.nsf/home/Sample+Size+Calculator>
- AVILLEZ, R.A.C. “A Estudante Brasileira em Portugal - auto-identidade e repercussão nos *media on-line*”. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Jornalismo, orientadora Isabel Maria Ribeiro Ferin Cunha. Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra: 2015, Universidade de Coimbra. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/29723> Acedido em: 23 de Fevereiro de 2020.
- _____. “Ensaio sobre a Percepção da Identidade Jovem Brasileira sob a Influência Norte-Americana”. XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação — São Paulo, SP, 05 à 09 de Setembro de 2016. INTERCOM, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. São Paulo: 2016, INTERCOM. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2827-1.pdf> Acedido em: 23 de Fevereiro de 2020.
- BALDASSAR, L.; KILKEY, M.; MERLA, L.; WILDING, R. “*Transnational Families: introduction and the mobility turn*”. In: The Wiley Blackwell Companion to the Sociology Families. Sussex: Wiley Blackwell, p. 155 - 175, 2014.

BARBOSA, M. "História Intelectual". In: Panorama da Comunicação e das Telecomunicações no Brasil 2011/2012. Org. Daniel Castro e José Marques de Melo. Brasília: IPEA, 2012.

BARUCH COLLEGE, Disponível em: <https://www.baruch.cuny.edu/nycdata/population-geography/foreign-birthcountry.htm> Acedido em: 11 Fevereiro de 2020.

BOX 1824. *Sonho Brasileiro da Política*. São Paulo, Box 1824, 2014. Disponível em: <https://www.slideshare.net/cmayumi/sonho-brasileiro-da-politica-verso-completa>. Acedido em: 11 Fevereiro 2020.

BAUMANN, G. "*The Multicultural Riddle — Rethinking National, Ethnic, and Religious Identities*". New York/London: Routledge, 1999.

BENVENISTE, E. (1995). "O Vocabulário das Instituições Indo-Européias", vol. I Economia, Parentesco, Sociedade. Traduzido por Denise Bottmann. Campinas: Editora UNICAMP.

BOURDIEU, P. (2002). "A Economia das Trocas Simbólicas", 6a Edição. São Paulo: Editora Perspectiva.

BRANDÃO, Junito S. (1996). "Mitologia Grega, Vol.II, 7a Edição". Petrópolis: Editora Vozes.

BRAUDEL, F. (2014). "História e Ciências Sociais, a Longa Duração". In: Escritos sobre a História. Rio de Janeiro: Editora Perspectiva.

_____.(1987). "A Dinâmica do Capitalismo". Rio de Janeiro: Editora Rocco.

BUARQUE DE HOLANDA, S. "Raízes do Brasil". Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1994.

CAIDI, N., GHADDAR, J.J., ALLARD, D. "*Negotiating Borders: librarianship and twenty-first-century politics*". In: Library Quartel: Information, Communication, Policy, vol. 87, No 4, p. 391 - 409. Chicago: University of Chicago.

CARVALHO, Renato, N.B. "Metamorfoses em Tradução". Relatório final apresentado ao Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como trabalho de conclusão de pós-doutoramento. Professor Doutor João Angelo Oliva Neto (supervisor). São Paulo: USP, 2010.

CASTRO, A.L.B. (2015). "Remessas". SEBRAE Minas. Belo Horizonte: SEBRAE Minas. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/MG/Sebrae%20de%20A%20a%20Z/>

LIVRO%20REMESSAS_vers%c3%a3o%20eitr%c3%b4nica.pdf Acedido em: 07 Fevereiro, 2020.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010. "Características Gerais da População, Religião e Pessoas com Deficiência". Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2010. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf . Acedido em: 08 Agosto de 2019.

CENSUS BUREAU. American Census Bureau - American Fact Finder. Disponível em: <https://factfinder.census.gov> Acedido em: 11 Fevereiro 2020.

CERULO, K.A. "*Identity Construction: New Issues, New Directions*". In: Annual Review in Sociology nº 23, p. 385-409, online, 1997.

CINOTTO, S. "*Making Italian America - consumer culture and the production of ethnic identities*". New York: Fordham University Press, 2014.

CORDERO, N. L. (1993) "*Introduction In: Le Sophiste*". Platon, tradução de Nestor L. Cordero. Paris: GF Flammarion, 1993.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL (1988). "Constituição Federal da República Federativa do Brasil". Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_03.07.2019/art_12_.asp Acedida em: 08 Janeiro de 2020.

COSTA, R.M.C.D. "História Institucional". In: Panorama da Comunicação e das Telecomunicações no Brasil 2011/2012. Org. Daniel Castro e José Marques de Melo. Brasília: iPEA, 2012.

COUTINHO, C. N. Gramsci – um estudo sobre seu pensamento político. São Paulo: Editora Campus, 1989.

COUTINHO, E. G. Velhas Histórias, Memórias Futuras – o sentido da tradição em Paulinho da Viola. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

CUNHA, I.M.F. (2007) "Identidade e reconhecimento nos *media*". Revista USP, MATRIZES N.1 outubro, p. 187 - 208. São Paulo: Universidade de São Paulo.

_____. "Família Brasileira em Portugal: um retrato social". In: Matos, R. (coord.); Género, Nacionalidade e Reclusão - Olhares cruzados sobre migrações e reclusão feminina em Portugal. Porto: Universidade Católica Editora, 2014.

_____. "Imaginários em confronto: as brasileiras e a televisão em Portugal". In: Cunha, I.F. (Coord.); A televisão das Mulheres: ensaio sobre a recepção. Lisboa: Bond, Quimera Editores, 2006a.

- _____. "Imagens da diferença: prostituição e realojamento na televisão". Lisboa: Comunicação & Cultura, No1, p. 73 - 97, 2006b.
- DALI, K., CAIDI, N., "*Diversity by Design*". In: Library Quartel: Information, Communication, Policy, vol. 87, No. 2, p. 88 - 98. Chicago: University of Chicago.
- DAMATTA, R. "Carnavais, Malandros e Heróis — Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro". Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1997.
- _____. "O que faz o Brasil, Brasil?" Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1986.
- DANTAS, M. "Informação como trabalho e como valor". In: Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política. Rio de Janeiro, 2006, nº 19, p. 44 - 72.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. "Mil Platôs — capitalismo e esquizofrenia". São Paulo: Editora 34, 1995.
- DOSSIÊ MTV UNIVERSO JOVEM. "Dossiê MTV Universo Jovem 4 — a arte da marca". Online, 2008.
- DOSSIÊ MTV UNIVERSO JOVEM. "Dossiê MTV Universo Jovem 5 — *screen generation*" Online, 2012.
- DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. "O Mundo dos Bens - para uma antropologia do consumo". Traduzido por Plínio Dentzien; Coleção Etnologia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- EMERSON, R. M.; FRETZ, R.I.; SHAW, L. L. "*Writing Ethnographic Fieldnotes*". Chicago, London: The University of Chicago Press, 1995.
- EPSTEIN, I. "Teoria da Informação". São Paulo: Editora Ática, 1986.
- ERIKSON, E. H. "*Ego Development and Historical Change*", In: The Psychoanalytic Study of the Child, vol. 2, issue 1 (1946), Published online: 13 Feb. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00797308.1946.11823553> Acedido em: 19 Fevereiro de 2020.
- FANON, F. "Pele Negra, Máscaras Brancas". Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FONTENELLE, I. "O Nome da Marca - McDonald's, fetichismo e cultura descartável". São Paulo: Editora Boitempo, FAPESP, 2009.
- _____. "Cultura e Consumo: fundamentos e formas contemporâneas. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2017.

- FRAGOSO, J. & FLORENTINO, M. A comunidade de mercados do Rio de Janeiro e o mercado atlântico português na passagem do século XVIII para o XIX. In: Trânsitos Coloniais – Diálogos Críticos Luso-Brasileiros. Campinas: Editora UNICAMP, 2007.
- FRANCISCO, E. “Emigração de Valadarenses para os Estados Unidos: um estudo histórico sobre a constituição de redes sociais e sobre a participação das mulheres (1960- 2010)”. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis: UDESC, 2011.
- FRAY, R. "*For first time in Modern Era, living with parents edges out other living arrangements for 18-to 34-years-olds*". Pew Research Center, 2016. Disponível em: <https://www.pewsocialtrends.org/2016/05/24/for-first-time-in-modern-era-living-with-parents-edges-out-other-living-arrangements-for-18-to-34-year-olds/> . Acedido em: 08 Agosto 2019.
- FREYRE, G. "Casa grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal". Ilustrações em cores de Cícero Dias; desejos de Antonio Montenegro, 31ª edição. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- . Gilberto Freyre. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Gilberto_Freyre Acedido em: 11 Fevereiro, 2020.
- FULIGNI, A.J.; TSAR, K.M. "*Developmental Flexibility in the Age of Globalization: Autonomy and Identity Development Among Immigrant Adolescents*". In: "Annual Review of Psychology - Flexibility of Immigration Adolescents", nº 66, p.411-431, online, 2015.
- FURTADO, C. "Formação Econômica do Brasil". São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003.
- GARCIA, E.V. "Cronologia das Relações Internacionais do Brasil". Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2005.
- GIDDENS, A. "Sociologia". Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- GLISSANT, E. "*Tratado Del Todo-Mundo*". Barcelona: Éditions Gallimard, 2006.
- GOTTMANN, J. "A evolução do conceito de território". In: Boletim Campineiro de Geografia, V.02, Nº 03, p. 523 - 545. Tradutora Isabela Fajardo e Luciano Duarte, revisão Fabricio Gallo. Campinas: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2012. Disponível em: <http://agbcampinas.com.br/bcg/index.php/boletim-campineiro/article/view/86> Acessível em: 30 de Julho de 2017.

GRAMSCI, A. "Cadernos do Cárcere". Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2001.

HIME, G.V.C. "História Disciplinar". n: Panorama da Comunicação e das Telecomunicações no Brasil 2011/2012. Org. Daniel Castro e José Marques de Melo. Brasília: IPEA, 2012.

HALL, S. "*Cultural Studies – Two Paradigms*"; Media; Culture and Society. Londres: SAGE Publications; 2; 57, 1980.

———. "Da Diáspora – Identidades e Mediações Culturais". Org. Liv Sovik. Belo Horizonte: Ed. Humanistas e UFMG, 2003.

IBGE, Instituto Brasileiro de Estatística. "Estatísticas históricas do Brasil: séries econômicas, demográficas e sociais de 1550 a 1988". Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, v.3 de Séries estatísticas retrospectivas. Rio de Janeiro: IBGE, 1990. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/serieestatisticasretrospectivas/Volume%203_Estatisticas%20historicas%20do%20Brasil_series%20economicas_de_mograficas%20e%20sociais%20de%201550%20a%201988.pdf Acessado em: Ago. 2016.

———. "Categoria Estatísticas Sociais de Educação e Trabalho, regiões metropolitanas". Instituto Brasileiro de Geografia Estatística, 1997. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao/9342-educacao-e-trabalho.html?=&t=downloads> Acedido em: 06 de Fevereiro de 2020.

———. "Censo Demográfico de 2010 - Categoria Religião. Instituto Brasileiro de Geografia Estatística, 2010". Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/137#resultado> Acedido em 06 de Fevereiro de 2020.

———. "Educação 2018 - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: informativo". Instituto Brasileiro de Geografia Estatística, 2018 Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101657_informativo.pdf Acedido em: 07 Fevereiro, 2020.

———. "Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios Contínua - PNAD Contínua - 2019". Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?=&t=downloads> Acedido em: 18 de Maio, 2020.

IBGE INDÍGENA. "Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística Indígena. Brasília". In: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010. Disponível em: <https://indigenas.ibge.gov.br/> Acedido em: 07 de Agosto de 2019.

KARAKAYALI, N. "*The Uses of the Stranger: Circulation, Arbitration, Secrecy, and Dirt*". New York: Sociological Theory 24:4 December 2006.

PARK, Robert E. "Human Migration and the Marginal Man". The University of Chicago Press: The American Journal of Sociology, Vol.33, No 6 (May, 1928), p.881 - 893.

KOMLODI, A., CAIDI, N., MARTIN-HAMMOND, A., RAYES., W., SUNDIN., N. "*Culturally-situated Information Literacy: international medical graduates navigation new information landscapes*". Conference: Proceedings of the Tenth International Conference on Culture, Technology Communication. London, UK. Volume : In van der Velden, M., Strano, M., Hrachvec, H., Abdelhour Nocera, J., Ess. C. (eds). CATAC 2016: Common worlds, different futures: 2016, p. 105 - 110.

LACOSTE, Y. "A Geografia — Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra". Campinas: Ed. Papirus, 1988. Disponível em: <http://geografialinks.com/site/wp-content/uploads/2008/06/geografiayveslacoste.pdf> Acessível em: 30 de Julho de 2017.

LIMA, A. E.C.; CASTRO, A.L.B. "Brasileiros nos Estados Unidos - Meio século (re) fazendo a América (1960 - 2010). Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, Ministério das Relações Exteriores, 2017.

MC CRACKEN,G. "Cultura e Consumo - novas abordagens ao carácter simbólico dos bens e das atividades de consumo". Traduzido por Fernanda Eugenio; Coordenado por Everardo Rocha, Coleção Cultura e Consumo. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2003.

MAQUIAVEL, N. "O Príncipe, Coleção Os Pensadores". São Paulo: Editora Civita, 1973.

MATTELART, A., MATTELART, M. "História das teorias da comunicação". São Paulo: Edições Loyola, 2009.

MARGOLIS, M.L. "Little Brazil - an ethnography of Brazilian immigrants in New York city". New Jersey: Princeton University Press, 1993.

_____. "An invisible minority - Brazilians in New York City". Gainesville: University Press of Florida, 2009.

- _____. *“Goodbye Brazil - emigrantes brasileiros no mundo”*. Tradução Aurora M.S. Neiva. São Paulo: Editora Contexto, 2013.
- MARX, K. "A Contribuição à Crítica da Economia Política". Traduzido por Florestan Fernandes. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008.
- MARX, K. "O Capital: Crítica da Economia Política". Livro 1, Vol.II. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1994.
- MBEMBE, A. "Necropolítica, seguido de Sobre el gobierno privado indirecto". Trad. & Edição Elisabeth Falomir Archambault. Espanha: Ed. Melusina, 2011.
- MORLEY, D. *"Belongings: Places, spaces and identity in a mediated world"*. European Journal of Cultural Studies. Lisboa: SAGE Publications; 4; 425, 2001.
- NASCENTES, A. "Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa". Rio de Janeiro: 1955.
- NADERIFAR, M.; HAMIDEH, G.; GHALJAIE, F. *"Snowball Sampling: A Purposeful Method of sampling in Qualitative Research"*. In: Strides in Development of Medical Education. Iran: Kowsarmedical, 2017.
- NEXO JORNAL. "O seu salário diante da realidade brasileira". Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/interativo/2016/01/11/O-seu-sal%C3%A1rio-diante-da-realidade-brasileira> Acedido em: 20, Maio de 2020.
- OIM, Organização Internacional de Migração. Disponível em: https://migrationdataportal.org/?t=2019&cm49=76&i=stock_abs_origin Acedido em: 13 Fevereiro de 2020.
- ORTIZ, R. "A Moderna Tradição Brasileira — Cultura Brasileira e Indústria Cultural". São Paulo, Editora Brasiliense, 2001.
- PAIXÃO, M.; CARVANO, L.M. (org.). "Relatório Anual das Desigualdades Raciais no Brasil; 2007-2008". Rio de Janeiro: Editora Garamond Universitária, 2008. Disponível em: <http://pfdc.pgr.mp.br/atuacao-e-conteudos-de-apoio/publicacoes/discriminacao/Desigualdades%20Raciais.pdf> Acessado em: Janeiro, 2017.
- PARMÊNIDES. "Da Natureza". Tradução, notas e comentários José Trindade Santos. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- PETTY, W. "Aritmética Política". São Paulo: Editora Nova Cultura, 1996.
- PEW RESEARCH CENTER. *"A portrait of "Generation Next"*. Pew Research Center, 2007. Disponível em: <https://www.people-press.org/2007/01/09/a-portrait-of-generation-next/> . Acedido em: 08 Agosto de 2019.

_____. *"Race, Ethnicity and Campaign'08"*. Pew Research Center, 2008. Disponível em: <http://www.pewresearch.org/2008/01/17/race-ethnicity-and-campaign-08/> Acedido em: 13 de Janeiro de 2019.

_____. *"Multiracial in America"*. Pew Research Center, Junho 2015. Disponível em: <https://www.pewsocialtrends.org/2015/06/11/multiracial-in-america/> Acedido em: 23 Junho, 2015.

PLATÃO. *"Le Sophiste"*. Tradução por Nestor L. Cordero. Paris: GF Flammarion, 1993.

PLATÃO. "O Sofista". Tradução por Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora UFMG, 2006.

PRADO JÚNIOR, C. "História Económica do Brasil". São Paulo: Editora Brasiliense, 2002.

PORTES, A. "Convergências teóricas e dados empíricos no estudo do transnacionalismo imigrante". In: Revista Crítica de Ciências Sociais, Nº 69, p. 73 - 93. Coimbra: Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, 2004. Acedido em: 16 Dezembro, 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/1339>

PORTES, A. GUARNIZO, E.L.; LANDOLT, P. *"The Study of Transnationalism: pitfalls and promise of an emergent research field"*. Ethnic and Racial Studies; 22; 2: 217-237. London: Routledge, 1999.

RAVENSTEIN, E.G. (1885). *"The Laws of Migration"*. London: Journal of the Statistical Society of London, Vol. 48, Nº 2 (Jun.), p. 167-235, 2007. Disponível em: <http://links.jstor.org/sici?sici=0959-5341%28188506%2948%3A2%3C167%3ATLOM%3E2.0.CO%3B2-D> Acessado em: 08 de Julho, 2018.

RIBEIRO, A.P.G. & SACRAMENTO, I. "História Contextual". In: Panorama da Comunicação e das Telecomunicações no Brasil 2011/2012. Org. Daniel Castro e José Marques de Melo. Brasília: iPEA, 2012.

RIBEIRO, B. "Igreja Evangélica e República Brasileira (1889-1930)". São Paulo: Editora O Semeador, 1991.

RIBERIRO, G.S. "Redefinindo os conflitos antilusitanos na Corte do Rio de Janeiro do Primeiro Reinado e do início da Regência: a liberdade e a construção de uma identidade nacional". In: Trânsitos Coloniais – Diálogos Críticos Luso-Brasileiros. Campinas: Editora UNICAMP, 2007.

ROCHA, E. P. G. "O que é etnocentrismo". São Paulo: Editora Brasiliense, Coleção Primeiros Passos; N. 124, 2006.

ROGERS, E. M. *"A history of Communication Study - A biographical approach"*. New York: Free Press, 1997.

ROWLAND, R. "A cultura brasileira e os portugueses". In: Trânsitos Coloniais – Diálogos Críticos Luso-Brasileiros. In: Trânsitos Coloniais – Diálogos Críticos Luso-Brasileiros. Campinas: Editora UNICAMP, 2007.

SASSEN, S. *"The Global City: New York, London, Tokyo"*. New Jersey: Princeton University Press, 1991.

_____. *"La Ciudad Global: una introducción al concepto y su historia"*. Brown Journal of World Affairs, vol. 11 (2): 27 - 43. Rhode Island: Brown University of World Affairs, 1995.

_____. *"Cities in a World Economy"*. Thousand Oaks, London, New Delhi: Pine Forge Press, 2000.

_____. *"Territory, authority, rights: from medieval to global assemblages"*. New Jersey: Princeton University Press, 2006.

_____. *"A Sociology of Globalization"*. New York, London: W.W. Norton & Company, 2007.

SANTOS, B.S. *Pela mão de Alice – O Social e o Político na Pós-Modernidade*. Coimbra: Almedina, 2013.

SCHILDKRAUT, D.J. *"Boundaries of American Identity: Evolving Understanding of Us"*. In: Annual Review of Political Science nº17, p.441 - 460, online, 2014.

SFEZ, L. *"Crítica da Comunicação"*. São Paulo, Edições Loyola: 1994.

SIMMEL, G. *"As Grandes Cidades e a Vida do Espírito"*. Tradução Leopoldo Waizbort. MANA 11 (2): 577 - 591, 2005.

_____. *"The Strange"*. Tradução Kurt Wolff. In: *The Sociology of Georg Simmel*. New York: Free Press, p. 402 - 408, 1950.

SIQUEIRA, S. *"Migrantes e Empreendedorismo na Microrregião de Governador Valadares - Sonhos e Frustrações no Retorno"*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Doutorado em Ciências Humanas, Sociologia e Política da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

- SMITH, A. "A Riqueza das Nações", Vol.02. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003.
- SOUZA, J.J.F. "A Tolice da Inteligência Brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite". São Paulo: LeYa, 2015.
- SODRÉ, M. Claros e escuros: identidade, povo, mídia e cotas no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- SOVIK, L. Aqui ninguém é branco. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.
- TAVARES, M.D.A. Anotações de Sala de Aula. Disciplina Comunicação e História do Pensamento II - Fim da Linha 5: Conteúdos das Condenações Pós-Modernas - Sentidos e Desafios. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.
- THOMAZ, O.R. Tigres de papel: Gilberto Freyre, Portugal e os países africanos de língua oficial portuguesa. In: Trânsitos Coloniais – Diálogos Críticos Luso-Brasileiros. Campinas: Editora UNICAMP, 2007.
- TOMASSINI, M.P. "Brasileiros em Nova York: uma etnografia revistada (1994 - 2014)". Tese de doutoramento, Centro de Ciências Sociais, Instituto de Estudos Sociais e Políticos, UERJ, 2016.
- VASSALO DE LOPES, M. I. "Pesquisa em Comunicação". São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- VERMEULEN, H. "Imigração, Integração e a Dimensão Política da Cultura". Lisboa: Edição Colibri, 2001.
- VOICU, M.C.; BARBONEA, A.M. "*Using the snowball method in marketing research on hidden populations*". In: Challenges of the Knowledge Society — Economy. Romania: Nicolae Titulescu University Publishing House, 2011, p.1341-1351.
- WALLERSTEIN, I. "Capitalismo Histórico e Civilização Capitalista". Traduzido por Renato Aguiar, revisão de tradução por César Benjamin e Immanuel Wallerstein. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2001.
- _____. "*Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century*". Volume in the series entitled Studies in Social Discontinuity. New York: Academic Press, INC. London: Academic Press, INC, 1974.
- _____. "Análisis de Sistemas-Mundos - una introducción". Traduzido por Carlos Daniel Schroeder. México: Siglo XXI, 2005.
- WEBER, M. "A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo". Traduzido por Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2009.

WILDEN, A. "Comunicação. In: Enciclopédia Einaudi, vol. 34. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1977.

_____. "Informação". In: Enciclopédia Einaudi, vol. 34. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1977.

WRIGHT, R.; STEIN, M. "*Snowball Sampling*". In: Encyclopedia of Social Measurement, Volume 3. Elsevier, 2005, p. 495 - 500.